

COLEÇÃO APLAUSO **TEATRO BRASIL**

O TEATRO DE

JOSEVICENTE

PRIMEIRAS OBRAS
CIDAMORAIS

Imprensa Oficial

O Teatro de José Vicente

Primeiras Obras

O Teatro de José Vicente

Primeiras Obras

Cida Morais

| imprensaoficial

São Paulo, 2010

GOVERNO DO ESTADO
DE SÃO PAULO

Governador Alberto Goldman

imprensa**oficial** Imprensa Oficial do Estado de São Paulo
Diretor-presidente Hubert Alquéres

Coleção Aplauso

Coordenador-Geral Rubens Ewald Filho

No Passado Está a História do Futuro

A Imprensa Oficial muito tem contribuído com a sociedade no papel que lhe cabe: a democratização de conhecimento por meio da leitura.

A Coleção Aplauso, lançada em 2004, é um exemplo bem-sucedido desse intento. Os temas nela abordados, como biografias de atores, diretores e dramaturgos, são garantia de que um fragmento da memória cultural do país será preservado. Por meio de conversas informais com jornalistas, a história dos artistas é transcrita em primeira pessoa, o que confere grande fluidez ao texto, conquistando mais e mais leitores.

Assim, muitas dessas figuras que tiveram importância fundamental para as artes cênicas brasileiras têm sido resgatadas do esquecimento. Mesmo o nome daqueles que já partiram são frequentemente evocados pela voz de seus companheiros de palco ou de seus biógrafos. Ou seja, nessas histórias que se cruzam, verdadeiros mitos são redescobertos e imortalizados.

E não só o público tem reconhecido a importância e a qualidade da Aplauso. Em 2008, a Coleção foi laureada com o mais importante prêmio da área editorial do Brasil: o Jabuti. Concedido pela Câmara Brasileira do Livro (CBL), a edição especial sobre Raul Cortez ganhou na categoria biografia.

Mas o que começou modestamente tomou vulto e novos temas passaram a integrar a Coleção ao longo desses anos. Hoje, a Aplauso inclui inúmeros outros temas correlatos como a história das pioneiras TVs brasileiras, companhias de dança, roteiros de filmes, peças de teatro e uma parte dedicada à música, com biografias de compositores, cantores, maestros, etc.

Para o final deste ano de 2010, está previsto o lançamento de 80 títulos, que se juntarão aos 220 já lançados até aqui. Destes, a maioria foi disponibilizada em acervo digital que pode ser acessado pela internet gratuitamente. Sem dúvida, essa ação constitui grande passo para difusão da nossa cultura entre estudantes, pesquisadores e leitores simplesmente interessados nas histórias.

Com tudo isso, a Coleção Aplauso passa a fazer parte ela própria de uma história na qual personagens ficcionais se misturam à daqueles que os criaram, e que por sua vez compõe algumas páginas de outra muito maior: a história do Brasil.

Boa leitura.

Alberto Goldman

Governador do Estado de São Paulo

Coleção Aplauso

O que lembro, tenho.
Guimarães Rosa

A *Coleção Aplauso*, concebida pela Imprensa Oficial, visa resgatar a memória da cultura nacional, biografando atores, atrizes e diretores que compõem a cena brasileira nas áreas de cinema, teatro e televisão. Foram selecionados escritores com largo currículo em jornalismo cultural para esse trabalho em que a história cênica e audiovisual brasileiras vem sendo reconstituída de maneira singular. Em entrevistas e encontros sucessivos estreita-se o contato entre biógrafos e biografados. Arquivos de documentos e imagens são pesquisados, e o universo que se constitui a partir do cotidiano e do fazer dessas personalidades permite reconstruir sua trajetória.

A decisão sobre o depoimento de cada um na primeira pessoa mantém o aspecto de tradição oral dos relatos, tornando o texto coloquial, como se o biografado falasse diretamente ao leitor.

Um aspecto importante da *Coleção* é que os resultados obtidos ultrapassam simples registros biográficos, revelando ao leitor facetas que também caracterizam o artista e seu ofício. Biógrafo e biografado se colocaram em reflexões que se estenderam sobre a formação intelectual e ideológica do artista, contextualizada na história brasileira.

São inúmeros os artistas a apontar o importante papel que tiveram os livros e a leitura em sua vida, deixando transparecer a firmeza do pensamento crítico ou denunciando preconceitos seculares que atrasaram e continuam atrasando nosso país. Muitos mostraram a importância para a sua formação terem atuado tanto no teatro quanto no cinema e na televisão, adquirindo, linguagens diferenciadas – analisando-as com suas particularidades.

Muitos títulos exploram o universo íntimo e psicológico do artista, revelando as circunstâncias que o conduziram à arte, como se abrigasse em si mesmo desde sempre, a complexidade dos personagens.

São livros que, além de atrair o grande público, interessarão igualmente aos estudiosos das artes cênicas, pois na *Coleção Aplauso* foi discutido o processo de criação que concerne ao teatro, ao cinema e à televisão. Foram abordadas a construção dos personagens, a análise, a história, a importância e a atualidade de alguns deles. Também foram examinados o relacionamento dos artistas com seus pares e diretores, os processos e as possibilidades de correção de erros no exercício do teatro e do cinema, a diferença entre esses veículos e a expressão de suas linguagens.

Se algum fator específico conduziu ao sucesso da *Coleção Aplauso* – e merece ser destacado –,

é o interesse do leitor brasileiro em conhecer o percurso cultural de seu país.

À Imprensa Oficial e sua equipe coube reunir um bom time de jornalistas, organizar com eficácia a pesquisa documental e iconográfica e contar com a disposição e o empenho dos artistas, diretores, dramaturgos e roteiristas. Com a *Coleção* em curso, configurada e com identidade consolidada, constatamos que os sortilégios que envolvem palco, cenas, coxias, sets de filmagem, textos, imagens e palavras conjugados, e todos esses seres especiais – que neste universo transitam, transmutam e vivem – também nos tomaram e sensibilizaram.

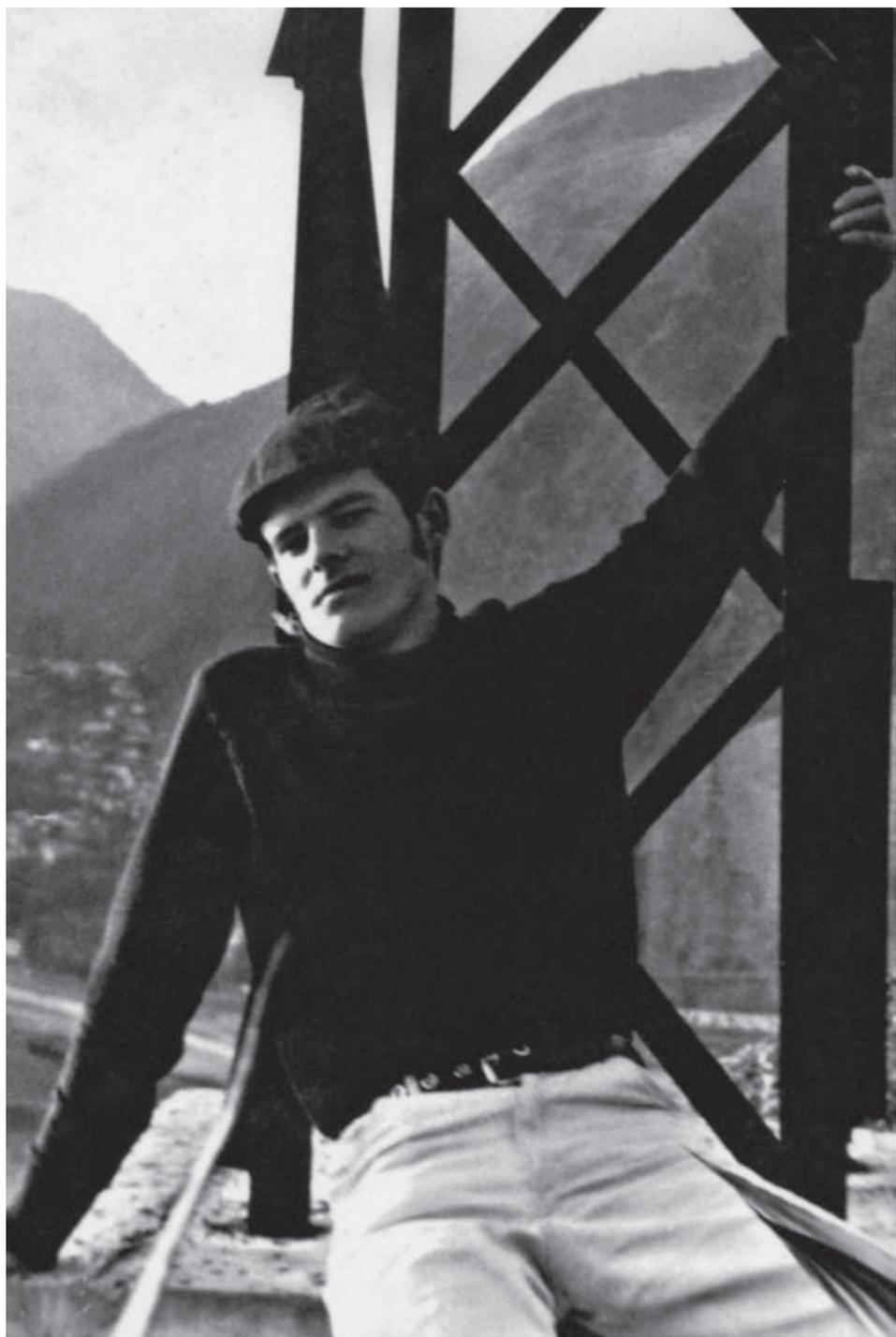
É esse material cultural e de reflexão que pode ser agora compartilhado com os leitores de todo o Brasil.

Hubert Alquéres

Diretor-presidente

Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

*Em memória
de nossos amados pais, Pedro e Júlia,
que nos deram o melhor que somos.*



José Vicente, no Rio de Janeiro

Santidade

A Santidade de José Vicente

Talvez os mais jovens não conheçam José Vicente, um dos autores mais premiados do teatro brasileiro. Esse possível desconhecimento deve-se ao fato de o autor, bem antes de sua morte, ter optado por um exílio voluntário dos palcos, depois de uma fecunda atuação no período que vai do final da década de 1960 até os anos 1970. Autor de *O Assalto*, *Hoje é Dia de Rock*, *Os Convalescentes* e *Ensaio Selvagem*, entre outras peças, é, sem dúvida, um dos maiores autores brasileiros de todos os tempos, na opinião de quase todos os que puderam ter acesso a seus textos, inclusive na visão dos maiores críticos deste País.

Sua primeira peça, *Santidade*, data de setembro de 1967, e permaneceu inédita por 30 anos, graças à censura vigente no período. Outras grandes peças, como *Navalha na Carne*, de Plínio Marcos, e *Cordélia Brasil*, de Antonio Bivar, censuradas no mesmo ano, tiveram a sorte de ser liberadas pouco depois, mas *Santidade* mereceu do então presidente Costa e Silva, em uma aparição na TV, uma citação explícita como exemplo de texto que jamais seria liberado no Brasil.

Conheci José Vicente por meio de Antonio Bivar. Na época, apesar de morar no Rio, costumava vir quase sempre a São Paulo, em minhas folgas semanais. Numa de minhas vindas, fui surpreendido por um telefonema seu, dizendo que queria me mostrar uma peça que começara a escrever. Ao ler as primeiras páginas da inédita *Santidade*, espantei-me com a qualidade do texto, que parecia vir de um autor veterano. A economia e a qualidade dos diálogos não lembravam nenhum autor brasileiro que eu conhecia. E assim, nas semanas seguintes, fui sendo apresentado, gradativamente, ao texto que me encantava cada vez mais. Eu havia decidido, pouco antes, deixar os palcos como ator, cansado do cotidiano das coxias, e resolvera continuar apenas a dirigir. Mas a beleza dos diálogos de *Santidade* me fez rever essa posição. Decidi adiar minha aposentadoria prematura e resolvi fazer a peça como ator.

Em 1967, eu havia dirigido Tônia Carrero em *Navalha na Carne*, e Carlos Kroeber, na época, além de ator, era o produtor executivo das peças de Tônia. *Carlão*, como Kroeber era chamado, era mineiro como Zé. Depois de mostrar *Santidade* a ele, convidei-o a dirigir o texto. Klaus Vianna, que havia trabalhado conosco em *Navalha na Carne*, fazia parte da equipe, e Tônia

seria produtora do espetáculo. Achei engraçado e lisonjeiro o que Carlão me confessou tempos depois: imaginou que não existia José Vicente nenhum, que o texto era meu, e que eu, quem sabe por pudor, havia inventado esse autor fictício. Na época, talvez por ser ator, eu tinha o hábito de ler os textos para os outros, em voz alta, para sentir a reação do ouvinte, e talvez a fluência que eu tinha ao ler *Santidade* o tenha feito pensar que o texto era meu.

Com a proibição da peça, voltamos à estaca zero, mas, talvez como consolo, apaixonado que estava pelo texto, mostrei um fragmento a Maria Bethânia, que eu dirigira recentemente em nosso primeiro show juntos, *Comigo me Desavim*, para que o incluíssemos na temporada paulista. Assim, a primeira pessoa a dizer publicamente um texto de José Vicente em cena acabou sendo Maria, ela mesma, a cantora, em 1968. Sei de cor algumas linhas: *Em São Paulo, você é surdo e todos são surdos, é um mundo sem som onde você vai morrendo sozinho e vê os outros morrendo sozinhos. Em cada minuto. Todo dia repetindo a mesma coisa. Em São Paulo o que você diz, o que faz, o que canta, não tem nenhuma repercussão. ... Aqui é o inferno.*

Depois de *Santidade*, Zé Vicente me mostrou alguns outros esboços de peças, cenas iniciais,

mas elas não tinham a força da primeira. Talvez minha falta de entusiasmo e as críticas que fiz tenham feito com que ele se afastasse, e durante algum tempo fiquei sem ver o Zé. Nesse meio tempo, talvez, o autor tenha encontrado em Gilda Grillo e em Norma Bengell, amigas comuns a nós e a Bivar, a cumplicidade que havia tido comigo na feitura de *Santidade*. Assim, só vim a conhecer o texto de *O Assalto* inteiramente pronto. Um belo dia, Zé me procura, de novo em São Paulo, e mostra a nova peça, pronta. Ele havia prometido a direção à Gilda, mas, depois de ler o texto, me apropriei dele, com a cumplicidade de Zé, e logo procurei Gilda, propondo a ela que ficasse com a produção do espetáculo, que ainda acabou contando com Norma como minha assistente de direção.

O Teatro Ipanema havia estreado recentemente e não fora feliz em suas duas primeiras peças. Havia certo preconceito contra um teatro em Ipanema, que, na época, era um bairro residencial, com poucos prédios e muitos casarões. Tive a intuição certa de procurar Rubens Corrêa e Ivan de Albuquerque e convidá-los para fazer a peça. Assim, José Vicente acabou por estreiar em 1969, no Teatro Ipanema, com cenários criados por Marcos Flaksman. Tive o cuidado de pedir a Marcos que fizesse um piso inclinado para pro-

jetar melhor os atores, pois o palco do Ipanema, por ser um tanto alto, a mim me parecia dificultar a integração do espetáculo com a plateia.

Ensaíamos a peça num prazo curto de tempo, pois, por conta dos fracassos iniciais, e com dívidas pendentes, o teatro não podia ficar parado. Para quem não conhece, vale dizer que *O Assalto* tem dois quadros, o segundo sendo apenas uma espécie de epílogo. A pedido de Ivan, numa pré-estreia para amigos, tentamos um intervalo entre as partes, para que o público pudesse consumir produtos e comestíveis à venda no saguão. Eu intuía que não funcionaria, mas aceitei arriscar. O resultado foi que a pré-estreia resultou morna, com o intervalo acabando por esfriar o público. Marquei mais um ensaio com Rubens e Ivan, e, além de assumir de vez a versão sem intervalos, acabamos por incluir algumas marcas na plateia para melhor projetar o texto de Zé, pois alguns dos monólogos, mesmo com sua grande beleza, por serem um pouco literários, precisavam de mais espaço para a sua projeção.

Naquele ano, José Vicente acabou sendo merecidamente premiado inúmeras vezes, incluindo um *Golfinho de Ouro* para teatro, prêmio que existia no Rio e já não existe, e que escolhia apenas um representante de cada segmento cultural. Nos anos seguintes, Rubens, Ivan e

José Vicente formaram uma frutífera parceria, que gerou espetáculos históricos como *Hoje é Dia de Rock* e *O Ensaio Selvagem*. Eu, mesmo à distância, me senti envaidecido por ter ajudado a propiciar esse encontro entre eles.

20

A montagem de *O Assalto* foi acompanhada sincronicamente por episódios dignos de uma obra de ficção. Ibrahim Sued, colunista social do jornal *O Globo*, na época, havia oferecido bebidas para um coquetel de estreia. Numa bela manhã, José Vicente, junto com amigos de Gilda e Norma, se dispuseram a ir buscar num bairro do subúrbio carioca o precioso donativo. Mas eis que, no velho centro do Rio, no viaduto em frente às barcas de Niterói, o carro despencou, e o acidente matou todos os ocupantes, com exceção de Zé, que, mesmo ensanguentado, escapou. Ele me contou depois que um transeunte anônimo o abraçou, num gesto cristão, e ficou todo sujo de sangue. Logo que soube do acidente, lembrei da família de Zé, e decidi ir a São Paulo para avisá-los, antes que os jornais noticiassem a tragédia, mas, chegando a São Paulo, descobri que sua mãe, por uma dessas coisas misteriosas de que só as mães são capazes, havia embarcado para o Rio, preocupada com o filho. Voltei, correndo, a tempo de chegar à casa de Norma e Gilda e ver a mãe de Zé chegando junto comigo, como

num filme de Hitchcock, pois ela havia viajado de ônibus e eu, de ponte aérea.

Mas houve mais. Na primeira folga depois da estreia, nosso operador de som levou a trilha sonora do espetáculo, a fita, para copiar, pois esteamos sem nenhuma cópia de segurança. E não é que a polícia política invadiu seu apartamento e, ao ver a fita com o nome *O Assalto* escrito na capa, a nanquim, imaginou haver prendido um terrorista? Com isso, Zé Vicente, Norma, Gilda e Marcos Flaksman acabaram presos no apartamento de Norma no Flamengo, e por aí vai. O nosso querido operador de som tinha um nome muito parecido com o do irmão, a diferença sendo apenas uma letra *t*. Um chamava-se Leonil, e o outro, Leontil. E a polícia, apesar de ele não ser o procurado, decidiu mantê-lo preso por um período. Depois dos sustos, conseguimos retomar a temporada. A montagem da peça em São Paulo, no ano seguinte, teve como atores Paulo César Pereio e Francisco Cuoco, e estreou no Teatro Bela Vista, o mesmo que hoje chama-se Sérgio Cardoso.

Hoje é Dia de Rock, nome tomado de um velho programa da Rádio Nacional do Rio de Janeiro, de saudosa memória, foi a peça escrita logo após a morte de seu pai. A família de José Vicente teve um papel importante em sua vida, como

demonstra a carta que acompanha este livro, escrita depois que recebeu, no exterior, a notícia da morte do pai. A forma poética e bela com que o retratou no *Dia de Rock*, e que foi lindamente realizada em cena por Rubens Corrêa no papel, fala por si mesma de como o admirava e o amava, além da figura de sua mãe, Julia, feita no palco pela saudosa atriz Isabel Ribeiro. O elenco incluiu Klaus Vianna, comovente, numa rara participação como ator, num pequeno papel, além de muitos outros artistas queridos. Os ensaios duraram quase um ano, numa entrega radical de todo o grupo, com a direção de Rubens Corrêa. O cenário de Luís Carlos Ripper eliminou o palco e criou uma espécie de estrada, onde era representada a peça. A forma era semelhante ao formato atual do Teatro Oficina, com as plateias laterais acompanhando todo o comprimento do espaço.

Santidade acabaria sendo montada 30 anos mais tarde, dirigida por mim, e remontada alguns anos mais tarde pelo Teatro Oficina, numa versão que contou com o próprio Zé Celso como um dos atores. *Santidade* antecipa toda a coragem evidente na obra de José Vicente, que, na crueza e poesia de seus diálogos, acaba por exorcizar nossa hipocrisia e, paradoxalmente, consegue nos recolocar diante do verdadeiro Deus, que

não está circunscrito a nenhuma igreja nem religião em particular. José Vicente passou por um seminário, na adolescência, e sua formação católica, com certeza, o marcou para sempre. Na peça, um dos personagens, também ex-seminarista, fala em como Deus o havia marcado para sempre e de como sabia que nunca iria poder se libertar de Sua Presença.

Bethânia e eu, anos mais tarde, incluímos um outro texto de Zé Vicente em nossos shows, um fragmento tirado de *Os Convalescentes*, que, na peça, era dito pela personagem feita por Norma Bengell. Por encomenda da atriz, Milton Nascimento criou a bela canção *San Vicente* especialmente para a peça. Em *Os Convalescentes*, ao contrário de outras peças suas, Zé priorizou a política, de forma particular. Acho importante registrar que ele surgiu num ambiente extremamente político – de um lado, a censura oficial e a repressão política; de outro, a patrulha ideológica, com sua silenciosa cobrança de um modelo ou atitude engajados. Mesmo assim, apesar de quebrar algumas regras do que era politicamente correto, a força avassaladora de seus textos conseguiu vencer todos os obstáculos, preconceitos e resistências. Quando estreou *Hoje é Dia de Rock* – que, mais do que suas antecessoras, não continha em si nenhuma referencia política

–, houve um estranhamento inicial, que foi quebrado com a adesão apaixonada e entusiástica do público. Lembro ainda, embora não tenha estado presente, que o último espetáculo da temporada foi feito na praia, pois a multidão que ocorreu ao teatro não cabia, e eram todos entusiastas da peça, que tinham visto e revisto mais de uma vez.

É importante que se diga que, mais que um autor, José Vicente era um poeta. A qualidade literária de seus textos salta aos olhos e ouvidos de quem os assiste e o coloca num patamar único no cenário brasileiro da dramaturgia. A importância da publicação de sua obra está em possibilitar que ele permaneça vivo na memória e nos corações não só daqueles que o conheceram, como também das novas gerações, que merecem a oportunidade de conhecer uma obra tão rica e singular como a sua.

Santidade

Personagens

Ivo
Arthur
Nicolau

Cenário

Um quarto de apartamento. Há uma cama de casal, dois travesseiros, duas poltronas e, no canto, uma mesinha com um vaso de rosas.

Supõem-se outras dependências, como sala, banheiro, cozinha. O apartamento é situado no centro de São Paulo.

Primeiro Ato

CENA 1

(Arthur está deitado na cama com Ivo. Os dois estão semidespertos. O clima inicial é de cansaço e mau humor. A janela está fechada e a cortina cerrada. Está meio escuro. Depois de algum tempo, Ivo se vira e sai de dentro dos lençóis.)

IVO – Arthur! Arthur, vê quantas horas. (Arthur pega o relógio que deixou no chão)

ARTHUR – Meio dia e meia.

27

IVO – Seu relógio parou, meu querido. É muito mais. Vai lá no relógio da sala, vai. (Arthur, mal-humorado, de cuecas, atravessa o quarto)

ARTHUR – (Da sala). Duas e meia!

IVO – Duas e meia? Jesus Cristo, que desperdício! (Arthur se enfia novamente entre os lençóis). Mais um sábado destruído. Eu tinha que ter ido à butique pelo menos até o meio-dia! (Ivo, enrolado em lençóis, grotescamente vai até a janela e abre as cortinas). Vai chover de novo... Existe esta cidade?

ARTHUR – Que horas nós fomos deitar?

IVO – Que mania de controlar as horas! Parece funcionário público. Umas cinco.

ARTHUR – Se não durmo oito horas não consigo fazer nada.

IVO – Na tua idade, seis horas dá. Eu passo muito bem com quatro. E olha que eu trabalho! Pior que eu tinha que ter ido ver aquele negócio das camisas antes do meio-dia... Eu devia ter montado uma loja de mulher, de mulher já de uma vez, cansei dessas variações de cores para moda masculina! Com essa história de ácido lisérgico, vão acabar convertendo o resto de homens que ainda resta num bando de mocinhas coloridas, sabia?

28

ARTHUR – Ainda estou com o gosto daquela sopa de cebola.

IVO – Bem feito, quem mandou tomar.

ARTHUR – Tive uma conversa ontem à noite com aquela bicha do Imposto de Renda.

IVO – Eu vi, pensa que eu não vi?

ARTHUR – Queria saber se eu ainda era teu caso.

IVO – E você? Garanto que já foi abrindo as perninhas...

ARTHUR – Ela queria me ganhar para a amiga dela, aquela bicha americana que veio com a igreja dos mórmons.

IVO – Querendo dar uma de *Hello Dolly*? Audácia de imperialista!

ARTHUR – Esta noite eu tive um sonho esquisito. Sonhei que te tranquei no banheiro, aí, na marra, abri o gás e você morreu asfixiado. Foi um alívio.

IVO – Me matar?!

29

ARTHUR – Não. Ficar livre de você.

IVO – Isso me lembra um filme da Bette Davis e da Joan Crawford... É, eu preciso tomar cuidado, senão ainda acabo virando manchete do *Notícias Populares*. Eu também tive um sonho com você, sabia? Te entreguei na Delegacia de Vagabundagem e te arrumaram um emprego. Te botaram num banco, trabalhando dez horas por dia com o salário mínimo.

ARTHUR – Você fica deitado enquanto eu tomo banho, tá?

IVO – Tá. (Arthur continua deitado) Você não vai?

ARTHUR – Tá quentinho aqui.

IVO – Arthur, eu estive pensando... Você podia mesmo arrumar um emprego num banco.

ARTHUR – Nem pensar!

IVO – Eu tenho um amigo que pode te arrumar. Sério mesmo. É pro teu bem.

ARTHUR – Que é, vai me chutar?

30 IVO – Então por que você não pega aula particular?

ARTHUR – Só se for pra ensinar a fazer a vida!

IVO – Fazer a vida? Não, você pode muito bem dar aula de História ou Português, sei lá... Essas matérias do teu curso... Você não foi seminarista?

ARTHUR – Só se eu ensinasse Latim.

IVO – Latim, Arthur? Não, Latim não!

ARTHUR – *Introibo ad altare Dei, ad Deum qui laetificat juventem meam!*

IVO – Que delícia, continua! O que é que significa isso?

ARTHUR – Entrarei no altar de Deus, do Deus que alegra a minha juventude.

IVO – Que bonito. Quantos anos você foi seminarista, Arthur? Sete?

ARTHUR – Oito. Mas chega dessa conversa.

IVO – Por que é que você não gosta de falar que foi seminarista? É uma experiência muito boa, meu querido... Uma experiência, seu bobinho! Já pensou se os padres lá do seminário entrassem aqui agora e te vissem deitado comigo, o que é que eles não iam pensar?

31

ARTHUR – Não iam pensar nada, lógico, desde que você não levantasse e começasse a dar pinta...

IVO – Seu irmão já é padre, não é?

ARTHUR – Não, ainda não.

IVO – Mas foi você que me contou que o ano passado ele tinha terminado o curso de...

ARTHUR – Teologia.

IVO – Então? O que é que falta ainda?...

ARTHUR – Ah, sei lá... Falta um ano de experiência.

IVO – Experiência? De quê?

ARTHUR – Sair na rua, ir na zona, essas coisas... Não sei, no meu tempo não tinha disso.

IVO – Ele é bonito, seu irmão?

ARTHUR – Ah, já vem você. É o máximo! Tem uma *mala* que é isso, uma cara de anjo barroco e o corpo todo peludo.

32

IVO – Imagine, ser padre, que falta de imaginação! Por que é que você não fala pra ele desistir?

ARTHUR – Pelo menos, lá ele não tem que trabalhar, nem pensar em comer, vestir, ralar, essa merda toda de todo dia.

IVO – Como se você desse duro, até parece! Você é muito fresco. Você quer é moleza! Se você não quer dar aula, podia ser manequim, pronto. É fácil e você tem o tipo que serve.

ARTHUR – Pronto, você tinha que vir com essa história de novo...

IVO – Não tem nada de mais, meu bem. Eu conheço muito manequim que é casado, tem filho e tudo.

ARTHUR – E daí? Eu conheço muito homem casado, que tem filho, e vive dando o rabo por aí.

IVO – Não tem nada de mais. Ser manequim não tem nada de mais. Você ainda tem a mentalidade de padre, é isso. Seminarista, você ainda é um seminarista.

ARTHUR – Pelo amor de Deus, não vem com essa conversa outra vez. Toda vez que você quer ter razão, você apela pra esse argumento? Seminarista. E daí? Fui seminarista, e daí?

33

IVO – Ah, faz o que quiser – vai ser ladrão, assassino, bandido, soldado da Força Pública... Foda-se! Foda-se! (Pensa em sair, vai até o banheiro, se arrepende e volta) Você ficou com raiva de mim, Arthur? (Tenta passar as mãos nos cabelos de Arthur) Faz cinco meses que estamos juntos e eu ainda não te entendi. Você vive tão longe que eu às vezes ponho a mão em você pra ter certeza de que você está aqui.

ARTHUR – Seis. Faz seis meses. Sai, me deixa ficar sozinho um pouco... Me deixa pensar um pouco...

IVO – Ah, você é um azedo! Pensar... pensar! Em que é que você tanto pensa?

ARTHUR – E você é uma sexomaníaca. A vida pra você se resume em sexo, sexo e sexo. Você não pode ter contato com uma pele, não pode ver um pau que já fica molhadinha... E não querer gritar, não, porque é você mesmo que diz isso. (Ivo ri) Às vezes me dá vontade de ficar só assim, na cama, sem fazer nada, só pensando, dormindo, pensando, dormindo sem ter que fazer nada...

IVO – Não vai me dizer que você agora vai entrar nessa onda de *beatnik*...

34

ARTHUR – (Ri) *Beatnik*? Você não sabe o que é isso.

IVO – Não sei? Sei, sim senhor, sei muito bem! Essa história aí de cabelo comprido, protesto, ficar sem tomar banho... E sei lá o que mais, eu sei muito bem o que essa gente tá querendo. Eu dei duro desde criança e sempre fui pela ação. A vida para mim é ação. O que te falta, meu bem, é pegar um trabalho no duro, é isso que te falta! Você pensa que vai encontrar sempre uma mãe como eu que te dá dinheiro, roupa, comida e tudo?

ARTHUR – Não me interessa.

IVO – Porque eu sou uma mãe para você, Arthur. Tenho certeza que nem sua mãe fez para você o que eu faço. Imagine! Comida, roupa, cinema, teatro e, ainda por cima, dinheiro! Que mais que você quer? Eu sou uma mãe para você.

ARTHUR – É, é sim! Em compensação, eu não faria com minha mãe o que eu te faço.

IVO – Ah, só faltava! Mas você não faz nada, meu querido. Você só entra com a pele, o sangue e a idade. Só isso.

ARTHUR – E é pouco?

IVO – Você fica comigo porque gosta também, é lógico. Você tem que reconhecer que você também goza, não vai me dizer que você não goza! Você é caso de psicanálise, Arthur. Você precisa de um psicanalista. Você diz que não gosta de sexo. Não gosta mas pratica, e eu sei como! Você vive disso! Não quer trabalhar, não trabalha, não trabalha de jeito nenhum, não move uma palha nesse apartamento, te deixo na cama e te encontro na cama. Nunca foi comigo à butique. Bem, eu não exijo isso também, que você só ia atrapalhar. Não lê, não estuda, não faz nada. Diz que está pensando, pensando, pensando. Pensando em quê? Você teve algum trauma na infância?

ARTHUR – Que papo desafinado... Que trauma?!
O seu analista deve viver dizendo isso pra você.
Trauma! Trauma...!

IVO – Não faço mais análise, meu bem. Já sou
analisado. Sou uma pessoa normal.

ARTHUR – Normalíssima!

IVO – É claro que eu sou. Trabalho o dia inteiro.
A boutique vai indo cada vez mais para a frente,
já tenho dois empregados, dirijo tudo sozinho,
sei muito bem me portar em qualquer ambiente,
sei frequentar qualquer lugar da sociedade –
qualquer lugar! E não tenho problemas sexuais.

36

ARTHUR – Isso aí é conversa de viado.

IVO – É que você foi seminarista. É isso. É claro
que tem que ser uma pessoa desajustada.

ARTHUR – E você é uma ajustada, vai.

IVO – E se eu te mandasse embora? Hein?

ARTHUR – Tem milhões por aí...

IVO – Todas galinhas, queimam qualquer um.
Nenhuma ia te tratar como eu te trato. Imagina!
Deixar morar junto, dormir na mesma cama.

Você tem vinte e poucos anos. Você sabe muito bem que daqui mais algum tempo ninguém vai te querer mais, é lógico. Até que eu não faça nenhuma exigência. O Cláudio, por exemplo, que é "o" bofe! Não pega mais ninguém.

ARTHUR – Ah, não pega... Com o mercado do jeito que anda! A oferta muito maior que a procura, todo mundo quer virar primeiro.

IVO – Engano seu, meu anjo! Pretensioso! Qualquer bicha inteligente exige, no máximo, 20 anos. No máximo!

ARTHUR – Ah, é? E no mínimo?

37

IVO – Eu, o mais novo foi 17. Dezesete aninhos.

ARTHUR – E eu sei que você é exceção. Com esse parque infantil na praça. Meninos de 15 e até 14 anos.

IVO – Não vai querer bancar o inocentinho. Hoje até a polícia está vivendo de prostituição! Você, Arthur, é... Uma fancha, você é sim – e imagine, ex-seminarista e fancha! (Tocam a campainha) Agora levanta, vai, levanta! Quem será a essa hora? Deve ser a Maria José, e aposto que está com a francesa. Vai lá abrir, vai, Arthur.

ARTHUR – Eu não estou. Não tenho saco pra ver a cara dessa gente.

IVO – Vai, Arthur, que coisa. Vai abrir, anda!

ARTHUR – Por que tem que ser eu? (A campainha toca de novo)

IVO – (Enrola-se em um lençol e levanta) Eu tenho que fazer tudo sozinho. Tudo sozinho!

ARTHUR – (Levanta) Tá bom, eu vou abrir, pode deixar.

38 IVO – E eu vou escovar os dentes.

ARTHUR – Isso, vai fazer a chuca, vai.

IVO – Vai se fodê, vai. (Saem os dois, um pra cada lado)

CENA 2

Arthur abre a porta e dá de cara com Nicolau, que veste um terno e traz uma pasta na mão, com livros.

ARTHUR – Nicolau?! O que é que você está fazendo aqui?

NICOLAU – Eu passei lá no hotel e um rapaz me deu o endereço, ele disse que te encontra muito. Desde o meio-dia que estou te procurando. Eu conheço pouco São Paulo. Posso entrar?

ARTHUR – Entra, claro.

NICOLAU – Você ficou mais bonito... mais forte.

ARTHUR – Faz quanto tempo que você está aqui?

NICOLAU – Tivemos um encontro para fazer um estudo sobre *O Pensamento Social da Igreja*, entre padres e seminaristas maiores. Durou uma semana mais ou menos. Visitamos fábricas, vilas, tivemos contato com os estudantes... Bonito seu apartamento.

39

ARTHUR – Não é meu.

NICOLAU – O outro rapaz... o...

ARTHUR – Ivo.

NICOLAU – Ah, Ivo... ele não está?

ARTHUR – Está tomando banho. Nós levantamos agora.

NICOLAU – Vocês dividem o apartamento?

ARTHUR – Mais ou menos. Eu não estava esperando ver você agora.

NICOLAU – Faz quanto tempo já?

ARTHUR – Muito tempo. E lá em casa?

NICOLAU – Quando vim aqui para São Paulo, passei por lá uns dois dias.

ARTHUR – Como é que tá a mamãe?

NICOLAU – Vivendo da aposentadoria do papai. Você não voltou mais lá nem deu mais notícias faz dois anos...

40

ARTHUR – Você não quer tirar o sapato? Senta ali na poltrona.

NICOLAU – A mamãe deu de chorar muito. Está se sentindo meio sem apoio. (Senta na poltrona e tira os sapatos) Eu percebi que ela agora não faz muita questão que eu me ordene.

ARTHUR – Ela falou de mim?

NICOLAU – Muito. Ela falou de você o tempo inteiro. Ela que me intimou a te localizar. Foi ela que conseguiu o endereço do hotel.

ARTHUR – Com quem ela conseguiu?

NICOLAU – Ah, foi um rapaz que morou junto com você... Ele passou por lá. O nome dele é... Evandro... parece.

ARTHUR – Yvandro, com ípsilon. O Yvandro...

NICOLAU – A mamãe disse que ele estava com um senhor, um advogado.

IVO – (Do banheiro) Quem é que está aí, Arthur?

ARTHUR – Meu irmão.

IVO – Seu irmão? Não brinca! O padre?

ARTHUR – É, o padre.

41

IVO – Deus do céu, que piração!

NICOLAU – O que que ele disse?

IVO – Eu já estou saindo, Arthur. Já, já. Eu já estou saindo.

ARTHUR – Isso, vem mostrar o seu charme.

NICOLAU – Ele tá rindo de quê?

ARTHUR – Nada não. Como é que está a Sônia?
A Soninha?

NICOLAU – Ela agora está trabalhando.

ARTHUR – Parou de estudar?

NICOLAU – Pra ajudar um pouco em casa. Depois que o papai morreu... Sabe, Arthur, é muito pouco! A aposentadoria só é pouco demais. A mamãe faz doce ainda para pôr nos bares, mas está cada dia mais abatida depois da morte do papai. O aluguel é muito caro, tudo é muito caro...

ARTHUR – Ela então desistiu da música, a Soninha...? Ela sempre falava que ia estudar piano...

42 NICOLAU – Você não ajudou mais... Faz dois anos, não é, Arthur?

ARTHUR – Estou desempregado.

NICOLAU – E como é que você faz?

ARTHUR – Me viro de qualquer jeito.

NICOLAU – Eu não sabia que você estava desempregado. Sabia que você tinha saído daquele laboratório...

ARTHUR – É, eu saí faz tempo...

NICOLAU – Uma vez eu escrevi uma carta pra lá, mas você já tinha saído.

ARTHUR – Você veio pra quê?

NICOLAU – Eu estou precisando conversar. Você já tem experiência... já passou pelo mesmo problema.

ARTHUR – Você está em dúvida?

NICOLAU – O contato com as pessoas nesses últimos meses me trouxe muitas dúvidas... Eu... tenho dormido pouco. Estou achando a Igreja meio velha...

ARTHUR – Me passa essa camisa. (Ele se veste) Você não mudou muito, Nicolau. Escuta aqui, a mamãe mandou você falar em dinheiro comigo?

43

NICOLAU – Bem, ela falou... Você sabe... como está a situação...

ARTHUR – Ela ainda vai à Igreja e comunga todo dia?

NICOLAU – Todo dia ainda. Cinco da manhã ela está de pé. Todo dia.

ARTHUR – É... a mamãe... o papai... a Soninha... Passa tudo muito depressa, não é, Nicolau?

NICOLAU – Parece que foi ontem que nós estávamos juntos no seminário. Contando os dias para as férias, ajudando missa, recebendo a batina.

ARTHUR – Vocês não usam mais batina, não é?

NICOLAU – Você vê, você saiu e acabou a batina.

ARTHUR – Eu dava azar.

NICOLAU – Você fuma?

ARTHUR – Deixa eu filar um do futuro sacerdote do Cristo... O que é que tem nessa pasta?

44 NICOLAU – Não é nada, não. Uns livros... Sociologia, economia. Você se interessa por política?

ARTHUR – Mais ou menos. (Entra Ivo)

IVO – Muitos segredinhos entre os dois irmãos? (Nicolau se levanta e cumprimenta Ivo, bastante formal e um pouco tímido)

NICOLAU – Você que é o Ivo?

IVO – Senta aí, fica à vontade. O Arthur fala muito de você. Sabe que vocês dois se parecem? Parecem sim. O Nicolau é mais velho? Não acredito!

NICOLAU – Um ano só...

IVO – O Arthur tem a cara mais... vivida, mais sacana, mais acabada... Engraçado, eu com o Arthur falamos de você agora pouco, não foi, Arthur? Como é que você descobriu o apartamento?

NICOLAU – Eu fui num hotel ali na rua...

IVO – Na Rua Aurora? Uma barra pesadíssima! Imagine que o seu irmão morava lá! Arthur, me passa um cigarro aceso. Esse é o primeiro dos três maços que ainda tenho de fumar hoje...

NICOLAU – Você fuma muito?

IVO – Demais, meu querido, demais. E se paro um pouquinho, começo a engordar.

45

NICOLAU – Escuta, eu... eu não sei se posso ficar aqui até amanhã...

IVO – É claro que pode... Tem o sofá aqui na sala, e tem também uma caminha daquelas de armar. Pode ficar sossegado.

NICOLAU – Eu estou na casa de um padre amigo meu, mas eu avisei que não ia voltar, é meio longe... Vocês não têm compromisso não, têm?

IVO – Não, meu querido. Não fique pensando muito na gente, não.

ARTHUR – Você não quer... tomar um banho, Nicolau?

IVO – Toma banho, sim, você descansa. Deixa eu dar uma organizada no quarto. Pronto. Se a gente descuida um pouquinho, o apartamento vira uma zona! Sabe, Nicolau, eu tenho uma empregada, mas ela só vem três vezes por semana. Deixa eu te levar no banheiro. Você está descalço?

NICOLAU – Cheguei um pouco cansado.

IVO – Não, não põe o pé no chão que faz mal. Aqui, põe esse chinelo. Vem.

46

CENA 3

Arthur acende um cigarro e olha os livros de Nicolau. Depois de algum tempo, entra Ivo.

IVO – Esse meu apartamento hoje vai virar... sede do bispado ou então concílio ecumênico, sei lá.

ARTHUR – Você tinha que soltar as plumas antes da hora?

IVO – O apartamento é meu, queridinho. Eu solto as plumas a hora que eu quiser.

ARTHUR – Então solte. Balance as trancinhas, mostra as pedrarias, dá o show completo.

IVO – Imagine se eu vou ficar tímido perto do seu irmão só porque ele é padre.

ARTHUR – Ela ainda não é padre.

IVO – Pra mim, tanto faz. Além do mais... ele é *entendido*, eu percebi logo.

ARTHUR – Pra você, todo mundo é *entendido*, acho que até o seu pai, se você visse agora, você ia dizer que é *entendido*.

IVO – Não precisa ficar preocupado, Arthur. Pode ficar sossegado, eu não estou interessado no seu irmão. Não é o meu tipo.

47

ARTHUR – Eu, preocupado?

IVO – Parece cabaço! Vi ele tirando a roupa no banheiro. Não quis tirar a cueca perto de mim. Fechou a porta direitinho quando eu saí...

ARTHUR – Lógico, com você do lado medindo tudo...

IVO – Ele não é o meu tipo...

ARTHUR – Isso você diz de todos.

IVO – Você acha que eu sou de ir com o primeiro que aparece?

ARTHUR – Isso é porque não depende só de você...

IVO – Nossa, como você ficou agressivo depois que seu irmão chegou!

ARTHUR – Esse seu exibicionismo na frente dos outros me dá no saco. Não estou te aguentando mais. Você me dá nojo com essa cara.

IVO – A minha cara? (Acende um cigarro) Que que tem a minha cara?

48 ARTHUR – A sua cara me dá... nojo. Você está no fim. Qualquer pessoa te dá 45, 48...

IVO – Quarenta e oito? Você está brincando. Eu sei quando você quer me destruir...

ARTHUR – Então olhe num espelho, você está cheio de buracos, enrugado, barrigudo, cheio de pelancas.

IVO – Eu sei que não é verdade.

ARTHUR – Ah, então não é! E chega dessa conversa. Já são quase seis horas. Eu vou sair e comer qualquer coisa.

IVO – Não senhor, você não pode sair agora.

ARTHUR – Por quê?

IVO – Eu vou ficar sozinho com o teu irmão? Conversando de quê? Santos, religião? Não, senhor. Imagina você sair agora...

ARTHUR – Ele sabe conversar sobre política.

IVO – Você sabe que eu detesto política. Depois nós descemos os três juntos.

ARTHUR – Por que você não quer ficar sozinho com ele? Ele é um tipo interessante...

49

IVO – Eu...? Ficar com ele?

ARTHUR – Ele não está atrás de experiência? Tá ou não está?

IVO – (Passando a mão no rosto) Não, eu não vou fazer uma coisa dessas...

ARTHUR – Ele não é de se jogar fora. Vai lá...

IVO – Você acha que ele vai se interessar por mim?

ARTHUR – Bem, isso depende de você... Vamos praticar o Mal!

IVO – Você é um degenerado, Arthur! (Pausa)
Estamos praticando o Mal! Atenção!

ARTHUR – Olha, eu vou até aquela churrascaria da esquina. Eu te dou duas horas. Duas horas, tá?

IVO – Arthur... Eu... Eu não sei se devo...

ARTHUR – Você nunca foi disso.

IVO – Então uma hora.

ARTHUR – Uma hora é para casos mais simples. Esse é excepcional. Duas horas. (Sai)

50

CENA 4

Ivo arruma a cama, ajeita a calça, as sobancelhas, passa a mão um pouco nervosamente nas faces, depois vai à sala, coloca um disco, volta, senta-se na poltrona, acende um cigarro e espera.

NICOLAU – Gostoso o teu banheiro. Eu usei o teu colírio.

IVO – Claro, meu querido, claro.

NICOLAU – Cadê o Arthur?

IVO – Foi comprar alguma coisa pra gente comer.

Você deve estar com fome, não está não?

NICOLAU – Não, eu almocei antes de vir. (Pausa)
Confortável, seu apartamento.

IVO – A sala é muito cafona. Mas no fim do ano eu vou mudar.

NICOLAU – Você não gosta de apartamento?

IVO – Não, do lugar.

NICOLAU – O lugar não é bom?

IVO – Muito escroto. Muito escroto.

51

NICOLAU – (Finge entender) Ah, sei...

IVO – Meio zonificado, você entende?

NICOLAU – Aqui é zona de prostituição?

IVO – São Paulo inteira é zona de prostituição, meu querido. (Nicolau ri. Pausa) Senta, Nicolau, senta aí na cama. Deixa eu guardar a toalha. (Tira a toalha do pescoço de Nicolau e leva até o banheiro) Você vai ser padre, não é?

NICOLAU – Eu não decidi ainda. Faz quase um ano que estou parado.

IVO – Parado? Não faz nada?

NICOLAU – Faço sim, eu dou aulas, faço traduções, um pouco de política também... Faço um punhado de coisas.

IVO – Você já terminou o curso de... Filosofia?

NICOLAU – Teologia. Filosofia é antes.

IVO – O Arthur me disse que você agora está em... experiência.

52 NICOLAU – Os padres agora não se ordenam como antigamente, sem nenhum contato com o mundo onde vão trabalhar. O cristianismo está inserido no mundo atual e pretende estar junto com o homem. Como de fato é a mensagem do Cristo.

IVO – Eu faz muito tempo que não vou à missa, mas eu fiz a primeira comunhão e tudo. Eu vou arrumar um conhaque para você. Você gosta de conhaque?

NICOLAU – Não, não precisa.

IVO – Você não gosta de conhaque? Eu disse conhaque porque está frio e conhaque esquenta, mas eu tenho outras bebidas.

NICOLAU – Traz conhaque mesmo.

IVO – Tá gelado! (Enquanto pega os cálices)
Inverno em São Paulo é uma coisa terrível! Eu
tenho uma birra de inverno! Você fuma muito,
não é, Nicolau?

NICOLAU – Eu sou um pouco nervoso... E sua
família, é daqui?

IVO – Do interior. Só pai. Minha mãe morreu faz
muito tempo. Essas poltronas aqui foi ela que me
deixou. Coitada, morreu de câncer. Ela gostava
muito de mim, a minha mãe. Interessante que
ela morreu e eu só fiquei sabendo quando ela
já estava enterrada... (Pausa) Você tem o físico
bonito, Nicolau...

53

NICOLAU – Eu jogo muito futebol...

IVO – Você gosta de futebol?

NICOLAU – Muito, gosto muito. No seminário
tem campo, a gente joga quase todo dia.

IVO – Você torce para algum time?

NICOLAU – Gosto do Corinthians.

IVO – (Animado) Eu também!

NICOLAU – Mas sabe como é, não sou fanático...

IVO – Nem eu... O Arthur jogava futebol no seminário?

NICOLAU – Não, ele ia... ia muito à piscina. Era meio retirada, a piscina, fora de mão. Ficava perto de um açude, num lugar meio abandonado. Quase ninguém frequentava... O Arthur ia todo dia, sozinho.

IVO – Escuta, o Arthur... ele... foi expulso do seminário?

54 NICOLAU – Não, foi aconselhado. O reitor me disse que tinha aconselhado ele a sair, porque ele não tinha vocação. De fato, ele não tinha. É difícil a gente explicar isso. Ele... criava muito conflito, sabe? Não admitia muito a comunidade... Era muito revoltado, meio estranho. Mas é uma ótima pessoa, uma pessoa de muito valor, lógico.

IVO – Muito bom, eu gosto muito do seu irmão, sabe? Ele é muito agressivo, demais! Mas ele é diferente dos outros... Ele é mau, muito mau, mas é terno... Ele é muito terno quando está na cama.

NICOLAU – Na cama? Você disse, quando está... na cama?

IVO – Quando está na cama. Você tem os olhos do Arthur, Nicolau. Os mesmos olhos dele. Escuta, você... tem namorada?

NICOLAU – Não.

IVO – Ah, é lógico. Eu já tinha esquecido que você é... Como é que se chama quando a pessoa chega até onde você chegou e ainda não é padre?

NICOLAU – Diácono, eu sou diácono.

IVO – Diácono celebra missa?

NICOLAU – Não, não celebra. Diácono dá comunhão, mas não celebra.

55

IVO – E você nunca gostou de ninguém?

NICOLAU – Sabe... Eu... tem uma menina que vai à missa das sete. Todo dia ela vai. Ela sempre comunga comigo. Ela não é bonita, é meio ruiva, os outros acham que é feia, mas eu não. Quando ela comunga comigo, a gente sempre olha um pro outro... Eu acho que gosto dela, mas é lógico, não existe nada... Às vezes a gente conversa...

IVO – E eu, o que é que você acha? Você acha que eu estou muito velho? Que idade que você me dá?

NICOLAU – (Pensa um pouco) Quarenta?

IVO – Você me dá 40 anos?

NICOLAU – Por aí. Acertei?

IVO – (Pequena pausa) Eu vou buscar mais conhaque pra você. (Nicolau caminha pelo quarto, se detém diante do vaso de rosas e observa) Eu trouxe a garrafa, é mais prático. Vou botar um jazz. Você gosta?

NICOLAU – Eu não entendo muito de música... (O outro vai até a sala) É você que gosta de rosas?

56 IVO – Gosto, eu gosto muito de rosas. Sempre que eu passo por uma floricultura eu compro.

NICOLAU – Você tem muita sensibilidade. (Surpreende o outro olhando seu corpo. Ivo se aproxima, arruma a gola da camisa de Nicolau e, em seguida segura a sua mão)

IVO – Você está nervoso? (Nicolau olha um instante para Ivo, deixa a mão um instante, depois a retira. Ivo ajusta as rosas no vaso, deixa Nicolau e acende um cigarro) Eu vou sair... Toma mais um conhaque. (Nicolau fica encostado na mesinha, sem saber o que fazer. O disco desliga na sala). Você não quer mais um conhaque?

NICOLAU – Não, não, muito obrigado.

IVO – Você guarda lá dentro pra mim? O Arthur vai chegar logo. Depois, se vocês quiserem, eu estou lá na galeria, o Arthur sabe onde é. Olha, a chave fica aqui na porta.

NICOLAU – Certo, certo, eu abro pra você.

IVO – Não precisa, meu querido, o Arthur chega logo. Eu estou bem assim?

NICOLAU – Ótimo, você está ótimo assim. (Ivo sai)

CENA 5

57

(A luz cai, sugerindo uma passagem de tempo, e logo volta com a porta se abrindo e mostrando a volta de Arthur)

ARTHUR – Você está sozinho?

NICOLAU – É... O Ivo saiu.

ARTHUR – Eu vi ele indo pro lado da Ipiranga, de casação... (Arthur se deita displicentemente na cama e olha pra Nicolau)

NICOLAU – Ele é.... hermafrodita?

ARTHUR – Hermafrodita? Que palavra é essa?

NICOLAU – Ele é... invertido?

ARTHUR – Bicha. Ele é bicha. Viado, pederasta, homossexual, galinha, paca, chana. O nome genérico pra tudo isto é bicha.

NICOLAU – (Pausa) Você... você tem alguma ligação com ele?

ARTHUR – Tenho, sim. Eu trepo com ele, com a Ivone, onde é que ela foi?

NICOLAU – Que Ivone?

58 ARTHUR – A chana, dona da casa, a flor do pecado, onde é que ela foi?

NICOLAU – Ele disse qualquer coisa de... galeria...

ARTHUR – Ah, foi caçar! Hoje é sábado, dia da caça coletiva. Hoje, na Avenida Ipiranga, São Luís, Galeria Metrópole, elas todas estão em bando. Hoje é sábado, muita cara nova, rapazinhos dos subúrbios. Os *entendidos* de veludo desfilando na passarela... No inverno, fica mais complicado, mas a turminha mais insistente tá cagando pro frio. Eu dei uma passadinha por lá e já tá começando a ferver. Você não quer sair pra caçar, Nicolau?

NICOLAU – Entre você e o Ivo... ele saiu sozinho... Não tem problema?

ARTHUR – Mas que é isso? Eu sou marido dela quando estamos na cama, entre nós não existe fidelidade conjugal. (Pausa) No começo existe. Todo homossexual tem mania de copiar a vida conjugal lá deles. Casinho, briguinha de ciúmes... Depois essa frescura acaba. A Ivone, por exemplo, me trai quase toda semana.

NICOLAU – Eu pensei... Você entende, eu não estava preparado, e depois eu estava pensando no problema do filho!

ARTHUR – Que problema, que filho?

NICOLAU – Bem, uma relação assim não cria nada, você entende...?

ARTHUR – E pra que criar? Pra botar mais gente no mundo? Pra comer? Pra se prostituir? Pra não fazer nada? Pra morrer, sem fazer nada?

NICOLAU – Você não pensa assim... Você não pode pensar assim!

ARTHUR – Aqui em São Paulo, você é surdo e todos são surdos. É num mundo assim que você vai morrendo sozinho e vê os outros morrendo

sozinhos. Em cada minuto. Todo dia repetindo a mesma coisa. Em São Paulo, o que você ouve, o que você vê e o que você diz não tem nenhuma repercussão. Aqui você vive sem repercussão e morre sem repercussão. E a palavra também não denuncia, não fere, não mata. E os atos também não têm repercussão, os atos também são surdos. Aqui é o inferno, Nicolau. Por que é que você não vai embora?

NICOLAU – Por quê? Eu estou de mais?

ARTHUR – Vai, vai embora. Volta pro seminário.

60 NICOLAU – Não, eu vou ficar, eu quero ficar.

ARTHUR – Pra quê?

NICOLAU – Eu tenho que ficar.

ARTHUR – Ah, você é teimoso. Você pensa que é capaz de salvar alguém? Eu te aconselho a se mandar daqui já. É mais simples pra você. Você pode dizer lá pros teus colegas do seminário que conheceu um casal de homossexuais – em carne e osso – uma bicha em carne e osso. Vai, vai embora.

NICOLAU – Não, eu vou dormir aqui. Eu quero dormir aqui.

ARTHUR – Tá bom, então tá bom! Eu quis te dar uma chance... Você não quer. Mas aqui é diferente. Aqui, você atua também. Aqui você mata e você morre. Aqui, você não se distingue de ninguém. Você paga o seu preço e cobra o que é seu.

NICOLAU – Eu não tenho medo.

ARTHUR – Não tem? Você está se borrando de medo, fumando um cigarro atrás do outro.

NICOLAU – Eu sou assim mesmo, você sabe que eu sou assim.

ARTHUR – (Enquanto apanha uma garrafa de vinho) Nicolau, me diga uma coisa... Você já trepou com alguém?

61

NICOLAU – Eu?!

ARTHUR – Com mulher, lógico.

NICOLAU – Eu já fui umas vezes num *night club*...

ARTHUR – Que é isso, *night club*? Zona? Você já esteve na zona alguma vez?

NICOLAU – Eu... fui uma vez, sim, pra conhecer.

ARTHUR –Pra conhecer... sei! Caçou ou não?

NICOLAU – Cacei ou não?

ARTHUR – É. Você pegou alguma mulher e foi pra cama com ela?

NICOLAU – Não, eu dancei, só dancei...

ARTHUR – Você é virgem, a gente vê. Você deve conhecer de cor os manuais sobre sexo, tudo escrito, bonitinho. Você deve fazer conferências sobre sexo pra juventude, não faz?

NICOLAU – Você não acha que é preciso quebrar o tabu do sexo e esclarecer a juventude?

62 ARTHUR – Você se masturba muito?

NICOLAU – Isso é problema meu.

ARTHUR – Você se masturba ou não?

NICOLAU – Por que é que você tá perguntando isso?

ARTHUR – Você não disse que foi à zona... Você e mais um colega...

NICOLAU – A prostituição é um problema humano e social, que todos precisam conhecer.

ARTHUR – Pra quê?

NICOLAU – É claro que precisa conhecer.

ARTHUR – E depois? Não vai me dizer que depois você não bate uma... sozinho, quietinho, pensando nos detalhes, vai?!

NICOLAU – Arthur, você está com a mentalidade pervertida de ex-seminarista. Eu já observei que todo ex-seminarista se perverte pra se afirmar.

ARTHUR – Eu também já. Você é do tipo inteligente. Você... você tem horror ao homossexualismo?

NICOLAU – Horror não digo... Não deixa de ser uma forma de amor... contra a natureza.

63

ARTHUR – Qual natureza?

NICOLAU – A humana, a natureza humana.

ARTHUR – É verdade, isso é verdade. Essa é a grande magia inicial, quando a gente sabe que está violentando tudo o que é chamado de natural. A gente sabe que o negócio tem que ser escondido e fica então um mistério em torno da coisa... A gente sabe depois que todo mundo nos despreza e ninguém é capaz de andar naturalmente ao nosso lado, na rua. Quando a gente chega em qualquer lugar, a presença da gente é sentida imediatamente. Essa espécie de

maldição é extremamente bela, você aprende a ver o que os outros não são capazes de ver. O desprezo deles é uma espécie de... graça, é isso, graça! Só é possível amar a partir da crueldade. E quando você chega não é mais você que chega, a sua sombra vem antes e te denuncia.

NICOLAU – Qual o tipo de relação que você tem com o... Ivo?

ARTHUR – Relação *normal*.

NICOLAU – Você é o... como se diz...?

ARTHUR – O ativo?

64

NICOLAU – Vocês... vocês dormem os dois... juntos?

ARTHUR – Juntos.

NICOLAU – Nessa cama... de casal?

ARTHUR – Lógico, na cama. Por que que não tem que ser na cama?

NICOLAU – Não sei, me parece... você entende?

ARTHUR – Eu sei, eu também não admitia a cama, no começo. A cama era uma espécie de consentimento... Eu achava que... que tinha que

ser sempre no banheiro, numa construção e... em pé. Deitados, nunca! Eu achava que tinha que ser em pé.

NICOLAU – Desculpe, eu não tenho nada com isso, eu acho que não devia ter perguntado.

ARTHUR – Escuta: você sente vergonha de mim, Nicolau?

NICOLAU – Não, nunca, eu te respeito como ser humano do mesmo jeito. Eu não tenho nada com isso.

ARTHUR – Mas você preferia me ver namorando, direitinho... Pensando em casamento, ou mesmo casado já... talvez noivo.

65

NICOLAU – É lógico, eu preferia sim!

ARTHUR – Ou cafajeste, garanhão, a pica no meio das rachadas...

NICOLAU – Rachadas?

ARTHUR – É, mulher. Rachada, na gíria, quer dizer mulher. Você preferia me ver com uma rachada, não preferia?

NICOLAU – E preferia... com uma rachada... Seria o normal.

ARTHUR – Então você tem um pouquinho de vergonha, não tem?

NICOLAU – Não...

ARTHUR – Um pouquinho tem, sim, fala a verdade.

NICOLAU – Tenho. Tenho um pouco, sim.

66

ARTHUR – É lógico, sou um viado também, uma fanchona. Viado. É terrível ter um irmão viado, não é, Nicolau? É terrível, pode dizer. Imagina o que os seus amigos, os seus conhecidos, os padres, não vão dizer quando eles souberem que você tem um irmão viado. Ex-seminarista e viado!

NICOLAU – Mas ninguém nunca vai saber, Arthur, a menos que você conte.

ARTHUR – Pode ser que um dia... Pode ser que um dia eu conte.

NICOLAU – (Pausa) Mas você não é... você não é!

ARTHUR – Viado? Claro que sou viado. Só tenho relações com homem.

NICOLAU – Mas os... esses que vivem como você...

ARTHUR – As fanchas? Eles brigam se chamam eles de viados. Eles são até capazes de matar. Mas é claro que são viados. Trepou com homem é viado.

NICOLAU – Mas você já foi alguma vez... Eu não sei se posso perguntar isso... Você já foi alguma vez... o passivo?

ARTHUR – Eu? Eu vivo disso.

NICOLAU – Então você já...?

ARTHUR – Às vezes você encontra aí na madrugada uma pinta que tem tudo das outras: desmunhecada desde o pé até a alma, até a voz, tudo. Mas às vezes o problema dela é outro... Já encontrei uma vez um tal de Guilherme. Ele tem grana e a pinta, e é qualquer coisa das Forças Armadas, das gloriosas Forças Armadas, e eu estava com fome, estava com fome, sem dinheiro, com frio, sem lugar pra dormir...

NICOLAU – (Pausa) E aí?

ARTHUR – Aí? Bem, aí...

NICOLAU – Mas você não tem... sei lá, você não tem nada disso...

ARTHUR – É por isso mesmo que o tal de Guilherme pagava. É meio difícil te explicar isso. É por isso que ele pagava.

NICOLAU – Mas o Ivo, com ele é mais simples?

ARTHUR – Não, nunca é mais simples...

NICOLAU – Como? Mas ele é tão... tão...

ARTHUR – Bicha. Muito bicha. Mas mesmo assim não é tão simples como você imagina.

NICOLAU – Eu não entendo...

68 ARTHUR – Não é como quando a gente era criança. Sabe como é, quando a gente era criança o negócio era sempre objetivo.

NICOLAU – E agora não é?

ARTHUR – Agora tem o ritual. A palavra é essa, ritual.

NICOLAU – Que ritual?

ARTHUR – Ritual... Pra usar uma imagem que você está habituado: a missa, a Santa Missa.

NICOLAU – (Pausa. Com receio)... a Santa Missa?

ARTHUR – Você conhece a riqueza da Sagrada Liturgia... Você sabe que o essencial custa a chegar. O que que é essencial na Santa Missa? (Nicolau não responde) O essencial na Santa Missa é a consagração e a comunhão. O essencial é isso.

NICOLAU – Eu estou com medo do que você vai dizer. Eu tou com... medo. Mas diz.

ARTHUR – Você sabe, o canto inicial é o *entrarei no altar de Deus, do Deus que alegra a minha juventude...* Depois vem uma prece de compaixão, *Senhor, tende piedade de mim, Senhor tende piedade de nós...*, depois um hino de louvor, *Glória a Deus nas alturas e paz na Terra aos homens de boa vontade...*, e o ato de fé, *Creio em um só Deus, Pai todo poderoso...* E depois o ofertório. O canto do ofertório e a doação de tudo o que existe em cada um de mais precioso. Só depois se iniciam os mistérios da Sagrada Liturgia. *Esse é o meu corpo, comei, esse é o meu sangue, bebei.* E você bebe o sangue de Cristo, e você come o corpo e bebe o sangue. O corpo e o sangue de Cristo, você come e bebe. Depois vem o canto de ação de graças, você agradece a Deus por ter dado o seu corpo para comer e o seu sangue para beber. E você termina recitando o *Evangelho Segundo São João. No princípio era o Verbo e o Verbo era Deus e o Verbo estava com Deus!*

(Pausa) A Sagrada Liturgia é um longo processo de... realização.

NICOLAU – Eu não sei se estou conseguindo perceber...

ARTHUR – Não, você não está. Você quer trocado em miúdos? Bem trocado em miúdos, a Sagrada Liturgia. Em primeiro lugar, você sai a tiracolo pela rua, bem vestido e bem alimentado. A chana aí tem que mostrar pras coleguinhas que é casada, que ainda não está jogada pras traças. Isso ainda nem é o início, mas um canto preparatório. O ritual mesmo começa no sofá. O *introibo ad altare Dei* começa no sofá, não ao som de um canto gregoriano, mas habitualmente de um jazz...

70

NICOLAU – Eu já entendi, eu já entendi.

ARTHUR - Primeiro, a camisa, depois, o sapato, depois a meia... ainda estamos longe da consagração. Mas você presente o gosto na boca, você já sente o gosto na boca.

NICOLAU – Que gosto?

ARTHUR – O gosto do corpo, o gosto do vinho. Às vezes é um gosto de noite inteira mastigada, com cheiro de azedo de conhaque, Nicolau, com

cheiro de suor não exalado, um gosto e um cheiro que vêm da língua amarela de tanto cigarro, de tanto cigarro e café e cigarro, um gosto e um cheiro que vêm das duas bocas, das duas línguas, e você come esse gosto, você engole esse gosto, você está apenas preparando... Aí, a gente sente a cara arder, você sente que a outra barba está arranhando na sua, você sente um cabelo na sua boca, e a sua cara começa a arder, e o gosto e o cheiro continuam na sua boca... e você come e veste e se diverte e vive e morre desse gosto e desse cheiro. Você compra antibióticos com esse gosto e esse cheiro...

NICOLAU – (Surpreso) Antibióticos?

71

ARTHUR – A Sagrada Liturgia é maravilhosamente, é inesgotavelmente sábia, mas a Sagrada Natureza que você violenta, não sei por que razão... Eu não sei por que razão... Não contribui. De jeito nenhum. Nem um pouquinho, Nicolau. Ela também te violenta, ela te devora e te humilha com suas minúsculas vidas aparentemente apagadas, aparentemente inexistentes... Mas que estão vivas. Elas estão vivas e atentas. Elas esperam apenas um momento e aí elas avançam! Esse aí por exemplo tem gonorréia crônica, deve ser crônica, Nicolau, mas por que tem que ser justamente aí? Por que tem de ser justamente aí?

NICOLAU – Crônica, como? Não tem cura?

ARTHUR – E então você continua comendo o mesmo gosto, comendo o mesmo cheiro, mas você adapta o ritual!

NICOLAU – Adapta? Nesse caso, é você que...? (Arthur ri) Por que você está rindo?

ARTHUR – Eu estou rindo da sua falta de imaginação. Você já sentiu que você tem um órgão na boca... Um órgão que você usa o dia inteiro, você quase não dá nada por ele, mas de repente esse órgão fica vivo, fica tão vivo que você se surpreende...?

72

NICOLAU – A língua?

ARTHUR – A língua.

NICOLAU – Que nojo, ah que nojo!

ARTHUR – Você ficou com nojo?

NICOLAU – Você me dá nojo! Você, o mundo em que você vive! Ah, como tudo isso é nojento, doentio, pobre e sufocante! Podre e sufocante!

ARTHUR – Você queria saber. Foi você quem pediu pra ouvir. Todos querem ouvir. Querem saber os pormenores, *só pra conhecer*, depois

se absolvem. Ah, seria muito bom se essa merda não absolvesse ninguém, seria muito bom se essa merda não absolvesse!

NICOLAU – Não fala mais nada, pelo amor de Deus, não fala mais nada, pelo amor de Deus. (Pausa) E você compara essa coisa mórbida à Santa Missa?

ARTHUR – Você está sufocado com a sua inocência. Você não vê. Você não vê nada, você é cego. Você está doente de você mesmo.

NICOLAU – Como? Você me deixou sozinho com ele... Eu sei que você quis me... Perverter. É isso, você quis me envolver em tudo isso. Você pensa que está me envolvendo!

73

ARTHUR – A tua inocência me faz mal. É a tua inocência que me faz mal. Essa tua pureza me faz mal, e faz mal a você e faz mal a mim. Eu quero te ver purificado dela.

NICOLAU – A minha inocência? O que que tem a minha inocência e a minha pureza?

ARTHUR – Você não respira o mundo. Você é um esquema que fala. O teu corpo está dormindo... Você não tem corpo nem sangue.

NICOLAU – Eu respiro no mundo, eu sei que eu respiro no mundo. Não, não é você quem vai me varrer de tudo esta noite, não é você... Existe qualquer coisa em mim que é mais forte... Quando eu estou sozinho de noite, andando na rua, e depois que eu vi tudo, eu sinto que existe em mim qualquer coisa que é mais forte... Então eu não tenho medo... Mas eu estou sufocado aqui. Eu de repente fiquei sufocado aqui! Eu, eu ainda não aprendi a ter o meu corpo, acho que é isso... Eu ainda tenho medo de possuir o meu corpo, acho que é isso... Eu ainda tenho medo dele, eu quis viver como se eu existisse e ele não, não sei por que me dirigi contra o meu corpo... Mas agora eu estou entendendo isso... Eu sei que existe alguma coisa rompendo dentro de mim... (Pausa) Por que você fez isso, Arthur?

ARTHUR – Eu não fiz nada.

NICOLAU – Você me deixou sozinho com o Ivo.

ARTHUR – Eu não te deixei sozinho.

NICOLAU – Você organizou tudo, eu sei que você organizou tudo.

ARTHUR – Mas que frescura! Você não responde por você?

NICOLAU – Você me deixou sozinho com ele, você quis me perverter. Você me feriu, você me feriu muito. (Pausa) Você me feriu, sim... Você quis me fazer mal... Gratuitamente. Você quis me fazer mal, eu não sei por quê. (Pausa) Eu não estou te entendendo, Arthur, eu não consigo te entender... Nós fomos sempre dois estranhos. Eu lembro que todo domingo de tarde nós conversávamos... Quando você ainda não tinha recebido a batina e eu já tinha, e eu ficava impaciente pra acabar o recreio pra gente não ter que ficar conversando mais. Nós conversávamos, só nós dois. E eu ouvia você falar e eu também falava, mas eu não te ouvia. Não sei, acho que você me ouvia, sim... E depois que você recebeu a batina e nós ficamos juntos, então não conversávamos nunca mais. Você me dava as cartas que recebia, e eu te dava as minhas e te arrumava livros, e você também me arrumava... Nós fomos sempre dois estranhos, é isso. Eu estou me sentindo mal aqui, acho que... Agora... Eu devia ir embora. (Pega sua pasta com os livros e apaga o cigarro no cinzeiro)

75

ARTHUR – Você vai embora?

NICOLAU – Acho que é melhor.

ARTHUR – Já é mais de meia-noite, Nicolau, não tem condução agora.

NICOLAU – Não é tão tarde assim, eu tomo um táxi. É melhor eu ir embora.

ARTHUR – Você veio pra ficar.

NICOLAU – Mas agora eu vou embora.

ARTHUR – Nicolau, espera. Eu quero te mostrar uma relíquia que eu tenho...

NICOLAU – Que relíquia?

ARTHUR – Espere um pouco aqui na poltrona. Senta aí na poltrona. Lembra do nosso tempo na Filosofia?

Segundo Ato

CENA 1

Coro gregoriano, Arthur sai por um instante e volta vestido de batina.

ARTHUR – Você lembra? Antes da batina nós viajávamos de segunda, depois da batina, de primeira. Eu sentia um certo orgulho disso. Nós íamos de primeira... Uma vez você resolveu ir de segunda. De batina e de segunda, no meio daquela gente pobre, mal vestida e que fedia. Você tinha a vocação da pobreza, você gostava de viver no meio do povo, da gente pobre.

77

NICOLAU – Não, eu só... Eu pensava que não era justo a gente pobre viver separado dos outros...

ARTHUR – É, você era justo. Você era justo, sim.

NICOLAU – Não, eu não era. Eu não trabalhava, eu só estudava, com bolsa...

ARTHUR – Você era justo, sim. Você conversava com a gente pobre, e nas férias só vivia no meio deles, e ia à Igreja todo dia... E você dava aulas pras pessoas sem estudo... Você era santo, Nicolau. Todo mundo se entusiasmava mais com você.

NICOLAU – Não, Arthur, não é verdade.

ARTHUR – É verdade... A mamãe sempre achou que você era santo... Ela, os padres... As mulheres da paróquia, os colegas... Todo mundo tinha orgulho de você. Você era santo e pobre. Você era procurado pra resolver problemas dos outros e eu não. Eu não era. Ninguém tinha orgulho de mim.

NICOLAU – Eu só levava mais a sério a vocação, é isso.

78 ARTHUR – Eu acho que entrei pro seminário por sua causa.

NICOLAU – Por causa de mim?

ARTHUR – Vou te contar uma coisa: eu tinha inveja de você porque você era santo...

NICOLAU – Não, isso não é verdade, não pode ser...!

ARTHUR – Eu tinha inveja, sim. Você era chamado sempre pra ajudar nas cerimônias, no seminário e na catedral, e ajudava na Semana Santa, nas ordenações dos padres, nas procissões... Eu, não! Você era sempre chamado e eu não.

NICOLAU – Eu era mais velho, é por isso. É porque eu era mais velho.

ARTHUR – Não, tinha outros da minha idade e até mais novos que eram escolhidos também. Você era sempre escolhido, eu nunca. A mamãe não tinha orgulho de mim. Quando eu recebi a batina, ela não foi lá no seminário assistir. Quando você recebeu, eu lembro que ela foi. Ela pegava o dinheiro dos doces e dava pra você viajar de primeira e pra mim não.

NICOLAU – Mas você sempre viajou de primeira depois da batina.

ARTHUR – Mas não era ela quem dava o dinheiro. Não era, não. Era a minha ex-professora de grupo, ela era muito religiosa e sempre me deu dinheiro pra viajar de primeira, depois da batina.

NICOLAU – Você cantava no coro! Por isso que você não ajudava nas cerimônias, e por isso que você nunca era escalado. Você cantava no coro.

ARTHUR – Mas eu não tinha voz, eu não tinha voz nenhuma. Eu cantava porque tinha medo... Eu tinha medo de não ser escalado. Se eu não fosse escalado, eu ia ter que ficar no meio dos outros que também não tinham voz e não eram escalados.

NICOLAU – Você tinha voz, sim. Uma vez você fez um solo...

ARTHUR – Eu fiz um solo?

NICOLAU – Na morte do bispo, o regente do coro falou comigo do solo que ia dar pra você... E ele disse que você tinha uma voz que podia ser aproveitada.

ARTHUR – Na morte do bispo...?!

NICOLAU – Na morte do bispo! Na catedral, lembra? (Canta) *Requiem aeternam, dona eis, Domine, et lux perpetua, luceat eis...* E você cantou direitinho.

80

ARTHUR – Não, não cantei, não! Os meus colegas do coro, todos riram. O organista riu, o regente riu e o oficiante também riu. Eu não tinha nenhum talento. Eu nunca tive nenhum talento.

NICOLAU – Você tinha talento, sim. Você era da Academia e escrevia poesias, poemas.

ARTHUR – Mas eu não era escalado para as cerimônias religiosas. E ninguém me procurava para resolver problemas. A mamãe não pagava minha passagem de primeira. Você, uma vez, na Semana Santa, segurou a capa e o arminho do bispo, na

entrada da catedral! O bispo e você entrando na frente em procissão à entrada da catedral.

NICOLAU – Você ficava um padre quando punha a batina!

ARTHUR – (Olhando-se de batina) Não... Eu não ficava bem... Eu tinha vergonha da batina... Os outros cuidavam da batina como quem cuida de uma roupa de gala. Eu não. Você cuidava da batina porque você era sempre escalado para as cerimônias! Eu não cuidava da minha. Andava sem faixa e sem colarinho. Eu não tinha entusiasmo com a batina. O reitor me chamava à atenção, porque eu andava assim, sem faixa e sem colarinho. Eu não era escalado para as cerimônias religiosas! (Pausa)

81

NICOLAU – Você foi sim! Uma vez você foi! Uma vez, eu me lembro... Na paraliturgia sobre a missa! Na paraliturgia!

ARTHUR – Na paraliturgia?

NICOLAU – Na representação litúrgica da missa organizada pelo seminário. Você foi. Você fazia uma coisa, eu não sei bem... Eu não me lembro... Eu te vi, eu sei que eu te vi! (Pausa)

ARTHUR – Eu levava o pão ázimo na bandeja de madeira!

NICOLAU – Isso! Você levava o pão ázimo! Você entrava junto com a procissão pela nave da capela iluminada... Você levava o pão ázimo ao lado de outro que levava o vinho... E tinha os outros que levavam as velas, o turíbulo, e você levava o pão. É isso. Você levava o pão! (Pausa) Você lembra agora? Você levava o pão do ofertório! (Pausa)

ARTHUR – Foi nesse dia... Foi justamente nesse dia... Eu levava o pão do ofertório... Eu estava com uma alva de linho e um cíngulo...

82

NICOLAU – Isso! Você estava com uma alva de linho e cíngulo!

ARTHUR – Foi nesse dia... Eu tinha engraxado os sapatos, tomado banho e cortado o cabelo! Eu estava limpo! E todos estavam limpos! Era noite, foi nesse dia... Eu entrava com o pão... A capela estava limpa e iluminada... Os vitrais estavam coloridos e os bancos estavam brilhando com as luzes fosforescentes da capela. O coro cantava e todos estavam de batina e de pé!

NICOLAU – Eu lembro. Eu estava no altar para receber o pão e o vinho.

ARTHUR – Você estava no altar. Você representava o oficiante. Você estava um pouco distraído, agora me lembro. Foi nesse dia... Eu estava limpo e todos estavam limpos.

NICOLAU – Você foi escalado esse dia. Foi uma noite bonita, Arthur.

ARTHUR – Não, não foi uma noite bonita! Foi nesse dia, você lembra? Não, você não lembra. Nesse dia de tarde, o Antônio, você lembra daquele Antônio?

NICOLAU – Antônio?!

ARTHUR – O Antônio, um que veio da roça, falava tudo errado, ele não tinha nem o primário direito.

83

NICOLAU – Ele saiu.

ARTHUR – Não, ele não saiu. Ele foi expulso do seminário. Era santinho, veio da roça, dizia que a família não era religiosa, tinha uns dentes amarelos... Era piedoso. O Antônio, ele tinha ganhado o enxoval inteirinho, ele ganhava muitos presentes das mulheres religiosas, das freiras, das mães dos seminaristas ricos.

NICOLAU – Ele foi expulso nesse dia? Ele foi expulso, estou me lembrando agora. Por que o Antônio foi expulso?

ARTHUR – Nesse dia pegaram ele, de tarde, no dormitório, com outro garoto!

NICOLAU – Eu lembro, eu sei. Eu tinha esquecido que foi nesse dia.

ARTHUR – E eu ia entrando com o pão... Eu estava dentro da alva de linho, de cingulo, o coro cantava e você estava no altar. Eu sinto ainda esse cheiro de incenso queimando. Lá fora, as luzes estavam apagadas, só lá no fundo, no dormitório, eu via pelos vitrais coloridos uma luzinha que estava acesa. E estava tudo em silêncio lá fora, mas havia pelos corredores um ruído de batina que ia e voltava e alguns ruídos de vozes, indo e vindo do dormitório! Quando a paraliturgia acabou e voltamos para o dormitório, tinha duas camas vazias, sem lençóis, sem fronha, sem coberta. Só os colchões nus e os travesseiros.

84

NICOLAU – Ele era doente, Arthur.

ARTHUR – Vi o Antônio um dia, aqui em São Paulo, na porta de um bar. Ele estava magro e mal vestido e os dentes mais amarelos ainda. Ele me viu e não quis me cumprimentar.

NICOLAU – É... Ele... Foi uma injustiça! Foi uma injustiça, sim!

ARTHUR – Ah! Eu não quero lembrar essas coisas, esse cheiro de incenso queimando!

NICOLAU – Arthur, eu sei, foi um ato desumano. Ele não foi compreendido.

ARTHUR – Não foi compreendido? Foi mais que compreendido!

NICOLAU – Não, ele era um ser humano... Ele é um ser humano... E... o essencial é a pessoa, o ser humano, acho que só agora eu estou entendendo. Isso é que é o essencial! Ele sempre ria para todo mundo, ele ajudava todo mundo, às vezes ele tinha um brilho tão puro nos olhos... O essencial é a pessoa. Não deviam ter feito aquilo!

85

ARTHUR – Ele era um canalha... Tapeava todo mundo... Sabia representar uma santidade que ele não tinha... Pra ganhar roupas, Nicolau! Pra ganhar sapatos e roupas e dinheiro! E você quer saber de uma coisa? A ressurreição que a Igreja prega é a ressurreição do homem honesto, do homem que é capaz de ter filho, e não a ressurreição de um filho da puta!

NICOLAU – Não, você leva tudo a extremos, a ressurreição é para todos, a salvação existe pra todos! É só acreditar! Eu acredito no Cristo, e sei que posso comunicar o Cristo vivo aos outros e ao mundo...

ARTHUR – Não, você aprendeu a acreditar Nele, assim como eu, assim como o Antônio, assim como todos que eram pobres! Porque o Cristo representava estudo, comida, roupa e honestidade. Ele significava isso e nós aprendemos a acreditar Nele por causa disso! E nós éramos pagos! Nós éramos pagos pra ser santos! Pagos pra ficar lá e sermos santos, de qualquer jeito!

NICOLAU – Você sabe que não é só isso. Você sabe como eu...! Os erros que tinha lá... Estava cheio de erros, mas não são os erros que são mais importantes. Eu via os erros, eu vejo os erros, mas eu acredito! Não é na Igreja que eu acredito, é no Cristo!

86

ARTHUR – Mas o Cristo está morto! O Cristo estava morto lá!

NICOLAU – Não, o Cristo não está morto! O Cristo não morre!

ARTHUR – O Cristo morreu sufocado com a Igreja! A Igreja matou o Cristo! Você não quer ver... Eu também não queria ver... Não queria ficar sozinho... Eu também não queria ver.. Não é a Igreja que me interessa... Eu sempre tive um pouco de pena da Igreja, do esforço da Igreja... Eu tinha um pouco de desprezo pela Igreja...

NICOLAU – Mas eu não estou falando de Igreja oficial! Você não compreende que eu estou falando da Igreja viva?

ARTHUR – Mas a Igreja que existe é a Igreja oficial, e o Cristo que existe é o Cristo oficial!

NICOLAU – Não, existem santos na Igreja. Existem santos escondidos, apagados, que fazem um apostolado humano, vivendo do Cristo!

ARTHUR – Eu não acredito nesses santos sem esperma! O Cristo morreu porque ele não tinha nem sangue nem osso nem pele nem carne nem nada!

87

NICOLAU – (Pausa) Eu não sou santo, Arthur, eu não sou... Eu nem sei se posso dizer que sou um cristão. Talvez você seja muito mais que eu... Eu não sou... Me falta ser um marcado, um escolhido... Talvez você seja um escolhido, eu não sei... Eu penso que talvez, pra mim, o que eu devo fazer é casar, ter filhos... Não, o Cristo não está morto.

ARTHUR – Pra mim, o Cristo estava morto quando eu me senti na rua... Eu me lembro... Era bem de madrugada, era como quando a gente ia tomar o trem pra ir pras férias... Eu tinha juntado tudo o que era meu, meus livros, minhas roupas,

minhas coisas, os santinhos com dedicatória, tudo... E eu estava sozinho com as duas malas lá fora, sozinho, sem ter despedido de ninguém... As malas eram muito velhas, eu lembro que elas ficavam abrindo toda hora... E eu tinha de fechar. De repente, eu olhei para o prédio do seminário e não tinha nenhuma luz acesa ainda... Aí eu fiquei olhando... Olhando... Muito tempo. Tinha acabado tudo. Tinham acabado as férias, o medo dos padres, a campanha da manhã... As filas, a piscina, as cartas de casa, os colegas, os conselhos... Tinha acabado tudo, Nicolau! Tinha acabado a batina, aquele prédio escuro, os ofícios religiosos, tinha acabado tudo, tudo! Não, eu não quero mais lembrar essas coisas, esse cheiro de incenso queimando... Eu não quero mais sentir esse cheiro de incenso queimando! (Arthur arranca a batina e vai para a sala)

NICOLAU – Onde é que você vai?

ARTHUR – Encher a cara de vinho.

NICOLAU – Você vai sair?

ARTHUR – Vou, vou pra galeria, sei lá pra onde. Vou encontrar o Ivo.

NICOLAU – E eu vou ficar sozinho aqui?

ARTHUR – Você fica dormindo aqui no sofá.

NICOLAU – Não, eu não estou com sono. Eu não vou ficar aqui sozinho.

ARTHUR – Então você vai comigo.

NICOLAU – São quantas horas?

ARTHUR – Uma e meia. Você vai comigo. Uma e meia da manhã de domingo... Você ainda pode conhecer a fina-flor do submundo.

NICOLAU – Não, eu não quero ir.

ARTHUR – Tá com medo?

NICOLAU – Nós podemos beber aqui, eu não quero ir, Arthur.

CENA 2

(Arthur ainda está de batina, mas desabotoada)

ARTHUR – (decide) Onde eu pus a garrafa de vinho importado?

NICOLAU – Em cima da mesinha, ali, junto com as rosas.

ARTHUR – Ele tem mania de vinho importado de Marseille. Vinho importado e rosas. (Arthur serve nos mesmos cálices de conhaque)

NICOLAU – Não é muito caro?

ARTHUR – Ele diz que é. Ele sempre faz questão de dizer que as coisas são caras. Os sapatos, as camisas, as roupas de um modo geral. Tudo é caríssimo. (Levanta o cálice) À sua perdição, Nicolau!

NICOLAU – Sobe esse vinho?

ARTHUR – Um pouquinho, mas não deixa bêbado.

90 NICOLAU – E à sua salvação! (Os dois riem e bebem)

ARTHUR – Pra ele, tudo é caríssimo, tudo. Eu não consigo entender... Às vezes ele chega de tarde, triste, eu estou sentado em uma dessas poltronas, quando estou em casa, e ele não me cumprimenta nem fala comigo... É como se eu não existisse aqui dentro... Então ele tira a roupa e fica só de sunga... Aí ele senta na cama assim e fica chorando, sem fazer o menor ruído... À noite, ele reza antes de deitar. Ele reza... Eu disse uma vez pra ele que rezar é um vício, mas ele não respondeu nada... Me acariciou a cabeça até dormir como se eu fosse um filho dele... (Pausa)

É ele quem paga tudo, e diz que me dá dinheiro, mas ele me deixa sem, porque assim eu não fico livre... Ele tem horror de ser mesquinho, mas eu demonstro pra ele que ele é. Nós aprendemos a viver juntos, um agredindo o outro. Eu o magoo até onde não é mais possível e ele também. Às vezes, ele sai pra caçar e me leva junto... Então ele caça e eu fico esperando em um bar... Aí ele volta e me pergunta por que eu não caçei. Então senta junto comigo e me conta tudo direitinho, como foi com o outro, com os mínimos detalhes, e nós ficamos rindo e bebendo de madrugada. E quando a gente volta, Nicolau, é como se a gente fosse dois irmãos... No elevador, a gente se abraça e ele bota a cabeça no meu ombro... Quando a gente não tem nada que fazer, ele fica imitando como as bichas caçam e como os *entendidos* caçam. Ele faz travesti e me caça aqui dentro, imitando. Vivemos o Mal! (Pausa) Mas às vezes eu tenho medo que ele me mate.

91

NICOLAU – (Assustado) Matar, como? Ele seria capaz disso?

ARTHUR – Ele acredita que sou uma pessoa completamente perdida e então ele me ama... Não é estranho? Eu tenho a impressão que se algum dia eu resolvesse trabalhar e me realizasse, ele me mataria. (Pausa) Mas eu tenho medo que um dia eu... Eu mesmo acabe... Matando ele. (Barulho)

de porta de elevador, fora). É ele! Você ouviu a porta do elevador? É ele que está... (Os dois esperam um pouco) Não, é o vizinho. Ele é especialista em macumba. Vive defumando a casa.

NICOLAU – O Ivo?

ARTHUR – (Ri) Não, o vizinho. Nicolau, eu te achei bonito quando você chegou... Você chegou suado, cansado, meio sujo, o seu pé cheirava um pouco mal quando você tirou os sapatos...

NICOLAU – (Ri) Que coisa esquisita, Arthur! Às vezes eu penso que você é um pouco doente...

92

ARTHUR – Você acha que sou doente?

NICOLAU – Eu acho que você deveria procurar um psicanalista. Ia ser muito bom pra você. Eu podia te arrumar isso.

ARTHUR – Então você acha que eu sou... doente?

NICOLAU – Você é. Você é, sim! Você tem alguma coisa contra psicanálise?

ARTHUR – A bicha aí não tem. Eu escuto esse papo o dia inteiro. *Você precisa de uma análise, Arthur!, Você é traumatizado!, Porra! São Paulo inteiro é analisado! O Ocidente inteiro é!*

NICOLAU – Mas você tem problemas seriíssimos!
O seminário te fez mal!

ARTHUR – O seminário me fez mal?

NICOLAU – Fez, e você ainda não sabe disso.

ARTHUR – Mas você é igualzinho a ele! Você é o Ivo sem plumas!

NICOLAU – Você precisa se curar disso.

ARTHUR – Eu não quero ser curado de nada! O seminário não me fez mal, não... Eu tenho até um pouco de saudade ainda. Eu tenho saudade, sim. Eu fico lembrando daquelas filas no pátio, aquela gente rezando terço ali pelas seis... Era tudo marcado, ninguém sabia o que estava fazendo ainda! Eu tenho saudade até do filho-da-putismo que eu vi lá! Foi lá no seminário que eu abri os olhos e vi tudo! Eu enxerguei tudo lá! Eu saí de lá sabendo tudo, aprendi tudo lá! Estava tudo lá pra quem quisesse ver e eu ainda não tinha medo de ver!

NICOLAU – Você nunca mais foi à Igreja.

ARTHUR – Não, eu não gosto de ir à Igreja. Eu nunca me senti bem na Igreja. Nem no seminário eu gostava de ir. Sabe do que eu mais gostava?

Lembra daqueles quartos divididos com duratex, aqueles quartos todos vazios?

NICOLAU – Que quartos? A ala abandonada do prédio velho?

ARTHUR – Isso. A ala abandonada.

NICOLAU – Ninguém mais ia lá...

ARTHUR – Eu ia, de tarde. Depois das cinco, depois do banho, quando estava todo mundo estudando, eu ia pra lá... Tudo cheio de pó... Restos de cama, cobertores e colchões... Tudo desabitado, tinha um cheiro de mofo!

94

NICOLAU – Sozinho?

ARTHUR – Sozinho e sem batina. Eu andava por aqueles corredores e quartos vazios... Era ao lado da rua, mas não tinha ninguém porque fazia muito calor. Acho que não tinha ninguém na rua porque de tarde fazia muito calor. Ficava tudo em silêncio e o dia ia acabando...

NICOLAU – O que é que você fazia? Ficava na janela, observando a rua?

ARTHUR – Não, eu ficava andando, andando pelos corredores, pelos quartos, sozinho... Lá eu

não sentia calor, fazia frio até... E estava tudo, tudo em silêncio. Tudo em silêncio. E aí, eu... Eu...

NICOLAU – Você...?

ARTHUR – (Cochichando quase) Eu... conversava com Deus.

NICOLAU – (Assustado) Você... conversava com... Deus?

ARTHUR – Não, eu estava sufocado de tristeza, é isso... Eu não conversava com Deus. Eu estava sufocado de tristeza... Eu recordava a vida que eu tinha vivido no mundo...

95

NICOLAU – Como?! Você nunca tinha vivido no mundo!

ARTHUR – Eu recordava a vida que eu tinha vivido no mundo... Eu recordava o calor de gente – o calor de gente que eu ainda não tinha vivido... Eu recordava... Eu recordava, Nicolau, e eu sentia... saudade. Eu estava sufocado de tristeza e de saudade. Eu chorava sozinho naqueles... corredores vazios, no meio daquelas coisas abandonadas... Depois eu corria pra sacada e olhava muito tempo os campos lá longe... Minas! Minas por todos os lados... Em agosto estava tudo... asfixiado! De fumaça! Os campos estavam todos

queimados e havia tanta fumaça! Fazia muito calor, o calor de agosto, e o calor que vinha dos campos queimando! Estava tudo silencioso, seco e... sufocante! E eu estava sufocado de tristeza! O sol era enorme e vermelho em cima dos campos queimando... E esse calor que sufoca, esse calor que sufoca, esse calor que sufoca! Não tinha chuva nem ar! Nem chuva nem ar! Mas como era bonito assim mesmo! Horrível assim como era bonito! Eu não conversava com Deus, eu estava sufocado sozinho, eu estava sendo asfixiado sozinho! Eu via da sacada os outros seminaristas andando lá fora... No jardinzinho tinha uns que ficavam andando na grama seca... E eu via aqueles seres... Dispersos! Como figuras sem corpo, eram como figuras sem corpo, em silêncio, se locomovendo... Eu não falava com Deus. Eu já tinha possuído Deus. Eu tinha possuído Deus, pra sempre, eu não podia mais tirar Deus de mim, nunca mais! Eu nunca mais podia tirar Deus de mim, apagar Deus de mim! (Pausa)

NICOLAU – Continua.

ARTHUR – Toma mais um pouco de vinho.

NICOLAU – Não, não põe mais. Continua.

ARTHUR – Toma mais um pouquinho. Eu tomo mais um pouquinho e você toma mais um

pouquinho. Esse vinho não faz mal. Sobe mas acaba logo.

NICOLAU – Eu quero continuar ouvindo você contar.

ARTHUR – Contar o quê?

NICOLAU – Sobre a ala abandonada do prédio velho...

ARTHUR – Eu inventei essa história. Eu fui lá uma ou duas vezes pra preparar pontos pros exames. (Pausa) Eu acho até que eu inventei essa ala. Acho que essa ala nunca existiu.

97

NICOLAU – É claro que existiu! Foi demolida o ano passado, eu estava lá.

ARTHUR – Demoliram a ala?!

NICOLAU – Vão construir um prédio novo pra escola. Vão fazer lá uma escola de Filosofia.

ARTHUR – Demoliram a ala.

NICOLAU – O que é que você tem?

ARTHUR – Nada, não tem importância, acho que o vinho me fez mal...

NICOLAU – (Tenta segurar o outro) Você está se sentindo mal?

ARTHUR – Não, eu estou bem. Me deixa, eu vou tomar um pouco de água lá dentro. (Sai)

CENA 3

NICOLAU – (Enquanto o outro ainda está fora) Você não quer dormir?

ARTHUR – Não podemos dormir ainda. (Volta) A Ivone ainda tem que chegar. Enquanto ela não chegar não podemos dormir, você não sabia?

98

NICOLAU – Mas por quê?

ARTHUR – Ah... Ela pode chegar... acompanhada.

NICOLAU – Mas sempre que ele sai... ele... volta acompanhado?

ARTHUR – Ela não sai faz tempo. Saiu hoje porque você deu de aparecer e não quis ir pra cama com ela. Mas não precisa ficar com complexo de culpa, porque isso é assim mesmo! Eu também já deixei de ir pra cama com muita gente e muita gente deixou de ir pra cama comigo. E depois... Ela não vai caçar hoje... É lógico que não vai ca-

çar. Ou vai! Talvez ela volte com um... soldado da Força Pública!

NICOLAU – Um soldado?

ARTHUR – Ou um ladrão... Um michê... Um garotinho... E até um... assassino! Você tem medo de conhecer um assassino? É lógico, aqui dentro eles quase sempre ficam bonzinhos... Pelo menos antes... Depois é que recuperam o machismo e aí ficam exigentes, querem dar porrada... Mas com nós dois aqui vão ficar comportados!

NICOLAU – Mas quando eles vêm... Eles costumam dormir aqui?

99

ARTHUR – Às vezes não. Mas se vierem hoje... Às vezes vêm até mais de um... Fazem fila... Se vierem hoje é claro que vão dormir.

NICOLAU – Não seria melhor eu ir embora?

ARTHUR – Agora?! Você ficou até agora, fique até a apoteose!... Depois você dorme comigo no sofá. Eu fecho a porta ali da sala e nós dormimos nós dois juntos... Desde criança que nós não dormimos nós dois juntos... Eu tapo bem os teus ouvidos... Bebe mais um pouco de vinho, bebe.

NICOLAU – Não, eu não quero mais.

ARTHUR – Você tá meio nervoso, bebe mais um pouquinho... (Arthur serve Nicolau, olha as horas) Deixa ver quantas horas. Ainda não são três. Podemos ficar sossegados. Antes das quatro ela não chega. (Pausa)

NICOLAU – Arthur... Eu estive pensando... Eu acho que posso te ajudar.

ARTHUR – Pode, é?

NICOLAU – Você é estudado não pode ficar assim...

100 ARTHUR – Assim como?

NICOLAU – Eu te levo comigo, você vem comigo.

ARTHUR – E me deixa aonde? Num asilo, na Associação Cristã de Moços, ou na polícia?

NICOLAU – Você fica na casa desse padre meu amigo, eu tenho certeza que ele te recebe. Você fica lá e nós arrumamos um emprego pra você...

ARTHUR – Ah, vocês arrumam um emprego pra mim, é? Que tipo de emprego?

NICOLAU – Qualquer coisa que você goste de fazer. Banco, escritório, qualquer coisa...

ARTHUR – Eu não sei trabalhar, Nicolau. Eu sou incompetente pra trabalho.

NICOLAU – Alguma coisa você sabe fazer.

ARTHUR – O quê? Eu sei fumar maconha, tomar picada, roubar... O que você acha mais indicado?

NICOLAU – Você não trabalhou muito tempo naquele laboratório? E se saiu bem?

ARTHUR – Saí, sim. No começo qualquer um sai bem.

NICOLAU – Então? Você foi bom vendedor, não foi?

101

ARTHUR – Não, eu fui péssimo.

NICOLAU – Péssimo? Mas... O que é que você fazia lá?

ARTHUR – Eu? Tudo. Propaganda, venda e cobrança. Fazia a propaganda dos produtos com os médicos, depois ia nas farmácias e vendia pros farmacêuticos... Depois eu recebia. Parece fácil, não é? A vida pra mim estava resumida assim: vender pra sobreviver. Eu estava mês por mês marcado por isso: eu tinha que vender. Eu tinha que vender. Era a firma que marcava o

tanto que eu tinha que vender. Eu tinha que vender mais porque assim eu ganhava mais. Eu tinha que obrigar o médico a receitar o produto porque senão eu não vendia. Eu só faltei dar o meu rabo pros médicos pra eles receitarem os remédios da minha firma. E isso todo mês... Isso de segunda a sábado... O negócio ficava repetindo de mês em mês, eu até perdia a noção do tempo... E ele ia passando assim e eu estava lá – secando, produzindo, secando, produzindo, secando e produzindo. O papai estava doente, a Soninha tinha que estudar, e nós tínhamos que comer e vestir e morar e ter uma televisão e uma geladeira... Todos tinham que comer e vestir e tomar remédios e ver programas de televisão. Você tinha que receber dinheiro no fim do mês pros teus livros de Teologia, pras tuas camisas, pras tuas cuecas, pros teus lenços, pros teus congressos, pras tuas passagens de primeira no trem.

NICOLAU – Eu sabia da situação lá em casa, Arthur... Eu quase saí do seminário pra ajudar, mas a mamãe me escreveu que estava tudo ótimo.

ARTHUR – É claro que estava tudo ótimo, meu bem. A maquininha aqui produzia direitinho! A maquininha sempre funcionou direitinho!

NICOLAU – Eu não viajava de primeira no trem! Eu nem comprava livros! Eu ganhava os livros.

ARTHUR – Você já trabalhou alguma vez, Nicolau?

NICOLAU – Eu dou aulas. E já estive numa fábrica uma vez, quatro meses.

ARTHUR – Mas você tinha que viver do que ganhava lá?

NICOLAU – Eu não sobrevivi do meu trabalho como você, mas eu conheço... Eu conheço bem a situação do trabalhador.

ARTHUR – Não, você pensa que conhece. Você visitou fábricas, favelas ou sei lá que merda, você conheceu uns tantos milhões de sub-homens e pensa que ama eles, e pensa que vai fazer alguma coisa por eles.

103

NICOLAU – Eu amo eles, sim! E você, não ama?

ARTHUR – Eu sei que você ama. Você não sobreviveu com eles e por isso é fácil amar e lutar pelos trabalhadores! Que beleza, Nicolau, você vai ser um padre engajado! Agora, eu... Eu sobrevivi com eles... E eu conheço eles. E eu não estava preparado, Nicolau... Eu era como você no começo... Eu não sabia que era assim. Eu conheci essa raça que compra televisão a prestações mensais, que vai à escola de noite, compra Volks

em consórcio, vai pra Santos no fim de semana com a família... Eu conheço essa raça que assina ponto na hora certa e sai do serviço na hora certa... Eu fui despejado aí, como fui despejado no seminário... Eu fui sempre despejado... Eu nunca escolhi nada.

Eu era honesto e dedicado... E trabalhava nas horas certas, mesmo quando eu não era fiscalizado. Eu tinha medo! Eu levantava com medo, eu tomava banho com medo, eu dormia com medo, eu ia ao cinema com medo e bebia com medo! Eu estava possuído de um medo que eu não sabia explicar. De repente eu comecei a ter medo, Nicolau! As pessoas começaram a me dar medo! Os meus colegas me davam medo, os chefes me davam medo! Os fregueses, os médicos, todos me davam medo! Nas reuniões mensais da firma, eu ficava num canto da sala, escondido no meio dos outros, e eu fumava um cigarro atrás do outro, e mais um atrás do outro. Eu não me mexia porque eu tinha medo. Os chefes ficavam lá na frente e exigiam sempre mais, sempre mais, sempre mais! E todos concordavam, Nicolau! E todos riam e concordavam! E eu ria e concordava! E era assim todo mês... Era assim. Um dia eu entrei, com medo, na sala de um chefe novo, que tinha sido promovido por merecimento. O filho da puta tinha sido promovido por merecimento.

E todos os meus colegas queriam ser promovidos por merecimento. Por merecimento. Às custas de você, Nicolau! Às custas de todos e às custas de produzir e produzir e produzir. O filho da puta não pensava... Ele só produzia e se promovia... Produzia e se promovia... Ele estava fumando cigarros americanos. Eu entrei, com medo. Ele não sabia a cor dos pentelhos dele, mas ele sabia de cor os gráficos de venda. E ele era honesto: os filhos dele estavam estudando, a filha dele era virgem e a mulher ia à igreja nos domingos.

Aí eu cheguei e fiquei de pé, com medo, e falei pra ele que eu estava doente, que eu estava muito nervoso, que estava tossindo, que eu precisava de uma semana pra me tratar... Ele sorriu, mandou eu sentar, falou a respeito das vendas, de propaganda, do progresso da firma e aí ele me disse... que os meus problemas particulares não interessavam à firma. Aí eu descobri que meus problemas particulares não interessam a nenhuma firma. O que é preciso é ser educado... Pontual... Respeitoso... E produzir e produzir e produzir! Tá certo. É assim. É preciso produzir e se promover, e depois vestir um terno e pôr uma gravata e repetir pros outros a mesma coisa: produzir, produzir, produzir. É isso. O que é preciso é produzir e produzir e produzir cada vez mais! (Arthur apanha uma rosa do vaso e enquanto

fala examina a rosa na mão) Então eu percebi que todos estão com as mãos cheias de merda... Todos estão! As piranhas aí estão com as mãos cheias de merda... Esse bando de vira-latas que faz o piquenique nos fins de semana, eles estão com as mãos cheias de merda. Eles guardam a moral dos outros e fincam os pés no que eles chamam de dignidade e moral, produzindo e se promovendo, e ajoelhando e se promovendo... Eu conheço essa raça! Essa raça que não tem esperma pra roubar, nem pra matar, nem pra fazer explodir! Essa raça que assassina todo dia, mas não tem esperma pra roubar nem pra matar! Eu absorvi muito depressa esse inferno! Eu cheirei essa raça na cara!

106

Um dia eu peguei um pacote de amostras de um produto revolucionário, um produto com cinco anos de pesquisas... (Ele gira a rosa na mão e a contempla) Eu examinei bem aquele milagre... Eu contemplei o milagre nas minhas mãos... Eu contemplei o milagre... E aí eu peguei o milagre e esmaguei o milagre com as mãos! (Ele esmaga a rosa) E joguei o milagre no chão e aí eu pisei em cima do milagre! (Ele joga a rosa e a pisa) Eu esmaguei o milagre debaixo dos pés! Eu esmaguei! Eu tinha tomado horror dos milagres! E eu tomei horror de todos os milagres e eu quero ver quem vai me recuperar desse

horror dos milagres! Eu quero ver quem é que vai me curar desse horror de todos os milagres, eu quero ver quem é que vai me curar! (Pausa) Eu estou sozinho, eu sei que estou sozinho... Eu fiquei sozinho depois que eu vendi as amostras que eu tinha juntado e depois que eu roubei o dinheiro das duplicatas da firma que eu recebi da Santa Casa de Misericórdia...

NICOLAU – Você roubou da firma? Arthur! Desse jeito você vai acabar numa prisão...

ARTHUR – Eu fiquei sozinho na praça da biblioteca, sentado num banco... Eu estava livre... Eu tinha voltado à ala abandonada, quando eu vivi Deus na minha carne, quando Deus falou dentro de mim pra sempre... Eu sempre quis ser santo, desde o começo... Quando eu era criança, eu saía na rua e pensava que eu era um santo... Quando eu fui expulso duma venda porque eu roubava dinheiro na gaveta, você lembra, Nicolau? O português dono da venda foi me levar em casa e aí a mãe me bateu na frente dele e ficou sem conversar comigo... E quando eu ia nas construções ou no banheiro ou atrás da igreja com os meninos da rua, eu depois chorava em casa quando eu ia dormir porque eu descobria que eu não era santo. Aí, eu pensei que no seminário eu ia ser santo... Eu pensava que a santidade era

o bem... Mas eu não era capaz de fazer o bem! Eu passei o seminário inteirinho tentando fazer o bem! De noite, alguns demônios ficavam andando na minha cama por dentro do meu pijama azul... Mas eu mandava eles embora! Eu via o armário de doces dos meninos que recebiam doces de casa, eu via os doces, mas eu não roubava! Eu ficava sozinho perto do armário, com vontade de comer doces, mas eu não roubava! Eu tinha medo do mal!

NICOLAU – E depois, a polícia não foi atrás de você?

108 ARTHUR – Não, a polícia nunca veio atrás de mim. Na praça da biblioteca, eu de repente queria que a polícia viesse, mas nunca veio ninguém. Eu fiquei sentado num banco vendo as pessoas passando pra trabalhar, eu fiquei vendo aqueles rapazes e meninas passeando, mas eu já estava tão longe de tudo! Eu tinha aprendido a ver! Eu nunca me senti tão feliz em toda minha vida. Eu tinha aprendido a ver! O chão estava cheio de folhas secas, em cima do cimento e perto do meu pé. Eu fiquei sentado lá a tarde inteirinha... Eu tinha sido vomitado do estômago, eu sentia assim: que eu tinha sido vomitado! Eu não tinha aguentado ficar dentro do estômago e então eu tinha sido vomitado! Foi lá na praça da bi-

bliblioteca, no banco, de tarde, que eu respirei o primeiro ar... Eu tinha saído com o vômito pra respirar Deus, Nicolau, pra respirar Deus. Aí eu vi que Deus é hediondo! O Deus que me perseguia em silêncio, como se eu fosse um filho que não queria nascer... O Deus que eu tinha que comer e viver e respirar no vômito! Deus é hediondo! E eu era hediondo como Deus, sentado lá no banco sozinho...

NICOLAU – (Longa pausa) Arthur, você... Você nunca teve uma mulher, você teve?

ARTHUR – Não, eu nunca tive uma mulher.

109

NICOLAU – Foi por que você não quis ou foi por que você nunca...

ARTHUR – (Barulho de elevador) Ouviu? Agora é ele.

NICOLAU – (Assustado) O Ivo, é ele que está chegando?

ARTHUR – (Esperam um pouco em silêncio e a campainha começa a tocar ininterruptamente) Ele não caçou ninguém. Eu vou abrir. (Arthur vai e Nicolau espera da porta da sala receoso)

CENA 4

IVO – (Entra, meio bêbado e agressivo) Que frio! Que porra de terra que faz frio e chove de madrugada! Ah, eu estou tremendo, me dá o conhaque!

ARTHUR – Não, você está bêbado, você não vai beber conhaque agora.

IVO – Que é isso? De batina? Que brincadeira é essa? Dá o conhaque, eu bebo quanto eu quero!

ARTHUR – (Para Nicolau) Garçom, um conhaque!

110 IVO – (Enquanto Nicolau serve) Por que que você não foi me encontrar? Fiquei sozinho a noite inteira... No meio daquela gente...

ARTHUR – Fiquei com meu irmão.

IVO – Vocês dois aqui brincando de padre e eu me fodendo aí na rua sozinho!

ARTHUR – Quem mandou você sair?

IVO – Eu te pago pra ficar junto comigo! Eu te pago é pra isso!

ARTHUR – Você pensa que me manda?

IVO – Eu mando sim! Eu te pago! O apartamento é meu e você não tem o direito de...

ARTHUR – O apartamento é teu, tudo aqui é teu, mas eu não sou teu, tá bom assim? Eu fico com quem eu quero e faço o que eu quiser.

IVO – Ah, Arthur, eu estou cansado, cansado disso tudo... Eu tenho quase quarenta anos e tenho que ficar ouvindo os outros me chamarem de bicha, de boneca... Aquela mesma gente encostada nos bares, aquela gente que não serve pra nada! Pra nada! Eles pensam que ter um pau basta! Eles pensam que podem desprezar a gente porque têm um pau! As mesmas caras toda noite! Maldita ninfomania! Por que eu não acabei com essa maldita ninfomania? Isso já é uma doença! Eu não posso ver um homem... Por que que eu não posso ver um homem? Por que eu não consigo acabar com isso na minha carne? Eu estou cansado de arrancar esse pelinhos do peito... Não, não é uma pessoa que estou procurando... Não é uma pessoa não... Eu já pude ter uma pessoa, mas eu não quis... E por que eu não quis? Eu não sou como todo mundo...? Eu tenho nojo do sexo! Eu tenho nojo do sexo quando eu termino! Eu tenho nojo quando é só sexo! E eles também têm nojo de mim quando é só sexo... Eles têm vontade de me matar depois,

e querem bater e roubar... Será que eles não têm nojo? Não, eles não têm... Eu já trepei com eles todos e eles vêm conversar comigo do mesmo jeito... Eles não têm nojo... Eles vêm me pedir cigarro e perguntar aonde eu vou, o que eu estou fazendo... Por que que eu tenho de dar cigarro pra eles, e pagar cafezinho pra eles? Eu passo tempo sem ir lá, mas eles têm de pedir cigarro ainda! Se eles pudessem ter nojo, mas eles não têm, ninguém mais tem nojo de nada! Ninguém mais tem. (Chora) Arthur, Arthur, fizeram chantagem comigo...

ARTHUR – Quem? Quem fez chantagem com você?

112

IVO – A polícia! A polícia!

ARTHUR – Eles te pararam na rua ou o quê?

IVO – Eu ia descendo a Avenida Ipiranga e aí eu vi um menino que eu nunca tinha visto antes... Aí ele me olhou e eu parei pra conversar com ele. Ele era novinho e tinha uma cara assim de anjo... Como essa juventude nova é bonita! Esses meninos de 18 anos, como são lindos! Mas esses filhos da puta são piores que todo mundo. Ele tinha uma carinha pura e meiga... Aí eu fiquei conversando com ele e ele ficou olhando pros lados e de repente me convidou pra descer com

ele até na esquina... Quando eu cheguei lá, tinha dois homens esperando, dois tiras... Esperando... (Chora mais) Eles... Ainda vieram comigo até aqui na porta e só aqui apresentaram a carteira da polícia! Aí eu tive que dar 50 mil cruzeiros pra eles e teve um deles que ainda queria fazer programa comigo! (Chora mais)

ARTHUR – E o anjinho meigo e puro?

IVO – Ficou lá com a mesma cara olhando pra mim, sem fazer nada, sem nada na cara! Sem nada! Puro e meigo! Sem nada na cara! Sem nada! (Chora de novo)

113

ARTHUR – (Para Nicolau) não precisa ficar aí assustado, isso acontece todo dia.

NICOLAU – O que que a gente faz?

ARTHUR – Me ajuda a botar a boneca na cama.

NICOLAU – Vai ser preciso... carregar?

ARTHUR – Você acha que ele ainda é capaz de andar?

(Os dois carregam Ivo até a cama e o cobrem)

IVO – Acho que vou vomitar...

ARTHUR – Eu não te falei que você não pode beber assim? Onde é que você guardou o Gardenal?

IVO – Você vai me dar Gardenal?

ARTHUR – Você precisa de um tranquilizante pra dormir direitinho.

IVO – Ah, que vontade de vomitar!

ARTHUR – Nicolau, eu tive uma ideia. Eu já sei o que eu vou fazer!

NICOLAU – Ideia?

114

ARTHUR – Nós vamos varrer a *coisa* de São Paulo...

NICOLAU – Varrer? Que coisa?

ARTHUR – (Pede segredo) Psiu! Onde é que você guardou, Ivo?

IVO – O Gardenal? Eu... Está embaixo da cama. Aí no pé da cama, junto com o tubinho de vaselina.

ARTHUR – Você não usa mais vaselina.

IVO – Uso, sim, eu uso vaselina!

ARTHUR – Você usa Gardenal.

IVO – Eu uso vaselina!

ARTHUR – Não, Gardenal. Pra dormir muito... Quietinho, não tem vaselina nenhuma mais... Só o vidrinho de Gardenal. (Arthur apanha o vidro)

NICOLAU – Que que você está fazendo? Você vai dar Gardenal pra ele assim? Ele vai tomar Gardenal bêbado assim?

ARTHUR – Ele sempre toma Gardenal pra dormir quietinho, não é, Ivo? Você não toma Gardenal pra dormir quietinho? Ele vai tomar com o vinho importado de Marseille! Traz a garrafa, Nicolau!

IVO – Você vai me dar o vinho importado pra tomar o Gardenal?

115

ARTHUR – É... Com o vinho importado não faz mal, você esqueceu? Não vai fazer mal nenhum... E com música, eu vou botar um disco pra você, aquele disco que você gosta... Sabe qual? (Esvazia o vidro e fica com todos os comprimidos na mão)

NICOLAU – Quantos comprimidos você vai dar pra ele?

ARTHUR – (Enquanto coloca o disco) O tanto que ele toma... Mas pra dormir quietinho.

IVO – Você não vai me dar água?

ARTHUR – Não, o vinho importado.

IVO – Eu quero água... Eu queria água... Você vem dormir comigo, Arthur?

ARTHUR – Não... Vou deixar você quietinho, sozinho... Andando na Avenida Ipiranga! Na Avenida Ipiranga, de dia, com sol... Na avenida cheia de rapazinhos de 17 anos... E você vai andando sozinho... Não tem ninguém caçando... Só você sozinho... E todos querem você! Eles todos querem só você! E estão todos andando atrás de você... E eles são loiros, jovens e lindos, Ivo! São todos lindos! (Arthur olha pra Nicolau como se os dois juntos fossem cúmplices)

116

NICOLAU – Não é melhor com água?

IVO – Arthur, segunda-feira eu quero que você vá na butique... Você vai abrir a butique pra mim... Você vai, Arthur?

ARTHUR – Vou, meu bem. Vou comprar as últimas camisas, dessas com florzinhas, as lisérgicas, vou comprar as últimas camisas para o verão... Não é para o verão que você encomendou?

NICOLAU – O que é que você está fazendo, Arthur, o que é que você vai fazer?

IVO – Você cuida da boutique então, Arthur?
(Arthur se aproxima de Ivo com os comprimidos)

ARTHUR – Cuido sim... Eu vou cuidar da boutique pra você... Agora abre a boca... (Arthur abre a boca do outro com os dedos) Abre a boca, abre... (Nicolau nesse instante empurra os comprimidos da mão de Arthur, segura-o pelos ombros e joga-o contra a parede)

NICOLAU – Você não tem esse direito! Ninguém tem esse direito! Você passou de todos os limites! Eu tenho vontade acabar com a tua vida! Você queria... me envolver... nesse... Nesse crime? Ninguém tem esse direito! (Arthur tira a batina) Ninguém tem!

117

ARTHUR – Ora, Nicolau, eu vi, não pense que eu não vi. Eu vi você pensar.

NICOLAU – Pensar o quê?

ARTHUR – Eu vi quando você pensou. Você não sabe que no fim, no fim de tudo, sempre aparece a família? No fim de tudo ela de repente surge, ninguém sabe de onde. Ela aparece, no fim!

NICOLAU – A família de quem? Você tá querendo me culpar de alguma coisa?

ARTHUR – Você não sabe que os ratos da sacristia, os filhos da puta sempre aparecem no fim, hein? Você não sabe que as piranhas atacam no fim, escondidas debaixo do luto, encomendando a alma do outro...?

NICOLAU – Você está insinuando uma coisa monstruosa, Arthur! Eu não pensei nisso de jeito nenhum, eu não pensei em nada disso.

ARTHUR – Só que você esqueceu que a pedestastia não consta do código... Você não sabia?

118 NICOLAU – Você está louco, Arthur! Você está completamente louco, isso sim! O que é que você está querendo dizer? Que eu pensei na... boutique?

ARTHUR – Claro, a boutique. Eu vi no olho, Nicolau, eu vi!

NICOLAU – Como é que você pode dizer uma coisa dessas? Como é que você pode pensar uma coisa dessas?

ARTHUR – Eu descobri que você estava pensando... Que você ia pensar... Eu de repente tive medo que você pensasse! Eu... Eu quase rezei! Pra que você não pensasse! Mas não adianta rezar, Nicolau, e eu sabia que o Deus está em silêncio, eu sabia que você quer me recuperar!

Você quer salvar o irmãozinho... Você não é diferente de ninguém. (Pausa) Engraçado, eu estou cansado mas não estou com sono! E são quase cinco da manhã.

NICOLAU – Eu vou dormir.

ARTHUR – Não, não vai. Eu vou abrir a porta pra você.

NICOLAU – Você está me mandando embora?

ARTHUR – Não, eu vou te deixar ir embora.

NICOLAU – Você me tira tudo e me manda embora assim... Sozinho?

119

ARTHUR – Eu te dou São Paulo de presente!

NICOLAU – Quer dizer que... Que eu não posso dormir aqui?

ARTHUR – Não.

NICOLAU – Nem no sofá?

ARTHUR – Nem no sofá.

NICOLAU – Mas está chovendo...

ARTHUR – Espera chegar o sol num boteco...

Toma alguma coisa bem quente! Fique esperando debaixo duma sacada... Numa praça... Essa hora já tem ônibus, tome um ônibus.

NICOLAU – (Se arruma pra sair) Você...

ARTHUR – O quê?

NICOLAU – Não, nada...

ARTHUR – Eu vou te abrir a porta.

120 NICOLAU – (Já junto da porta) Arthur, eu não posso ir embora assim! Aquilo da butique... Você não pode ter pensado que eu... Eu não posso ir embora assim!

ARTHUR – Isso agora já não tem mais importância. Vem, eu vou te abrir a porta. (Os dois saem e logo Arthur volta, e pega a batina) *Consumatum est*, o Deus da juventude está morto.

IVO – (Da cama) Arthur, você não vem dormir?

Pano

São Paulo, 18 de setembro de 1967

Primeira Montagem

Santidade

1997 – São Paulo – Teatro Crowne Plaza

Autor: José Vicente

Prêmios: APCA e Shell

Direção: Fauzi Arap

Assistente de direção e direção de cena: Marcos Loureiro

Direção de arte: Célia Pagan

121

Elenco:

Antonio de Andrade

Mario Bortolotto

Nívio Diegues

Direção de produção: Célia Pagan



Santidade: José Vicente, Fran Sérgio, Zé Celso Martinez Corrêa e Haroldo Ferrari, Teatro Oficina/SP, 2007



O Assalto

Personagens

VARREDOR: Exuberante, 33 anos, rude, sem cultura mas não vulgar, usa um macacão sujo e fedido, suado, aberto no peito e tamancos também sujos. O Varredor, ao contrário de Vitor, possui os sinais espontâneos da presença erótica da vida.

VITOR: Nº 5.925.800 de uma organização bancária, neurótico, estranho, fuma muito, pinga colírio no olho nervosamente, como se numa hora para outra fosse ficar cego. Tem 25 anos, é branco, sem vitalidade, frágil, está à beira da loucura, da *loucura que leva ao hospício*.

127

Cenário

Parte de uma sala do banco. Está desarrumada e suja, porque o expediente se encerrou há algum tempo, os funcionários foram-se embora, veio o rapaz da limpeza, o Varredor, e botou as cadeiras (giratórias) em cima das mesas, os caixotes de lixo e o resto.

Os elementos imprescindíveis são: um pequeno despertador, que fica funcionando o tempo todo; uma dessas cadeiras de escritório gasta, enorme, que deve encerrar a eloquência de um trono.

O complemento desse *banco exprimido* é a mesa de escritório, fria, mas grande, que vai, no final, desempenhar o ofício mórbido de câmara mortuária.

O cenário pode ser o mais simples possível, isto é, ainda que exuberante, sempre dentro dum tom mais *expressionista* e menos comprometido com a realidade.

Primeiro Assalto

Toque prolongado de sirene:

O Varredor está acabando de varrer a primeira parte da sala do banco, tranquilamente, como de costume sozinho, bem à vontade também pelo fato de estar sozinho.

Coça as pernas e o corpo inteiro (por causa das pulgas), tira os tamancos, depois senta-se à mesa, limpa os pés, torna a calçar os tamancos, mexe numa máquina de escrever. Abre a gaveta da mesa – a gaveta central – e, quando vai fuçar nas coisas, a porta se abre de repente, e entra Vitor, com uma pilha de papéis nos braços.

129

O Varredor prontamente se abstém, empurrando abruptamente a gaveta, pegando o espanador e fingindo que está só limpando os móveis.

Vitor se dirige à mesa, espalhafatosamente, despeja os papéis em cima, suspirando de cansaço. Tira tranquilamente as cadeiras e os demais objetos que estavam em cima, depois vai à porta, abre, olha para fora, depois tranca a porta à chave. (O Varredor naturalmente não percebeu esse jogo).

Silêncio ainda.

Vitor acende cigarros, senta-se na cadeira como se estivesse sentado num trono, roda-se sobre ela, pingando colírio no olho, de forma que os pingos lhe escorram pela cara toda.

Depois começa a jogar cinzas do cigarro no lugar que o Varredor já tinha dado como limpo. O Varredor vai ficando cada vez menos à vontade e Vitor joga também o cigarro no chão, e pisa em cima. Esse joguinho desagradável possui variantes e pode-se prolongar à vontade.

Até que o Varredor resolve quebrar, por questão de necessidade imediata, esse silêncio perturbador:

130

VARREDOR – O senhor ainda vai ficar aí muito tempo?

VITOR – Eu estou te perturbando o serviço?

VARREDOR – É que eu costumo arrumar a sala aqui nessa hora, depois que o pessoal vai embora.

VITOR – Eu sei. Assim vocês podem ficar à vontade. (Pausa)

VITOR – Sabe, isso é muito bom pro banco. Amanhã o pessoal chega aqui de manhã e encontra tudo limpinho, não é mesmo?

VARREDOR – Pois é.

VITOR – Como é, e as privadas, você já limpou as privadas?

VARREDOR – Deixo pro fim, depois que eu arrumo a sala aqui.

VITOR – Limpar as privadas é muito importante, senão ninguém aguenta trabalhar por causa do cheiro. (Vitor, no trono, ausente, embolota papéis e joga no chão. O Varredor observa. Vitor bota os pés em cima da mesa). É ótimo pro banco! O chefe faz questão principalmente da limpeza, que é pra dar boa impressão pros clientes. O lema do banco é o mesmo da bandeira brasileira! Ordem e Progresso. O chefe sempre diz que *sem ordem não há progresso*. Daí a tua importância.

131

VARREDOR – Eu acho que é melhor eu voltar daqui a pouco.

VITOR – Por quê?

VARREDOR – Assim um não atrapalha o outro.

VITOR – Quer dizer que eu estou te atrapalhando.

VARREDOR – Não é isso...

VITOR – Em geral o pessoal do banco limpa a área logo no começo da noite pra deixar vocês da limpeza à vontade, mas é que hoje deu galho no balancete e eu fiquei fazendo hora extra.

VARREDOR – Que hora que o senhor vai acabar o serviço?

VITOR – Você tá com muita pressa?

VARREDOR – Eu tenho que deixar a sala bem arrumada pra amanhã, senão...

VITOR – Senão o quê?

132 VARREDOR – Sabe como é, arrumo problema com a limpeza.

VITOR – E quanto tempo você gasta pra deixar esse lixo em ordem?

VARREDOR – Uma hora mais ou menos. Depende.

VITOR – Eu saio então. Vou pra outro lugar, depois volto. Assim eu não te atrapalho. Vou até a rua, engulo um americano, compro cigarro, faço uma cerinha e volto.

VARREDOR – Sabe como é, mas é que senão arrumo problema aí com a limpeza.

VITOR – Claro!

(Silêncio. Vitor continua tranquilamente sentado na cadeira. Observa com falso interesse os papéis na mesa, começa a separar, passando de um lado para outro, com falso cuidado. Coloca algum de vez em quando contra a luz e observa, como um analista. Depois embolota um outro e joga ao chão, propositadamente. Irritado, despeja um cinzeiro no chão, com nojo).

VITOR – Sabe, não tolero cheiro de cigarro fumado. Me intoxica.

VARREDOR – (Indiferente). É. (Pausa)

VITOR – Sabe o que são esses papéis?

VARREDOR – (Sem interesse) Não sei.

VITOR – (Com falso entusiasmo) São diários. Isso aqui se chama diário. É um tipo de documento muito importante. É importantíssimo um diário! Sem esses papéis aqui, o banco não existe. Você nem pode imaginar. A base do diário é a mesma base da contabilidade, tá vendo aqui? Débito-crédito; é exato: nem mais nem menos. Às custas dum papelzinho deste a gente pode inclusive ir pro olho da rua. Imagina só pra você ter uma ideia que hoje eu fiquei preso aqui por causa de cinco centavos a menos. Cinco centavos de diferença que se eu não localizar o banco não vai dormir! E eu, inclusive, claro!

VARREDOR – O senhor disse que ia sair...

VITOR – Por que você me chama de senhor? Senhor é etrusco! Pode me chamar de você. Por falar nisso, qual a tua idade? Você não se incomoda de falar em idade, incomoda?

VARREDOR – (Coça o corpo, desesperadamente, pela falta de interesse)

VITOR – Alergia?

VARREDOR – São as pulgas.

134 VITOR – É uma loucura como tem pulgas nesse banco! Tenho horror de pulgas. Você não usa Neocid no corpo?

VARREDOR – Não.

(Vitor torna a pingar colírio no olho.)

VITOR – O único preparado que eu utilizo é colírio. Uso litros de colírio por ano. Litros! Tenho a impressão de que estou ficando cego. Isso é por causa da luz. Ou falta de luz, sei lá. São os ossos do ofício.

VARREDOR – É.

VITOR – Eu te dou 30 anos.

VARREDOR – Trinta e três.

VITOR – É a idade de Jesus Cristo, sabia?

VARREDOR – Tenho três filhos.

VITOR – O teu nome se não me engano é Hugo, acertei?

VARREDOR – Hugo. O senhor me conhece de algum lugar?

VITOR – Daqui do banco, ora! A gente não trabalha junto há muito tempo?

135

VARREDOR – É, isso é.

VITOR – Quanto é que vocês ganham por mês?

VARREDOR – Meio salário.

VITOR – Só meio salário?!

VARREDOR – Mas eu quebro o galho de dia por fora.

VITOR – Caramba, porque senão não dá!

VARREDOR – Eu faço outros bancos.

VITOR – É só o que você sabe fazer? Limpar banco, limpar sala de banco, limpar privada de banco?

VARREDOR – Tenho vontade de aprender *datilógra*.

VITOR – Que é isso, *datilógra*?

VARREDOR – Máquina.

VITOR – Datilografia.

VARREDOR – Não sobra tempo, mas eu vou ver se começo, quando sobrar um dinheiro.

136

VITOR – Eu estou intrigado com uma coisa. Eu já te falo: com essa vida que você tem, de trabalhar de dia e trabalhar de noite, que hora que sobra pra você trepar?

VARREDOR – (Varredor ri meio descontraído.)

VITOR – Porque a gente tem de pensar nessas coisas, é ou não é?

VARREDOR – Me viro.

VITOR – Poxa, porque você trabalha praticamente três quartos da tua vida, do jeito que vai indo, limpando banco. Sem contar as horas de dormir.

VARREDOR – Mais ou menos.

VITOR – Faz as contas.

VARREDOR – (Impaciente) Já tou atrasado.

VITOR – Quer ver só. Que hora que você levanta?

VARREDOR – Seis.

VITOR – Eu não digo trepar só. Eu falo viver, no sentido genérico: vagabundear, com o que a gente gosta, me entende?

VARREDOR – Claro.

137

VITOR – Pois é, seis horas. Daí você trabalha até que horas?

VARREDOR – Meio-dia, uma hora, depende.

VITOR – E almoça em casa?

VARREDOR – Porra, o senhor está me atrasando.

VITOR – (Aponta o Varredor com o dedo.) Me chama de você.

VARREDOR – É que eu vou arrumar problema com a limpeza.

VITOR – Sem afobamento.

VARREDOR – O chefe não dá moleza.

VITOR – Quem tem chefe é índio!

VARREDOR – Se eu atraso, descontam no pagamento. Não é brincadeira.

VITOR – (Pausa) Você volta pra almoçar na tua casa?

VARREDOR (Aflito) – Saio com marmita.

138 VITOR (Tranquilo) – Aqui de noite o que é que vocês comem?

VARREDOR – O resto do lanche aí de vocês, que sobra em cima das mesas.

VITOR – Com aquele café com leite hediondo?

VARREDOR – E frio.

VITOR – Dá câncer, sabia? Um amigo meu morreu com uma inflamação desse tamanho aqui no estômago.

VARREDOR – É melhor que nada.

(Pausa)

VITOR – Sabe que eu te vejo aí na porta do banco, de tarde, todo dia? Aí pelas sete horas.

VARREDOR – À hora que eu entro.

VITOR – É a hora que eu saio. Você fica encostado na parede, na fila, junto com os outros da limpeza, esperando o elevador acabar de despejar os funcionários do banco.

VARREDOR – A gente tem de esperar vocês se mandar primeiro.

VITOR – Você tem uma japona azul de lã, não tem? (Pausa) Parece que é a única que você tem.

139

VARREDOR – (Aflito, procurando as horas no despertador) Que hora é agora?

VITOR – Estou te atrasando, eu sei.

VARREDOR – Sabe como é, se não fosse o chefe da limpeza...

VITOR – É o italiano, é? Aquele vermelhão que fica gritando o tempo inteiro?

VARREDOR – Não é sopa!

VITOR – Meu chefe também não desgruda um minuto! Claro que se ele estivesse aqui eu não

ia estar à vontade com você, como estou agora, conversando, com o serviço aí parado e esta gravata frouxa deste jeito. Manda ver e não quer nem saber.

VARREDOR – Eu acho que o melhor é eu voltar depois.

VITOR – Depois que hora?

VARREDOR – Depois que o senhor acabar.

VITOR (Oferecendo o maço) – Fuma um cigarro.

140 VARREDOR – Não posso.

VITOR – Você não fuma?

VARREDOR – Durante o expediente é proibido.

VITOR – Quem te proíbe?

VARREDOR – A companhia.

VITOR – Que companhia?

VARREDOR – A companhia de limpeza.

VITOR – Eu pensava que você trabalhava diretamente pro banco.

VARREDOR – Trabalhamos pra companhia.

VITOR – E a companhia proíbe vocês de fumar?

VARREDOR – É, é meio chato.

VITOR (Pausa) – Mas você fuma assim mesmo, não fuma não?

VARREDOR – Também nem sobra tempo, tem tanta coisa pra fazer, o problema é acabar de pressa pra se picar mais cedo.

VITOR (Insistindo com o maço) – Um só, não vai te atrasar nada.

VARREDOR (Tenta ser amável) – É que hoje, ainda por cima, já entrei atrasado 15 minutos. O chefe me olhou diferente.

VITOR – Poxa, mas um cigarro só! Depois eu vou sair, você fica à vontade.

(O Varredor coça a cabeça, nervoso).

VITOR – Ninguém vai te pegar fumando. Numa hora dessa, eles estão engolindo poeira aí em cima, nos outros andares.

VARREDOR – Se me pegam nesse papo, porra! Sem fazer nada, me quebram no meio! (O Var-

redor pega o cigarro, de mau humor, e Vitor, enquanto acende:)

VITOR – Meu numero é 5.923.800. Você pode imaginar quanta gente vem atrás e quantos não vão na minha frente. Meu serviço é fácil. Eu fico o tempo inteiro controlando a entrada diária desses papéis. Débito-crédito: nem um número a mais, nem um número a menos. Sou um especialista em números. Se falta um e sobra um, tenho de começar tudo de novo, desde o começo. Três anos fazendo balanço deixa o teu olho aguçado em cima das coisas, como um cérebro de controle. Um zero à esquerda você consegue agarrar com o dedo, e... Pum! Pum! Derrubar em cima do papel!

142

Três anos num banco é o tempo de uma juventude. Você abre os olhos e... Puf! O tempo engoliu tua cara.

Que idade você me dá?

VARREDOR (Desinteressado) – Vinte e poucos.

VITOR – Vinte e quanto?

VARREDOR – Vinte e... Vinte e cinco?

VITOR – Em cima! Em geral me dão 28, 30. Teve um cara que me deu 32. Me senti sem ar.

(O Varredor apaga o cigarro, abruptamente, guardando o resto no bolso do macacão.)

VITOR – Apagou o cigarro por quê?

VARREDOR – O senhor desculpa, outro dia a gente bate um papo.

VITOR – Que é isso, você gosta tanto assim do banco?

VARREDOR – Porra, não é isso...

VITOR – Mas nem um cigarro! Será que um simples cigarro vai enguiçar essa máquina?

143

VARREDOR – O problema é que eu estou atrasado, porra!

VITOR – Sem essa, velho, fuma tranquilo. Esquece a limpeza por alguns minutos. Abstrai. Assim... Oh! (Vitor mexe com a mão no ar, como um feiticeiro). Pronto. Esqueceu.

VARREDOR – Eu sou casado, porra!

VITOR – E daí?

VARREDOR – Daí que...

VITOR – Daí o quê?

VARREDOR – Tenho três filhos pra tratar.

VITOR – E daí?

VARREDOR (Tenta ainda ser amável.) – Se o senhor me dá licença, eu varro correndo. Eu deixo a sala pronta num minuto e me arranco.

VITOR – Você disse que gasta uma hora mais ou menos, foi o que você disse. Pois é. Eu também não posso perder nem um minuto. E você está me obrigando a perder o meu tempo. Se eu não deixo em ordem esses papezinhos aí, sabe o que acontece comigo? Sabe o que que o meu chefe faz comigo amanhã?

144

Meu chefe é um cara assim, magrinho, baixinho, horroroso, tem a cara toda amarela, por causa do fígado. O cara se chama Maia, o pessoal do banco chama ele de seu Maia. É uma das coisas mais insuportáveis que eu já conheci em toda a minha vida.

Eu já te dou a ficha do cara.

Imagina uma coisa assim bem monstruosinha, vinda da merda, vinda da mais absoluta merda, suburbana, com cheiro de trem nas ventas, até hoje, com toda a abominável consciência dessa merda, que gastou toda a carga do seu esperma

pra se promover, produzindo, badalando, produzindo, produzindo, puxando o saco de tudo quanto foi gente importante, até que no fim, de repente, sentiu que podia falar *não*, quando quisesse, e *não* quando não quisesse. Imagina essa coisa nervosa, gagá e horripilante, imagina uma coisa dessas que ainda por cima aguçou a inteligência. Imagina essa aberração da contabilidade te comandando o dia inteiro, te olhando de todos os lados, disposto a te flagrar na primeira oportunidade. Imagina essa coisa dormindo com você, toda a noite, lá bem dentro do teu sono, como um relógio funcionando certinho, dentro do teu copo de cerveja, dentro da tela do cinema, dentro do livro que você gosta de ler.

145

Você tem que chamar a coisa de CHEFE!

Você tem que cumprimentar a coisa, que respeitar a coisa, que ser disponível pra coisa, porque você tem medo, lógico que tem medo, quem é que não tem?

Aparentemente estamos só nós dois aqui, mas o seu Maia também está. Você não vê nem eu vejo. Mas ele tá dentro de cada diário desses, dentro dessas cadeiras, dentro dos meus dedos e da minha cabeça. Se eu toco nessa mesa, eu não estou tocando na mesa propriamente dita, eu estou tocando no seu Maia. Amanhã de manhã

ele se materializa aqui dentro, examina o serviço e, se não tá do jeito que ele resolveu que quis, sabe o que acontece?

Ah! Tem outra coisa: você pensa que é fácil escapar do poder do seu Maia. Você pensa que é só pedir as contas, se despedir e cair fora. Mas a gente chega lá fora e o seu Maia continua. Ele está em toda parte, dentro e fora, como um Deus onisciente, onipresente, todo-poderoso.

(Gemidos, choro, ranger de dentes.)

(Misterioso) Sabe o que é isso?

146 É o segundo subsolo, onde o banco tem um arquivo. Ficam lá os funcionários estropiados pela contabilidade. Tem pederastas, tem maníacos, exibicionistas, assassinos potenciais, cleptomânicos, cérebros eletrônicos, autores de teatro fracassados, compositores, todos os neuróticos dessa guerra aqui. Tem uma secretária lá, de 40 anos, que tem mania de *prima dona* do teatro de revista. Queria ser uma grande dama do rebolado. Agora tá lá, arquivando papéis, mostrando as pernas para os subordinados dela. A Marlene Dietrich da rede bancária, com a boca pintada de coraçãozinho. Ai de quem não aplaudir as extravagâncias dela! Recebe cota dobrada de papéis pra arquivar.

VARREDOR (Decididamente desinteressado) – Eu volto depois.

VITOR – Eu falei muito, desculpa, pelo amor de Deus! Foi o embalo. Me desculpa mesmo. Quando eu começo a falar, misturo tudo, não consigo parar mais. (Rindo) Essa do arquivo, por exemplo. De noite ninguém trabalha lá.

VARREDOR (Enquanto Vitor se empina como uma galinha tomando água) – Não quero atrapalhar o senhor.

VITOR – Toda vez que eu boto colírio me sinto como uma galinha tomando água, é esquisito, não é? (Para o Varredor ausente). Você não está me atrapalhando!

147

VARREDOR – E o serviço aí?

VITOR – Você parece que não tem senso de humor!

VARREDOR – Com essas e outras eu já perdi a metade do tempo que eu tinha pra arrumar a sala.

VITOR (Ignorando a aflição do Varredor, segurando-o pelo ombro) – Sabe, um dia o SEU MAIA resolveu botar na cuca dele que eu estava adiantando o serviço pra sair mais cedo. Daí

ele simplesmente aumentou a minha cota. Me mandou separar documentos nas horas vagas. Isso daqui (Mostra uns papéis maiores). São registros, com assinaturas de clientes. Firmas. O SEU MAIA acha que o funcionário tem que ser apaixonado pelo banco. Ele não se conforma que o funcionário dedique só oito horas diárias, mais as extraordinárias que existem todo dia. Ele exige que o funcionário dedique também a crença, o ideal, as aspirações e os desejos ocultos à religião bancária. Você tem que ser um bancário não só aqui dentro dessas paredes – lá fora também! É o teu credo, o teu Deus, o teu Jesus Cristo, a tua caridade, a tua propriedade privada, a tua família, o teu macho, se você preferir. (Pausa)

Se o SEU MAIA descobre, por exemplo, que você gosta de cinema, numa suposição, pronto! Você tem que expiar o teu pecado. Nada de mundanismo. Você já viu um bancário na rua? Já viu como se comporta uma secretária? É a mesma coisa. Essa religião devora de todos os lados. Uma secretária, por exemplo, que é praticante do mesmo credo, é o que pode existir de mais católico em termos bancários; é uma espécie de filha de Maria do cristianismo bancário. Vive intoxicada de sanduíches e destila números menstruais.

(Para o Varredor)

Você é de pouca prosa. Eu percebi isso a primeira vez que eu te vi, aí embaixo, na saída do elevador. Teus colegas da limpeza vivem conversando sobre mulher, sabe como, esses assuntos divinos de segunda-feira de manhã. Você não. Sempre quietão, caladão. Sabia que eu vivo te seguindo? (Longa pausa). Uma vez eu entrei num bar que você entrou pra comprar cigarro. Você fuma Macedônia, não fuma?

VARREDOR - Continental.

VITOR (Com segurança) – Macedônia!

VARREDOR – Já fumei Macedônia.

149

VITOR – Pois é, daí eu tirei uma ficha pra cafezinho e deixei a ficha cair no teu pé, de propósito, e você catou pra mim, não se lembra?

VARREDOR (Caminhando pra saída) – Não lembro não.

VITOR – Eu falei alguma coisa errada?

VARREDOR – É que eu tô perdendo o meu tempo, pomba!

VITOR – Você ficou com medo de mim?

VARREDOR – Não é isso, porra!

VITOR – Então por que você vai embora?

VARREDOR – Porque tou em serviço. Por isso – já expliquei, não expliquei? Porra, então não insiste!

VITOR – Desculpa, eu tinha até esquecido. Juro que eu tinha esquecido.

VARREDOR – Outro dia a gente conversa, certo, sem problema...

VITOR – Me desculpa mesmo! Eu também tenho que dar duro ainda. Imagina se não descubro essa diferença de hoje!

150

(Silêncio. O Varredor junta suas coisas e caminha para a porta de saída. Para e olha ainda para Vitor, que volta a separar os papéis em cima da mesa. O Varredor tenta então abrir a porta, que está trancada. Insiste, depois se volta, azedo.)

VARREDOR – O senhor trancou a porta?

VITOR (Falsamente distraído.) – Que porta?

VARREDOR – Não brinca!

VITOR – Quem tá brincando?

VARREDOR – Porra, não brinca!

VITOR (Sarcástico) – Somando tudo, quanto é que você ganha por dia?

VARREDOR – Não insiste, eu tou atrasado!

VITOR – Com o salário e com o que você ganha por fora, quanto é que dá?

VARREDOR – Porra, eu já disse que o cara vai brônquear comigo! O cara me dá uma lavada e pronto! Tou eu envenenado.

VITOR (Tranquilamente) – Em média você deve ganhar aí na base de seis mil, sete mil por dia, somando tudo. Acertei?

151

VARREDOR – Não cria problema, ô meu, me abre a porta aí...

VITOR – Menos?

(Silêncio. O Varredor se volta, meio agressivo, meio fascinado).

VARREDOR – Porra, o que é que você viu comigo?!

VITOR – Jogando em sete mil, se é o que você ganha por dia, eu te dou 20 mil pra você sentar aí e fumar um cigarro comigo.

(Pausa. O Varredor está tentado).

VITOR (generosamente) – É pouco? Pois eu te dou 30.

VARREDOR – Caramba, mas o que é que você viu em mim?

VITOR – Trinta mangos contadinhos, topa? (Pausa) Deixa esses troços aí e volta pra cá.

(O Varredor obedece, agora com interesse).

VITOR – Senta aqui, nessa cadeira aqui. (Vitor aponta o trono, o Varredor permanece de pé). Aqui, senta aqui. Assim. Você fica parecendo um rei. Existe rei de tudo, não existe? Você é o rei do lixo!

152

VARREDOR – Que barato!

VITOR – Você me acha meio doido, é?

VARREDOR – O que os caras não vão pensar...

VITOR – Pensar o quê?

VARREDOR – Que negócio mais esquisito!

VITOR – Só falta a coroa. Você ficaria muito bem com uma coroa de cebolas na cabeça, e uma réstia de alho a tiracolo.

VARREDOR (Se mexe na cadeira, achando graça).

VITOR – Você me acha meio doido por quê?

VARREDOR – Não disse nada.

VITOR – Me diz uma coisa: você acha que eu dou uma certa pinta?

VARREDOR (Rindo, meio tímido) – Eu sei lá...

VITOR (Se afastando para um canto, ausente) – Sabe, no prédio onde eu moro tem uns garotos conversando, a hora que eu entro, todo dia lá na porta. Quando eu vou chegando pra entrar, eles param de conversar... me abrem a porta... com uma gentileza muito esquisita... Não sei o que eles falam a meu respeito, ou se pensam a meu respeito... A gente nunca conversou... Não me cumprimentam, mas ficam calados quando eu chego... Até eu tomar o elevador. Quando eu tomo o elevador, eles começam a conversar de novo... Um dia eu puxei prosa com um deles, o mais novinho. Ele me tratou com tanto respeito, que eu me senti um monge! Você me acha muito esquisito?

VARREDOR – Sei lá. Um pouco.

VITOR – Aqui no banco eu sinto a mesma coisa, no meio dos milhões de funcionários que entram

e saem todo dia, como se fossem fantasmas...
Como se fossem sombras... que não têm nada
a ver comigo.

Às vezes eu tenho a impressão que eu morri
na minha infância, me desencarnei. Não tenho
mais nada de comum nem com as pessoas...
nem com as coisas... nem com mais nada. Não
tenho ponto de referência mais nenhum... eu
sou um corpo oco, se carregando no meio dum
mundo que nem se decifra nem me decifra
mais. De uns tempos pra cá eu descobri que eu
não quero nem viver nem morrer nem conti-
nuar vivendo nesse estado de graça... Você já
pensou em se matar?

154

VARREDOR – Quê? Não sou besta!

VITOR – Eu já. Uma vez eu me tranquei no ba-
nheiro, abri o gás e deixei muito tempo.

VARREDOR – Aí apareceu a tua família? .

VITOR – Que família! Eu vivo sozinho, minha
família tá lá no interior.

VARREDOR – Por que não deu certo?

VITOR – Me pareceu uma coisa ridícula.

VARREDOR (Desinteressado) – E como é que ficou?

VITOR – Desliguei o gás, tomei não sei quantos copos de leite e passei horas numa sauna. Pelo menos foi estimulante.

(Pausa)

VARREDOR (Pegando o paletó de Vitor, que está pendurado atrás de uma cadeira) – É tergal, é?

VITOR – Você gosta?

VARREDOR – Bom.

155

VITOR – Tenho nojo!

VARREDOR (Levantando de repente) – Como é que é... Vamos resolver o nosso papo logo?
(Pausa)

VITOR – Que papo?

VARREDOR – Já fiz programa com muito viado aí. Os caras sempre largam grana. Uma vez eu fui aí com um pinta que tava sem dinheiro: me deu uma camisa, um disco e uma japona. Essa japona azul que eu tenho aí. Claro, o disco eu dei, fazer o que com um disco!

VITOR – E tua mulher, ela não sabe?

VARREDOR – Uma vez eu passei apertado. Peguei um velho da minha rua, o cara ia pagar mas não tinha lugar. Daí resolveu, me levou no quartinho de fundo da casa dele, de noite – isso foi num sábado. Na hora de sair, o filho dele tava na sala, daí ele mandou o garoto sair pra comprar cigarro, enquanto ele foi a gente se mandou. A mulher do cara é amiga da minha. Fazia tempo que ele dava em cima.

VITOR – Quer dizer que você tem muito cartaz.

156

VARREDOR – Sabe como é, meu problema é mulher, mas tendo grana, sabe como é... Fiz uma menina, uma vez. Tive que me virar aí de noite com os bichas pra tirar o filho. Depois ela acabou na viração. Mas eu dei o duro!

(Pausa. O Varredor está muito à vontade. Vitor olha para ele, durante algum tempo. Depois, em tom ríspido):

VITOR – Pra que você pensa que eu estou te pagando?

VARREDOR – Eu é que sei?

VITOR – Como é que ficou combinado?

VARREDOR – Fumar um cigarro...

VITOR – Fumar um cigarro! Não foi isso que ficou combinado?! Foi ou não foi isso que ficou combinado?!

VARREDOR – Foi, chefe.

VITOR – Sabe, eu acabei de descobrir que você não passa de um puto, sabia? Puxa, eu pensei tudo, menos que você fosse um puto! (O Varredor está atônito). E não me chama de chefe!

VARREDOR – Mas o que houve?

VITOR – Puto sim! E muito convicto!

VARREDOR – Porra, mais respeito comigo!

VITOR – Mas que respeito? O que é isso, respeito? Você se vende por 30 mangos como um Judas muito nojento e ainda fala em respeito? Quem que você pensa que é, além de um prostitutozinho muito ordinário? Hein?

VARREDOR (Com humildade) – O senhor me desculpa então. Foi eu que entendi errado, mas é que ninguém dá uma grana limpa assim a troco de nada, só pra fumar um cigarro.

VITOR – Ta aí. Eu pago. Pago pra você fumar um cigarro. Toma aí. Você vai fumar já o cigarro.

(O Varredor pega sem jeito o cigarro, e ele mesmo acende).

VITOR – E não me chama nunca mais de senhor! Nem de chefe! Que eu já me lembro logo daquele pústula que mexe os dedinhos dentro da minha cabeça!

158 Eu sou uma pessoa muito honesta. Não devo nada pra ninguém. Nunca deixei de pagar nem um cafezinho que eu tomo num bar. Não tenho nenhum inimigo pessoal dentro de São Paulo. Como, durmo e trabalho sem ameaça pessoal de ninguém, sabia? Eu digo AMEAÇA PESSOAL! Nunca botei a mão em nada. E olha que eu já tive oportunidade de dar cano em muito trouxa. Mas eu sou o tipo da pessoa honesta; o banco não tem nada contra mim, nem o próprio SEU MAIA tem! Por isso, se eu digo que te dou tanto pra fumar um cigarro, é pra fumar um cigarro!

(Pausa.)

(Vitor caminha em volta do Varredor; examinando-o, simulando ódio. O Varredor ostenta um certo pavor. Vitor continua insistindo, como um

bêbado sozinho na rua diante de um estranho qualquer.)

VITOR – Sabe qual o único defeito que eu tenho? É um vício muito engraçado: escrever pornografias nas privadas do banco, o que não alivia nada, mas que pelo menos é um atestado de revolta, MEU, PESSOAL! Contra o banco e tudo o que ele significa. Tudo o que eu não consigo dizer pro próprio banco, eu digo por escrito pras privadas dele. Tudo o que eu não consigo dizer pro SEU MAIA, eu digo pras privadas onde ele senta. Tudo o que eu não consigo dizer pra cada funcionariozinho engravatado que ajuda a amamentar essa zona aqui eu digo por escrito pras privadas onde eles todos sentam, pras paredes e pras portas onde eles vão respirar, em particular o ar fedido e sifilítico lá dos intestinos deles. E sabe por quê? Porque eu não tenho nenhum amigo nem nenhum inimigo dentro deste bordel, dentro desta coisa iluminada e putona chamada São Paulo, que não pode parar nem um minuto, que não pode parar de jeito nenhum. E quando eu falo São Paulo, eu não falo da cidade propriamente dita, chamada São Paulo. Eu falo do pesadelo de despertadores com horas marcadas que nunca mais vão deixar ninguém dormir em paz: assinar ponto na hora certa de entrar, nem um minuto depois, e assinar ponto

na hora de sair, nem um minuto antes. (Vitor agarra furiosamente o despertador.) A minha vida é esta maquininha! Esta maquininha infernal inventada pela contabilidade, pra isso da rua que chamam de paulistano. Essa maquininha calculada que não muda nunca o compasso: tic, tac, tic, tac...

160 A noite inteira esta maquininha, dentro de uma *kitchenette* sem luz, com uma cama imunda de solteiro e um cheiro de mofo vindo das paredes empoeiradas e úmidas, esta maquininha marcando o mesmo compasso de sala-quarto, banheiro e *kitchenette*. E umas roupas sujas no chão, mudas, secas, sem nada pra dizer pra ninguém. Esta maquininha armada toda noite pro dia seguinte às seis. Toda noite. De segunda a sexta. Com chuva, sem chuva, com calor, com frio, com fumaça, com passeata e sem passeata. Toda noite. Toda santa noite.

Sonhando, acordado, dormindo, apagado, no escuro, o barulhinho tá lá, dentro da gente, tic, tac, tic, tac. Depois é acordar do sono acordado, com o tiro preparado, vestir correndo o terno, vai chegar um tempo que a gente já vai dormir de terno, de gravata e sapato engraxado. Correndo, tem de ser tudo correndo, voando, se despejar na rua por cima de gente correndo pra não chegar atrasado, espremido num ônibus, sem

falar nada, sem ninguém falando nada, pisando, empurrando, amassando, anônimo, agitado, sem notícia, sem passado, sem amigo nem nada, buzinado, congestionado, interrompido.

Tá lá o barulhinho! Tic, tac, tic, tac. Com ponto assinado e o que eles chamam de vida humana, estacionado pra toda eternidade em cima disto daqui:

Fichas!

Milhões de Fichas!

Papéis!

Papéis e números, sempre papéis, todo dia papéis, arquivos e mais arquivos de papéis, e uma indústria de homens cegos em cima desses papéis, é uma cidade inteira que foi inundada de papéis, com velhos embolorados examinando e dirigindo esses papéis e sem pular uma letra desse inferno de papéis e números que são mais importantes do que a vida, do que a morte, do que a PUTA QUE O PARIU, tantos papéis e arquivos e gente que entra com papéis e sai com papéis, que vive e morre sem saber mais nada além desses papéis sujos, fedidos, iguais, com saudações, sem saudações, datados, carimbados, assinados e reconhecidos!

(Quase com nostalgia)

Papéis e números...

O dia inteiro, o ano inteiro, a vida inteira, papéis e números. Oito a dez horas por dia, todo dia os mesmos papéis e números, as mesmas caras iguais que só entendem de papéis e números. O mesmo código pra decifrar a cara do paulista, essa cara branca, descorada e ávida, que vai passar a vida inteirinha combinando números, variando números, corrigindo números, aumentando, diminuindo, somando, decifrando, multiplicando, dividindo, amarrando a vida inteira, o dia inteiro, a noite inteira, 24 horas de janeiro a janeiro, aí, em cima de papéis, e máquinas e ruídos de máquinas e relógios com hora marcada, sempre com hora marcada, sem sol, sem ar, sem jeito de poder segurar essa máquina toda com as mãos e gritar que para! que para! que para!

162

CAZZO! Eu tenho só 25 anos.

Você sabe o que significa ter ainda 25 anos, saindo de casa de manhã, todo dia, pra ficar sentado no mesmo lugar, em frente dos mesmos papéis, em frente dessa eternidade corrompida de números, pra chegar em casa de noite, toda noite arrebetado, pra dormir com esta maquininha que te espera na mesma hora, pra te empurrar do mesmo jeito na rua?

(Pausa. Vitor está quase exausto e sem fôlego)

Do lado da minha mesa aqui tinha um velho aí na casa dos 60 anos. Me disse que teve na guerra. Conversamos duas vezes nesse tempo todo. Assim mesmo porque ele me viu um dia com um livro de poemas – na época que eu ainda conseguia suportar um poema. Daí ele me disse que era escritor. Um imoral! Chegou a mostrar aí um conto podre que conseguiu publicar no suplemento literário do *Estadão*.

O velho se aposentou na semana passada. Trabalhou 40 anos. Quarenta: deu dez anos de aposentadoria pro banco. Tava cego, com os cabelos brancos.

163

Trazia lanche todo dia e ia comer escondido aí no banheiro pra não ter que oferecer pros colegas. Quando comia perto de mim, comia agachado, quase debaixo da mesa, se engasgando como uma cadela. Nas férias, o velho aparecia aqui na seção. Tava tão acostumado a ficar aqui que, quando davam férias pra ele, achava melhor ficar zanzando por aqui, mexendo numa coisa e noutra. Sabe o que ele me disse de despedida, no dia que ele foi embora? Me disse pra cuidar direito do arquivo que ele organizou, um desses cofres de metal, cheios de pastas. Só isso: que quando eu tirasse uma pasta do lugar, botasse no mesmo

lugar, direitinho. Parece até que ele ensaiou 40 anos seguidos pra me dar esse conselho.

O SEU MAIA fez o discurso de despedida pro velho, com salgadinhos, exemplos edificantes e Coca-Cola. O velho chorava como uma criança, comovido, inchado como um herói.

Ontem eu passei lá no *Salão dos Aposentados*, um museu especial que o banco construiu pros funcionários que aguentam a parada até o fim. O velho tava lá, no meio de mais oito. Oito maquininhas encostadas, impotentes e ridículas, lá, nas poltronas, lembrando o tempo do banco – os bons tempos do banco! Oito coisas grotescas, empoeiradas, que não podiam nem conseguiram mais inspirar nem amor nem ódio, nem desprezo nem nada! Parei um pouco na porta, me escondi atrás do portal e ouvi a conversa deles. O velho tava dizendo que quando cuidou do ponto da seção, na comovente função de secretário, nunca deixou colega nenhum assinar a folha um minuto depois da hora. Tinha sido honesto e exemplar até o fim. Tinha cumprido o regulamento do banco em cima da linha. Nunca tocou a mão nem numa borracha estragada desta igreja. Agora era o trunfo dele: conseguiu um apartamento, através da Caixa Econômica, e um Volkswagen no consórcio.

(Silêncio. Vitor deita em cima dos papéis, desolado. O Varredor não se move. Pausa). (Depois de um silêncio em que Vitor permanece estendido sobre a mesa, o Varredor, perturbado, resolve interpellá-lo).

VARREDOR – Escuta, nós combinamos o cigarro, eu fumei um cigarro...

(Vitor não se move. O Varredor se aproxima dele).

VARREDOR – Garotão... como é que é?

(Vitor permanece).

165

VARREDOR (batendo no ombro de Vitor). – Escuta, ô meu, como é que vai ficar?! (Pausa. O Varredor coça a cabeça, desanimado). Porra! Como é que era esse trato?! Vou ficar aqui plantado, de alegre?! Tenho de dar um jeito pelo menos na privada da chefia.

VITOR (Se levantando abruptamente) – A privada da chefia nunca! Então eu te pago, faço tudo, e amanhã o seu Maia encontra tudo limpinho, direitinho?!

VARREDOR – Assim não pode ficar.

VITOR – A privada da chefia, de jeito nenhum.

VARREDOR – E como é que faz?

VITOR – Você diz que não tinha água.

VARREDOR – Porra, que ideia. Pensa que é fácil assim, é?

VITOR – Pois eu te pago mais 30, tá aí! Mais 30 mangos pra você falar de você agora. Agora é você quem vai falar, pronto, já resolvi. Eu quero escutar você falar. Vai, fala de você. (Pausa) É pouco? Trinta é pouco? Cinquenta, vai.

166

VARREDOR (Depois de uma pausa) – Caramba!...

VITOR – Mina como essa, velho, nunca mais na vida! *Never!* (Pausa).

VARREDOR – Sério mesmo?...

VITOR – Não acredita?

VARREDOR (Coçando a cabeça) – Mas o que que eu vou falar de mim?!

VITOR – Fala de você, pipocas!

VARREDOR – Falar de mim...

VITOR – Qualquer coisa. Me fala a respeito do pessoal da limpeza, como é que eles são... o que eles fazem... o que você acha deles... Fala do banco, ou de quem trabalha no banco... Putz! Tem tanta coisa! Você não tá vivo?!

(Pausa. O Varredor pensa, pensa e continua calado).

VITOR – Nada?!

VARREDOR – Porra, eu vou falar o quê?

VITOR – Fala a respeito de você, meu santo!

167

VARREDOR – Que troço mais besta!

VITOR – O que... Que que você pensa da vida? Pra você o que significa a vida? Não. Essa pergunta não quer dizer mais nada. É muito abstrata. Não! É isso mesmo! É isso, sim. Que significa a vida pra você?

VARREDOR (Azedo) – Porra...

VITOR – Nada? Não significa nada?! Mulher?

VARREDOR (Vagamente, sem convicção) – É, mulher...

VITOR – Só mulher?

VARREDOR – Pombas, não sei!

VITOR (Gritando) – E eu é que vou saber?! Eu te pago pra você falar o que você quer, tudo o que você pensa, e ainda vou ter que te empurrar pra fora?

VARREDOR – Mas que papo mais desafinado! Esse papo não existe!

VITOR – É a tua família, é?

VARREDOR – Minha família.

168

VITOR – Teus filhos? O que você vai ensinar pros teus filhos?

VARREDOR – Uma profissão.

VITOR – Que profissão?

VARREDOR – Sei lá, qualquer negócio aí, eles são pequenos, o mais velho tem só dez anos.

VITOR – E tá estudando?

VARREDOR – Como? De que jeito?

VITOR – Só uma profissão, só isso?

VARREDOR – Não sei... Porra, eu não sei! Não fica me perguntando.

VITOR (Gritando) – Jesus! Mas o que que você vai dar pros teus filhos? Você não sabe? O teu filho mais velho, por exemplo, você vai ensinar-lhe a varrer a rua, a varrer salas de bancos, a varrer privadas de banco, é isso que você vai ensinar pra ele?

VARREDOR – O cara é até louco, eu sei lá o que que eu vou fazer!

VITOR – Como assim, louco?

169

VARREDOR – É louco. Tantã. Não bate, me entende? Quebra as coisas em casa, quando dá a crise, bate nas meninas, bate na mãe, fica batendo a cabeça na parede, de noite, e gritando, não deixa ninguém dormir, apronta e desapronta à vontade, os cambaus!

(O Varredor subitamente retira uma carteira amarrotada do bolso e mostra uma fotografia, dessas horríveis, a Vitor)

VARREDOR – Meus filhos.

VITOR – Esse é o mais velho...

VARREDOR – Marcos. Quando tá bom, entrega leite numa carrocinha nos botecos lá do bairro. É muito trabalhador.

VITOR – E essa, quem é essa?

VARREDOR – Minha mulher.

VITOR – Santo Deus!

VARREDOR – A gente tá separado.

VITOR – Mas é um vampiro, hein?

VARREDOR – Uma puta bagaço!

170

VITOR – Mas esse cabelão desse jeito, crespo, e essa presa pra fora, virgem santíssima!

VARREDOR – Ela tem um metro e oitenta e dois.

VITOR – Mas onde é que você foi descobrir uma coisa tão feia assim?!

VARREDOR – Pena que seja tão desmiolada.

VITOR – Você pelo jeito gosta dela ainda.

VARREDOR – A gente lutou junto muito tempo. Ela é muito trabalhadeira. Sai às quatro da manhã todo dia pra trabalhar aí no centro, numa

casa de família. Toma três conduções e só volta de noite, de trem. Se vira!

VITOR – Você não aguentou a parada ou foi ela?

VARREDOR – Só tem um defeito: televisão.

VITOR – Gosta muito, é?

VARREDOR – Dá a vida.

VITOR – Você comprou uma televisão pra ela e ela te trocou pela televisão?

VARREDOR – Bem que ela queria, mas o dinheiro não dá.

171

VITOR – E foi por isso que vocês brigaram?

VARREDOR – Sei lá, até hoje eu não sei direito. Ela tem mania de ir em auditório. Porra! Você vê: trabalha a semana inteira, até sábado, e no domingo ainda tem de ir em auditório? Não dá pé. Mas ela não: botou na cabeça que tinha de cantar no Chacrinha ou Sílvio Santos, um negócio assim. Uma mulher casada, com filho e tudo. Um dia eu peguei a Ivone fazendo um negócio aí com um tarado. Porra, só seis anos, caramba! (O Varredor guarda de novo a carteira) É isso daí. Ela bota a culpa em mim, ainda por cima.

Diz que eu não tenho responsabilidade. O que que eu vou fazer? Vivia reclamando de mim pros conhecidos. Só porque eu joga uma pelada de vez em quando lá com os caras da rua. Botava a boca no mundo, por causa dum esgoto que passa na porta e a prefeitura não dá jeito. Infernava a minha vida, dizendo que tinha nascido com a alma porca! Eu vou fazer o quê? Engolir o esgoto inteiro?! Quero que se dane, pombas. Boto umas tábuas em cima pras crianças não cair dentro. Mas o que adianta? Os outros meninos da rua até entram dentro, pra brincar! (Pausa) Bem a gente não tá, mas fome não passa, não tá bom? (Pausa) É isso que interessa, é ou não é? Comigo é assim: dando pra ir vivendo é o que interessa.

(Pausa)

VITOR – Há um ano atrás eu acho que eu ia me acostumar te vendo dentro disso que você aparenta que é: um homem simples, casado, honesto, que gosta de futebol, sem muita pretensão, que não quer saber de muito problema. A gente ia acabar sendo amigo... Hoje uma cerveja, amanhã outra, outro dia uma visita lá na vila onde você mora... (Pausa) A ordem das coisas mudou muito.

Você pode continuar sendo tudo o que você é, mas o teu encontro marcado com a ordem que

rege o mundo e as pessoas continua te esperando. (A cena, a partir daqui, começa a romper com o clima anterior e passar a assumir um tom deliberadamente teatral).

O que é um varredor de privadas de banco?

Não é nada!

O que é que um lixeiro como você representa para a sociedade?

Não representa nada!

Você é só um caso particular no meio de milhões de casos particulares e que pode conseguir só, e só isso: comover uns tantos filhos da puta que conseguem muito bem viver às custas da tua miséria particular. Intelectuais, criadores de todas as espécies e umas tantas almas bem alimentadas e bem intencionadas. Só, e só isso!

Um homem como você, que passa a vida inteira limpando privadas, limpando salas de chefes, limpando vidraças, limpando chão, limpando rua, limpando esgoto de rua, limpando casas de família, esse homem só pode ser um fedido, só pode ser um sujo. Um varredor de banco é um ser humano sujo, fedido, sem importância, sem direito, disposto a apanhar na rua como uma

cadela, pelo simples fato de estar andando na rua, no meio de outras pessoas, sozinho. Um varredor de banco é um FORA DA LEI! (Pausa)

Você bota a mão na merda de todo mundo, no mijó de todo mundo, na sífilis de todo mundo, e por isso você não pode falar em dignidade. E tem mais: você limpa o chão que eu particularmente piso, que todos os clientes do banco particularmente pisam, quando vêm aqui depositar ou retirar dinheiro. Eu joga meu cigarro no chão, piso em cima e vem você e limpa!

VARREDOR – Você me paga para me escarrar na cara?!

174

VITOR – É. Eu te pago pra isso: pra te escarrar na cara. (Pausa. Abraçando-se a si mesmo.) Sabe... Eu já desabotoei esse teu macacão muitas vezes, sozinho... Ele cheira suor de animal. Tem cheiro de rua de mercado, de gente se comprimindo... Eu te imaginava Jesus Cristo, sendo seguido por mim... (Pausa. Vitor caminha em torno do Varredor). Dentro de um terno, você é vulgar, é comum, não sobra mais nada do que você é... (Vitor retira o paletó da cadeira.) É teu. Você gosta dele.

VARREDOR – Pra mim?!

VITOR – Você leva a calça também.

(Pausa. Vitor continua andando em volta do Varredor.)

VITOR – Eu fico com o teu macacão, sujo e fedido como está. (Colocando a gravata no Varredor). Assim fica o uniforme completo. Claro, ainda faltam os sapatos. (Retira os sapatos). Você me passa os tamancos.

(O Varredor está imóvel, sem ter tocado em nada).

VARREDOR – Você não mora sozinho?

VITOR – Foi aqui que eu te imaginei. Nós só existimos, nós dois, aqui, dentro do banco. (Pausa. A luz começa a baixar e o tom é lento e quase delirante).

VARREDOR – Que é que você tem lá?

VITOR – Uns discos, uns livros, sei lá, as continhas feitas de fim de mês, débito-crédito.

VARREDOR – Rádio, você não tem?

VITOR – Um toca-discos.

VARREDOR – Toca-discos é bom.

VITOR – Você gosta de música?

VARREDOR – E tempo?

VITOR – Eu te dou tudo que eu tenho lá.

VARREDOR – Roupa?

VITOR – Minhas camisas... minhas calças... Nunca saio de dentro desse terno!

VARREDOR (Cada vez mais ávido) – Objeto de valor, você não tem nenhum?

176 VITOR – Só um relógio de ouro, que meu pai deixou pra mim, quando morreu.

VARREDOR – Você faz o quê, de noite?

VITOR – Nada. Eu ligo o toca-discos antes de dormir, e eu tento ver se durmo.

(Ao som de um réquiem, o Varredor abre os braços, seminu, e Vitor se arrasta para ele, até incorporar-se em seus braços abertos).

VITOR – Eu conheço você melhor do que você mesmo.

Eu sou mais você do que você mesmo e do que eu mesmo.

Você é mais eu do que eu mesmo e do que você mesmo.

Tudo o que você quer é o que eu já tenho e que me asfixia.

Na tua profissão, você é sacerdote, e eu não sou na minha.

Eu sei mais o teu nome do que você mesmo, eu te sei melhor do que você mesmo, então é minha a tua profissão, é minha a tua sujeira, é meu o teu esperma e o teu sangue é meu, é você quem me paga, sou eu quem te odeia!

(Blackout. A música cessa e cresce, em seu lugar, um ruído de máquinas batendo incessantemente.)

177

Fim do Primeiro Assalto

Segundo Assalto

Toque prolongado de sirene.

O Varredor está num canto e Vitor, noutro. O clima desde o início é de silêncio e hostilidade, principalmente por parte do Varredor. Os dois personagens estão com as roupas trocadas. Depois de um silêncio:

VARREDOR – Tenho a impressão que eu já te conhecia antes.

178 VITOR – É. Só se for daqui mesmo. É o único lugar que eu frequento.

VARREDOR – Daqui mesmo. Os caras da limpeza já tinham me falado.

VITOR – De mim?

VARREDOR – Que tinha um pinta me seguindo.

VITOR – Deviam zombar de mim.

VARREDOR – Os vigilantes da tarde também me falaram.

VITOR – Pensei que você não tivesse amizade com os guardas.

VARREDOR – Tem um que é meu vizinho.

VITOR – Vai ver que é por isso que me secam. Devem falar horrores de mim.

(O Varredor está pronto pra sair).

VARREDOR – Quer dizer que eu levo o paletó?

VITOR (Pingando colírio) – Não quer pingar um colírio?

VARREDOR – Nunca usei esse troço.

VITOR – É bom. Tira o vermelho. (Pausa) Quando eu passo lá na portaria pra ir embora, os guardas ficam de olho em mim. Acho que morrem de vontade de me dar uma porrada.

179

VARREDOR – Os caras lá são fogo.

VITOR – Polícia nunca vai com a minha cara. Uma vez eu apanhei na rua sem mais nem menos, pelo simples fato de estar na rua. O investigador, que era um troglodita, me pediu documento, me chamou de viado, e foi largando porrada na minha orelha e nas minhas costas. Até hoje eu não sei por quê.

VARREDOR (Desconversando) – Tenho que me mandar.

VITOR – Pra onde?!

VARREDOR – Pro andar de cima.

VITOR – Nunca vi um caxias como você, te juro!

VARREDOR – É o jeito. Fazer o quê?

VITOR – Esquece por hoje.

VARREDOR – Tenho que me mandar.

VITOR (Ausente) – Nem aqui no banco eu tenho amigo. Vivo sozinho 24 horas por dia, no meio de gente na rua e no meio de gente aqui dentro. Uma pessoa sozinha, desconhecida, tá sujeita a apanhar na rua da polícia. Se somem com a gente, é como se tivessem sumido com um espírito.

VARREDOR – A calça... Eu posso levar a calça?

VITOR – Claro, mas depois.

VARREDOR – Depois quando?

VITOR – Olha, eu tinha esquecido de te falar. Esquecido não, eu não quis dizer antes pra não te apavorar à toa. Mas eu saí do banco hoje. (O Varredor está muito espantado) Recebi as contas hoje de tarde.

VARREDOR (Desconfiado) – Sei...

VITOR – Fui eu que pedi demissão. Sabe como é, um dia tinha de acontecer. Mais cedo ou mais tarde.

VARREDOR (Com um certo rancor) – Claro...

VITOR – Fiquei hoje aqui pra te encontrar... Você foi a única pessoa que eu acompanhei durante esse tempo todo...

VARREDOR – (Com desprezo) E...

VITOR – Fiquei pra arrumar as minhas coisas, entende? Tirar tudo do armário. Por isso que eu não faço questão do terno, entende por quê?

181

VARREDOR – Te indenizaram?

VITOR – Eu achei que tinha de acertar as contas com o banco segundo os meus métodos. O banco faz lá as contas dele, tá certo, é um direito meu, não é justo?

VARREDOR (Que não consegue mais esconder o jogo) – E você tá com a grana?

VITOR (Desconversando) – Bem, isso é outra coisa.

VARREDOR – Outra coisa o quê?

VITOR – Senta aí. Já não ficou combinado que você não vai trabalhar hoje? Então pra que essa pressa?

VARREDOR – O problema é que eu tenho pelo menos que aparecer lá pro chefe, porra!

VITOR – Sem essa de chefe, senta aí.

VARREDOR – Escuta aqui, vamos conversar direito. Você não tá pensando em me embrulhar agora... Não vai me dizer que eu fiquei esse tempo todo aqui de alegre.

182

VITOR (Simpático) – Você é muito afobado, companheiro.

VARREDOR – Porra, você tá me achando com cara de fanchona, porra?

VITOR – Eu?! Eu não falei nada.

VARREDOR – Você me faz perder todo esse tempo pra vir agora com essa história que tá desempregado e sem dinheiro?! Caramba! Eu não tenho nada com isso, eu tenho o meu serviço aí, tenho que levar o meu no fim do mês, não vai me dizer que você tá querendo me fazer de besta!

VITOR – Acho que você tá passando o carro na frente dos bois. Eu não falei nada.

VARREDOR – O problema é o seguinte: você aí tá me devendo 80 mangos. Das coisas eu não faço questão, tá aí, mas a grana vai ter de sair.

VITOR – Eu sei, claro que eu sei. Senão eu não tava mandando você ficar sossegado.

VARREDOR – Ficar sossegado, caramba, trancado aqui dentro, com o chefe aí em cima! Tinha graça.

VITOR – Eu tenho só que acabar de arrumar as coisas e quero uma companhia pra ficar comigo até a última hora. Só isso, te pago mais 20, tá? Daí fica arredondado pra cem.

183

VARREDOR – Não, sem essa! Muita esmola o santo já desconfia...

VITOR – Não quer?

VARREDOR – Desde a hora que eu cheguei você tá aí, plantado, falando, falando, enchendo o saco.

VITOR – Ah! Enchendo o saco, é?

VARREDOR – É. Chega de papo agora. Agora o que me interessa é a grana.

VITOR – Eu posso te fazer uma pergunta antes? (Pausa. O Varredor faz uma última concessão, irritado). Posso?

VARREDOR – Vai, faz.

VITOR – Você gostou de mim? (Pausa) Sabe, é uma coisa grotesca, até... É que nunca fiz essa pergunta pra ninguém e nunca ninguém me declarou nada. Se não declaram é porque a gente tem de perguntar, é ou não é?

VARREDOR – Eu não sei o que você viu comigo, caramba!

184 VITOR – No fundo, no fundo, eu sinto até uma espécie de orgasmo quando eu lembro que estou sozinho, sem referência em nenhum lugar. Minha família não existe mais, minha infância não existe mais, e meus companheiros, nenhum existe mais. É terrivelmente confortável. Só que eu queria ter certeza, por uma espécie de orgulho, que existe uma pessoa que eu consegui assaltar, no interior, tirá-la toda pra fora pra ver se é melhor ou pior do que realmente é. Claro, você deve ter horror de mim. (Pausa) Acertei?

VARREDOR – Não chateia.

VITOR – Desculpa.

VARREDOR – Eu tou é pensando no que eu vou levar nisso.

VITOR – Dinheiro é fácil, meu velho. Nós estamos em cima do tutu, nadando no meio do tutu, estamos ou não estamos?

(O Varredor está cada vez mais aflito).

VITOR – Você e eu, nós dois estamos nada mais nada menos que em cima de todos os códigos aí deles, de todas as regras sociais, estamos pisando a cultura deles, as escolas deles, a fonte do pudor deles, enquanto eles numa hora dessas fazem a festa aí fora, tranquilamente. É ou não é? E se eles podem fazer a festa deles, por que é que nós dois vamos perder a oportunidade de fazer a nossa? Não é mesmo?

VARREDOR – Você vai continuar com esse papo até quando?

VITOR (Ausente) – Eu fico pensando... Aparentemente, é de uma simplicidade assustadora. Mas imagina um homem como você, simples e submisso como é você, ou um covarde, como eu, conversador ranheta como eu, que tivesse resolvido viver simplesmente e que para isso, simplesmente, ingenuamente, seguindo a lei naturalmente das coisas, botasse a mão, encos-

tasse o dedo num cofre desses. É como se você estivesse puxando o gatilho de um exército inteiro contra a tua própria cabeça.

VARREDOR (Irritadíssimo) – Sei, eu sei, mas o problema é o seguinte, ô garotão: eu estou agora é esperando o tutu, entende? A grana, compreendeu? A grana, porra!

VITOR (Subitamente irritado) – Taí, você conseguiu me irritar. Quer saber de uma coisa? Vai embora, vai!

(Vitor começa a arrastar o Varredor displicentemente).

186

VITOR – É essa tua mania de falar *porra, porra*, o tempo inteiro falando *porra*, não há quem aguente! Ih!, vai, vai embora! Vai embora que eu não quero te ver na minha frente nem pintado de ouro mais!

VARREDOR (Se desvencilhando) – Calma lá, eu vou embora sim, mas antes vamos ter que acertar as contas. Não pensa que você livra a tua barra fácil assim não!

VITOR – Eu te comprei com as minhas condições, foi ou não foi? Te comprei pra fazer de você o que me desse na cuca. Você aceitou o jogo. Acei-

tou ou não aceitou? Então, o que você tá reclamando? Quer ir embora? Pois vai! Te prender é que eu não vou, inclusive nem tenho resistência mais, é muito trabalhoso.

(Vitor vai e destranca a porta.)

VITOR – Pronto, a porta tá aberta. Pega a tua vassoura, o teu lixo e desaparece. (O Varredor permanece imóvel) Ah! Não quer pegar as tuas coisas, é? Pois tá. (Pega os objetos do Varredor e joga tudo pra fora). Se quiser, volta lá pra tua turma, vai limpar as tuas privadas, as tuas salas, o que você quiser! Quem dá as cartas aqui hoje sou eu! (Pausa. O Varredor está imóvel.) Eu te mandei embora, o que você tá fazendo aqui na minha frente? (Pausa) Vai embora. Eu te dispensei. Você tá completamente livre... (Pausa)

VARREDOR (Calmo, mas com ódio) – Quer dizer então que vai ficar assim?

VITOR – É. E se quiser, pode subir e contar pros teus colegas. Diz que encontrou um louco de pedra aqui dentro, da pesada, explorador, alucinado, horrível, uma coisa abjeta! Depois desce lá na portaria e explica tintim por tintim pros guardas teus amigos. Conta pra eles que tem um assaltante aqui em cima disposto a levar uma bala na cabeça. Não faça a menor questão. Hoje

o desprezo e a violência são a única moeda forte, a única moeda válida, onde eu arrisco tudo!

VARREDOR (Com ódio) – Não é a primeira vez que um tipo como você me passa pra trás.

VITOR – Que ótimo!

VARREDOR – Um advogado aí do 12 já me fez uma dessa. Não sei nem como entrei na tua.

VITOR – Pois é: escola é que não te faltou.

VARREDOR – Esse papo nunca levou ninguém pra frente.

188

VITOR – Claro! Hoje em dia as pessoas são todas muito vividas.

VARREDOR – Só que desta vez não fica assim. Eu não levo o meu dinheiro, tá certo. Mas te acerto de um jeito ou de outro.

VITOR – É um direito que te assiste... (Pausa)

VARREDOR (Gritando) – Quem você tá pensando que é?! (Pausa) Você me obriga a parar o serviço, me chama de fedorento, me faz ficar ouvindo a tua lengalenga e ainda por cima pensa que vai me dar ordem?

VITOR – Claro, você é o varredor do banco, esqueceu? Eu sou um bancário. Não é correto?

VARREDOR – Você é um viado muito sujo!

VITOR – O que que você falou?

VARREDOR – Eu não preciso do teu dinheiro, tá bom?

VITOR – Tou te desconhecendo...

VARREDOR – Nem pensa que a tua gravata en-sabada me mete medo. Não gostei do tipo logo de cara. Você tem um jeito de fresco que não me entra. Escutei tudo que você quis falar, você falou o que quis e o que não quis, e eu fiquei aqui. Sem dar um pio. Pois é. Quero te mostrar com quem você tá lidando!

189

(O Varredor corre pra fechar a porta, Vitor tenta impedir. O Varredor empurra-o violentamente contra o chão, segurando-o pela garganta).

(Violência simulada. O Varredor chuta Vitor, que responde com gemidos, no chão).

VARREDOR (Entonação deliberadamente teatral, de frente para a platéia) – Quem sou eu pra levantar a minha mão contra você? Como o

teu resto, faço o teu jogo do jeito que ele vem. Carrego com minhas costas a força que você não sabe fazer e o teu cheiro fedido que você não pode mostrar pra ninguém porque você é honesto, e limpo, e educado, e estudado dentro de tua roupa limpa; do teu sapato engraxado, dentro de tua semana garantida de sete dias garantidos, enquanto eu estou aí, apodrecendo debaixo dos teus sete dias pra pagar o preço da tua honestidade, apodrecendo debaixo da tua religião enfatiada de bar, debaixo do teu Jesus Cristo enfatiado sem cheiro de privada e sem escarro na cara.

190 Agora para de bater no peito, porque eu falo uma língua diferente da tua. Vocês já me separaram faz muito tempo. E se a tua lei me botou sujo, e me botou fedido, pede conta pra ela e não pra mim, que estou engolindo por vocês todos e todo dia a merda toda do mundo que vocês puseram na frente do meu nariz, pra continuarem limpos, e pra continuarem honestos. Pega qualquer um dos teus amigos aí com cheiro de livro, com cheiro de restaurante, com cheiro de teatro.

Encosta um deles na parede e obriga a te responder às custas de quem e às custas de que ele continua limpo.

Chama ele de covarde, de filho da puta, de frouxo.

Sabe o que ele te responde?

Não te responde nada!

Qualquer mendigo da rua vomita em cima da tua roupa limpa!

(O Varredor começa a juntar suas coisas que foram jogadas lá fora. Está decidido agora a arrumar a sala de um jeito ou de outro).

VITOR (No chão, com a mão na garganta) – Filho da mãe! Nem perguntou o meu nome. Nem quis saber como é que eu chamo!

191

(A ação passa ao realismo anterior.)

VARREDOR (De volta, contundente) – Com você ou sem você eu vou arrumar a sala agora, nesse minuto!

VITOR – De jeito nenhum!

VARREDOR – É fácil. Eu dou o sinal de alarme e chamo a vigilância.

(O Varredor caminha para o alarme e aguarda, com a mão suspensa).

VITOR – Pior pra você.

VARREDOR – Eu explico que não querem me deixar trabalhar. Os caras te botam pra fora na marra! É muito simples!

VITOR – Pois chama. (O Varredor desiste.) Não vai chamar os teus amigos?

VARREDOR – Essa sala vai ter de ficar arrumada de qualquer jeito!

VITOR – Essa noite não. Ainda falta fazer um exorcismo. Senão, nunca mais vou conseguir dormir, com o espírito do SEU MAIA me possuindo por dentro. (Pausa)

192

(Vitor faz um sinal com os dedos ao iluminador do teatro e acendem-se as luzes da plateia.)

VARREDOR – Perdi meu tempo em te levar a sério, agora é que eu vi: você não regula.

VITOR (Sentando o Varredor na cadeira e se afastando do palco) – O que você pensa não me interessa mais. Eu já te desmascarei. Pode ter certeza que nunca mais na vida eu vou te seguir! Nesse minuto você já morreu pra mim. (Pausa). Eu tentei devorar você por dentro, mas a verdade é que você não é tão rico como eu pensava. O

fascínio que você tinha era meu mesmo. Tudo o que eu pensei que tinha de mágico em você, quando eu te seguia, e te via de fora, era uma criação minha. Você não passa de um lixeiro, vulgar e insuportável como tem de ser um lixeiro.

VARREDOR – E o que você me deve?

VITOR – Tanto que nesse minuto, já, eu vou te pagar o dinheiro que liquidou essa ilusão. Tá aqui. (Retira da carteira todo o dinheiro que tem.) Pode contar. (O Varredor não pega). Ah! Não quer contar? Então fica aí. (Joga nota por nota no chão.) Quanto às coisas que eu te dei, pode levar tudo, ou então joga fora. (Apalpa o macacão do Varredor.) O teu amor não me interessa mais. Quando eu precisei dele, pra expulsar os meus demônios, você não estava aqui. Agora eu estou sozinho e você não significa mais nada. Eu nem te amo, nem te odeio. Nós dois estamos simplesmente separados, sem mais nada em comum. Não vai pegar o teu dinheiro?

(Pausa. O Varredor aguarda ainda um pouco, depois se abaixa, humilhanamente, e começa a catar o dinheiro. Vitor sai pela plateia).

VITOR – Eu te ensino o que você faz com essa soma. Você tem que aprender a tua nova vida esbanjando. A decadência exige de você o má-

ximo de gestos inúteis e o mínimo de conteúdo. Você tem que ser, em tudo o que você faz e vive, um grande barulho oco!

Você pega esse dinheiro, vai sentar num restaurante aí, no mais bêbado que você encontrar, vai pedir pro garçom o prato que você quiser, vai deixar a gorjeta, no final vai sujar a mesa com os restos do teu cigarro, vai fazer bolinhas com miolo de pão, vai bocejar como um porco, vai encher a cara da melhor maneira possível, e depois vai se jogar na rua, na frente do primeiro táxi que aparecer.

(Pausa)

194

É o preço exato de um jantar. Confere?

VARREDOR (Com o dinheiro contado na mão)
– Tá certo.

VITOR – Contadinho?

VARREDOR – Conferido.

VITOR – Nem mais nem menos?

VARREDOR – Conferido, porra! (Pausa)

VITOR – Então agora eu liquido com a sua vida. Te pago tudo que estão te devendo.

(O Varredor, que guardou o dinheiro no bolso, está um pouco surpreso.)

VARREDOR – Ninguém me deve mais nada.

VITOR – Claro que estão te devendo. Eu, na minha posição de inquisidor, digo e sustento que estão te devendo. Não foi com oito anos que você começou a trabalhar?

VARREDOR – Problema meu.

VITOR – Com oito anos, eu sei. Não adianta você esconder. Você vendia doce na rua. (O Varredor fica mais surpreso ainda).

195

VITOR – Claro que vendeu. E o medo que você tinha da fome? Você aprendeu a ter pavor da fome com oito anos: quando você via a tua família, a tua mãe, o teu pai, tuas irmãs, à beira da miséria. Daí você vendia. Vendia paca! Vendia o máximo que podia! (Vitor começa a retirar os pacotes de dinheiro da gaveta). Você comia arroz magro e feijão magro. Neca de carne. Você adorava carne, mas não podia comer carne. Pois aqui está a carne, sorvete, chocolate, brinquedo, Natal, escola, livros e tempo para estudar! É esse que é o teu dinheiro!

VARREDOR (Apavorado) – Você ficou louco, eu nunca vendi doce na rua.

VITOR – Claro que vendeu! Você e a tua irmã mais velha, vocês dois, cada um com uma cesta no braço, indo de rua em rua, de festa em festa, de casa em casa, vendendo doces.

VARREDOR – Não tenho irmã.

VITOR (Apontando o dedo na cara do varredor)
– Não adianta me mentir! Eu sei de sua vida, tintim por tintim, minuto por minuto, eu posso entender o que significam esses anos de guerra, um assalto atrás do outro, uma bomba atrás da outra, uma porrada atrás da outra, até chegar aqui, debaixo dessa luz branca aqui, fechado dentro dessas paredes aqui, com a tua mãe lá fora te pedindo de joelhos que você não abandone o banco, de jeito nenhum abandone o banco!

VARREDOR – Eu não tenho irmã.

VITOR – Claro que tem irmã! Duas irmãs. Mas isso não faz diferença mais nenhuma.

VARREDOR (Tentando recuar para a porta) – Para com isso, porra! Eu sou casado!

VITOR (Levantando um dinheiro até a cara do Varredor) – Você não tem culhões? Nem pra receber o que é teu e que estão te devendo?

VARREDOR – Olha, se aparece alguém aqui e encontra isso, vão pensar que eu vou junto nessa jogada!

(Pausa. Vitor se diverte sozinho com o medo do Varredor.)

VITOR (Tranquilamente) – Sabe... esses armários aí estão todos cheios de dinheiro. As gavetas das mesas... tem dinheiro em tudo quanto é canto. Fiz uma festa pros funcionários do banco por conta do próprio banco... Amanhã eles chegam aqui e encontram o pagamento extra deles... (Voltando-se para o Varredor com ódio.) Agora eu estou pagando pra você o que é teu e você vai ter que confiar nas contas que fiz!

197

VARREDOR (Implorando) – Vamos conversar direito... direito... Escuta, ô meu, vamos devagar... eu sou casado!

(Vitor prontamente retira mais pacotes de dinheiro, que passa ao varredor.)

VITOR – Pelos teus filhos, e mais pela vampira da tua mulher, que levanta todo dia às quatro da

manhã pra arrumar o lixo dos outros, pra ouvir o grito dos outros, e pra comer também o resto dos outros, e mais pela escola dos teus filhos, pela comida e pela roupa deles.

Pronto! O teu casamento tá pago!

Não me fala nunca mais que você é casado!

(O Varredor está muito nervoso, coça o corpo nervosamente).

198 VARREDOR (Implorando) – Escuta... Eu nunca roubei nada... Foi você quem começou o papo... não vai depois me botar nessa. Eu sou um homem direito.

VITOR – Quem é que tá roubando o quê de quem? (Pausa) Hein?

VARREDOR – Esse tipo de coisa sempre acaba mal! Vai por mim.

VITOR – Estou simplesmente pagando pra mim mesmo através de você. Você não tá me fazendo nenhum favor! (Continuando a tirar nervosamente pacotes de dinheiro). Estou te pagando a tua juventude que te roubaram, não é muito.

Estou te pagando a tua hora contada, marcada no despertador, estou fuçando numa peça de máquina pra obrigar a parar, tá me entendendo?! Junta tudo e se arranca! Eu aceito morrer por você e você vive por mim.

Ninguém vai pagar pra mim o meu preço exato. O que me roubaram, não vai ter ninguém, banco nenhum, que me pague mais... (para o Varredor) Não vai pegar?!

VARREDOR – Esse dinheiro, não.

VITOR – Esse dinheiro, sim! Por que não?

VARREDOR – Te amassam num minuto!

VITOR – O banco é uma mentira! Ninguém mais tem medo do banco! Eu, o número 5.923.800, levantei a minha mão contra o banco e estou vivo! (O Varredor, apavorado, recua para a porta) Onde você pensa que vai?

VARREDOR – Vou dizer que você ficou louco...

VITOR (Empurrando o dinheiro ao Varredor) – Vai pegar o teu dinheiro ou não vai?

VARREDOR – Eles vão ver de cara que você não regula...

VITOR (Empurrando o dinheiro da mesa para o chão, furioso, depois empurrando as gavetas com os pés) – Pensando bem, pensando bem, todo esse dinheiro que está aqui não vai dar nem pro teu caso particular. Nem pro teu insignificante caso particular. Somando a tua vida minuto por minuto, somando tudo, a gente ia ter que assaltar a tesouraria inteira...

VARREDOR – É, a tesouraria inteira.

VITOR – As barras de ouro que estão lá embaixo.

VARREDOR – As barras de ouro do banco!

200

VITOR – O banco inteiro!

VARREDOR (Ávido) – Caixa por caixa, cofre por cofre!

VITOR – E pensando bem, pensando bem, o que é que você vale? Que valor que você tem?

Você não tem importância nenhuma! Você não vai trazer nada de novo, seu, pra mim, nem vai parecer com um Messias tirado de trás da porta. Substancialmente, você não vai modificar nada do que está acabado, consumado e imodificável!

(Vitor começa a juntar de novo o dinheiro do banco em cima da mesa.) Quer saber uma coisa? Resolvi que nem os meus míseros 80 mil, que eu te dei da minha própria carteira, nem esses você vai levar!

(O Varredor volta atrás, surpreso)

VARREDOR – Mas você... você não tinha acertado comigo?

VITOR – Tira todas as coisas e passa pra cá!

VARREDOR – Eu só estou te pedindo porque pra mim esse dinheiro já é sagrado... eu já acostumei com a ideia dele nas minhas contas, entende? (Pausa. Se olham de frente.) Me entende? Porra, pra mim é muito mais importante!

201

(Pausa. Os dois ficam de costas. Vitor de frente para a plateia, como verso e reverso um do outro.)

VITOR – Estamos quites. Você e eu chegamos na estaca zero, onde você queria. Não te devo mais nada nem você me deve mais nada. Mas pode se lembrar de uma coisa: essa guerra continua e eu sinto um prazer enorme, fora do comum, em desempenhar por você a função tua que você recusou. (Vitor grita o mais alto possível.) Agora Fora! Fora daqui! Fora! Fora daqui!

(Música frenética, estilo rock. O Varredor veste o paletó. Amarra grotescamente a gravata no pescoço. Corre para um canto, aterrado. Conta o dinheiro de Vitor, conferindo. Depois decide e toca a campainha do alarme. Depois foge pela plateia, gritando sobre os espectadores, no interior do teatro, pedindo socorro.)

VARREDOR – Assalto! Assalto! Estão assaltando o banco! Assalto! Assalto! É um assalto!

(No palco, Vitor prossegue o ritual despindo-se, chicoteando as paredes do banco com o cinto da calça, no estado máximo de sua loucura. Música crescendo sempre. Uma sirene começa a tocar, vinda do lado de fora do teatro, por onde saiu o Varredor. Efeito de metralhas, luz e som especiais, ruídos, e finalmente a queda, metade do corpo nu fora do palco. *Blackout*. Luz sobre Vitor, funcionário nº 5.923.800).

202

Fim

Ficha Técnica

Representada pela primeira vez no Teatro Ipanema, Rio de Janeiro, no dia 10 de abril de 1969.

HUGO – Ivan de Albuquerque

VITOR – Rubens Corrêa

Em São Paulo: no Teatro Bela Vista, no dia 9 de agosto de 1969, passando depois para o Teatro Maria Della Costa.

HUGO (Varredor) – Francisco Cuoco

VITOR (5.923.800) – Paulo César Peréio

Produção: Gilda Grillo

203

Direção de produção: Norma Bengell

Cenografia e figurinos: Marcos Flaksman

Fotos: Gilda Grillo

Divulgação: José Vicente

Administração: Ana Maria de Cerqueira Leite

Cartazes e capa do programa: Maria Wanderez e Sônia Nercessian

Direção: Fauzi Arap

Iluminação: Antônio Manso

Contrarregra: Vera Herly de Oliveira

Som: Flávio Romeiro

Música especialmente composta por Aylton Escobar

Música incidental de Duruflé, Bach, *The Doors* e Prokofiev



O Assalto: Marcelo Drummond, José Vicente, Fran Sérgio e Haroldo Ferrari (ao fundo, Zé Celso Martinez Corrêa), Teatro Oficina/SP, 2004

Hoje é Dia de Rock

Prefácio

Esta peça-romance nasceu de uma carta que eu recebi de meu irmão, Messias, comunicando a morte do meu pai. Nessa época eu morava em Londres, na pensão da Miss Stevens, na King's Road, Bivar e eu. Foi a época da Ilha de Wight, *good vibes, the dream is just beginning*. Nessa época a alegria era tão abundante que Bivar e eu fomos contratados para fazer o filme do Stanley Kubrick, *A Clockwork Orange*. Como extras.

Meu pai, o nome completo dele é Pedro Gonçalves de Moraes. Ele nasceu em Minas Gerais, cresceu e aprendeu no sertão, foi maestro de banda, fogueteiro, boêmio, morreu aos sessenta e poucos anos como uma criança. Minha família tem dez pessoas. Oito irmãos, meu pai e minha mãe. Esta peça é um canto de aleluia pro meu pai. Eu nunca escrevi um canto de aleluia. Minha última peça tinha sido um canto de réquiem. Daí decidi que canto de réquiem *never more*. Mesmo que eu tivesse de ser antigo. Minha vida, se eu contar, dá um romance, uma *recherche*. Mas sempre achei o romance uma perda de tempo. Aí não pensei duas vezes. Vou escrever uma peça-romance, um romance-peça, um romance. Reinventei meu pai, meus irmãos, meus amigos, eu, criei um romance, uma peça, sem clímax. *Hoje*

é *Dia de Rock*. Elvis, Jair de Taumaturgo, Little Richard, Rolling Stones. Rock. Nem *down*, nem *high*. Rock. Uma peça sempre tem uma história. Um dia eu conto. Ou não precisa?

Tem outros: o James Dean, Sal Mineo, *Juventude Transviada*, lambreta. Um sonho.

José Vicente

Londres, 3 de setembro de 1970

Mãe, maravilhosa. Peço desculpa ao Messias por estar respondendo ~~essa~~ a carta d'êla pra senhora. Mas acho que dá na mesma. A carta do Messias é linda. Biver e eu choramos juntos, quando a gente acabou de ler. Me lembrei que, na época ainda do Seminário, Messias falava que ia ser aviado. Esse amor pelas estrélas e pela lua vai continuar tão vivo em você, Messias, como continuou vivo pro papai. Essa lua eu também estou procurando. E ela que eu quero. Estou tentando à minha maneira, de insatisfeição a insatisfeição. Certas pessoas descendem da costela iluminada de Abel, como você. Eu devo ter algum osso de Caim dentro de mim. Mas eu acho que, à sua maneira torturada, Caim recebeu no final a mão suada do Pai, e deixou no quentinho, no tempo sem hoje e sem amanhã que eu também tenho procurado com a minha curta vida enfiada desta terra tão diversa, tão reveladora, tão terrivelmente rápida.

Estou chegando de Wight, uma ilha no sul da Inglaterra. Teve lá um festival de música / Pop, com os ídolos da música popular do mundo inteiro. Compareceram 600.000 pessoas. Foi o maior festival já acontecido no mundo, segundo me informaram tinha mais gente que na Copa do Mundo. Era ao ar livre. A gente dormiu uma semana no chão, ou dentro de barracas. Tinha gente que dormia encima de árvores, outros dentro. Biver e eu construímos um "cass" dentro duma árvore. Tinha janelas e tudo. Só que ventava demais e era uma colina. A gente tinha que dormir de bunda e, se ventasse muito, tinha o perigo da gente rolar montanha abaixo. Foi quando vimos (como que por milagre) uma bandeira enorme do Brasil. Descemos, fomos até lá, e encontramos milhares (30 mais ou menos) de brasileiros, no mais completo estilo tropical-caspiras: falando alto, fazendo muito barulho, perturbando o lugar já tão perturbado (os moradores da ilha fizeram tudo pra que o festival não acontecesse; os jornais aqui estão dizendo que houve uma verdadeira devastação no lugar, e que esse é o último festival de Wight: "Devastation Road" (estrada da desolação) e "Devastation Hill" (Colina da Devastação) foram algumas das manchas que saíram). Mas o festival foi maravilhoso. Pela primeira vez eu senti que a juventude do mundo inteiro não se contenta mais com idéias abstratas sobre o amor. Todos estão procurando a sua verdade para vivê-la até o fim, sem imposturas. Todas as pessoas insatisfeitas estavam lá, como espelhos de um mundo que luta pra varrer da vida a face do amor. Eu vi muita coisa e é impossível relatar tudo. Vi milhares de jovens (homens e mulheres lindíssimas) tomando banho nus numa praia, com a maior naturalidade. Era de uma pureza religiosa. Espontaneamente, quase como uma criança, eu também tirei a minha roupa e mergulhei no mar, no meio daqueles milhares de corpos desprotegidos e frágeis. Eu descobri uma beleza muito grande nessa inocência. Talvez tenha sido a maior lição que aprendi nessa viagem: existem milhares de seres tentando ser bons, tentando ser plenos. A alegria que havia lá era uma alegria serena. As pessoas trazem na cara uma bondade transparente, uma compreensão e uma fraternidade que te derruba. Até os jornais mais intolerantes reconheceram que a gente que compareceu lá "era muito simpática, muito gentil, com raríssimas exceções". Eu pessoalmente não vi nenhuma exceção. Senti uma vontade muito grande de dar tudo o que eu tinha. Eu ganhei cigarros, pratos de comida, colar, chocolate, sorvetes, tudo, de pessoas que eu nunca vi, que eu não sei nem o nome, e que me sorriam como se me conhecessem há anos e anos. A gente se comunicava com o olhar, com a cara. Não era preciso saber falar língua nenhuma. Fazia muito frio de noite, mas a presença das pessoas esquentava de uma tal forma que nem era preciso aquecimento. Eu dormi numa tenda onde dormiam mais de sessenta pessoas. A única coisa complicada era achar um lugar pra encostar a cabeça. Uma suco, chamada Pom-Pom, que é um doce, tem de sessete anos, me permitiu dormir encima do meu ventre. Os pés eu colocava encima do peito de um americano, chamado Jerry, que tem uma barba enorme e uns cabelos miúdos que o da Vitória. Do meu lado dormia Castano, Gel Costa (imagina!), Biver, e outros que eu não me lembro. Tava o Gil, tava a Helena Ignês, Rogério Sganzerla, Rodrigo Santiago, etc. No segundo dia de festival os brasileiros foram convidados pra se apresentarem e fomos todos pro palco (umas quarenta pessoas, tinha até alemão dizendo que era brasileiro), e improvisamos três números. Gil cantou "Aquêla Abração", Castano dançou e cantou, Biver chegou a tocar réco-réco. Eu fiquei sentado atrás, morto de vergonha, com um gravador a tiracolo, fingindo que estava ali só pra gravar. Fomos aplaudidíssimos. Se não me engano fomos filmados, e televisionados. Eu chorei de emoção. Abraçei os brasileiros com todo o meu amor. Quando voltamos pra tenda, de noite, todo mundo ficou possuído por uma estranha tristeza. Me deu uma saudade infinita do Brasil, do meu povo, da minha gente, e sobretudo de vocês. Me lembrei de um por um. Fiquei horas num canto, sem falar nada, me comunicando com vocês através do meu pensamento. Me lembrei da senhora, do Messias, da Cida, Maria Antônia, Vitória, Barto, Maria, João e d'êla, papai. Não sei exprimir de outra forma, mas as grandes lições que eu tive na vida eu recebi em casa. Tudo o que eu escrevo eu, no final das contas, tiro de dentro d'êssa bad inesgotável que é a nossa vida comum. Eu sinto por cada um de vocês um amor que eu não sei exprimir direito, nem manifestar, mas acho que vocês entendem. Tenho impressão que sei dos probleminhas de um por um, das preocupações, das pinibas, pequenos ciúmes, mágoas, e sobretudo uma generosidade que acaba encobrindo tudo e ficando tão grande a ponto de só existir ela.

Eu só recebi hoje a carta do Messias. De manhã, quando acordei, senti uma coisa estranha.

Não sabia explicar direito. Biver notou. A gente em geral costuma sair juntos. Hoje eu resolvi sair sózinho. Andei, comprei jornal, li um livro, estava me sentindo muito mal, e não sabia o que era. Quando voltei pra casa, fumei, fiz um café (tenho feitos cafés sensacionais, descobri um pó delicioso, perfumado, vindo do Brasil e que não é tão caro). Ai entrou o Biver com a carta do Messias. Eu li, com a maior evides, e nonfinal estava chorando. Biver leu também a carta e chorou e até agora está calado lá no canto, enquanto eu escrevo. Não sei, foi triste e foi alegre, foi terrível e foi consolador, eu não sei explicar direito. Agora estou calmo. Estou sentindo uma paz muito grande. Já resei pra ele e até já pedi umas coisas. Quando eu sai daí de casa, depois quando eu falei pelo telefone, eu sabia (alguma coisa disse dentro de mim) que eu não ia mais ver a face tangível do papai. E ao mesmo tempo eu não sentia nenhuma dor por isso, porque pra mim ele jamais morrerá. Em todo caso eu gostaria de ter estado junto com todos vocês, não por obrigação, não por dever familiar, mas só para estar junto, pra chorar junto, e pra rezar junto. Biver acabou de me dizer que sentiu o papai aqui dentro do quarto agora. Ele me disse que sente o papai mais vivo do que nunca. Eu também sinto. E confortável saber que as pessoas não morrem. Que o que nós chamamos de morte é só um rompimento passageiro pra um outro estado, mais puro, onde as pessoas se reencontram. Eu não gostava de ver o papai deitado daquele jeito, sem poder sair, sem poder fumar direito, sem poder comer direito, sem poder beber à vontade a pinguinha dele. E ao mesmo tempo, sempre que eu entrava no quarto, sempre que eu voltava do madrugada da rua e ia dormir e ouvia a respiração ofegante dele, sempre que eu acentia a luz e ele estava lá, silencioso, resando, ou fazendo o pito dele, eu sentia uma paz que me fazia muito bem. Eu me sentia respirando bem. Era qualquer coisa como um bálsamo, que me confortava. Eu estava sempre com pressa, vocês se lembram. Eu estava procurando na rua, nos jornais, nos teatros, aquilo que estava ali, na minha frente, escrito de uma maneira tão clara e tão sabia nos olhos daquele homem magro, vivo, cada dia mais longe da terra, cada dia mais longe de todos nós que ainda estamos dentro do tempo. Eu tenho impressão que ai em casa deve estar muito bom. Eu tenho impressão que todos vocês estão ótimos. A presença dele deve estar purificando muito a casa, como hoje me purificou de tudo. Agora é que ele está vivo, não antes. Eu sei que vocês todos sabem disso. Mas é sempre bom voltar a falar. Todos nós temos muito chego ainda pela frente. E confortável saber que certas luses, como por exemplo a dele, às vezes iluminam algum momento escuro. Eu falei, falei, e acabei não falando com a senhora. Que vontade de estar aí, pelo menos durante algumas horas, pra gente estar junto. A gente está junto de qualquer forma, a senhora sabe. Mas hoje, se não fosse o Biver, não sei o que seria de mim aqui em Londres - não sei com quem eu ia falar. No começo é muito difícil aceitar. Não é bem aceitar: é uma coisa que aperta dentro da gente e que sai, por mais que a gente queira segurar. O Messias disse que vocês estão todos felizes e eu acredito, porque também eu estou feliz. E eu sei também que a senhora está bem. A gente pensa que não está preparado para a separação, mas a verdade é que a gente nunca se separa. Eu estou vendo a senhora aí dentro de casa e estou vendo vocês todos. Estamos juntos. Só que hoje ele não está lá no quarto, a porta fechada, e a televisão baixa, e o rádio baixo. Hoje ele está dentro da casa inteira, com a sua imensa, a sua infinita ternura, e a sua delicadeza tímida, o seu sorriso tão meigo, tão bom, e a sua insaciável alma faminta de luz e de vida. Ele está vivo. Agora é a nossa vez.

Messias falou que eu agora estou respirando o ar da liberdade. Estou tentando. Eu estou no exílio e o ar da liberdade, aqui, é amargo. Ser livre sózinho é quase tão insuportável quanto estar preso. O que eu mais quero é a liberdade para nós todos. E esse trabalho depende de muitos. De mim, de você, e de muito mais gente. Estou com uma saudade infinita de vocês todos. Mil beijos, mil abraços, todo o meu amor.

Éo Vicente

Personagens

PEDRO – O Pai, sertanejo lírico, forte, velho mas jovial.

ADÉLIA – Sua mulher, a Mãe, forte, nobre.

ROSÁRIO – Filha mais velha, cega, mística. Ela é o repositório da memória da família. Uma espécie de anjo enigmático, frágil, quase inexistente. Ela está sempre presente na ação, silenciosa.

QUINCAS – Filho mais velho, aventureiro. Uma espécie de cafajeste iluminado.

DAVI – Filho do meio, sacerdotal, também muito delicado, herdeiro do sonho do pai.

VALENTE – Filho mais novo, trágico, solitário.

ISABEL – Filha mais nova, sonhadeira, vaidosa, confidente de Valente.

Os que passam (podem existir outros)

SEU GUILHERME – Músico de banda, bêbado de botequim, amigo de Pedro.

DONA EFIGÊNIA – Negra amiga de Adélia, freguesa do botequim, vizinha.

ELVIS PRESLEY – Namorado de Isabel. Mecânico.
Do tipo *juventude transviada*.

NEUZINHA – Mulher de Quincas, aventureira
como ele, um pouco pirata, um pouco cigana.

INCA – Índia nascida nos Andes, vidente.

Era Uma Vez...

(Para ser projetado em gótico de livro infantil velho)

Era uma vez um maestro de banda, Pedro, que morava com sua mulher, Adélia, mais os cinco filhos num lugar chamado Minas. Ele aprendeu teoria musical por conta própria através do Método Gianini, único até então conhecido. Tudo isso já faz muito tempo e nem se sabe se Minas ainda existe. Um dia, Pedro ouviu uma música tão extraordinária, que pra escrevê-la seria preciso inventar uma clave diferente das do Método Gianini, tarefa à qual ele dedicou sua vida, como se verá...

215

(As luzes acendem as partituras, a clarineta, o cavalete, a cadeira)

PEDRO – Vem que eu te espero... Vem. Vem, meu amor, eu espero teu rosto, espero tua voz. Vem que eu espero tua linguagem, tua palavra que eu não sei qual é, que eu chamei de: Minas.

(Adélia, sua figura colorida, acena distante, com uma sombrinha cor de rosa).

PEDRO – Vem...

(Ela acena)

PEDRO – Adélia.

(A voz de Isabel canta *Viajante, Viajante*)

PEDRO – Adélia...

(Adélia continua acenando)

PEDRO – É ela que não está ouvindo ou minha voz que não existe mais?

(Adélia some)

216

(Pedro solfeja a música que Isabel canta. A música é solfejada por ele e cantada por ela, do começo ao fim. Silêncio).

PEDRO – Mas eu ouvi! Tenho certeza que eu ouvi. E até agora, mesmo nesse minuto, eu posso descrever como foi. Foi assim.

(A voz de Isabel volta a cantar a música).

PEDRO – Eu escutei a música uma vez. Só uma vez. Inteira.

Nessa época eles moravam na beira duma estrada e tinha uma venda, por onde passavam uma jardineira, de semana em semana, levando não se sabe pra onde uma gente magra, suja de uma terra vermelha, e que estava indo-se embora.

Adélia, que era quem cuidava dos negócios, olhava do balcão da venda esses retirantes silenciosos e jurava que um dia ia vender tudo: até os alqueires de terra, onde só existia pedra.

E que ia juntar a mudança e os filhos e seguir pela estrada com eles até um lugar onde tivesse futuro.

Primeira visão de Pedro (narrada)

PEDRO – Eu fazia fogos de artifício nas festas da cidade. O nome da cidade era Ventania e era numa montanha de Minas, numa montanha de pedra brancas. Só tinha pedras. Eu fazia castelos, roda de fogo, foguetes. Eles me chamavam de Pedro Fogueteiro.

217

Eu demorava um dia, de casa até Ventania.

Eu ia a pé carregando meus castelos.

Um dia, quando o sol ainda estava pra nascer, no fim da madrugada, e que eu estava subindo a primeira montanha (o nome da montanha era Penteado), então eu ouvi um coro cantando. Era um coro e era um som que eu nunca tinha ouvido em toda a minha vida um outro parecido.

Que eu não sabia se... Se eram eles que já tinham chegado, os estrangeiros...

Era um som de metal. Um coro de metal. Sem ritmo.

Como se fosse uma máquina invisível.

Então eu olhei de lado, na estrada, e eu vi uma plantação de arroz, de um amarelo esverdeado, um brilho de ouro, e parece que os estrangeiros cantavam lá de dentro, escondidos. Foi aí que eu vi uma mulher, uma índia, com a cara pintada de ouro, um vestido de cetim roxo, e ela estava com ramos de arroz no braço.

Então eu vi que a música nascia dela.

218 Em coro. Como se tivesse um instrumento.

E ela cantou até o sol nascer.

Quando o sol nasceu ficou tudo em silêncio e ela foi-se embora.

Quincas, o filho mais velho, tinha-se casado com a prima Neuzinha, descendente de ciganos, e os dois já tinham ido embora de Minas para a cidade.

Então Adélia vendeu tudo pro primeiro comprador que apareceu, escreveu uma carta pra Quincas e a jardineira levou a carta. Na carta ela dava autorização pra Quincas alugar uma casa na cidade, que eles estavam indo de mudança.

A Mudança

(Adélia está de camisola para dormir. Uma camisola de cetim. Pedro toca a flauta).

ADÉLIA – Amanhã o caminhão vem e leva a mudança.

PEDRO – Vocês vão, eu fico.

ADÉLIA – Fica onde? Não tem mais um palmo de terra, homem!

(Silêncio)

ADÉLIA – Chegou a hora de ir embora. Nós botamos cinco filhos no mundo e agora tem que sair futuro pra eles.

219

PEDRO – Eu estou quase... Estou chegando... Já escuto as notas dentro de minha cabeça...

ADÉLIA – Você já está ficando é lelé da cuca, isso sim! E você vai levar os meninos, e até eu, se eu não tomar cuidado, até eu acabo ficando maluca com essa tua mania de música.

PEDRO – Se eu sair daqui eu perco minhas notas...

ADÉLIA – A gente não come notas, Pedro!

PEDRO – Então faz assim: vocês vão na frente, depois eu vou. Os meninos precisam de aprender, eu não.

ADÉLIA – Não vamos pra aprender. Vamos pra viver.

PEDRO – Viver pra mim é aqui.

ADÉLIA – Estou cansada de ser realista sozinha! Se você não vai, então ninguém vai! Você vai ficar tocando essas músicas que só existem dentro da tua cabeça e nós vamos ficar te ouvindo, nós todos, até todo mundo virar pedra! Pode começar a tocar.

220

(Silêncio)

ADÉLIA – Cadê música, anda, cadê? Toca.

(Pausa)

ADÉLIA – Minas morreu. Acabou. Nem mar não tinha. Nós é que estamos vivos!

PEDRO – E nós vamos fazer o quê, fora daqui?

ADÉLIA – Viver como gente vive.

PEDRO – Quer dizer que acabou mesmo?

(Pausa)

PEDRO – Quer dizer que Minas acabou?

(Pausa)

PEDRO – Quer dizer que amanhã a gente vai-se embora e nunca mais volta?

ADÉLIA – Não temos mais nem um palmo de terra. O que tem é a estrada.

PEDRO – E a minha clave? Eu não vou terminar a minha clave? Como é que eu posso sair daqui sem concluir a minha clave?

(Pausa)

ADÉLIA – Minas morreu. Acabou. Tem os cinco. Tem a estrada. O que tem é a estrada.

(PEDRO PERDE A MEMÓRIA)

ÍNDIA – Pra que teu ouvido não escute. Teu olho não veja. Tua boca não fale. Teu nariz não cheire. Tua mão não apalpe, mais, Minas vai virar lenda. E não vai ter nem dor... Nem lembrança mais... Até que apague esse tempo. E um novo tempo venha.

(Ele sopra os óculos, as partituras, depois a clarineta, e não há nenhum som, mas poeira. Da poeira, a voz de Isabel cantando *Viajante, Viajante*).

O nome da cidade era Fronteira e ficava entre Minas e o lado de fora. Tinha uma igreja com pároco. Tinha uma praça com jardim. Tinha um cinema onde passava filme da Metro, com cartaz na porta. E tinha um rio.

O Imperador Asteca

ISABEL – (Cantando)

*Viajante, viajante
Donde é que você vem?
Viajante, viajante
Aonde é que você vai?
Viajante, viajante
Leva eu pra viajar*

222

(Isabel pinta os lábios com amora e Valente penteia os cabelos dela)

VALENTE – Tem um rio que entra dentro da cidade e os meninos nadam lá. Teve um menino que passou dentro duma canoa e me convidou para encontrar com ele atrás da igreja, de noite.

ISABEL – É pecado, fique sabendo.

VALENTE – Mortal ou venial?

ISABEL – Pecado mortal a gente vai direto pro inferno... Sem passar pelo purgatório.

VALENTE – Bobagem. Invenção. Não acredito numa vírgula.

ISABEL – Então sorte tua...

VALENTE – Então, sorte minha!

(Ela se levanta)

VALENTE – E tem uma gente pobre, que nem parece gente... Jogam cocô dentro do rio, depois vão lá e tomam banho e lavam a roupa lá.

ISABEL – Vou sair, vou na praça, procurar um namorado, me casar e fim.

223

VALENTE – Você me acha caipira?

ISABEL – Eu sou caipira e não tenho a menor vergonha.

VALENTE – Eu detesto gente caipira. Caipirismo é uma coisa que eu detesto.

ISABEL – Como se você não fosse! O que é que você pensa que nós somos? Nós somos índios. Quem nasceu no meio de pedra e mato é índio. É isso que nós somos, índios.

VALENTE – Eu sou um imperador asteca!

Pedro e Rosário

ROSÁRIO – Sabe o que eu gostava de Minas, papai? De ir na procissão de *Corpus Christi*. Lembra da procissão de *Corpus Christi*? Que as pessoas colocavam toalha do lado de fora da janela, enfeitavam a rua com folhas, e a gente ia andando em cima das folhas... Era folha ou era flor, papai?

PEDRO – Folha.

ROSÁRIO – Mas tinha flor também, não tinha?

PEDRO – Tinha.

224 (Longo silêncio entre dois. Ele solfeja uma música na clarineta).

ROSÁRIO – A mamãe foi na igreja falar com o padre. Pro senhor tocar na banda e fazer foguete aqui também.

PEDRO – Busca um copo d'água pra mim, busca.

(Rosário sai, apalpando as coisas).

(Ele continua tocando a clarineta. Depois se levanta, encena-se como maestro de banda de interior dirigindo uma marcha, a música que Isabel canta).

(Rosário volta com o copo d'água)

ROSÁRIO – Papai, mamãe me mandou tomar conta do oratório, onde é que eu guardo?

PEDRO – Eu também não sei.

ROSÁRIO – A vela tá acesa, papai?

PEDRO – Apagada.

ROSÁRIO – Mamãe disse que tinha de ficar acesa.

PEDRO – Então acende.

(Enquanto Rosário acende a vela do oratório)

PEDRO – Sabe que eu esqueci completamente a minha clave? Eu já tinha achado até o nome. Ia se chamar *A Clave de Cinco Notas*. Também não fazia sentido. Mas tinha momento que era claro. Eu relacionava com vocês cinco, depois relacionava com os cinco sentidos, depois eu contava o número de letras de Minas, e dava cinco. Depois não fazia sentido de novo. Daí também eu perguntei pra quê, pra quê? Pra quê? Bobagem. Ou não? Mas não era nem pra mostrar. No fundo no fundo não era nem pra mostrar. Ou era? Então pra quê? Ainda bem que eu esqueci. Esqueci completamente. É como se as notas tivessem pousado aqui, as cinco, na clarineta, e de repente... sss... Tivessem voado...

Davi Vai Para o Seminário

(A família está reunida)

ADÉLIA – A banda já tem maestro. Mas você pode tocar como músico. É no *Método Gianini* mesmo.

PEDRO – E começa quando?

ADÉLIA – Quando você quiser.

PEDRO – E toca toda semana?

226

ADÉLIA – Aos domingos, na praça, nas festas, procissão, essas coisas.

PEDRO – Então eu tenho que trocar a palheta da clarineta, porque a que eu tinha trincou.

ADÉLIA – Só que não pagam nada.

PEDRO – Então como é que faz?

ADÉLIA – Fogos eles pagam.

PEDRO – Então eu faço fogos.

ADÉLIA – E tem os ensaios.

PEDRO – E ensaia quantas vezes por semana?

ADÉLIA – Também eu não perguntei tudo. Tem que falar com um seu Guilherme, que cuida disso.

ADÉLIA – O Davi vai pro seminário.

ISABEL – O Davi vai pro seminário!

NEUZINHA – Mas vai como?

ADÉLIA – Uma zeladora arrumou pra ele ir através da *Ordem das Vocações Sacerdotais*. Eles dão enxoval, pagam os estudos, dão até batina. Contanto que o menino dedique a vida a Deus.

227

PEDRO – Então quem decide não é você nem a *Ordem das Vocações*. Quem decide é ele.

ISABEL – É preciso ter vocação, mãe.

ADÉLIA – Isso ele descobre depois.

ISABEL – A senhora ficou louca, mãe?!

ADÉLIA – Lá ele estuda, aprende. E se não tem vocação, sai preparado.

ISABEL – Coitado, mãe... Ele não quer ir...

(Eles olham para Davi)

ADÉLIA – Mas você não disse lá na sacristia que tinha vocação, Davi? Então por que disse?

DAVI – Mas lá na igreja eu queria...

ADÉLIA – E lá na igreja queria e aqui agora não quer mais?

DAVI – Lá na igreja era por causa do incenso, dos paramentos, do altar de mármore... Por causa do coro cantando, por causa do turíbulo. Lá na igreja eu queria. Depois na rua eu já não queria. Depois eu queria de novo. Porque eu pensei: se eu for ser padre não posso mais me casar. E se eu não me casar eu não posso ter filhos.

228

QUINCAS – Padre não casa, ô porra! Se é padre é padre!

DAVI – Então como é que eu não faço?

NEUZINHA – Esse menino também não sabe o que quer!

ADÉLIA – Então faça-me o favor de não dizer pra ninguém lá no seminário, está entendendo? Faça-me o favor de não dizer pra ninguém lá que você tem vocação e ao mesmo tempo quer ter filhos, porque eles não estão preparados pra entender esse tipo de raciocínio!

Neuzinha

(Neuzinha retira um vestido de cigana das coisas perdidas entre a mudança e se veste com ele. Quincas joga cartas)

NEUZINHA – Eu fazia o papel duma cigana...

QUINCAS – Vai contar essa estória pra outro, irmãzinha!

NEUZINHA – Você não acredita? Eu fazia o papel duma cigana... E eu entrei tanto dentro do personagem que o sangue mudou. Adquiriti alma de cigana. Por isso eu não sei ficar parada muito tempo no mesmo lugar. Me dá aflição.

229

QUINCAS – Calma, irmãzinha, calma...

NEUZINHA – Ficar nessa calma também não dá. Já tive uma ideia pra colocar todo mundo. Eu sei de um bar numa rua asfaltada, perto de um posto de gasolina Shell. É um sonho.

QUINCAS – E daí?

NEUZINHA – E daí que a gente junta todo o dinheiro que deu da venda das terras e compra o boteco.

QUINCAS – E o boteco está à venda?

NEUZINHA – Vai-se lá e faz-se a oferta, porra!

QUINCAS – Calma, irmãzinha... Senta aqui no meu colo, senta.

(Ela senta-se no colo dele)

QUINCAS – Então você virou cigana, irmã?

NEUZINHA – O mundo tem cinco continentes... Cinco! E eu não vou morrer sem ter conhecido os cinco...

230 (Ele fica em silêncio)

NEUZINHA – Não pensa muito em dinheiro, irmão.

QUINCAS – Eu não estou pensando em dinheiro...

NEUZINHA – Eu sei quando você está pensando em dinheiro.

QUINCAS – Olha que não sabe!

NEUZINHA – Olha que eu sei...

QUINCAS – Olha que não sabe...

NEUZINHA – Olha que eu sei...

QUINCAS – Não sabe.

NEUZINHA – Sei...

(Ele empurra-a fora do colo)

QUINCAS – Eu não estou pensando em dinheiro...

(Ela olha pra ele, feminina)

NEUZINHA – Podes crer. Tá no sangue, irmão.

QUINCAS – Cigana... E cadê as tatuagens?

NEUZINHA – E desde quando cigana tem tatuagem?

QUINCAS – Grande, irmã! Um boteco! Gênio!

NEUZINHA – O que não pode é ficar. Ficar é apodrecer. Ficou, apodreceu.

231

Isabel e Valente

(Adélia entra com duas cestas)

ADÉLIA – A partir de amanhã eu não quero ninguém parado. O Pedro vai fazer foguete de dia e ensaiar na banda de noite. O Davi vai pra o seminário estudar, Rosário vai rezar dobrado e vocês, eu vou fazer pé-de-moleque e vocês vão vender na rua.

ISABEL – Pé-de-moleque, mãe?!

ADÉLIA – Pé-de-moleque sim, menina! E tira esse batom horroroso da boca que você não tem idade pra usar batom!

ISABEL – Mas não é batom, mãe, é amora. A senhora não tá vendo que é amora?

VALENTE – Para mim é a morte!

ISABEL – Pra mim também é a morte!

232 ADÉLIA – A morte ou não, amanhã eu quero os dois no batente. Se eu deixar por conta de vocês, todo mundo morre de fome.

(Ela sai)

VALENTE – O Davi vai pro seminário amanhã e eu vou daqui a um mês.

ISABEL – Se você for pro seminário ser padre eu vou pro convento ser *fleira*.

VALENTE – Não é *fleira* que se diz, é *freira*. Freira!

ISABEL – Se eu me suicidar você suicida comigo?

VALENTE – Nesse minuto. No rio.

(Ele se levanta)

ISABEL – No rio onde jogam cocô?!

VALENTE – Assim morre na merda já duma vez...

ISABEL – Também não exagera!

VALENTE – Nunca ninguém no mundo vai acreditar que eu tenho vocação!

ISABEL – Claro que você tem vocação! Lógico!

VALENTE – Lógico por quê? E eu não posso ter vocação? Você sabe o que significa ter vocação? Pois escuta: ter vocação, sua idiota, não depende de você! Você é chamado. Você que é chamado. E você pode ser até um demônio, que você é chamado, não depende! *Veni, sequere me*. Foi o que Jesus Cristo disse. Eu li num livrinho em latim, no banco da igreja, domingo.

233

(Pausa)

VALENTE – Deixa eu ler tua mão?

(Pega a mão de Isabel)

VALENTE – Você é cheia de linhas.

ISABEL – Só me responde isso: eu vou viver quantos anos?

VALENTE – Dez mil anos-luz.

ISABEL – Dez mil anos-luz?!

VALENTE – Agora o lado sentimental.

ISABEL – Diz.

VALENTE – Você vai casar!

ISABEL – Com quem? Diz com quem?

234 VALENTE – Claro que não diz com quem! Só diz que você vai se casar.

ISABEL – E vou ter filhos?

VALENTE – Não sei ler mão.

(Solta a mão de Isabel)

ISABEL – Se não sabe as coisas, por que que se mete?

VALENTE – Então lê você a minha.

ISABEL – Eu não sei.

VALENTE – Inventa.

ISABEL – Mas eu não sei!

VALENTE – Você não tem imaginação?

ISABEL – Não entendo nada.

VALENTE – Olha as minhas mãos.

ISABEL – (Olhando as mãos dele) Como você tem a mão fina... Você tem as mãos de um... Juro! Você tem as mãos de um imperador asteca!

VALENTE – Quem dera! Tudo que eu queria na vida. Ter nascido um inca.

235

ISABEL – Mas não era asteca?

VALENTE – Inca.

ISABEL – Como você joga alto!

VALENTE – Eu só jogo alto.

(Ele deita no colo dela)

VALENTE – Ah! Isabel!

ISABEL – Conforma comigo...

VALENTE – Vamos fugir...

ISABEL – Fugir pra onde, menino?

VALENTE – Tem milhares de cidades... Ilhas... Depois tem povos e cada povo fala uma língua diferente... Depois tem cinco continentes... Depois tem mares... Depois tem milhares de países... Depois tem milhares de estrelas, planetas... Depois tem...

ISABEL – Para! Você me enlouquece!

VALENTE – Eu não me conformo!

236 ISABEL – Não tem nada de mal vender pé-de-moleque na rua! Não tem nada de mal.

VALENTE – Para um imperador tem!

(A índia aparece para eles, cantando uma música enigmática.)

ÍNDIA – Eu conheço vocês de Minas...

ISABEL – Quem é ela?

ÍNDIA – Eu venho dos Andes. Eu quero falar com sua mãe.

(Isabel vai chamar Adélia)

ÍNDIA – (para Valente) Como é o seu nome?

VALENTE – Valente. Esse colar é asteca?

ÍNDIA – Inca.

(Ela tira o colar e coloca em Valente.)

(Depois, come o arroz que Adélia lhe dá. Come em silêncio, com as mãos.)

ÍNDIA – São cinco?

ADÉLIA – São cinco.

ÍNDIA – Coloca cinco passarinhos dentro duma gaiola, fecha e me traz. Eu quero ver o voo deles.

237

ADÉLIA – O voo?

ÍNDIA – O voo...

Carta de Davi

(Davi escreve uma carta do convento e Quincas lê a carta para a família)

QUINCAS – (lendo) Minha batina é branca, de linho. Eu uso a batina para ir nas procissões, fora, e para ajudar a missa. Já sei falar latim: *Introibo ad altare Dei, ad Deum qui laetificat juventutem meam.*

ISABEL – Quer dizer que ele já é padre?

ADÉLIA – Claro que não. Ele é seminarista.

ISABEL – Mas ele já usa batina!

ADÉLIA – Acaba de ler primeiro, depois conversa.

QUINCAS – (continuando) Para ser padre, é preciso estudar 14 anos. Estuda quatro de ginásio, três de clássico, três de filosofia e quatro de teologia. Aos domingos, eu saio pra fazer apostolado. Eu vou com mais dois seminaristas, que são gêmeos, e cantamos a missa numa igreja dum bairro aqui perto. Depois que acaba a missa, as crianças ficam e nós damos catecismo. Aí os dois gêmeos acabam de dar o catecismo para um grupo de crianças e depois saem pra brincar de pique na praça. Enquanto eles ficam correndo e gritando, eu ensino sobre História pro meu grupo. História das invasões, lendas, os olhos das crianças brilham com lendas. Eu conto, por exemplo, sobre a esfinge. Que a esfinge ficava no meio da estrada e dizia pras pessoas: *Deciframe ou devoro-te*. Se não adivinhassem o enigma, eram devorados. E o enigma era simples: qual animal que tem quatro pernas de manhã, duas ao meio-dia e três ao entardecer? As crianças vibram com a história!

QUINCAS – Esse cara não dá padre...

NEUZINHA – Mas é tão antigo ser padre! Só na família de vocês que ainda tem isso...

ISABEL – Antigo eu também acho. O Davi é lindo, vai virar padre? Eu implico.

ROSÁRIO – Mas se ele tem vocação, deixa, gente...

VALENTE – E como é que sabe que tem vocação?

ISABEL – Pra ter vocação é preciso ser santo.

QUINCAS – Não bota santo no meio.

ISABEL – O Davi é santo.

QUINCAS – Santo a gente guarda, com velinha acesa, flor e etecétera, mas deixa lá, guardado, sem ficar mostrando pra todo mundo.

ISABEL – Não concordo. Eu acho que tem que mostrar sim.

VALENTE – Eu sou santo...

ISABEL – Nem tanto.

VALENTE – Eu não posso ser santo? Por que eu não posso ser santo?

ISABEL – Se você for santo eu posso ir pro altar direta.

VALENTE – Um dia eu vou te mostrar que eu sou santo.

ISABEL – Um dia eu também posso te mostrar.

QUINCAS – Que santo, ser santo também não é assim, ô porra!

VALENTE – E ser santo como é, então?

PEDRO – Acabou a carta? É só isso?

240

QUINCAS – Ainda tem.

PEDRO – Então continua.

QUINCAS – (continuando a carta) Eu não vou ser padre. Um dia eu saio. Tem um cheiro de incenso, com missas vespertinas, sol nos vitrais amarelos da capela, coro e órgão, missas em latim, liturgia, e de tarde tem canto gregoriano. Ensaio. Tem sol, tem esporte. Um dia no catecismo uma menina me perguntou: *Padre, se Deus é onipotente, então por que ele não vence a serpente?* Eu não entendo nada disso. Mas eu aprendo e ensino Satã nos livros de catecismo. Em latim e com canto orfeônico no fundo. Prego Satã em ofícios religiosos, solene. E divulgo

Satã entre as crianças pobres, desde sua origem como serpente até como coroa sobre a cabeça de Jesus Cristo na cruz. E a minha adolescência? A minha natureza é sacerdotal, mas a minha palavra não é mais. Tudo que eu quero é a minha adolescência. Eu quero é a minha adolescência, mesmo sabendo que nem tudo que passa do lado de fora desta batina branca, nem tudo é o sagrado, o que é contra a minha vontade e contra minha natureza. Minhas mãos são litúrgicas, meus braços são litúrgicos e até minha cabeça é litúrgica. Mas meu coração não consegue deixar de ser humano.

241

O Botequim

(Pedro lava os pés numa bacia. Adélia, vestida com camisola de cetim, como na cena da mudança.)

ADÉLIA – Não é tão botequim assim. Tem mesa pra sentar, tem um rádio pra escutar música, tem sorveteria e tem um balcão todo de mármore. E é numa rua asfaltada. E tem casa pra morar, junto.

PEDRO – Então vai custar muito caro.

ADÉLIA – As terras.

(Longo silêncio)

PEDRO – Eu cheguei no fim da viagem. Fiquei velho.

ADÉLIA – Que chegou no fim da viagem o quê, homem! Você é muito desanimado.

PEDRO – Eu cheguei no fim da viagem e eu sei.

ADÉLIA – Eu vou cuidar do bar, eu. Os meninos ajudam, depois da escola. Eu já sei lidar com freguês. Você continua na banda, agora que já compram *Fogos Caramuru*.

PEDRO – *Fogos Caramuru...*

242

(Longo silêncio)

PEDRO – Lembra que meu irmão falava que ia inventar o *Modo Contínuo*? O *Modo Contínuo* era a máquina que não precisava de impulso... Ele foi morar sozinho numa casa que ele mesmo construiu no meio do sertão e passou a vida procurando a fórmula do *Modo Contínuo*.

ADÉLIA – Até que ficou louco. Tua família é uma família de gente biruta.

PEDRO – Os meninos estão dormindo?

ADÉLIA – Estão.

PEDRO – Eles estão estudando?

ADÉLIA – Estão.

PEDRO – O Valente?

ADÉLIA – O Valente e a Isabel estão no ginásio.

PEDRO – O Quincas?

ADÉLIA – O Quincas acha que é perda de tempo estudar. Não quer morar nesta cidade, diz que tem que ir pro centro, pra capital, cidade é lá. A mulher dele é que fica botando essas ideias na cabeça. É uma com sangue de cigano, quer conhecer tudo, não mede nada o que faz.

243

PEDRO – Quer dizer que ficamos?

ADÉLIA – E você tava pensando em voltar? Voltar pra onde? Não tem mais nada atrás. Minas morreu. Virou lenda. Nós é que estamos vivos.

A Desistência

(Pedro toca na clarineta. Depois ele fecha as partituras, guarda, folheia o *Método Gianini* e guarda. Depois dá a clarineta a Rosário)

PEDRO – Guarda em algum lugar.

ROSÁRIO – Não vai tocar mais?

(Silêncio)

ROSÁRIO – Então vai ficar aqui. Dentro do oratório. O dia que o senhor resolver, me pede.

(Rosário guarda a clarineta)

Uma Visão que Pedro Conta a Adélia (As Gai-votas)

244

PEDRO – Daí veio uma gaivota, lembra? Era uma gaivota verde e rosa, nunca me esqueço. Verde e rosa, o céu é azul em cima, a água de prata, brilhando, eu e você dentro da canoa, você vestida de noiva, segurando um feixe de margaridas do campo. Aí a gaivota verde e rosa sumiu e daí você disse: vem vindo mais, vem vindo mais... Aí eu olhei e vi uma, duas, três, quatro, cinco. Elas vinham voando, no mesmo ritmo, acompanhado nossa canoa. Então você me disse: elas são douradas, olha. Eu prestei atenção e vi que elas eram douradas. Eram ouro puro, voando, no mesmo ritmo, acompanhando nossas cabeças. Tinha uma rocha parada no meio da água e detrás da rocha vinha um coro indígena.

O Voo

(A gaiola com os cinco pássaros. O oratório. Velas acesas. Um copo d'água. A Índia e Adélia)

ÍNDIA – Em Minas eu vi teus pássaros. Eles saíram do sertão pra estrada e eu vim seguindo atrás da mudança.

(Ela pega o copo e coloca-o ritualisticamente no chão).

ÍNDIA – Tem alguma coisa que eu posso te ensinar a respeito de tuas crias?

ADÉLIA – Vê o futuro deles.

245

ÍNDIA – Quem nasceu pra voar, voe no rumo do céu. Quem nasceu pra cantar, cante.

(Ela olha dentro do copo)

ÍNDIA – Teus pássaros viajam voando no espaço estreito da América, contra sertões, procurando ar, cor, luz, flor, pão. Teus pássaros viajam ao redor da máquina, contra a máquina, antes da máquina e depois. Vê se você consegue ver. Olha dentro da água.

(Adélia olha dentro do copo)

ÍNDIA – Tem um rio, a canoa que vai e eles vão voando. E tem a máquina. Você consegue ver a máquina? Ela tem a cor e o som do sangue.

ADÉLIA – Eu só vejo a minha figura. Tem um verde atrás da figura. Só isso.

ÍNDIA – Eles vão-se embora.

ADÉLIA – Pra cidade. Eles vão-se embora pra cidade.

246 ÍNDIA – Na entrada da cidade tem um príncipe da cor da serpente e na mão direita ele segura um punhal e na mão esquerda ele segura um cálice. A cidade brilha como o metal e acena com luzes, espelhos e cimento. Ela tem o cheiro da máquina e é a máquina por dentro e por fora, com garras e dentes.

ADÉLIA – E eles voam na direção da cidade?

ÍNDIA – Dentro da cidade a memória vai ser retirada e no rosto de cada imagem só vai ficar o esquecimento.

(Ela desaparece, enquanto Adélia continua olhando dentro do copo)

ÍNDIA – Tem algum pedido seu que eu posso atender?

ADÉLIA – (olhando dentro do copo e falando para os pássaros na gaiola) Era sertão. Era outra coisa. Outra vida. Tinha inocência. Inocência tinha. Não tinha malícia. Medo tinha. Não tinha ninguém perto. Com quem conversar. Era tudo longe. Não tinha luz elétrica. De noite era luz de lamparina. Usava querosene. Água tinha que buscar longe, na bica. Pra eles fazer a primeira comunhão nem sapato tinha. Foram descalços do sertão até Ventania. Espaço tinha. Tinha grama, tinha campo, mato, fruta, gabioba, amora, tinha flor, leite, mel. Mas não sabia nem assinar o nome. Eu peguei na mão de um por um e eles escreveram o a-e-i-o-u. O alfabeto e o nome. Não tinha informação. Não tinha médico, não tinha dentista, não tinha hospital. Era triste. Pra viver era triste. Era bonito. Ouvindo falar assim é bonito. Mas não tinha o mínimo humano. Tinha que ir embora.

247

(A índia volta, vestida com a cor da serpente, um punhal na mão direita e um cálice na mão esquerda)

ÍNDIA – Atrás do voo não ficou nem um sinal. Na frente do voo tem o céu, astros, signos, sol.

(Ela retira um passarinho de dentro da gaiola e coloca-o na borda do cálice o punhal no pescoço).

ÍNDIA – Eu trabalho em cima da tua vontade e não da minha.

ÍNDIA – Não me pergunta com palavra o que eu não sei responder com palavra.

ADÉLIA – Qual a minha parte neste sacrifício?

ÍNDIA – O sangue já foi derramado por todos e o teu em cinco partes.

ADÉLIA – No preço de cada um eu contei um reino, de Minas pela estrada. E o reino começava aqui neste mundo. Eu joguei Minas pra fora. Do coração e da boca. Um céu aberto em cima das asas, em cima de nossas cabeças, com as estrelas de Deus brilhando. Eu também escutava esta beleza com todos os olhos abertos. Mas eu tinha que segurar o reino na mão, feito de terra. Essa foi a única escola que eu aprendi e que ensinava. A fé começava com a terra debaixo do pé, com a terra segurada na mão, tinha que começar pela terra.

248

(A índia guarda o punhal, e solta o pássaro.)

ÍNDIA – Uma porta abre no céu. Sobem e descem os anjos. Em prata, ouro, asa. Quem vem pela porta é o viajante. Que esperou como lenda. E silêncio. Até que esta hora chegasse. Abra a mão, olho, olhos, diz *vai*, sem medo, desata, solta. Dos ossos, voz, grito. Do sertão, seca e dor, do acumulado de tanta solidão desarma de toda arma. Um tempo novo vai começar.

(Cerimônia do voo dos pássaros)

Segunda Parte

BOTEQUIM

A cena sugere, revive, recria, recorda, joga fora 1956, ano da juventude transviada, interior, com lambreta, Coca-Cola, sonhos impossíveis, fugas de casa, tardes desesperadas, James Dean, Little Richard e Elvis Presley, Cinzano, Jesus Cristo, partidas, transição, aventura. A família possui um botequim, numa rua asfaltada, perto de um posto de gasolina Shell.

(A voz de Little Richard abre segundo movimento com *Lucille*. Valente faz tranças no cabelo de Isabel. Ela faz as unhas com esmalte. Rosário está do outro lado do balcão. O oratório está junto com as garrafas na prateleira. Isabel e Valente estão sentados numa das mesas do botequim. Seu Guilherme dorme numa das mesas. E depois que termina a música, vinda de um rádio velho).

249

ISABEL – Elvis em segundo, Little Richard em primeiro eu acho um injustiça.

(Valente canta *Bye Bye Love*)

ISABEL – Vou escrever uma carta para o Jair de Taumaturgo protestando.

VALENTE – Acho isso tudo pobre.

ISABEL – Porque você tem mania de rei, de imperador, de príncipe.

(Isabel retira uma fotografia de Elvis do seio)

ISABEL – *Love me tender. Love me sweet and never let me go.* Você pode pensar o que quiser, o Elvis é que é o Rei.

VALENTE – Então diz, em inglês, os nomes dos filmes que Elvis fez.

ISABEL – E eu sei?

250

VALENTE – Pois eu sei.

(Valente cita os nomes dos filmes de Elvis Presley)

ISABEL – O único nome de filme que eu sei em inglês é *Rebel Without a Cause*, com James Dean e o Sal Mineo.

VALENTE – Sabe que você não vai me ver nunca mais?

ISABEL – Por quê? Você vai morrer por acaso?

VALENTE – Eu vou sumir. Vou encontrar um disco voador, vou entrar dentro dele e vou sumir.

ISABEL – Então me leva junto que eu também quero sumir.

VALENTE – Olha, teu cabelo tá sujo de caspa. Você não lavou com xampu.

ISABEL – Lavei com xampu sim, idiota! Imagina se eu vou lavar meu cabelo com esse sabonete todo cheio de ácidos, que matam a raiz!

VALENTE – Você não lavou com xampu porque eu usei o resto do xampu que tinha num vidro amarelo e não vem me dizer que você comprou outro porque eu peguei a nota de mil que tinha na gaveta do bar, pra juntar pro cinema. (Canta *Bye Bye Love*)

251

ISABEL – Você pensa que eu não te conheço?

VALENTE – Então fala tudo que você sabe a meu respeito.

ISABEL – (retira com *glamour* um maço de cigarros longos da perna) Tudo que eu queria na vida era casar com Elvis Presley. Num sábado de tarde. Hoje. Agora. Ele saía de dentro do rádio, em carne e osso, e eu me casava com ele.

VALENTE – Sabe com quem você parece? Você parece com a Natalie Wood.

(Isabel suspira)

(Valente conta os passos do botequim, de ponta a ponta).

VALENTE – Oito passos das minhas pernas é o tamanho desse boteco.

ISABEL – E daí?

252 VALENTE – Já cansei de ver escrito no espelho *Beba Coca-Cola*. Vou pentear o meu cabelo na frente do espelho e tem que estar escrito lá *Beba Coca-Cola*. Eu conheço milímetro por milímetro desse boteco, dia por dia da semana. De segunda a sábado. Eu já sei de tudo que vai acontecer. Sábado de tarde tem *Hoje é Dia de Rock*, pela Mayrink Veiga. Domingo tem missa e o bar fecha e tem matinê. Segunda tem aula. Terça tem aula, eu acho igual. Segunda e terça pra mim é igual. Quarta tem o quê? Igual também. Quinta tem mudança de programa no cinema e entra um filme novo. Quinta eu gosto. É o único dia que eu gosto. Sexta eu gosto por causa do sábado.

ISABEL – Pra você é assim. Pra você. Pra mim é tudo diferente. Pra mim qualquer hora pode acontecer uma coisa e mudar tudo.

(Valente abre os braços em forma de cruz e dá um grande suspiro).

ISABEL – Sabe com quem você se parece? Você se parece com Sal Mineo.

VALENTE – Eu pareço com Jesus Cristo.

ISABEL – Com Jesus Cristo pareço eu.

VALENTE – Jesus Cristo não é mulher.

ISABEL – Nem homem.

(Pausa)

VALENTE – Meu problema é muito mais sério do que você pensa.

253

(Isabel solta fumaça no rosto dele).

ISABEL – Então qual é o teu problema? Conta para eu ver se é tão sério assim.

VALENTE – Meu problema é que eu não nasci um imperador asteca.

(Isabel solta fumaça na cara dele).

VALENTE – Para de jogar fumaça na minha cara!

ISABEL – Você é esquisito.

(Ela aponta Rosário.)

ISABEL – Ela é esquisita. Eu acho vocês todos esquisitos. Papai é esquisito, com essas músicas dele. Mamãe é esquisita, trabalhando, trabalhando, como se a gente fosse morrer de fome...

VALENTE – E a gente não pode morrer de fome?

ISABEL – Não. Nós somos uma família que veio de Marte!

(Valente emite sons espaciais e encena com o corpo e os braços).

254 ISABEL – Nesta casa só eu sou normal. Porque eu tenho um namorado, o Teco, que é um mecânico lindo, e tem uma moto lindíssima, e vem me pegar aos sábados, na porta, porque... Porque eu quero fazer minhas unhas, gosto de arrumar meu cabelo... Eu quero... Eu quero ser moderna... Eu quero... Eu não quero nada impossível! Eu sou romântica. Eu adoro gente romântica. Homem pra mim tem que ser romântico, senão não é homem.

VALENTE – E o Elvis Presley? O Elvis Presley é possível?

(Pausa)

ISABEL – Você sempre acha um jeito! Você tem sempre que achar um jeito!

Primeira Versão da Volta de Davi do Seminário

(Davi está de batina branca. A família assiste-o. Estão presentes as duas figuras do botequim: Seu Guilherme e Dona Efigênia).

NEUZINHA – Ficava bonito... Ficava muito bonito.

ISABEL – Você disse que ser padre é antigo.

NEUZINHA – Antigo é. Mas ficava bonito no Davi. Uma graça.

EFIGÊNIA – Mas padre usa batina branca?

ADÉLIA – Usa. Hoje em dia usa todas as cores.

255

PEDRO – Bispo usa até vermelha, não usa?

ADÉLIA – Vermelha eu nunca vi. Já vi roxa.

PEDRO – Eu já vi bispo de vermelha.

EFIGÊNIA – Eu nunca vi, seu Pedro. Nem branca. Essa é a primeira vez.

(Rosário apalpa a batina)

ROSÁRIO – É de linho?

DAVI – De linho.

(Rosário continua apalpando)

SEU GUILHERME – Mas não é prático, é prático?

QUINCAS – Além de não ser prático, chama a maior atenção na rua.

EFIGÊNIA – Mas é bonito. Branca assim eu acho muito bonito.

QUINCAS – Bonito assim. Pra pôr e tirar dentro de casa. Pra ficar usando não dá.

256 ISABEL – Eu, por exemplo, não saía com o Davi

na rua, assim de batina.

NEUZINHA – Eu saía. Não vejo nada demais. Nesse ponto não.

EFIGÊNIA – Eu também saía.

ADÉLIA – Eu saía.

ROSÁRIO – Eu também saía.

ISABEL – Eu não saía.

VALENTE – Eu saía.

ISABEL – Mas você é um caso à parte.

VALENTE – Estou dizendo que eu saía com a batina. Vestido com a batina.

ISABEL – Então sai. Quero ver.

VALENTE – Você empresta, Davi?

ISABEL – Empresta, Davi. Eu quero ver. Hoje tem procissão de *Corpus Christi* e você tem que ir na procissão assim. Quero ver.

(Davi tira a batina e Valente veste)

NEUZINHA – (olhando Davi sem batina) Mas ele fica outra coisa sem batina! Outra coisa!

257

EFIGÊNIA – Eu prefiro de batina...

ADÉLIA – Eu também prefiro.

ISABEL - Imagina. Eu acho muito mais preferível sem batina.

VALENTE – Não se diz *mais preferível*. Preferível já significa que é mais.

(Eles olham pra Valente, que desfila com a batina)

ISABEL – Que horror! Acho que fica um horror em você.

NEUZINHA – No outro eu acho melhor.

EFIGÊNIA – Nos dois fica bonito.

VALENTE – (para Adélia) Em quem a senhora prefere, mãe?

(Pausa)

VALENTE – Nele ou em mim?

(Pausa)

QUINCAS – Nos dois fica muito ruim.

258 ADÉLIA – Eu acho bonito tanto num como noutro.

ISABEL – Então sai. Quero ver.

VALENTE – Então *ciao*.

(Ele sai, os sinos começam a bater, todos correm à porta e ficam olhando, menos Pedro e Davi).

PEDRO – Então veio embora?

DAVI – Vim embora.

PEDRO – Você tá na sua casa. É tudo teu. Não fica preocupado. Você tá na sua casa.

(Os sinos continuam batendo).

Elvis Presley

(Adélia está vestida pra ir à igreja e sai com Rosário. Isabel está toda arrumada pra sair também).

ADÉLIA – Isabel, vê se cuida direito do bar. Não deixe seu pai ficar bebendo e atende os fregueses direito. Eu vou à missa vespertina com Rosário e volto logo.

ISABEL – Vê se volta logo porque eu vou ao cinema com Teco.

ADÉLIA – Você só fala neste mecânico dia e noite.

ISABEL – Tem alguma coisa de mais ser mecânico?

259

ADÉLIA – Não deixa esse rádio tão alto que isso espanta a freguesia.

ISABEL – Ai! Mãe, que mais? Que mais?

(Adélia sai com Rosário. Isabel canta uma música da época, suspira e fica olhando-se na frente do espelho).

ISABEL – Impossível também não é, quem disse que é? Ele pode aparecer aí, sei lá, vindo dos Estados Unidos, afinal o Elvis é americano.

(Ela encena, esperando do outro lado do balcão)

ISABEL – Daí, por milagre, ele apareceu e eu estou sozinha aqui no bar, claro, graças ao bom Deus que todo mundo saiu e o bar hoje ficou por minha conta, e graças a Deus que não vai aparecer mais ninguém e, mesmo que aparecer, eu digo que não tem mais nada, que já fechou e fim!

(Elvis Presley entra, se possível montado numa lambreta, e no estilo blusão preto. Silêncio. Ele senta-se à mesa, muito seguro, e sem dizer nada).

ISABEL – Ele fala inglês? Ai! E agora, meu Deus? Ele fala português! As coisas principais qualquer um sabe falar em qualquer língua.

260

(Silêncio)

ISABEL – Eu é que começo. Eu pergunto: que você bebe? Daí ele responde:

ELVIS – Coca-Cola.

ISABEL – Serve Pepsi?

ELVIS – Coca.

ISABEL – Pepsi!

(Leva uma garrafa de Pepsi até a mesa onde ele está).

ISABEL – E eu sento perto dele ou não? Eu sento na outra mesa, lógico. E fico. Assim. De livre e difícil ao mesmo tempo. Porque eu sou assim: livre e difícil.

(Ele oferece cigarros americanos)

ISABEL – Ai! Meu Deus, eu aceito ou não? Claro que aceito, eu tenho que deixar claro que eu sou moderna.

(Ela pega um cigarro. Eles fumam em silêncio).

ELVIS – Quantos anos você tem?

ISABEL – Adivinha.

261

ELVIS – Dezesesseis.

ISABEL – Quase.

ELVIS – Não estou escutando, vem falar aqui perto de mim que eu não te escuto com essa distância...

ISABEL – Nojento! Mas imagina se eu também sou tão difícil assim! Eu vou e sento em cima da mesa, bem assim.

(Ela senta-se sobre a mesa onde ele está, com segurança).

ELVIS – Quer casar comigo?

ISABEL – Tira a mão de mim que minha mãe foi à igreja e pode chegar a qualquer hora. E eu tenho três irmãos. Três.

(Ele tira a mão).

(Isabel, arrependida)

ISABEL – Eu devia dizer que tenho três irmãos?

ELVIS – Se você casar comigo, eu te ensino a falar inglês.

262 ISABEL – Então fala inglês pra eu ver, fala.

ELVIS – Se você casar comigo.

ISABEL – Quando?

ELVIS – Agora.

ISABEL – Aonde?

ELVIS – Aqui!

ISABEL – Aqui?

(Longa pausa)

ISABEL – Mas você não me ama!

ELVIS – *I love you!*

ISABEL – Você mente como respira!

ELVIS – *I love you.*

ISABEL – (olha o oratório, que está no botequim, e se detém) Se eu perder esta chance, nunca mais na vida.

ELVIS – *Come on, gatinha, come on!*

ISABEL – Então diz que você me ama.

ELVIS – *I love you.*

ISABEL – Cínico!

263

ELVIS – *I love you...*

(Eles se olham)

ELVIS – Mas se eu estou dizendo *I love you!*

ISABEL – Então repete com toda convicção.

ELVIS – Com toda convicção: *I love you!*

(Ele puxa-a pra ele).

ELVIS – Vem, medrosa, eu te amo... *I love you...*
Você tá linda hoje!

ISABEL – Mas eu não tenho medo...

ELVIS – Vem, menina, vem...

(*O Sole Mio*, de Elvis Presley, entra em *playback*, enquanto a cena se desenvolve).

ISABEL – *I love you*... Nunca pensei, nunca esperei, nunca... Que um dia, uma tarde de sábado... Hoje... Nunca pensei que podia sair, de dentro do meu rádio, com teus olhos verdes pra dizer olhando pra mim: *I love you*... Você foi a primeira pessoa na vida que me disse *I love you*... (Ela retira a toalha, que está no oratório, e envolve-o na toalha).

264

ELVIS – Você tem um perfume de igreja, minha indiazinha...

ISABEL – Teu olho tem estrelas e astros dentro!

ELVIS – E que mais?

ISABEL – Diz o meu nome, diz.

ELVIS – Isabel...

(Tira a camisa)

ELVIS – Não foge de mim, criança... Vem...

ISABEL – Minas...

ELVIS – Quem é Minas?

ISABEL – Ninguém...

ELVIS – Me conta teu segredo... Qual é teu segredo?

ISABEL – Minas. Adivinha.

ELVIS – Não sei.

ISABEL – Eu te amei tanto.

ELVIS – Por que você diz *amei*?

ISABEL – Quando eu queria sair de Minas e não sabia como... Como se eu fosse uma estrela caindo do céu, longe, longe... Então eu imaginava você vindo, como eu te imaginava...

265

ELVIS – Por que você diz *imaginava*?

ISABEL – E então você dizia *I love you*...

ELVIS – *I love you*...

ISABEL – E você diz *I love you* e eu dizia *I love you* e eu digo *I love you, I love you, I love you!*

(Ele desaparece dentro da toalha enquanto ela procura-o com as mãos).

ISABEL – *I love you, I love you, I love you.*

(Depois ela se levanta com a toalha marcada de sangue).

ISABEL – *I love you, I love you.*

Quincas e Neuzinha Vão-se Embora

266 (Neuzinha e Quincas estão numa das mesas do botequim. Quincas joga cartas em cima da mesa, Neuzinha fuma um cigarro. Davi joga com Quincas. Pedro bebe com seu Guilherme no balcão. Ele dum lado, seu Guilherme do outro. Adélia conversa com dona Efigênia, que carrega um pão debaixo do braço e um litro de leite. Rosário contempla uma caixa de papelão colorida, onde ela coleciona um anel de brilhante e o cordão que o Valente ganhou em Minas. Isabel e Valente saíram).

QUINCAS – Hoje eu estou com sorte. Quase canastra.

NEUZINHA – (olhando o jogo) De ouro, olha só, irmão!

QUINCAS – Só falta o coringa. O ás eu tenho na mão pra bater.

NEUZINHA – De coringa fica lindo, irmão...

QUINCAS – O trem sai que horas?

NEUZINHA – Às seis.

QUINCAS – Então já estamos marcando?

NEUZINHA – Tenta a real, tenta a real, antes.

(Davi está com uma carta na mão. Ele compra no monte e sai o coringa).

DAVI – O coringa!

NEUZINHA – Mas ele ainda não pegou o morto. 267
Tem que pegar o morto antes.

DAVI – E eu não posso fazer nada...

(Ele mostra o jogo).

DAVI – Aqui já tá sujo... Aqui também já tá sujo...
Ou pode bater direto pra pegar o morto? Pode?

NEUZINHA – Quais as regras que vocês combinaram antes?

DAVI – Foi combinado alguma regra?

QUINCAS – Não foi combinado regra nenhuma.

NEUZINHA – Então como é que vai ficar? Tamos marcando, irmão, tamos marcando! Tá em cima da hora!

(Seu Guilherme se aproxima e interrompe)

SEU GUILHERME – Eu, se eu tivesse a idade de vocês, se eu tivesse tempo ainda, se eu tivesse tido chance... Também não tive chance!

NEUZINHA – E quem é que teve, seu Guilherme? Quem é que teve? Aí é que está o xis do problema. Quem é que teve?

268 NEUZINHA – O meu irmão tá tendo uma nesse minuto, como é que ficou resolvida a transa, irmão?

DAVI – Eu te dou o coringa de ouro.

QUINCAS – (se levantando) Real, irmão, real. De ouro!

SEU GUILHERME – Pra onde vocês estão indo?

NEUZINHA – Pra onde, irmão?

QUINCAS – Onde tem mar. Vamos começar pelo mar.

NEUZINHA – E vamos como?

QUINCAS – Voando.

Seu Guilherme

(Seu Guilherme e Pedro. Adélia e Dona Efigênia, mais Rosário).

SEU GUILHERME – (para Pedro). Minha religião é o Kardec. Desaconselha o álcool. Mas eu... O senhor entende, seu Pedro, eu não tenho nenhum filho pra criar, como o senhor. Eu tenho a aposentadoria da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro, que é uma miséria, mas pra mim dá. E eu vou fazer o que com esse dinheiro, se não bebo? Eu vou comprar roupa? Não, eu já passei essa fase... O senhor ainda pensa em roupa, seu Pedro?

269

PEDRO – Eu também já passei essa fase, seu Guilherme.

SEU GUILHERME – Me diz uma coisa, seu Pedro. O senhor é católico, não é?

PEDRO – Sou.

SEU GUILHERME – E católico bebe!

PEDRO – Bebe.

SEU GUILHERME – Pois eu devia ter-me batizado católico... Em compensação, católico não reencarna, reencarna?

PEDRO – Eu não entendo desses assuntos, seu Guilherme.

SEU GUILHERME – Espírita reencarna! Mas eu sou um viciado! Já vou fazer 70 anos e desde os 20 que todo dia, todo santo dia, eu deixo de beber. Daí me dá vontade e eu penso: *Se bebe morre, se não bebe morre*, eu bebo. Na próxima encarnação eu vou nascer bicho, disso eu tenho certeza. Nessa eu já perdi a chance. Então eu aproveito pra fazer tudo duma vez, tudo! E deixo a melhora pra próxima... Qual a sua opinião, seu Pedro?

270 PEDRO – Eu não tenho opinião, seu Guilherme.

SEU GUILHERME – Eu bebo... Eu bebo porque eu até gosto de sentir o fígado pesando, vômitos de manhã, enjoo na hora de escovar os dentes... eu até gosto! Isso é o vício: é gostar do veneno! Porque que eu gosto do veneno! Não sei. Nasci bêbado e vou morrer bêbado! Mesmo sabendo que vou voltar como bicho, como por exemplo uma lagartixa, o senhor conhece animal mais feio do que uma lagartixa, seu Pedro? Eu não conheço. Ou como vira-latas, que vive comendo lixo e levando porrada na rua, sem lugar pra dormir, pra ficar, pra comer, jogado fora de vez. E que no fundo é manso. É manso ou não é

manso? Não pode ser manso. Como é que pode!

(Longa pausa)

SEU GUILHERME – Me dá mais uma pinga, seu Pedro.

ADÉLIA – (Interferindo) Acabou, seu Guilherme. Por hoje acabou!

SEU GUILHERME – Ora, dona Adélia, eu não estou bêbado. Olha aí, eu consigo fazer um quatro.

(Ele faz um quatro com as pernas e quase cai)

ADÉLIA – Eu disse que acabou, seu Guilherme. Por hoje acabou!

271

SEU GUILHERME – Mas dona Adélia...

ADÉLIA – Não insiste, seu Guilherme. Eu disse que acabou!

SEU GUILHERME – Seu Pedro, me serve aí só mais uma... só mais umazinha...

PEDRO – Deixa pra amanhã, seu Guilherme.

SEU GUILHERME – Ora, seu Pedro, bobagem! Que amanhã! Amanhã a gente já pode estar noutra! Mais umazinha...

PEDRO – Mais umazinha! (os dois bebem depressa escondido).

(Pausa)

SEU GUILHERME – Às vezes eu penso também que o Kardec, seu Pedro... Às vezes me passa também que se vive uma vez só e pronto... Qual é a sua opinião, seu Pedro?

PEDRO – Eu não tenho opinião, seu Guilherme.

272 SEU GUILHERME – Eu vi coisa demais na minha vida, seu Pedro! E foi embaralhando tudo... embaralhando tudo... e de vez em quando eu pergunto: será que isso tudo tem relação? Será que existe alguma ordem que liga isso tudo? Algum fio? Será? Existe alguma relação, seu Pedro?

PEDRO – É difícil, seu Guilherme. Difícil.

SEU GUILHERME – Pra nós que somos músicos, tem. Tem ou não tem, seu Pedro?

PEDRO – Tem. Tem e não tem.

SEU GUILHERME – É. Porque a gente toca no *Método Gianini*, que tem a clave de sol e a clave de fá, se não me engano. Mas quem foi esse *Gianini*? Um homem. Foi ou não foi, seu Pedro?

Foi homem! Não pode ter então 500 mil outras maneiras de tocar a mesma música? Tem. Sá não tem porque ninguém inventa outra. E porque já jogam o *Gianini* na cara da gente, desde que a gente começa a mexer com música, e daí a gente passa o resto da vida achando que falou *Gianini* tá falado, quando não tá falado! Tenho razão ou não tenho, seu Pedro? Põe mais uma, seu Pedro! A última!

PEDRO – A última! Se bebe morre, se não bebe morre!

(Os dois bebem rindo)

Efigênia

273

(Cena montada sobre a partida de Quincas e Neuzinha, Efigênia e Dona Adélia. Adélia se vestindo para ir à missa com Rosário)

EFIGÊNIA – O apelido dele era *Black Dog*. Ele não era mole não, dona Adélia. Uma barra pesadíssima, a senhora nem calcula.

ADÉLIA – Calculo.

EFIGÊNIA – Aí um dia ele me disse: *Vou-me embora. Pintou sujeira por cima de mim*. Aí eu não pensei duas vezes e eu disse: *Eu vou junto*. Ele disse: *Você espera*. E sumiu. Eu fiquei esperando.

ADÉLIA – Então um dia volta.

EFIGÊNIA – Nem notícia. Exalou, como um cheiro.

(Pausa)

EFIGÊNIA – Uma noite eu disse: *Vou ver como ele está.* Aí eu enchi um copo d'água e coloquei perto dos meus santos e acendi vela. Daí eu rezei minhas orações e olhei dentro do copo. Tinha primeiro uma estrada. Uma estrada que vai indo, que vai indo, dentro duma tarde, com carneirinhos. Não tem carro, não tem barulho, não tem nada. Só os carneirinhos indo pela estrada.

274 ADÉLIA – Então quer dizer que tá tudo às mil maravilhosas.

EFIGÊNIA – Depois tinha um campo seco, do lado da estrada. Um campo seco, feio, faltava a vida, como se fosse o inferno: com o diabo, a senhora me perdoa a palavra, mas existe, dona Adélia, pelo menos eu acredito.

(Rosário faz o nome do padre)

ADÉLIA – Bate na boca, criatura, bate na boca. Inferno, se existe, é aqui mesmo.

EFIGÊNIA – Ele era moreno, magro, alto. De Gêmeos. Parecia um príncipe. Não abria a boca

pra nada. A única coisa que uma vez ele disse foi isso: *Se o mundo não é bom, faça o seu*. E ele fazia o dele, sem incomodar ninguém.

ADÉLIA – Cada um é independente. Eu vejo os meus. As asas apumadas, a ideia acesa. Se eu pudesse eu parava o voo, com um grito. Mas já não está mais em mim. Então eu digo: *Vai*, de olho fechado. E quando abro o olho ainda não foram. Seja o que tem que ser. Não vou fazer drama, isso não.

(Ela se volta para seu Guilherme)

ADÉLIA – Acabou, seu Guilherme, por hoje acabou!

275

SEU GUILHERME – Mas eu não estou bêbado, dona Adélia, olha aí, eu consigo até fazer um quatro.

ADÉLIA – Eu disse que acabou, seu Guilherme. Por hoje acabou!

SEU GUILHERME – Mas dona Adélia...

ADÉLIA – Não insiste, seu Guilherme! Por hoje acabou!

SEU GUILHERME – Me crucifica, dona Adélia, me crucifica! Nasci pra Cristo, pode me crucificar!

Quincas e Neuzinha Vão-se Embora, II

NEUZINHA – Tem que ir inteiro, meu irmão, inteiro, meu irmão. Não tem que deixar nada atrás. O que ficou pra trás já era. E não tem lágrima.

QUINCAS – Mamãe.

NEUZINHA – Do lado de fora desta rua eu sou a tua mãe. Eu vou te dar cinco caras, uma em cada continente.

(Coloca um brinco na orelha de Quincas)

276

QUINCAS – Papai.

NEUZINHA – Do lado de fora desta rua você é meu pai. Do lado de fora desta rua você é um homem.

QUINCAS – Cigana.

NEUZINHA – Cigano. Vem.

QUINCAS – E vamos como?

NEUZINHA – Ora, vamos como! Em cima das pernas, mano!

(Saem)

Segunda Versão da Volta de Davi do Convento

(Isabel dança com uma saia de linho branca, feita da batina de Davi. Valente lê um livro, deitado no chão. Rosário vagueia)

ISABEL – Você viu a saia que deu a batina do Davi?

VALENTE – Não sei o que ele veio fazer aqui.

ISABEL – Como se você soubesse.

VALENTE – Mas eu já me acostumei.

ISABEL – Coitado! Ele anda que anda, olhando... Olhando... Calado... Me dá aflição, mas eu vou dizer o que pra ele?

277

VALENTE – Não diz nada, então. Deixa ele. Quem sabe se ele ainda descobre alguma novidade nesta cidade. Porque eu já esgotei.

ISABEL – Vou te ser sincera: eu acho o Davi mais bonito que você.

VALENTE – Em compensação eu vou-me embora.

ISABEL – Então vai. A porta está aberta, a rua está aberta. É só ir.

VALENTE – Você está grávida?

(Isabel para de dançar)

ISABEL – Imagina se vou estar grávida, menino!

VALENTE – E não podia?

(Silêncio. Valente volta a ler o livro. Fechando o livro)

VALENTE – Hoje eu estou sentindo calor, falta de ar, mau humor, claustrofobia. Sabe o que quer dizer claustrofobia?

ISABEL – Não sei, nem quero saber, tenho raiva de quem sabe.

278

(Silêncio. Valente se levanta e fica olhando para Rosário)

ROSÁRIO – Que foi?

VALENTE – (passando a mão no rosto dela) Ri.

ROSÁRIO – Mas eu não quero rir.

VALENTE – Ri. Eu vou fazer gracinha e você vai rir.

(Ele canta *Bye Bye Love* pra ela até ela rir)

VALENTE – Pronto. Riu.

ISABEL – Como você é chato, menino!

VALENTE – Agora é você.

ISABEL – Não enche.

VALENTE – Tem que rir. Anda, ri!

ISABEL – (puxando os dois lados da boca com as mãos) Nem fazendo assim, tá vendo? Nem fazendo assim.

VALENTE – Sabe quem que você parece? Você parece a Natalie Wood...

ISABEL – Não acho a menor graça.

VALENTE – Se você não rir eu não saio da sua frente, pronto. 279

ISABEL – Se você soubesse como você é chato...

VALENTE – Pronto, riu...

ISABEL – Como você é chato!

VALENTE – Agora vamos fazer outro jogo. Eu digo um nome de filme, em inglês, e você diz outro.

ISABEL – Não sei nome de filme nenhum em inglês.

VALENTE – Vou começar: *Rebel Without a Cause*.

ISABEL – Pode parar, que esse filme é o único que sei em inglês.

(Silêncio)

ISABEL – Sabe uma história que o Davi me contou que eu fiquei gelada? Que vem vindo um planeta de encontro à Terra, diz que saiu até no jornal. Diz que o planeta vai ser explodido pelos Estados Unidos, mas a explosão vai mudar o eixo da Terra e aí vai mudar tudo. O que é Norte vira Sul e tem lugar que vai desaparecer. Você já pensou se esse planeta vem mesmo?

280

O Império Secreto

(De noite no botequim. Valente encena-se, pintando-se com sangue feito de tinta, e Davi está a seu lado)

VALENTE – Uma vez eu disse: eu também vou pro convento. Quero ser um monge. Aí eu pensei: *Se eu for, eles vão dizer que é por causa do Davi. Depois o Davi sai e eu não posso sair porque vão dizer: o Valente saiu só porque o Davi saiu.* No fundo era covardia. Começou como covardia. Então você escreveu uma carta e eu disse: *A carta que eu queria escrever!* E eu comecei a escrever cartas pra pessoas imaginárias, como

seu eu fosse o Monge, o Iluminado, o Santo. Mas eu não era o Iluminado. Eu brincava como uma criança obcecada, que recebeu uma flecha e saiu sangue. Aí mudou tudo. Aí inventei de ser um imperador asteca, e eu me sagrei descendente imaginário do Rei Sol, eu era magnânimo, generoso, eu compreendia todos os meus servos, a minha corte, eu dava tudo que fazia cada um em particular feliz, e eu sabia o que é que cada um deles queria, e era tudo representação. Meu reino era um teatro alegre, campestre. Era a eterna adolescência. Tinha enigmas, tinha demônios de mentira, mas eu fazia questão da legenda. Cada pessoa mantinha uma cumplicidade de olho e de traje uma com a outra. E tinha rituais, que no fundo eram exorcismos, mas a gente não dizia. Éramos um império secreto. Fazíamos da mendicância o nosso luxo. Eu deslizava em cima das águas como uma gaivota teleguiada. (pausa.) Aí você apareceu de novo. Bastou você botar o pé dentro desse botequim pro meu reino partir. Eu ainda chamei o meu reinado, eu disse *fica, fica...*, mas ele foi-se embora, e levou pontes, pedras preciosas, minhas princesas indígenas, rituais... eu fui abrindo os olhos, fui abrindo os olhos... e vi. Eu não precisava mais do meu império secreto. (Valente passa tinta no rosto de Davi). Assim você fica parecendo o James Dean.

Fuga de Valente

(Isabel está vestindo Valente, que vai fugir de casa, de noite, depois que todos forem dormir)

VALENTE – Sombra no olho não...

ISABEL – Claro, idiota, disfarçado... Não dá nem pra perceber.

VALENTE – Se eu for com a tua blusa, e você depois?

ISABEL – Eu pego mais dinheiro na gaveta e compro outra...

282 VALENTE – Eu te mando uma de presente, então.

ISABEL – Só me escreve uma carta contando, ouviu? Eu vou ficar esperando essa carta a minha vida inteira.

VALENTE – Você só conta pra eles amanhã. Não vai contar antes!

ISABEL – Eu nem consigo acreditar que você vai mesmo, Valente...

(Pausa.)

ISABEL – Você ficou lindo! Um príncipe!

VALENTE – Você já sabe o que quer da tua vida?

ISABEL – E adianta saber?

VALENTE – (volta a se olhar dentro do espelho)
Fiquei uma boneca. Você acha que vai dar certo,
Isabel?

ISABEL – A gente não pensa essas coisas. Essas
coisas a gente nem pergunta.

VALENTE – Então me diz: *Vai*. Eu preciso de al-
guém que me diga: *Vai*.

(Eles se abraçam. Isabel se desfaz dele)

ISABEL – Eu nunca vou te esquecer, nunca!

VALENTE – Você jura que não vai me esquecer
nunca?

ISABEL – Vai! Anda, vai!

(Ela tira o colar, dado pela índia, e coloca nele)

ISABEL – E bota esse colar que você ganhou em
Minas. Pronto, agora você tá um imperador
asteca!

VALENTE – Então *ciao*, Isabel!

ISABEL – *Ciao*!

(*Bye Bye Love.*)

Rosário

(Rosário está sozinha, perto do balcão. Seu Guilherme dorme, numa mesa. Isabel espera, debruçada sozinha numa outra mesa. A cena é silenciosa, longa. Davi se aproxima, olha pra esse mundo sem palavras, delirante. Rosário olha um anel de brilhante, que ela tem no dedo. Até que Davi derruba um copo)

ROSÁRIO – Davi?

DAVI – Sou eu.

284 ROSÁRIO – Que susto!

(Longa pausa. Isabel suspira)

ISABEL – Porra!

ROSÁRIO – Que horror, Isabel!

ISABEL – Porra mesmo!

ROSÁRIO – Se ele falou que escreve é porque escreve.

ISABEL – E eu estou esperando a carta dele? Eu estou pensando na minha vida! Que que você acha de eu me casar com o Teco, Davi?

ROSÁRIO – Mas isso quem sabe é você, menina...

(Isabel suspira de novo)

ISABEL – Ele é pobre, eu também sou pobre. Ele gosta de mim, e eu, gosto dele? Ai, como eu de-
testo ficar na dúvida! Ai, eu vou ficar paranóica!

(Ela se levanta e fica na porta, esperando. Davi
fica olhando pra Rosário)

DAVI – Onde você arrumou esse anel?

ROSÁRIO – Era da minha madrinha. Ela me deu
em Minas, no dia da minha primeira comunhão.

285

(Pausa)

ROSÁRIO – É azul ou é maravilha?

DAVI – Azul.

ROSÁRIO – Porque tem hora que é maravilha.

DAVI – Então você vê.

(Rosário não diz nada)

DAVI – Eu, você me vê?

ROSÁRIO – O vulto.

DAVI – Que mais que você vê?

ROSÁRIO – Gente de casa eu conheço, quando chega.

DAVI – E gente de fora?

ROSÁRIO – Gente de fora, às vezes.

(Pausa)

DAVI – Você vê ou você conhece?

ISABEL – É interrogatório, é?

286 ROSÁRIO – Isabel!

ISABEL – Eu tenho que realizar que Elvis não existe. Elvis Presley foi uma invenção da minha cuca. Quem existe é o Teco. O Teco é que vem me pegar para ir ao cinema, o Teco é que passeia de moto comigo, o Teco trabalha e foi o Teco...

(Ela põe a mão no ventre.)

ISABEL – Ai! Acho que estou pagando todos os meus pecados!

(Pausa)

ISABEL – Davi, você teria um filho?

DAVI – Acho que teria. Não sei.

ISABEL – Ai! Nessas horas é que me falta o Valente! Ai! Acho que vou parar no hospício! Ai!

ROSÁRIO – Meu Deus, que tanto suspira, menina!

ISABEL – Se o Teco não aparecer, eu me mato!

ROSÁRIO – Ficou louca, Isabel!

ISABEL – Me mato!

ROSÁRIO – Não foi você mesma que disse que ia arrumar outro?

287

ISABEL – Me mato! Juro que me mato!

DAVI – Então espera, que ele já vem vindo.

Teco

(Teco entra, montado na moto)

ISABEL – (enquanto Teco continua contando até 60) E se não der certo? Casamento é fria! Sempre me disseram que casamento é fria! Também, se não der certo eu me separo, porra! Se não der certo eu saio pra outra, na hora! E se eu perder esta chance, me conhecendo como eu conheço,

vão ser mais sete anos de azar! Eu tenho que resolver é *now!* É *now!* É *now!*

(Ele termina de contar, pausa, eles se olham em pânico)

ISABEL – Pelo amor de Deus, Teco! Então só mais um minuto. Esse não valeu! Assim não, Teco! Assim não! Como é que posso resolver minha vida inteira num minuto?

288 (Ele para, ela para. Eles se olham, depois ele continua contando. Ele olha para ela e depois começa a contar mais um minuto. Ela corre, sai e volta vestida de noiva, com um buquê de flores na mão, e no que ele termina de contar ela está montada atrás. Ele dá a partida e eles vão-se embora.)

Davi Espera

(Em cena continuam Davi e Rosário. Seu Guilherme continua dormindo. Silêncio)

ROSÁRIO – Você também vai ou você fica?

DAVI – Não sei...

(Ele olha pra Rosário, para o botequim. Silêncio)

DAVI – E se eu for-me embora, e vocês?

(silêncio)

DAVI – O papai, a mamãe, e você?

ROSÁRIO – Mas se você ficar, você tem alguma coisa pra fazer aqui? Porque por mim não... Não sei o papai e a mamãe... Por mim eu não ligo.

(Ela volta a seus delírios, olhando o anel, e o botequim, com seu Guilherme dormindo, vai-se apagando ao redor de Davi.)

DAVI – Eu tive o cálice de ouro na mão. De missas que não celebrei. A carne para comer e o sangue para beber. O pão branco, transparente, confeccionado, consumível. Eu vi, e eu acreditei, sem tocar, e houve o tempo que eu toquei: o verbo que eu aprendi era o verbo humano. Que não bastava na palavra. Nem tudo que passava do lado de fora era o sagrado, o que era contra minha vontade e contra minha natureza. Minha mão teve o ouro eu vi o ouro escorrendo entre os dedos e não pude fazer nada, porque eu estava sozinho. Então do silêncio nasceu um som, do som um grito, até que as portas se abriram e de dentro das portas nasceu o VIAJANTE.

(Grito de Rosário. A cena se ilumina e Pedro olha pra Davi. Rosário abriu as portas do oratório e tirou de dentro a clarineta)

A Herança

(Rosário entrega a clarineta a Pedro)

PEDRO – (para Davi) Fica com você.

DAVI – Não vai tocar mais, papai?

PEDRO – Todo mundo vai-se embora, então agora é minha vez.

(De dentro do oratório surge a imagem de Jesus Cristo. Glorificado)

A morte de Pedro Fogueteiro foi num domingo. Eles todos saíram pra ir na procissão de *Corpus Christi* e ele ficou, com Rosário; aí ele tomou um banho, vestiu uma roupa nova e calçou um par de sandálias, fumou um cigarro de palha e ficou esperando.

(Os filhos voltam, vestidos para a procissão de *Corpus Christi*, e vestem Pedro, que vai para a eternidade. Depois eles se retiram e fica Pedro sozinho, em cena, com Rosário. Do lado de fora, vozes distantes de criança, sinos, incenso. Ritual)

PEDRO – Sua mãe botou as toalhas na janela?

ROSÁRIO – Botou.

(Pedro coloca uma colcha de lã numa das janelas)

PEDRO – Deixa tudo aberto, não é melhor?

ROSÁRIO – É melhor.

(Pausa)

ROSÁRIO – Faz tempo que o senhor não fala mais daquela clave, papai. Lembra?

PEDRO – Você lembra como era?

ROSÁRIO – Eu não entendia... Mas eu achava bonito... Era... Era uma clave diferente, não era?

PEDRO – E que mais?

291

ROSÁRIO – Mas o senhor não acabou, o senhor acabou?

(Silêncio)

ROSÁRIO – Era a clave de Minas, não era?

PEDRO – E que mais?

ROSÁRIO – E que mais?

(Silêncio)

ROSÁRIO – Eu não entendia, papai. Eu só me lembro que era de Minas. Só isso.

PEDRO – Era só isso, Minas.

(Longo silêncio)

ROSÁRIO – Me lembro que o vovô falava em inventar o avião, o senhor lembra? E o avião só precisa de piloto. Aí veio o Santos Dumont. Depois o tio falou que ia inventar o *Modo Contínuo*. Agora o senhor com a clave de Minas.

PEDRO – Você gostava?

ROSÁRIO – Eu gostava. Eu achava bonito.

292 PEDRO – Não tinha morte mais. Nunca mais ia precisar da morte. Era a salvação. Continuava tudo. Não acabava nunca mais. Era a esperança que tinha vindo.

(A voz de Isabel, do lado de fora, volta a cantar *Viajante, viajante.*)

PEDRO – Foi no dia que ficamos noivos. Então fomos fazer um piquenique. Atravessamos a água de canoa, e aí vieram as cinco gaivotas. Aí descemos no sertão e aí tinha sol. E o sol era do calor do ventre materno. Tinha grama, tinha vento, aí eu olhei pro rosto de Adélia e nos olhos começava a primeira nota. Aí ela dançou, com uma sombrinha cor de rosa. E eu me lembro que eu estava encostado numa rocha em forma

de cálice, e a rocha era viva. A rocha respirava. E eu assistia Adélia dançando entre flores do campo, então ela veio pra mim: os cabelos soltos, as mãos abertas, o rosto iluminado, a carne iluminada, e nela começava a clave que eu estava procurando.

(A procissão de *Corpus Christi* entra, com banda, flores, anjos, sinos tocando)

Londres, 3 de setembro de 1970

Mamãe, maravilhosa. Peço desculpas ao Messias por estar respondendo a carta dele para a senhora. Mas acho que dá na mesma. A carta do Messias é linda. Bivar e eu choramos juntos, quando a gente acabou de ler. Me lembrei que, na época ainda do seminário, Messias falava que ia ser aviador. Esse amor pelas estrelas e pela luz vai continuar tão vivo em você, Messias, como continuou vivo pro papai. Essa luz eu também estou procurando. É ela que eu quero. Estou tentando à minha maneira, de insatisfação a insatisfação. Certas pessoas descendem da costela iluminada de Abel, como você. Eu devo ter algum osso de Caim dentro de mim. Mas eu acho que, à sua maneira torturada, Caim recebeu no final a mão, saudosa do Pai, e deitou no quentinho, no tempo sem hoje e sem amanhã que eu também tenho procurado com a minha

curta vida em cima desta terra tão diversa, tão reveladora, tão terrivelmente rápida.

294

Estou chegando de Wight, uma ilha no sul da Inglaterra. Teve lá um festival de música pop, com os ídolos da música popular do mundo inteiro. Compareceram 600 mil pessoas. Foi o maior festival já acontecido no mundo, segundo me informaram tinha mais gente que na Copa do Mundo. Era ao ar livre. A gente dormiu uma semana no chão, ou dentro de barracas. Tinha gente que dormia em cima de árvores, outros dentro. Bivar e eu construímos uma casa dentro duma árvore. Tinha janela e tudo. Só que ventava demais e era numa colina. A gente tinha que dormir de banda e, se ventasse muito, tinha o perigo da gente rolar montanha abaixo. Foi quando vimos (como que por um milagre) uma bandeira enorme do Brasil. Descemos, fomos até lá, e encontramos milhares (30 mais ou menos) de brasileiros, no mais completo estilo tropical-caipira: falando alto, fazendo muito barulho, perturbando o lugar já tão perturbado (os moradores da ilha fizeram tudo pra que o festival não acontecesse: os jornais aqui estão dizendo que houve uma verdadeira devastação do lugar, e que esse é o último festival de Wight: *Desolation Road* (Estrada da Desolação) e *Devastation Hill* (Colina da Devastação) foram

algumas das manchetes que saíram). Mas o festival foi maravilhoso. Pela primeira vez eu senti que a juventude do mundo inteiro não se contenta mais com ideias abstratas sobre o amor. Todos estão procurando a sua verdade para vivê-la até o fim, sem imposturas. Todas as pessoas insatisfeitas estavam lá, como espelhos de um mundo que luta pra varrer da vida a face do amor. Eu vi muita coisa e é impossível relatar tudo. Vi milhares de jovens (homens e mulheres lindíssimos) tomando banho nus numa praia, com a maior naturalidade. Era de uma pureza religiosa. Espontaneamente, quase como uma criança, eu também tirei a minha roupa e mergulhei no mar, no meio daqueles milhares de corpos desprotegidos e frágeis. Eu descobri uma beleza muito grande nessa inocência. Talvez tenha sido a maior lição que aprendi nessa viagem: existem milhares de seres tentando ser bons, tentando ser plenos. A alegria que havia lá era uma alegria serena. As pessoas trazem na cara uma bondade transparente, uma compreensão e uma fraternidade que te derrubam. Até os jornais mais intolerantes reconheceram que a gente que compareceu lá *era muito simpática, muito gentil, com raríssimas exceções*. Eu pessoalmente não vi nenhuma exceção. Senti uma vontade muito grande de dar tudo o que eu tinha. Eu ganhei cigarros, pratos de comida,

colar, chocolates, sorvetes, tudo, de pessoas que eu nunca vi, que eu não sei nem o nome, e que me sorriam como se me conhecessem há anos e anos. A gente se comunicava com o olhar, com a cara. Não era preciso saber falar língua nenhuma. Fazia muito frio de noite, mas a presença das pessoas esquentava de uma tal forma que nem era preciso agasalho. Eu dormia numa tenda onde dormiam mais 16 pessoas. A única coisa complicada era achar um lugar pra encostar a cabeça. Uma sueca, chamada Pom-Pom, que é um doce, tem 17 anos, me permitiu dormir em cima do seu ventre. Os pés eu colocava em cima do peito de um americano, chamado Jerry, que tem uma barba enorme e uns cabelos maiores que o da Vitória. Do meu lado dormia Caetano, Gal Costa (imaginem!), Bivar e outros que eu não me lembro. Tava o Gil, tava a Helena Ignez, Rogério Sganzerla, Rodrigo Santiago, etc. No segundo dia de festival os brasileiros foram convidados pra se apresentar e fomos todos pro palco (umas 40 pessoas, tinha até alemão dizendo que era brasileiro), e improvisamos três números. Gil cantou *Aquele Abraço*, Caetano dançou e cantou, Bivar chegou a tocar reco-reco. Eu fiquei sentado atrás, morto de vergonha, com um gravador a tiracolo, fingindo que estava ali só pra gravar. Fomos aplaudidíssimos. Se não me engano fomos filmados, e televisionados. Eu chorei de emoção. Abracei os brasileiros com

todo o meu amor. Quando voltamos pra tenda, de noite, todo mundo ficou possuído por uma estranha tristeza. Me deu uma saudade infinita do Brasil, do meu povo, da minha gente, e sobretudo de vocês. Me lembrei de um por um. Fiquei horas num canto, sem falar nada, me comunicando com vocês através do meu pensamento. Me lembrei da senhora, do Messias, da Cida, Maria Antônia, Vitória, Bartô, Maria, João e dele, papai. Não sei exprimir de outra forma, mas as grandes lições que eu tive na vida eu recebi em casa. Tudo o que eu escrevo, eu, no final das contas, tiro de dentro desse baú inesgotável que é a nossa vida comum. Eu sinto por cada um de vocês um amor que eu não sei exprimir direito, nem manifestar, mas acho que vocês entendem. Tenho a impressão que sei dos probleminhas de um por um, das preocupações, das pinimbas, pequenos ciúmes, medos, e sobretudo uma generosidade que acaba encobrindo tudo e ficando tão grande a ponto de só existir ela.

297

Eu só recebi hoje a carta do Messias. De manhã, quando acordei, senti uma coisa estranha. Não sabia explicar direito. Bivar notou. A gente em geral costuma sair juntos. Hoje eu resolvi sair sozinho. Andei, comprei jornal, li um livro, estava me sentindo muito mal, e não sabia o que era. Quando voltei pra casa, fumei, fiz um café (tenho feito cafés sensacionais, descobri um pó

delicioso, perfumado, vindo do Brasil, e que não é tão caro). Aí entrou o Bivar com a carta do Messias. Eu li, com a maior avidez, e no final estava chorando. Bivar leu também a carta e chorou e até agora está calado lá no canto, enquanto eu escrevo. Não sei, foi triste e foi alegre, foi terrível e foi consolador, eu não sei explicar direito. Agora estou calmo. Estou sentindo uma paz muito grande. Já rezei pra ele e até já pedi umas coisas. Quando eu saí daí de casa, depois quando eu falei pelo telefone, eu sabia (alguma coisa disse dentro de mim) que eu não ia mais ver a face tangível do papai. E ao mesmo tempo eu não sentia nenhuma dor por isso, porque pra mim ele jamais morrerá. Em todo caso eu gostaria de ter estado junto com todos vocês, não por obrigação, não por dever familiar, mas só para estar junto, pra chorar junto, e pra rezar junto. Bivar acabou de me dizer que sentiu o papai aqui dentro do quarto agora. Ele me disse que sente o papai mais vivo do que nunca. Eu também sinto. É confortável saber que as pessoas não morrem. Que o que nós chamamos de morte é só um rompimento passageiro pra um outro estado, mais puro, onde as pessoas se reencontram. Eu não gostava de ver o papai deitado daquele jeito, sem poder sair, sem poder fumar direito, sem poder comer direito, sem poder beber à vontade a pinguinha dele. E ao mesmo tempo, sempre que eu entrava no quarto, sempre que

eu voltava de madrugada da rua e ia dormir e ouvia a respiração ofegante dele, sempre que eu acendia a luz e ele estava lá, silencioso, rezando, ou fazendo o pito dele, eu sentia uma paz que me fazia muito bem. Eu me sentia respirando bem. Era qualquer coisa como um bálsamo, que me confortava. Eu estava sempre com pressa, vocês se lembram. Eu estava procurando na rua, nos jornais, nos teatros, aquilo que estava ali, na minha frente, escrito de uma maneira tão clara e tão sábia nos olhos daquele homem magro, vivido, cada dia mais longe da Terra, cada dia mais longe de todos nós que ainda estamos dentro do tempo. Eu tenho impressão que aí em casa deve estar muito bom. Eu tenho impressão que todos vocês estão ótimos. A presença dele deve estar purificando muito a casa, como hoje me purificou de tudo. Agora é que ele está vivo, não antes. Eu sei que vocês todos sabem disso. Mas é sempre bom voltar a falar. Todos nós temos muito chão ainda pela frente. É confortável saber que certas luzes, como por exemplo a dele, às vezes iluminam algum momento escuro.

299

Eu falei, falei, e acabei não falando com a senhora. Que vontade de estar aí, pelo menos durante algumas horas, pra gente estar junto. A gente está junto de qualquer forma, a senhora sabe. Mas hoje, se não fosse o Bivar, não sei o que seria de mim aqui em Londres – não sei com quem eu

ia falar. No começo é muito difícil aceitar. Não é bem aceitar: é uma coisa que aperta dentro da gente e que sai. Por mais que a gente queira segurar. O Messias disse que vocês estão todos felizes e eu acredito, porque também eu estou feliz. E eu sei também que a senhora está bem. A gente pensa que não está preparado para a separação, mas a verdade é que a gente nunca se separa. Eu estou vendo a senhora aí dentro de casa e estou vendo vocês todos. Estamos juntos. Só que hoje ele não está lá no quarto, a porta fechada, e a televisão baixa, e o rádio baixo. Hoje ele está dentro da casa inteira, com a sua imensa, a sua infinita ternura, a sua delicadeza tímida, o seu sorriso tão meigo, tão bom, e a sua insaciável alma faminta de luz e de vida. Ele está vivo. Agora é a nossa vez.

Messias falou que eu agora estou respirando o ar da liberdade. Estou tentando. Eu estou no exílio e o ar da liberdade, aqui, é amargo. Ser livre sozinho é quase tão insuportável quanto estar preso. O que eu mais quero é a liberdade para nós todos. E esse trabalho depende de muitos. De mim, de você, e de muito mais gente.

Estou com uma saudade infinita de vocês todos. Mil beijos, mil abraços, todo o meu amor.

Zé Vicente

Primeira Montagem

12 de outubro de 1971 – Rio de Janeiro (RJ)

Autor: José Vicente

Prêmio Molière – melhor autor

Cenografia: Luiz Carlos Ripper

Coreografia: Klauss Vianna

Prêmio Molière

Direção: Rubens Corrêa

Prêmio Molière

301

Direção Musical: Cecília Conde

Elenco/Personagens

Alexandre Lamberti (Passante)

Arthur Silveira (Passante)

Dudu Continentino (Passante)

Isabel Câmara (Rosário)

Isabel Ribeiro (Adélia)

Ivan de Albuquerque (Valente)

Ivone Hoffmann (Efigênia, Índia)

Kaká Versiani (Elvis Presley)

Klauss Vianna (Seu Guilherme)

Leyla Ribeiro (Isabel)

Nildo Parente (Davi)

Paulo Cesar Oliveira (Passante)

Renato Coutinho (Quincas)

302

Rubens Corrêa (Pedro Fogueteiro)

Thaia Perez (Neusinha)

Produção: Teatro Ipanema

Outras Montagens:

Curitiba – 1973

São Paulo – 1973

Rio de Janeiro – 1980 e 1990



José Vicente, retrato

Os Convalescentes

Ritual de José Vicente

*Esse veneno vai ficar em todas as nossas veias,
mesmo quando, a fanfarra indo embora, voltar-
mos à antiga desarmonia*

Rimbaud

11 de abril de 1969. Um dia depois da estreia de *O Assalto*, minha primeira peça. Estou cheio de esperanças. Vou indo de Copacabana para a cidade, numa Ford, com mais três pessoas. A certa altura da viagem, a Ford começa a chocar-se contra uma grade de ferro, arrebenta a grade e voamos de cima do viaduto, 15 metros até o asfalto. Minha cabeça está cheia de sangue e vidro. Do meu lado, no chão de 40 graus, meus três companheiros ensanguentados, deformados, e mortos.

307

É impossível descrever a fatalidade. Nessa tarde o mundo se inundou de sombras pra mim. Nunca, até então, o fato de viver me pareceu tão terrivelmente enigmático, sufocado de luz e de impossibilidades.

Eu me pergunto: até que ponto a ideia que fazemos do mundo, numa época dada, não é apenas a revelação obscura, sem contornos, da nossa própria solidão?

Os nomes dos dois rapazes que morreram no desastre eu não fiquei sabendo. Se não me engano, um deles se chamava Luis. E o outro?

Ela, eu conhecia por Soninha.

Dedico esta peça à memória desses três desconhecidos, que respiraram um dia do meu lado, num jogo enigmático de tentativas, rompidas cosmicamente, do salto até o asfalto.

José Vicente



José Vicente, em Paris

Personagens

JUAN – Um professor de Filosofia, acuado por dúvidas metafísicas, importunas para o momento em que está vivendo. É irreverente e aristocrata. Deve aparentar uns 42 anos.

NINA – Mulher de Juan. Rica, elegante, contraditória dentro do processo. Só tem uma escolha: o suicídio. Ela o escolhe, assumindo-o até as últimas consequências. Trinta e poucos anos.

310 GARCIA – Um poeta anarquista. Vagabundo, ex-aluno de Juan, ex-namorado de Nina, impotente perante o mundo, resolve optar pela Beleza, que ele confunde com o crime. Vinte e dois anos.

MARIANA – Uma fugitiva. Vinda da classe média baixa, encontra-se na vanguarda e parece firmemente decidida a não voltar atrás. É uma antiga amiga de Garcia. Numa outra época ele salvou-a, por acaso, de um suicídio com barbitúricos.

EMPREGADA DOMÉSTICA – Está em algum lugar da cena, como um móvel. Deve ser bastante grotesco, apenas um boneco, desmontável, que funciona como contradição permanente da ação.

Cenário

A ação se passa em vários locais. No interior da casa de Nina e Juan, e na rua, num desses bairros em demolição, onde se joga lixo, eventualmente, e onde ninguém aparece de noite, a não ser marginais ou mendigos. É aí o ponto de encontro de Garcia e Mariana. Sugiro que se usem as paredes do teatro como tapumes, onde se encontram restos de cartazes de rua.

Local

SAN VICENTE, uma cidade latino-americana

311

Época

1961

CENA 1 – JUAN

(Sinais de uma guerra exterior. Sirenes, tiros, bombas. Em seguida, gemidos orgasmáticos, crescentes e que não conseguem atingir o próprio orgasmo.

Quando o quarto de dormir de Juan e Nina se acende, há um clima patente de frustração e degradação de uma relação amorosa chegada a seu estertor).

NINA – (envolvida nos lençóis, na cama) Por quê?

312 NINA – Por quê?

JUAN – Não sei...

NINA – Você disse que queria!

JUAN – Não sei o que que tá acontecendo... acho que é preocupação, não sei...

NINA – Mas você disse que queria!

JUAN – Isso acontece com qualquer casal.

NINA – Mas não uma vez atrás da outra assim!

(pausa – Juan vai até ela, na cama)

JUAN – Nina, me perdoa, não foi por minha culpa.

NINA – (se afastando dele) Deixa...

(Pausa – ele volta a ficar em pé, caminha até um canto do proscênio)

JUAN – Tudo está desmoronando. Cada dia mais um pouco. Cada dia um cadáver num lugar diferente. Dentro de mim, fora de mim, na cidade inteira. Tudo está indo embora, cada dia que passa.

(Silêncio. Ela se ergue da cama, envolvida nos lençóis)

313

JUAN – (voltando-se para ela) Você tem que me perdoar, Nina. A culpa não é minha.

NINA – Me passa minha roupa.

JUAN – Eu estou querendo salvar a nossa... relação.

NINA – Pra quê?

NINA – Vai, me passa minha roupa.

(Eles se entreolham em silêncio. Depois ele cata as roupas dela no chão)

JUAN – (Com as roupas dela na mão) Eu só queria te dizer mais uma coisa então.

(Pausa)

JUAN – É que você está jogando fora toda uma esperança, que nós vivemos juntos e que ninguém – ninguém pode ensinar pra ninguém!

(Pausa)

JUAN – Isso você não leva em conta mais?

NINA – Que diferença pode fazer!

314 JUAN – Tá bom. Você prefere a intolerância, então vamos.

(Nina se desfaz dos lençóis, envolvendo-se com as roupas sem vesti-las. Silêncio. Ela se recosta na parede, de costas para Juan)

NINA – Que nojo!

JUAN – São seis anos, não se esqueça.

NINA – Que fosse uma eternidade inteira! Eu estou sentindo nojo do mesmo jeito!

JUAN – E você pensa que eu estou querendo tirar de letra?

(Ela caminha para o proscênio)

JUAN – (adiantando-se) Eu... Não sei, eu pensei que hoje a gente ia conseguir...

NINA – Pensar que... Eu bem que podia ter me inventado de outro jeito... Podia pelo menos ter sido mãe. Pelo menos isso...

JUAN – Não foi porque não quis. Chance é que não faltou.

JUAN – (abraça-a por trás) Nina, meu amor...

NINA – (desvencilhando-se dele) O que que vai sobrar disso?

315

JUAN – Sobrou você, sobrou eu.

NINA – (gritando) Não sobrou nada!

(Ela ocupa o mesmo lugar que Juan havia ocupado no proscênio)

Que que eu tenho pra fazer? Eu vou fazer o quê? Pegar em armas? Como? De que jeito? Pra salvar o quê? Inventar um ideal? Que ideal? Ensinar pros outros? Ensinar o quê? Me suicidar? Me suicidar em nome do que e pra provar o quê? Ir pra onde? Começar onde e de que jeito? Gritar? Gritar contra o quê?

Eu como, eu visto, eu durmo, eu respiro. O mundo constituído é o meu mundo e é o povo que mata o próprio povo pra defender isso, isso que me rodeia e que te rodeia de todos os lados, e que eu estou querendo jogar fora, em algum lugar, porque eu já não consigo suportar mais esse cheiro estragado!

Eu pergunto: que é que eu tenho pra fazer? Eu vou fazer o quê? Eu vou começar de algum jeito, onde e como?

JUAN – Você tá melodramatizando à toa. Não é tão grave assim.

316 NINA – É, meu querido. Não adianta tapear mais.

JUAN – Só porque não conseguimos?

NINA – Se fosse a primeira vez, vá lá. Mas não adianta, Juan. Nós dois vivemos como dois espíritos em cima dessa cama e isso chega uma hora que não se aguenta mais. É na cama que o negócio se resolve! Não tem por onde sair. Nós não somos privilegiados. A verdade é uma só: cada dia é um de nós dois que brocha. Hoje estourou e eu estou admitindo. Eu resolvi admitir de uma vez por todas.

JUAN – E onde é que você quer chegar?

NINA – No nada!

JUAN – Então chegamos lá.

NINA – Pois é. Você e eu chegamos lá.

(Longa pausa, os dois ficam em silêncio, sem saber o que fazer. Juan pega uma pasta com papéis, bota óculos e começa a escrever sobre um papel. Nina bebe alguma coisa).

JUAN – E depois que a gente chega lá? Em termos práticos, eu quero dizer. O que acontece?

NINA – (cáustica) Adota-se, inventa-se. Tem a cultura, tem a arte. Você pode escolher.

317

JUAN – Garcia.

NINA – Se Deus ajudar, será um Proust.

JUAN – Não vai me dizer que botamos esse marginal dentro de casa pra tapar buraco.

NINA – Casais estéreis adotam, será que você não sabe disso?

JUAN – Ele tava jogado fora.

NINA – Por isso mesmo. Somos generosos.

JUAN – Pois amanhã eu jogo fora de novo. Não quero quebra-galho aqui dentro.

NINA – Bem educado por nós, pode até ser um gênio.

JUAN – Gênio de quê?

NINA – Sei lá, a gente descobre, pagando analista pra ele.

JUAN – Maravilhoso. Só que tem um detalhe: o nosso gênio sai toda noite e volta com o sol nascendo.

318 NINA – Tá recolhendo informações pra poder escrever.

JUAN – Onde? Na zona?

Adotamos pra quê? Pra contrair doença venérea? Ou pra quebrar o nosso galho? Então tem que ficar aqui. Toda noite. Disponível. E tem mais: se arrumar emprego, no fim do mês tem que ajudar nas despesas. *Conditio sine qua non*. Já arrumou emprego? Não arrumou. Então, rua!

NINA – Estamos pendurados mesmo. Uma boca a mais, uma boca a menos, tanto faz.

JUAN – Se ajudar nas despesas!

NINA – Passou a época que você escolhia quem entrava e quem ficava aqui. O nosso santuariozinho particular já tá mais do que profanado. Já estamos em plena liquidação. Além do mais, é cria tua.

JUAN – Pois é. Eu crio, eu jogo fora.

NINA – E eu vou lá e cato de novo.

JUAN – Por que que você não vai lá, agora, pula no canto da cama e trepa com ele?

NINA – Vou esperar você dormir.

JUAN – O chique hoje em dia é trair na cara do marido. É muito mais moderno.

NINA – Não gosto de novelas modernas.

JUAN – Pois é muito mais *exciting*. Pelo menos é o que dizem.

NINA – Cada um tem gosto diferente. Eu sou clássica.

JUAN – Clássica não: acadêmica.

NINA – Tuas distinções convencem os teus alunos deslumbrecas de Filosofia.

JUAN – Foi fazendo as minhas distinções que você entrou na minha.

NINA – Pena eu não ter descoberto a tempo que você é um sofista. E um sofista menor. Distinguindo: existem os sofistas maiores e os sofistas menores. Você faz parte dos últimos.

JUAN – Quem te viu e quem te vê. Quando eu te conheci, você era a pessoa certa pra dirigir um suplemento feminino e falar de modas.

320 NINA – Ainda bem que eu agarrei no teu pé, a tempo. Se alguém disser que eu sou burra, por tabela estão te chamando de burro também. Você não vive dizendo que eu sou cria tua?

JUAN – Distinguindo: existem as crias maiores e as crias menores. E você faz parte das últimas.

(eles se entreolham, com um misto de rancor e ternura. Nina está do lado dele, com o copo na mão. Juan tenta tocá-la, ela se afasta. Nesse momento, do lado de fora, voltam os sinais da guerra. Os dois de detêm. Silêncio).

NINA – Quantos morreram hoje?

JUAN – Não sei...

NINA – E presos?

JUAN – Não sei...

NINA – Precisamos queimar o resto dos livros que a gente tem aqui e os panfletos.

JUAN – É. Precisamos.

NINA – Por medida de segurança só.

JUAN – Daqui a pouco vão chamar a gente pra prestar declarações de novo.

NINA – O que eles querem é o nosso dinheiro, não as nossas declarações.

321

JUAN – Você é que pensa.

NINA – Não temos nada que ver com a coisa.

JUAN – Deixa de ser idiota! Numa guerra como essa, qualquer sujeito com antecedentes conta na jogada.

NINA – Que antecedentes? Todo mundo tá cansado de saber que você é o último habitante desta cidade a levantar um dedo contra uma pulga da polícia!

JUAN – Não sou nenhum Régis Debray! Que que você queria que eu fizesse? Que eu me jogasse na frente dos fuzis deles?

NINA – Até que não seria má ideia.

JUAN – Pode esperar.

NINA – Seria a saída limpa. Afinal de contas, se eles estão aí fora, botando pra quebrar, é porque gente como você ensinou isso pra eles.

JUAN – Isso não, faça-me o favor.

322 NINA – Não adianta tirar o corpo fora. Ensinou sim!

Você quer provas, quer? Eu te mostro já. Por escrito. Coisas que você escreveu.

JUAN – Quero. Quero ver. Me traz.

NINA – É pra já.

(Ela vai sair, Juan a retém)

JUAN – Deixa de ser imbecil! Não estamos brincando de casinha. Aqui não tem nenhuma criança.

(Nina volta, vitoriosa)

NINA – Pois é. Naquela época eu me lembro até que você escreveu uma carta pra um dos teus amigos que estava em Londres, dizendo pra ele voltar depressa, porque vocês estavam no poder.

JUAN – Não vejo onde tá a graça nisso.

NINA – Eu acho muito engraçado.

JUAN – São filhos de família... Estudantezinhos bêbados de heroísmo e com coceiras de revolucionários...

NINA – (irônica)

Geração quarenta e cinco...

323

(Juan bota os óculos, com dignidade, e volta a ler os papéis)

NINA – O máximo que vocês conseguiram, em matéria de evolução, foi pronunciar a palavra *bicha*. Nesse ritmo, daqui mais uma geração, vocês vão acabar fazendo complô com a alta-costura.

JUAN – Você deu pra ficar ruminando, é?

NINA – Quem tá ruminando é você. É isso: você, aqui dentro, rumina, achando que tá salvando a pátria.

JUAN – Por que que você não cai na deles? Já? Agora?

NINA – Eu afrouxei com vocês na hora H! Junto com vocês!

JUAN – Parece até que temos uma Joana D’Arc dentro dessa casa!

NINA – Eu não conto na jogada.

JUAN – Você? Quem é que foi a *go go girl* inflamada das musiquinhas cretinas dos teatros, dos bares e por aí tudo, até na televisão?

324 NINA – Musiquinhas que você e os teus amigos intelectuais, até os mais ortodoxos, cantaram em coro, durante muito tempo, com faixas na mão, e pensando que tavam botando o povo no poder. O mesmo povo que ficava olhando assustado na rua, sem entender nada! Vocês desceram a favela imaginária de vocês pra rua, pensando que a favela queria alguma coisa a mais, além de disputar prêmio no desfile de carnaval.

Pobreza!

Bixa, Bixa! – Como são atrevidos! Como são insubordinados! Calaram as musiquinhas de vocês e vocês gritam: *Bixa, Bixa!*

JUAN – Você é sempre *hors-concours*.

NINA – Vocês me desprezavam porque eu tinha dinheiro! Quer dizer, na condição de que esse mesmo maldito e pernicioso metal não sumisse de repente...

Eu chegava quase a chorar de tristeza por não ter nascido uma pobretona, filha de proleta! Naquela época, a minha maior vergonha era ter nascido rica, por incrível que pareça!

JUAN – Pra você é fácil tirar de letra, minha querida. Principalmente hoje. Mas a tua classe não tem saída, lembre-se disso.

325

É histórico!

NINA – Ih! Vai começar tudo de novo? Essa lenga-lenga não convence mais ninguém!

JUAN – O que você fez de útil até hoje?

(Ele se levanta, agora feroz, e anda em volta dela)

JUAN – Nada!

Nina, o que que você vai fazer de útil pro futuro?

Nada!

Você sabe disso melhor do que eu. Sabe ou não sabe?

Teus poeminhas inteligentes demais e vanguardistas demais interessam pra meia dúzia de merdinhas aí, que, até pra defecar, defecam sem convicção!

Você nasceu do lado deles e se não tá lá, agora, botando lenha no fogo deles, é porque você sabe que – custe o tempo que custar – o povo vai apagar o fogo de vocês.

FUUUUUUUUUUUUU! – Cinza, *baby*...

326 NINA – O meu consolo é que você vai junto nessa cinza.

JUAN – Eu? Coitado de mim. Não tenho nem onde cair morto.

NINA – Olha de lado, olha. Você ficou cego?

JUAN – Eu não tenho origem e você sabe muito bem disso. Quer queiram, quer não, eu estou na linha do povo.

NINA – Eis aqui um filho legítimo do povo: só em uísque escocês gasta 4 milhões por mês!

JUAN – (abre os bolsos pra provar que está duro)

Minha mãe não sabe falar, meu pai não sabe falar, meus irmãos não sabem falar. Eles são povo: não sabem nem assinar o próprio nome. Eu nasci no meio deles e estou na linha deles. E vamos trucidar a tua raça até o osso. Assim... oh! – Como quem devora um frango bem assado. Sem compaixão!

NINA – Pois é. Nasceu no meio deles e depois deu um chute bem grande na bunda de cada um, pra não te envergonharem na frente dos teus amigos, só porque não sabiam nem o que era a Revolução!

NINA – O que que você pediu sempre da vida? Casa, vaidade, notícia em jornal, bom-gosto, viagem pro exterior, aplausos, nota em coluna social e a gratificação da futilidade! Você entrou de braços dado pro mundo alcoolizado das belas ideias, pisando tranquilamente por cima dos cadáveres do teu povo – e eu dei o meu braço pra você! Eu, a burguesa deslumbrada, elegante e assassina. Isso tudo fez parte do meu dever.

Acho que cumpri religiosamente o meu papel nessa comédia. A festa acabou e acabou em tempo.

Você está nu e brocha, como eu estou nua e brocha.

Agora é tempo de vestir as roupas verdadeiras e dessa vez... dessa vez você vai vestir as tuas sozinho!

(Os ruídos da guerra crescem sobre eles. Os dois se detêm, no proscênio, como duas figuras desgastadas. Pausa. Nina olha pra ele, agora quase com ternura, depois, com esforço, aproxima-se e toca os cabelos dele. Corte)

CENA 2 – MARIANA

328

(Garcia e Mariana estão numa dessas ruas em demolição. Garcia está bem vestido. Mariana usa um conjuntinho pobre e tem uma valise de lado, um cobertor e uns jornais. Ao acender a luz sobre eles, Garcia está com um revólver na mão, apontando para os lados).

GARCIA – E se você arrumasse um emprego?

MARIANA – De que jeito?

GARCIA – Provisório. Num escritório. Só até você melhorar.

MARIANA – De jeito nenhum. Voltar atrás? Saí de uma vez por todas! Quando me mandaram embora, aí na última firma que eu trabalhei, decidi que ia ser pra sempre. Passo fome, mas

voltar com recortezinhos de jornais na mão, implorando, fazendo testeinhos, me submetendo pra esses cretinos, isso de jeito nenhum!

GARCIA – Então como é que faz?

MARIANA – Vou esperar.

GARCIA – Esperar aqui? – Olha como tem ratos. Olha só.

MARIANA – Perdi o medo de rato.

GARCIA – Transmitem doença.

MARIANA – Se fosse verdade, a população inteira já tinha morrido.

329

GARCIA – E na casa da tua mãe? Não dá pra você ficar lá, pelo menos por enquanto?

MARIANA – Você ficou louco? Minha mãe me detesta! Quer ver o diabo na frente, mas não quer me ver.

GARCIA – Você falou que tem um irmão.

MARIANA – Casou e tá morando lá. Não tem onde cair morto. E meu pai, coitado, se vira de noite com o táxi pra sustentar todo mundo.

Quando eu ajudava eles, tava tudo ótimo. Agora, se eu voltar lá, são bem capazes de chamar a polícia e me entregar. A última vez que eu dormi lá, dormi no sofá da sala, sem lençol, sem nada. Minha mãe me deu um prazo: *Se você não levantar e ir embora até as sete, eu chamo a polícia.* Tive que despedir da minha filha escondida.

GARCIA – A tua filha sabe o que que você faz?

MARIANA – Minha mãe botou na cabeça dela que eu não presto, que ela não deve falar comigo. Quando eu me despedi dela, na cama, ela me abraçou, com medo, quase chorando, e pediu que eu ficasse...

330

(Ela se apoia em um muro, segurando o ombro).

GARCIA – (ajudando-a) Tá doendo?

MARIANA – Passou um pouco. Mas incomoda.

GARCIA – Quer mais um sanduíche?

MARIANA – Não precisa.

GARCIA – (tirando umas notas do bolso) Eu peguei na bolsa da Nina.

MARIANA – Não vão desconfiar?

GARCIA – Vão pensar que é a empregada.

MARIANA – Têm muito dinheiro?

GARCIA – Vivem dizendo que estão duros. Mas ela é de família podre de rica aí, com indústria. O professor era um pé de chinelo que se aguentou nas costas da mulher e ganhou algum dinheiro com aulas, com livros, jornais e o prestígio que teve. Agora tá na beira da falência. Não pode escrever o que pensa mais e recebeu as contas na universidade. Eu dei um toque na Nina. Vou ver se até amanhã consigo te botar lá dentro.

MARIANA – Meu marido saindo do hospital na sexta-feira de tarde, se tudo correr bem, até no sábado a gente já parte pra outra.

331

GARCIA – E de que jeito você vai tirar ele de lá?

MARIANA – Não sei.

GARCIA – Tá muito ferido?

MARIANA – Não conseguiram provar nada nem vão conseguir mais. Passou por estudante baderneiro e ficou nisso. Claro, soltaram pra seguir, não são bestas.

(Pausa)

Ele é contato. Eu me encontrando com ele, tá tudo resolvido.

GARCIA – Cuspiu o teu nome?

MARIANA – Fajuto.

GARCIA – Mas deve ter dado a tua ficha completa.

MARIANA – Com cabelo pintado, de óculos, não vão me reconhecer. Você acha que eu estou muito diferente?

332

GARCIA – Um pouco.

MARIANA – E me chama de Mariana, dagora pra frente.

GARCIA – (se levantando assustado) Quem é?

MARIANA – Um caminhão de lixo.

(Os ruídos desaparecem)

GARCIA – Qualquer barulho mais esquisito a gente já pensa que estão chegando... Como é que fica essa noite?

MARIANA – Tenho esse cobertor e uns jornais.

GARCIA – Amanhã eu vou, se resolvemos.

MARIANA – Vai embora. Senão pode dar problema lá com eles.

GARCIA – São meus amigos desde o tempo da escola. Ele foi meu professor, ela eu namorei. Uma época a gente até planejou ter um filho. Daí, como sempre, na hora H, o negócio não levantou.

MARIANA – Essa roupa que você tá, é de quem?

GARCIA – Metade dele e metade dela.

MARIANA – Quem te viu, quem te vê!...

333

GARCIA – Com paginação 10, minha cota na bolsa aumenta.

MARIANA – Vai por mim. Amanhã te botam na rua, e daí eu quero ver com que cara você vai ficar.

GARCIA – Me viro. Vou escrever pra teatro, em última análise. Ou livrinhos de sacanagem.

(assustado) Olha um rato!

(Ela se abraça a ele, assustada)

GARCIA – Você falou que não tinha medo...

MARIANA – Foi você que me assustou.

GARCIA – Não daria pra ficar num hotelzinho aí, pelo menos essa noite?

MARIANA – É perigoso.

GARCIA – Mas ficar aqui? No meio desse lixo todo?

(Sinais da guerra).

MARIANA – Vai embora, senão ainda te pegam também.

334 GARCIA – Não quer que eu fique com você até você dormir?

MARIANA – Não precisa.

GARCIA – Eu fico.

(Ele estende um cobertor no chão)

GARCIA – Deita.

MARIANA – Pode ir, eu não tenho medo não.

GARCIA – Eu espero. Deita.

(Ela se deita)

MARIANA – Ainda bem que não tá chovendo nem fazendo frio.

(Ele fica olhando ela debaixo do cobertor, com ternura)

GARCIA – Você tá bem?

MARIANA – Senta aqui perto de mim.

(Ele senta junto dela. Pausa).

MARIANA – Lembra quando a gente saía junto de noite pra encher a cara?

GARCIA – Não tem mais ninguém na rua, dos conhecidos nossos. Só uns inveterados, repetindo as mesmas coisas e os mesmos porres. O resto se mandou. Eu tenho um fumo aqui, você quer?

335

MARIANA – Não. Não queimo mais.

(Pausa. Ele se levanta)

MARIANA – Você tem sido muito positivo, Garcia.

GARCIA – Eu tenho que te dizer uma coisa.

(Pausa)

GARCIA – Eu só entrei nessa por tua causa. Meu negócio é outro.

MARIANA – Não tem outra saída. Você pode não acreditar, mas não tem outro jeito!

GARCIA – O dia que você sumir, pra mim acabou.

MARIANA – Do jeito que as coisas estão, era só isso mesmo que a gente podia fazer...

GARCIA – Não sei. Eu não consigo acreditar mais.

MARIANA – Eu não sou poeta, eu não sou artista. Depois que eu resolvi me agarrar de novo na vida, a porta que sobrou foi e é como a gente está, não tem outra saída. Você pode me dizer que outra saída tem?

(Mariana se vira para um canto e se cobre toda. Pausa. Garcia se ergue, devagar, abre cuidadosamente a valise dela e retira o revólver. Depois aponta o revólver em direção à cidade, e em seguida mira sobre ela, como se realmente fosse atirar. Mira durante algum tempo, até que uma sirene irrompe de repente. Ele, assustado, guarda apressadamente o revólver na valise, olha mais uma vez para Mariana e sai correndo. Corte).

CENA 3 – NINA

(Nina e Juan estão na cama, um de cada lado. Juan escreve nos papéis que estão na pasta. Nina se prepara para dormir, enrolando bóbis, fazendo unhas, etc. Silêncio. Depois de algum tempo ela se detém, de repente).

NINA – Hoje eu assisti uma negra epilética morrendo na rua, aqui perto de casa. Ela estrebuchou, estrebuchou, babou, se contorceu toda, sozinha, em cima da calçada, toda inchada, debaixo de um sol de uns 40 graus.

(Juan olha assustado para ela)

337

NINA – Parei o carro e fiquei assistindo, por trás do vidro.

(Pausa. Como ela volta a fazer as unhas, ele volta a escrever)

NINA – (insistente) Tinha alguns curiosos, no começo. Depois foi chegando gente, a roda foi crescendo, até que no final, quando ela já tava pra morrer, mal dava pra ver direito.

JUAN – Alguém tomou providências?

NINA – Não. Ninguém fez nada. Ficamos lá, assistindo.

(Ele para de escrever e resolve se interessar pela estória dela)

JUAN – E aí?

NINA – Ficamos lá.

JUAN – E o que aconteceu?

NINA – A negra morreu.

JUAN – E você?

NINA – Eu liguei o carro e voltei pra cá.

338 JUAN – Deixaram a negra lá na rua, morrendo sozinha?

NINA – Sabe como são essas coisas. Alguém deve ter telefonado de algum apartamento aí por cima. De repente apareceu uma ambulância, também não sei de onde, e levou o corpo.

(Pausa. Ela guarda suas coisas e se enfia debaixo do lençol)

NINA – Eu vou dormir.

JUAN – Você me conta uma estorinha linda desse jeito e se vira pro canto e dorme?

NINA – São quatro horas da manhã.

JUAN – Eu quero saber mais sobre a negra.

NINA – Não tem mais nada. Nem sei o nome dela. Foi uma negra epilética, inchada, horrível, descalça, com um resto de pão seco numa trouxinha. Uma negra que morreu, aí na rua. Agora toma o teu Mandrix e vê se apaga logo.

JUAN – Vou ficar escrevendo até o Garcia chegar.

NINA – Deixa o menino respirar.

JUAN – Hoje vou ficar de plantão!

NINA – Criancice.

JUAN – Eu quero uma explicação! Se veio morar aqui, foi pra conviver. Não tinha onde cair morto! Estamos dando tudo pra ele, será que não pode dar uma colher de chá pra gente?

(Nina pega o comprimidinho e um copo com cerveja)

NINA – Vou te prevenir. É o último. Se você não vai tomar, eu tomo. Estou exausta. Aí você que se vire, porque não tem mais.

JUAN – Não durmo enquanto não acertar com esse cara. Pagar analista é que eu não vou. Hoje eu tiro meu atraso de um jeito ou de outro.

NINA – Vai tomar ou não vai?

(Ele faz um sinal agressivo com a mão)

JUAN – Dependendo do papo que eu tiver com ele, mando embora na hora!

NINA – Por mim ele pode se estrepar todo por aí que estou me lixando.

JUAN – Enquanto estiver hospedado aqui não! Em que cidade ele pensa que tá vivendo? Se cai na mão da polícia, já viu! Não tem nem documento! E lá vamos nós prestar declarações, procurar advogado, mobilizar conhecidos.

340

NINA – Pra sair no fim com a barra limpa, como sempre.

JUAN – Escuta: que bicho te mordeu?

NINA – É o último, tá vendo aqui? Não vai depois fazer escândalo.

(ela toma o comprimido)

JUAN – Você pode me dizer que bicho te mordeu?

NINA – Não sei, mas tinha uma verdade inteira naquela negra epilética morrendo, sozinha na rua... Uma verdade inteira e terrível. Tinha qual-

quer coisa dentro dela, junto com a morte dela, que nem você, nem eu, nem ninguém podia ter, numa situação parecida. Um espetáculo de desamparo total.

JUAN – Você vai querer se converter ao catolicismo só porque viu uma negra suja morrendo na rua?

NINA – Uma negra suja. Suja é a palavra certa. Uma cadela. Um rato estrebuchando, que nem consegue se arrastar mais. Uma coisa sem importância nenhuma. Um rebotalho. Não tem nada que ver com a espécie humana que a gente tá habituado ver todo dia. Eu não senti nada, entende? Nada! Nem um pouco de compaixão, de piedade ou coisa parecida. Entre a negra suja morrendo sozinha na calçada e eu, dentro do carro, tinha o vidro e tinha o motor ligado. Só isso.

341

Não estou pedindo desculpa nenhuma. Eu não tinha nada que ver com ela. Ela tava lá, na rua, e eu tava do lado de cá, por trás do vidro. Como você. Como todo mundo.

JUAN – Fale por você só.

NINA – Nós.

JUAN – Não nasci onde você nasceu.

NINA – Que diferença faz ainda? Nasceu lá, onde a negra epilética morreu, e se virou como um doido até chegar aqui: atrás do vidro.

JUAN – Eu venci por conta própria.

NINA – Não vem dizer isso pra mim.

JUAN – Não precisa ficar agressiva...

NINA – Quem é que tá agressiva?

JUAN – Também não vamos viver aqui dentro como gato e rato, 24 horas por dia.

342

NINA – Eu só estou dizendo o que todo mundo esconde. Que quando a gente diz que tem um ideal, a gente ama o ideal, que é limpo, não a negra propriamente dita, que é suja, morrendo sozinha e sem importância nenhuma, na rua, inchada e jogada fora.

Eu decidi que eu não amo a negra suja mais. Que eu nunca amei, que eu nunca vou conseguir amar, e que eu não vou continuar mentindo pra ninguém que eu amo!

JUAN – Gostei da retórica. Taí. Gostei. Prêmio Nobel da Paz.

NINA – Só que pra provar pra mim mesma que eu decidi, eu resolvi um negócio hoje, sem te consultar.

JUAN – Resolveu o quê?

(Pausa)

NINA – Amanhã vem uma nova hóspede pra cá.

NINA – Uma militante. Garcia me pediu, eu concordei. A polícia tá atrás dela, tá machucada, o marido tá num hospital se recuperando. Nem sei quem é. Precisa dum lugar pra ficar. Vai ficar aqui.

343

(Pausa. Ele está furioso)

JUAN – Você sabe o que você tá fazendo?

NINA – Sei.

JUAN – Isso é provocação pra mim?

NINA – O que que eu posso ganhar, te provocando?

JUAN – Você tá querendo provar o quê?

NINA – Nada. Eu... Eu não quero mais o vidro. Agora eu quero quebrar o vidro, porque o vidro

é antisséptico, e porque o vidro foi uma coisa que ainda sobrou. Eu quero ver no que que vai dar.

(Ele tenta ser razoável)

JUAN – Olha, meu amor, vamos falar em termos políticos...

NINA – Sem termos políticos! Não me interessam mais! Às custas desses termos políticos, vocês já perderam todas as paradas e continuam por cima, na base da conchavação e do dólar, que sempre acaba chegando e livrando a barra de vocês.

344 Só está te faltando hoje fazer o que os teus amigos já fizeram: fazer um levantamento do país e dar de presente pra eles, em troca de prestígio e posição na vida.

Sem termos políticos! Termos políticos significa *money*, meu querido. Dessa vez eu quero arrebentar com o vidro!

JUAN – Mas o que que aconteceu?

NINA – Eu te preveni, não te preveni? Eu te avisei que eu ia vestir as minhas roupas sozinha e que você ia vestir as tuas sozinho. Pois é. Eu vou começar o meu jogo, arrebentando com o vidro.

JUAN – Isso significa o quê? Uma declaração de guerra?

NINA – O que que você acha?

(Pausa)

JUAN – O que que você espera dessa gentinha aí? Que eles te canonizem?

NINA – Não espero nada deles. Que tomem o poder, se conseguirem! Eu só te adianto uma coisa: você vai perder, e eu também. Mas já é tempo de dar o lugar pra eles. São novos ou são melhores do que nós. Eles não perderam ainda e são eles que contam, agora.

345

(Pausa. Juan tenta voltar às folhas, mas desiste).

JUAN – (tirando os óculos) Tá certo.

NINA – E se você não concordar, eu te deixo uma alternativa: ou ir embora ou então...

JUAN – Então o quê?

NINA – Telefonar pra polícia e avisar...

(Pausa. Ele está furioso e se levanta da cama)

NINA – Você escolhe. Amanhã ela vem pra cá.

Eu só faço votos de que seja melhor do que eu penso.

JUAN – (depois de algum tempo) As tuas opiniões a meu respeito, de uns tempos pra cá, são as mais torpes que já encontrei em minha vida.

(Ela não está ouvindo mais)

346 JUAN – Principalmente numa hora que todo mundo se volta contra mim, me olham como se eu fosse o grande traidor do povo, o grande traidor da causa. Você sabe muito bem, eu não posso mais nem publicar o que penso, que eu não posso dar aulas mais. Seja lá como for, principalmente agora que...

(Ele interrompe subitamente, e nota que ela está dormindo)

JUAN – Nina! Você está dormindo, Nina!

NINA – (sonolenta) Você não disse que ia ficar de plantão?

JUAN – Cadê o Mandrix?

NINA – Te dei. Você não quis, eu tomei.

JUAN – De jeito nenhum! Vá lá e vomita!

NINA – Tarde demais!

JUAN – (sacudindo-a) Nina, acorda, Nina! Nina!

(Pausa)

JUAN – Dormiu. Vaca!

(sacode-a novamente) Nina... Nininha... que vaca!

(Juan fica algum tempo sem saber o que fazer. Tenta voltar a escrever, depois desiste. Tenta reler o que está escrito, acha inútil. Detém-se diante dela, contempla-a, toca-lhe os cabelos e o corpo. Depois senta-se na cama, como um fantasma, e fica se olhando, na penumbra. Silêncio absoluto. Ouvem-se os gemidos da abertura, até que Garcia entra)

347

CENA 4 – GARCIA

(Continuação da cena anterior. Garcia acende um cigarrinho na sala e está fumando, quando Juan surge.)

GARCIA – Juan?

JUAN – Onde você esteve?

GARCIA – Pensei que você já tava dormindo.

(Juan se aproxima)

GARCIA – (mostrando o cigarro) Quer?

JUAN – Não.

GARCIA – Não gosta?

JUAN – Não.

GARCIA – Nem experimentar? Experimenta.

JUAN – Eu conheço.

348

GARCIA – Eu falei com Nina sobre uma amiga minha que vem prá cá. Não deu pra te falar ainda. Nina já topou.

JUAN – Se ela já topou, pra que falar comigo?

GARCIA – Ética.

JUAN – Média. Ética e média são duas coisas muito diferentes.

GARCIA – Publicaram fotografias dela nos jornais e espalharam cartazes na cidade inteira.

JUAN – Publicidade. É muito bom.

(Pausa)

GARCIA – (passando o cigarro a ele) Dá uma tragada.

JUAN – Não gosto disso.

GARCIA – Uma só.

JUAN – Fumo e subversão junto é fogo.

GARCIA – É questão de dois dias. Depois ela vai embora. Uma emergência.

JUAN – E se a polícia baixa aqui, por uma questão também de emergência, o que que acontece?

349

GARCIA – Vamos todos em cana.

JUAN – Pois é, vai ser muito divertido, não vai?

GARCIA – Nem uma tragadinha?

(ele hesita)

GARCIA – Uma só.

(Juan aceita)

GARCIA – Assim. Segura a fumaça.

(Juan fuma)

GARCIA – Você tem prática. Não sabia.

(Pausa)

JUAN – Que que ela é tua?

GARCIA – Mariana?

JUAN – O nome dela é Mariana?

GARCIA – Fajuto.

JUAN – E o verdadeiro?

350

GARCIA – É melhor ninguém saber.

JUAN – Você tá me achando com pinta de dedoduro?

GARCIA – Questão de segurança, inclusive pra você.

JUAN – Que inteligência! Já vou avisando que eu não tenho nada com a coisa.

GARCIA – Mais uma tragada?

(Ele hesita mais uma vez, e mais uma vez aceita)

GARCIA – Conheço ela faz tempo. Um dia eu passei lá no apartamento dela, por acaso, antes de ir pra escola, a porta tava aberta, eu entrei, tava tudo escuro. Daí eu acendi um fósforo e ela tava caída lá na cama, nua, cheia de comprimidos até a cuca. Nessa época ela era amiga de um cara de 23 anos, um estudante que depois se casou com ela. Mas já tinha sido casada antes. O cara abandonou ela e deixou uma filha. Levei ela pro hospital e uns meses depois ela se engajou com o garoto de 23 anos.

JUAN – É com ela que você encontra toda noite?

GARCIA – Acertaram um tiro no ombro dela, numa ação que teve aí. Caiu quase todo mundo, inclusive o marido, ela conseguiu escapar.

351

(Pausa. Eles se embriagam)

GARCIA – (caminha para a janela) Olha aí, o dia nasceu.

(Pausa)

GARCIA – Eu tenho vontade de ir embora.

JUAN – Embora pra onde?

GARCIA – Pra fora de San Vicente...

JUAN – Por quê?

GARCIA – Essa cidade me corrompeu. Gastei todo o meu Destino aqui. Agora só ficou o medo.

JUAN – Medo do quê?

GARCIA – Tudo nessa cidade me mete medo. Desde que eu levanto. Eu tenho medo de tudo. Passo pelas bancas de jornais e a primeira notícia que eu vejo me apavora.

352 Olho pra esses carros andando, pra essas pessoas indo pro trabalho, pro mar, pra esse rumor, pra essa fumaça preta, pra essas máquinas, pra essas pessoas trabalhando, eu não sinto alegria nenhuma, eu só sinto medo!

Se eu estou lendo um jornal, dependendo da página, tenho a impressão que de repente vão suspeitar de mim.

JUAN – Suspeitar de você por quê?

GARCIA – Eu sou míope, sabe? Se passa alguém do outro lado da rua, eu não consigo reconhecer. Às vezes me fazem um sinal, eu fico na dúvida se respondo ou não.

Todo mundo, as caras mais manjadas, até os mendigos encostados na rua! Tudo! Essa cidade

inteira parece que me observa, parece que me segue, só esperando o momento certo...

JUAN – E o que que podem fazer com você?

GARCIA – Não trabalho, não tenho documentos, não estou contribuindo com nada. Em termos de utilidade pública eu sou um zero à esquerda.

Um dia um polícia me deu um empurrão e disse o seguinte: *Cabeludo tem que pastar!* Eu disse: *Eu sou poeta.* Ele disse: *Que poeta que nada! Vai andando, vai! Circula!*

Todo mundo foi embora. Poetas, artistas, todo mundo. San Vicente sem música, sem cantagistas, sem ilusionistas, é só medo. Esse fim de festa, com ruas vigiadas, com a noite vigiada, as mesmas notícias, as mesmas conversas, as mesmas caras com medo, a mesma ameaça, e esse dia nascendo pra nada!

Eu tenho que ir embora atrás deles, eu gastei o meu Destino aqui.

(Pausa. Deliberadamente teatral)

GARCIA – Você já viu os ratos pra fora da toca, já viu como é? Em cima de escombros, sem teto, sem segurança nenhuma!

Convalescentes!

Nós somos CONVALESCENTES da festa que acabou, onde cada um sonhou a própria esperança, e sem povo. A esperança agora é coletiva ou então não é mais! E onde é que vão ficar os convalescentes, os que ainda têm o vírus da festa sem povo?

Que fiquem pra sempre dentro das tocas! É o que estão nos respondendo. Não tem mais teto, velho. Nem pra você, nem pra mim, nem pra mais ninguém. Que se envenenem fora das tocas ou então desapareçam! A escavadeira vem vindo aí: TRRRRRR....

354

Os ratos que se devorem!

(Garcia dá mais uma tragada)

JUAN – E enquanto isto você se anestesia... Assim... Tranquilamente...

GARCIA – Hoje eu andei pela cidade inteira, desde as seis da tarde. Andei como um louco, seguindo as pessoas. Vi gente de todo tipo possível. Umás meninas de colégio olharam para trás, quando eu passei. Teve uns pedreiros, em cima de um prédio, que pararam pra olhar a minha roupa e comentar. Eu andei, andei, andei, ten-

tando me consumir, tentando encontrar alguém, uma pessoa, não interessava quem fosse, que me tocasse com a mão, mas nada! Me comprimi no meio deles, na rua, no meio dos carros, e nada! E quanto mais eu me cansava, mais eu queria que me tocassem!

Não consegui encontrar ninguém! A única pessoa dessa cidade que tocou em mim foi um guarda que tava numa esquina, me pediu um cigarro, e quando eu tava acendendo o cigarro dele, a mão dele se encostou na minha e ele me perguntou: *Passeando?* Eu respondi: *É*. E ele disse: *Você é que vive*.

(Pausa)

Eu é que vivo... Olha aí fora: mais um dia que nasce pra nada me esperando com o medo do lado de dentro.

Cá estou eu, na beira de um mundo novo, sem nada pra esperar, além do medo, e com esse fogo de viver estilhaçando no corpo. O que que eu vou fazer dele, me explique!

(Pausa)

O mundo vai ser transformado sempre pela regra comum. Tá-tá-tá-tá-tá! E pronto! Substituem

uma ordem por outra ordem e a insatisfação, Juan. Nessa cidade nós somos insatisfeitos.

GARCIA – Chame-se o nome que chamar, tenha praias ou não, o que conta, o que é fora de dúvida, o que é fundamentalmente certo é que aqui, aqui nós somos insatisfeitos!

Na ordem da História, nunca vai sobrar um lugar pra pessoas que, como eu, querem trair qualquer causa pela vida! Doze horas na rua, no meio de uma multidão com pressa, e ninguém! Cazzo! Ninguém! O círculo vai se fechando, vai se fechando, vai se fechando... E ninguém! Ninguém! Ninguém!

356

JUAN – Calma...

GARCIA – Mais uma tragada?

JUAN – Não. Eu tenho que dormir.

GARCIA – Você não tem que levantar cedo mais pra trabalhar...

JUAN – Eu preciso terminar as minhas anotações.

GARCIA – Por que você ficou me esperando?

JUAN – Por nada. Eu não estava com sono.

GARCIA – Você...

JUAN – O quê?

GARCIA – Nada, pode dormir.

(Pausa)

JUAN – Quando eu te trouxe pra cá, eu pensei que você tava procurando uma chance. Eu pensei que você ainda tinha algum ideal.

(Garcia olha firmemente para ele).

GARCIA – Durante o tempo todo da escola você foi a minha tábua de salvação particular, que eu gastei, Juan, que eu deixei afundar sozinha, no dia que ficou claro para mim que você, assim como eu, tinha gastado toda tua fé, não sei onde nem como, e que você tava fazendo os teus sermões ainda, porque era a única coisa que você tinha aprendido a fazer na vida. Era tua profissão e teu ganha-pão.

(Juan franze a testa, assustado)

GARCIA – Hoje, eu tenho a impressão que se você fosse um assassino, procurado pela polícia, sem um lugar pra ficar, andando por aí, eu não sei...

(Pausa. Juan percebe que eles dois estão separados. Subitamente, Garcia começa a rir).

JUAN – O que que foi?

GARCIA – Uma ideia: por que você não abre uma coluna de horóscopo num jornal? *Professor Uranus*, ou então uma coluna sentimental, com o pseudônimo de *Tia Margarida*. Eu conheço um jornalista português que ganha a vida, muito bem, por sinal, com o pseudônimo de *Tia Helena*.

(Garcia continua a rir. Juan está cada vez mais sério)

358 GARCIA – Você não pode dar aulas, não pode escrever o que pensa, não pode fazer nada. Então avacalha. Imprensa marrom dá até fama. Em última análise sempre tem o dólar, sabe como é... Use pseudônimos, se você precisar de uma solução decente.

JUAN – Você acha assim, é?

GARCIA – Eu acho assim. Ou então escrever novelas pra televisão. Isso então é dinheiro em caixa. Não precisa nem talento. Basta assinar contrato e aceitar as regras do jogo.

JUAN – Você me toma por quem?

GARCIA – (demoníaco) Por que que você continua, Juan? Responde pra mim com toda a honestidade. Por que que você continua?

(Pausa)

GARCIA – Pra que continuar, se você tem que mentir? Se você sabe que você vai mentir, até se você tiver chance de dizer a verdade. Não é mais certo a solução final?

O que que está te prendendo ainda? Essa carcaça que você exhibe? Você exhibe pra quem?

O teu amor por essa miséria não tem sentido nenhum!

359

GARCIA – Você só pode chegar até a Beleza, de novo, se você derrubar essas paredes todas e contaminar de América e sujar de rua esse santuariozinho domesticado e colonizado.

JUAN – Quem é você pra me falar da minha fé? Um viciadozinho menor, um marginalzinho virgem, que não sabe nem trepar!

(Garcia se assusta com a investida dele)

JUAN – Isso mesmo: que se estrepa 12 horas na rua e não consegue ganhar nem um guarda! Um distribuidorzinho ordinário de panfletos,

suburbano, um covarde que se borra de medo só de ver as manchetes de jornais!

JUAN – Você não amedronta ninguém!

JUAN – Um cara que sai toda noite pra rua pra caçar viciados vem me dizer que tá do lado de fora da História!

JUAN – Não seja tão grotesco! Você é a decadência viva e presente! Não é você mesmo que faz a apologia barata das tuas prostitutas, dos teus vagabundos, dos teus drogados?

360 JUAN – A América tá pulsando é no campo, é nas fábricas, é nas minas debaixo da terra, e não nos bordéis baratos da tua ideologia pequeno-burguesa, marca merda!

A melhor coisa que você tem a fazer é calar a boca e continuar contemplando o teu umbigo!

GARCIA – Por que que você continua, Juan? Por quê? Responde sem escamoteação!

JUAN – A luta pra você é literária. Literatura é ópio! A América pra você é literatura de cordel e só isso! O povo não te tocou com a mão e não vai te tocar nunca, simplesmente porque você não conseguiu ultrapassar o teu umbigo!

GARCIA – Você tá mentindo! Isso é uma representação!

JUAN – Eu tenho o sangue do povo correndo dentro das minhas veias: esse dia nascendo não me mete medo nenhum...

(A luz deve cortar Garcia e focalizar apenas Juan. Na verdade ele está representando. Ele não acredita senão na saudade de sua fé, perdida. Nesse momento ele está inflamado).

JUAN – Minha mãe plantava a terra. Ela me deu à luz sozinha, sem ninguém pra ajudar. Me deu à luz de noite, depois de capinar o dia inteiro, e depois de fazer o jantar pro meu pai. Eu trago dentro de mim a coragem da minha mãe – a força da América. Uma tarde eu saí do interior e vim pra San Vicente dentro dum ônibus. Eu lembro que o céu tava escuro, ia chover. Ia cair uma dessas chuvas de verão, que inunda a terra, que alaga a terra, que mata animais, e que o provo recebe com alegria.

Eu vim de um lugar chamado El Salvador. De dentro do ônibus, em movimento na estrada, debaixo desse céu monstruosamente escuro, eu lembro que eu vi El Salvador pela última vez dum lado e do outro, na estrada, plantando um futuro, silenciosamente, com a própria miséria.

Eu lembro: figuras magras estampadas na tarde. Encostadas do lado de fora da cidade, crianças mamando nos peitos mirrados das mães... dois rapazinhos com enxadas no ombro... Uma garotinha descalça com um pano colorido enrolado no cabelo, e esse céu americano, selvagem, sábio como a minha mãe, fértil como ela.

Eu trago El Salvador dentro de mim pra sempre, acenando dentro de mim numa tarde de chuva, com cheiro de terra e de esperança.

(Ele se volta para Garcia e grita)

362 JUAN – Vocês enxovalharam a América!!! O que vocês conseguiram ver desse continente foi o cheiro conspurcado dos botequins!!!

GARCIA – Você tá representando, Juan... Você tá mentindo... Você ama o fantasma de um povo inventado, que você separou da tua vida faz muito tempo!

JUAN – Você veio de uma raça degenerada e fraca! Contempla o teu umbigo que é mais certo. Você está do lado da morte! Com a minha idade, com a minha boca amordaçada, com todos os meus fracassos, ainda sou eu que estou do lado da vida!

(Juan se retira)

(Garcia olha para os lados, sozinho)

GARCIA – (para o público) Ele tem servos dentro de casa! São feudalistas ainda. São revolucionários e têm servos dentro das casas deles.

(o boneco que representa a empregada doméstica desce nesse momento sobre a cena)

GARCIA – (abraça o boneco, deita-o no proscênio e depois deita-se sobre ele, arfando)

Se isto não é a nossa verdade, eu devo estar delirando sozinho, numa cidade que não tem nada de real!

363

(Pausa)

Eu te esperei 12 horas,

Eu te inventei 12 horas,

Eu te segui 12 horas,

Segundo a tua dor,

Segundo o teu crime,

Segundo o teu vício,

Segundo o teu cheiro,

Segundo a tua deformação,

Segundo o teu medo,

Segundo a tua covardia.

Te confiei os fantasmas do meu prazer insatisfeito

Desci até a tua língua, até a tua mão, até a tua coxa, tentando penetrar a beleza da tua forma disforme engendrada nessa carne fantasma do meu desejo.

364

(Ele atinge o orgasmo e cai para um lado, exausto, depois grita, com ódio):

GARCIA – Estou farto de possuir a mim mesmo! Estou farto de comungar com o meu próprio corpo, todo dia, toda noite, sozinho e escondido!

(ergue-se, aponta o dedo para todos os lados, como se estivesse com um revólver na mão e balbucia)

GARCIA – San Vicente de todas as minhas impossibilidades, em nome de todas as minhas tentativas perdidas em cima das tuas ruas – tá-tá-tá-tá...

(*blackout*)

CENA 5 – CONVIVÊNCIA

(Música frenética abre a cena. O estilo é circense. No primeiro plano está Nina vestindo Mariana. Com roupas modernas. Juan, de óculos, faz anotações nos papéis que o acompanham. Escrevendo e rabiscando o que escreveu. No interior, Garcia se prepara para sair)

NINA – Bota esse *blue jeans*.

MARIANA – Não vai ficar muito grande?

NINA – Experimenta. E agora essa blusa.

MARIANA – Não tenho é sapato.

365

NINA – Bota esse.

MARIANA – Que lindo!

NINA – Deixa ver... Tá faltando o quê?

MARIANA – Acho que tá bom assim.

NINA – Tá faltando só um *foulard*! Pronto. Tá perfeito. Anda pra lá.

MARIANA – Fiquei bem?

NINA – Ainda falta um pouco de *blush*.

(Nina pinta o rosto de Mariana, que se sente extraordinariamente feliz. Juan acompanha a cena com cinismo)

NINA – Olha no espelho.

MARIANA – O lenço parece que não tá combinando...

NINA – Lenço não. *Foulard*.

MARIANA – Tá combinando?

NINA – Tá perfeito. Divino.

366

MARIANA – Estou bem?

NINA – Olha no espelho. O que que você acha?

(Mariana se olha no espelho. O espelho deve ser a própria plateia. Ela revela um enorme prazer em se ver. Mas não diz nada).

NINA – Quer que eu chame o Garcia pra te ver?

MARIANA – Depois.

NINA – Anda pra lá. Já pode movimentar o braço?

MARIANA – Posso.

NINA – Então levanta os ombros. Assim. Perfeito. Sabe dançar?

MARIANA – Um pouquinho.

NINA – É preciso beber um pouco. Eu te ensino.

(Nina dá uma bebida a ela)

NINA – Pra esquentar.

MARIANA – É uísque?

NINA – Do bom. Importado.

(Mariana toma)

367

NINA – Agora vem. Faz assim com os pés. O corpo assim. Agora com as mãos.

(As duas ensaiam um iê-iê-iê)

MARIANA – Não tenho ritmo.

NINA – É questão de se entregar. Assim... tá vendo? Mexe com os cabelos. Perfeito. Descontraí. Assim. Certo.

(As duas continuam, eufóricas)

NINA – (gritando) *O.K., baby!* Sensacional!

(Súbito, Mariana se detém)

NINA – O braço?

MARIANA – Não.

NINA – O quê?

MARIANA – (diante do espelho) Engraçado...

NINA – Você tá linda, sabia?

MARIANA – Teve uma época que eu dançava direito...

368

NINA – Continua. Vem.

MARIANA – Estou fora de ritmo...

NINA – (empurrando-a para a dança) Sozinha agora. Só você.

(Mariana dança com uma certa timidez)

NINA – Lindo! Você dança lindo!

(Mariana para e volta ao espelho)

MARIANA – Um pouco mais de cor será que não fica melhor?

NINA – Assim não. Assim fica cafona.

MARIANA – Tuas roupas são todas lindas...

NINA – Tá cansada?

MARIANA – (bebendo o uísque, meio distante)
Um pouco.

NINA – Tá pensando no teu marido?

MARIANA – Amanhã é o dia.

NINA – Você... Você não pode mais voltar atrás?

MARIANA – Se eu me empregar, começar a trabalhar, eles me perdoam. Vão me aporrinhar um pouco, no começo, depois esquecem.

369

NINA – E por que que você não volta?

MARIANA – Onde eu cheguei, qualquer um chega. É daqui pra frente que conta. Quem tá na frente vai morrer primeiro. Mas não tem outra saída.

NINA – Você tá internacional, sabia? Linda! Quer dançar mais?

MARIANA – Se ele morrer, sabe, não sei o que que vai ser...

NINA – Esquece, ele tá bem. Vem dançar.

(Mariana tira o *foulard*)

NINA – Tirou o *foulard* por quê?

MARIANA – Acho que eu prefiro dormir...

NINA – Por quê?

MARIANA – Depois...

NINA – Depois o quê? Tá se sentindo bem dentro da roupa ou você prefere outro tipo?

370 MARIANA – Não, sabe.... É que...

NINA – Sem essa de dirigismo, Mariana!

MARIANA – Eu não quero! Desculpa, mas eu não quero! Não quero!

NINA – Você pode não querer ficar dentro da roupa porque não tem saco, porque não gosta, mas não vem com esse dirigismo besta que não prova nada.

MARIANA – Não é nada disso.

NINA – Isso é mentalidade de marxista c.d.f.!
Provinciano!

MARIANA – Tá bom. Eu não gosto da roupa, eu não me sinto bem dentro dela.

NINA – Quer experimentar outra?

MARIANA – Não. Eu não ia me sentir bem dentro de nenhuma.

NINA – Por quê?

MARIANA – Porque as tuas medidas são diferentes das minhas. Teu gosto é diferente do meu!

(Nina se adianta para Juan, que assistiu à cena com sarcasmo. Mariana se pinta à vontade diante do espelho)

371

JUAN – É o povo no poder...

NINA – São dos teus, *don't forget*.

JUAN – Ensina mais pra ela. Ensina que o cigarro bom tem que ser americano, que certas coisas não se diz em português, que é uma língua menor, mas em inglês, que é muito mais rica.

NINA – E por que não?

Quando eu te conheci, você era até pior. Lembra quando você quis fazer os convites do casamento com pombinhos dourados?

JUAN – Em compensação eu te salvei da lista das *Dez mais elegantes*, que era o teu verdadeiro destino.

NINA – Taco a taco. Estamos empatados.

(Mariana se aproxima, com o copo de uísque na mão. Juan também está bebendo, enquanto escreve. Silêncio)

JUAN – (com ironia, para Mariana) *Patria o muerte!*

372 MARIANA – Tenho que escrever uma carta. Você me arruma um papel?

JUAN – Anotações de guerra? É bom: depois os jornais publicam e você vira mito.

MARIANA – É. Vai ser mais um pra vocês devorarem...

JUAN – Vocês quem?

MARIANA – A tua classe.

JUAN – Isso tudo que você tá vendo é aparência, mocinha. Nós aqui somos duros. Quem tem grana é só a patroa aí. O resto vive na lona.

MARIANA – Vocês, na impossibilidade de fazer alguma coisa, são irreverentes... E discutem...

(Pausa. Nina olha para Juan)

JUAN – Você consegue ser sutil, taí. Gostei. Viu como ela é sutil, Nina? Olha, você salvou a nossa noite. Nada de ir pra restaurante, cinema, teatro, essas coisas decadentes e prosaicas.

O programa pra essa noite é: CONVIVÊNCIA.

Perceberam? CON-VI-VÊN-CIA.

Onde é que se enfiou a outra parte do quarteto?

NINA – Tá se arrumando pra sair.

373

JUAN – Pra sair?! Pra encontrar com quem agora? – A namorada já não tá em casa, salva? – Vai ficar aqui jogada fora?

MARIANA – Que namorada? Somos amigos.

JUAN – Eu sei, eu estou sendo sutil.

MARIANA – Companheiros.

JUAN – Muito comunista, isso tudo. Por falar nisso, você virou comunista com que idade? Eu quero perguntar o seguinte: com que idade você perdeu a virgindade?

MARIANA – Não me lembro.

JUAN – Não é por nada. É que eu me interessou um pouco por precocidade. Garcia, por exemplo, é um caso de precocidade. No sentido inverso, eu estou dizendo. Trocando em miúdos: em geral, a senilidade, como costumam ensinar os manuais de sexologia, começa por volta dos...

NINA – Quarenta anos.

JUAN – Quarenta? Você tem certeza?

NINA – Às vezes a cultura, isto é, muito livro na nuca, antecipa.

374

JUAN – Eu estava falando de senilidade precoce, se você me permite.

(Mariana ri e toma o resto do uísque)

NINA – Uma época eu e Garcia resolvemos ter um filho. Ele te contou isso?

MARIANA – Contou.

NINA – Pois é. Depois apareceu o príncipe encantado, a consciência nacional, que por sinal não deu no coro, de modo que as coisas ficaram como ficaram – do jeito que você está vendo.

MARIANA – Quem é a consciência nacional?

JUAN – A mãezinha!

NINA – Sutileza, meu amor, sutileza.

(Nina pega o copo na mão de Mariana)

NINA – (para Mariana) Mais um uísque?

MARIANA – Não.

NINA – Uma Coca-Cola?

(Nina abre uma Coca-Cola e serve a ela)

NINA – (lendo uma tampinha) *O universo possui, ao todo, 1.000.000.000.000.000 (quintilhão) de sistemas planetários.*

375

JUAN – Quem contou?

NINA – Adquira cultura, bebendo Coca-Cola.

(Nina liga uma ópera e dirige com as mãos, no fundo. Do lado de fora, Garcia acompanha a música, cantando)

JUAN – (contando para Mariana) Eu tava dando aula, um dia, quando ele veio falar comigo na saída.

MARIANA – Ele quem?

JUAN – O rapaz aí. Chegou pra mim, tímido, meio deslumbrado, e me declarou, simples e categoricamente, que a Filosofia tinha acabado.

MARIANA – E você?

JUAN – Eu me assustei, claro.

(Garcia continua cantando a ópera, junto com o disco)

376 JUAN – Na época que eu conheci, tinha a educação que um estivador pode ter. Agora canta ópera, tá ouvindo? Pois bem, o soprano ligeiro aí tem um tipo de vida muito *sui generis*, e eu já te conto.

NINA – (interrompendo) Sutileza, *my dear*, sutileza.

NINA – (para Mariana) Ele adora plateias, não se impressione não.

JUAN – Você acha que eu tenho cara de otário? Olha bem pra mim: eu passo por otário, passo?

NINA – Ele resolveu agora fazer o menino de Cristo, só porque sai pra rua, toda noite, e não faz nada.

JUAN – Você, que é de outra época, e nova na família, me dê sua opinião. O soprano ligeiro, como eu estava te contando, come e dorme como... um suíno. Precisa entrar lá no quarto e ver como ronca – Deus me livre! Veste as nossas roupas e sai, invariavelmente, toda noite, desde que veio pra cá. Me dê sua opinião sincera. O que que você faria?

MARIANA – Mandava embora.

JUAN – *Voilà!*

NINA – Tem um detalhe que você esqueceu, meu querido.

377

JUAN – Qual?

NINA – Eu.

JUAN – Essa senhora agora resolveu quebrar vidros de carro pra... pra tocar o povo com as mãos.

(Juan começa a cantar a mesma ária que Garcia canta. Garcia entra, bem vestido, e os dois fazem um dueto, durante algum tempo)

GARCIA – Eu posso usar o teu lenço?

NINA – *Foulard.*

JUAN – Onde é que você vai, assim tão belo?

GARCIA – Caçar.

JUAN – Ah!

GARCIA – Algum problema?

JUAN – Nenhum. As armas são tuas.

GARCIA – Então porque esse *Ah*?

JUAN – Estou pensando na tua namorada. Você traz ela pra cá, e deixa aqui com a gente, assim, sem mais nem menos?

378

(Garcia beija Mariana)

GARCIA – Nós somos um casal moderno.

JUAN – Vê-se.

GARCIA – Engraçado...

JUAN – Quem?

GARCIA – Descobri, nesse minuto, que você é exatamente igual à minha mãe. Escarrado. Minha mãe sempre foi o tipo da pessoa que viveu me dizendo, toda noite: *Onde você vai?*

Mas outra vez? Com esse frio? Mas você já não teve lá ontem até de madrugada? Um dia você ainda acaba tuberculoso! Quando é que você vai pensar no futuro?

JUAN – Ela sabe muito bem o que é o certo então. Porque o negócio não é só comer, dormir e sair pra rua. Caramba, vamos CONVIVER. Conversar... Trocar ideias... Discutir. Caramba, que droga de convivência é essa?

(Nina aumenta o volume da música e gesticula grandiloquentemente)

JUAN – Quer tirar essa música, pelo amor de Deus?

379

(Nina retira a música)

NINA – Pronto, meu amor. Que mais?

(Pausa)

JUAN – (categórico) O programa dessa noite é: CONVIVÊNCIA.

(para Garcia) Você participa?

JUAN – (para Nina) Sente-se, por favor. Assim.

(Nina se deita no chão, displicentemente)

JUAN – Isso é o que os críticos costumam chamar de teatro-sala-de-visita. Um pouco *dépassé*, mas ainda eficiente.

(Juan se levanta, retira os copos e os cigarros das mãos deles)

JUAN – Vamos conviver sem muletas!

GARCIA – E fumo, pode?

JUAN – Sem muletas!

380 (repentinamente eles ficam em silêncio, se olhando)

NINA – Mas o que que significa isso?

JUAN – Um jogo. Um jogo.... De nudez.

(Silêncio)

NINA – Morreu alguém importante, deram algum golpe importante, e que que aconteceu hoje de bom ou de ruim pra nós?

JUAN – A guerra não está na ordem do dia, meu amor. Eu disse que nós vamos conviver, sem muletas!

GARCIA – Uma sugestão: por que que a gente não apaga a luz e parte pra um negócio muito mais objetivo?

NINA – Psicoterapia de grupo eu não tenho saúde.

JUAN – Vocês só sabem jogar o convencional!!! Sem os cigarros de vocês, sem os copos de vocês, sem os ruídos de vocês e sem esta guerra, não sobra mais nada!!!

GARCIA – Quer saber duma coisa? Decidi que você está atrapalhando a minha noite!

381

JUAN – Que saco! Você vai badalar a noite inteira até o cu da madrugada, toda noite, até o final da eternidade?

NINA – Pomba, como você é chato! Que fixação! Putz!

JUAN – Sutileza, *darling*...

GARCIA – Você acha que eu devia arrumar um emprego, é?

JUAN – Não sei. Você é que sabe o que que você vai fazer da tua vida.

GARCIA – Bem. Fazer fazer... não quero nada. Com a maior honestidade. Te incomoda muito?

JUAN – Incomoda. Além de me influenciar negativamente, uma pessoa que entra dia, sai dia, fica encostada por aí, tem um outro problema. Você sai toda noite, percebeu? O que que eu posso concluir? Que somos todos uns retardados mentais, sem imaginação, caquéticos, e daí pra fora.

GARCIA – Não gosto de ficar em casa. Não gosto, dá licença? Não nessa casa, especificamente. Qualquer casa. Prefiro ficar andando na rua.

382 JUAN – Você pode contar pra mim o que que tem na rua?

GARCIA – Gente. Gente variada e desconhecida passando. E ação. Eu não tenho nada mais pra fazer fora disso. Quero ficar na minha. Vocês são políticos, eu não. Vocês são civilizados. Eu não. Problema de geração, manja?

NINA – E que tal se a gente ficar muito louco?

JUAN – O programa dessa noite é CONVIVÊNCIA!

NINA – Você ficou lelé, ficou?

JUAN – Eu quero conviver.

NINA – O que que você entende por conviver? Encher o saco de todos até arrebentar? E onde é que fica a saúde?

JUAN – Vamos começar tudo de novo. Agressões não revelam nem absolvem ninguém.

(Mariana se levanta)

JUAN – Você não participa do jogo?

MARIANA – Vocês estão falando sério?

JUAN – Embora o teu lance seja outro, eu quero ver você fazer um *strip-tease*... Você tá lutando pra quê? Não é pras pessoas um dia chegarem num ponto onde possam, simplesmente, conviver? Pois nós vamos conviver esta noite. Sem bebida, sem música, sem muleta nenhuma.

383

(há nesse momento uma quebra na cena. Eles se detêm, como se fossem uma foto. Ninguém se move da posição em que se encontra. Depois de algum instante Nina começa a se mover, no chão, eroticamente)

NINA – (monologando) Se eu pudesse... se eu ainda conseguisse, Juan, eu ia te dizer, agora: *Meu amor*. Mas dessa vez você vai ter que perder. E eu não vou ter pena de você.

Essa guerra que grita do lado de fora, insistente, querendo penetrar na nossa vida, amanhã ela vai chegar até aqui. Pra nossa libertação ou pra nossa morte. E você vai ter que ouvi-la dentro de você!

(Os sinais da guerra, do lado de fora, fazem com que eles todos se movam. E então compreendem subitamente que estão acuados. Mariana se liberta das roupas de Nina e é a primeira a se mover)

MARIANA – Onde é que eu deixo isso?

JUAN – Vocês estão com medo do quê?

384

(eles todos olham para Juan)

JUAN – Estamos garantidos, crianças.

NINA – Você tem certeza?

(Pausa)

MARIANA – Amanhã eu tenho que levantar cedo.

(Para Garcia)

GARCIA – Como é o esquema?

MARIANA – Precisamos dum carro.

GARCIA – O de Juan.

JUAN – Nem ousem!

(Pausa)

JUAN – Eu já disse e repito: eu não estou nessa.

MARIANA – Claro. Nas eleições vocês vão ganhar. Onde é que deixo isso?

JUAN – Agora que tava chegando a tua vez de jogar você cai fora?

MARIANA – Amanhã eu me arranco daqui.

JUAN – Eu sei.

385

MARIANA – Você não precisa ficar mais preocupado.

JUAN – Quem é que está preocupado?

MARIANA – Porque na última casa onde eu fiquei, chegou uma hora que eu já tava preferindo me entregar.

JUAN – Será que você não exagera na mania de perseguição?

MARIANA – Na minha situação, você, que tem 500 anos de cultura e é politizado, na minha

situação eu queria ver você sendo inteligente desse jeito. Pagava pra ver.

(Mariana sai. Juan fica furioso)

JUAN – E agora mais essa! Mais um mártir dentro dessa casa! Quem é que ela tá pensando que é? A Rosa de Luxemburg?

NINA – O programa é convivência, meu querido.

JUAN – Uma cafona! Uma cafona sem cultura nenhuma, que não vai ter tempo nem de ficar grávida, taí! Daqui a pouco vai virar bandeira da pequena burguesia!

386

NINA – Ela tá dando o recado dela. Seja honesto com os fatos.

JUAN – Os fatos! Quais são os fatos?

NINA – Escuta lá fora.

(Sinais da guerra continuam)

JUAN – Eu não tenho medo dos fatos, pra teu governo. Não vai ser uma cafona debiloide, porra-louca e moralista que vai me ensinar o que que é certo.

NINA – Ela pelo menos tem uma coisa concreta

pra fazer: tirar o marido do hospital, que tá cercado de perigo. E você?

Você vai ficar plantado aqui, inventando joguinhos imbecis!

JUAN – Pronto. Já começou: a burguesia agora conchava com a juventude, pra não sair da crista da onda. *Voilà!*

NINA – E eu vou ficar do teu lado a troco do quê?

JUAN – Sempre por cima da carne seca! Eu queria era ver você assumindo agora as tuas passeatas.

NINA – (interrompendo) As nossas passeatas.

387

JUAN – As tuas faixas.

NINA – As nossas faixas.

JUAN – Os teus saraus, o que que você me diz dos teus saraus, dos teus canapés socialistas, com violõezinhos, muito charme e bossa-nova, o teu liberalismo regado com o sangue dos operários do teu pai? Hein? O que que você me diz disso?

NINA – Esperei seis anos. Durante esse tempo todo você vem me prometendo que vai devorar

a minha raça. Você quer que eu ainda continue esperando? Marca um prazo.

JUAN – Tá bom. Eu afinei. Então vamos aos fatos. A salvação da pátria é a juventude, o Poder Jovem.

(Juan apresenta Garcia)

JUAN – Eis o Poder Jovem, que rima amor com flor. Quais são as ordens, Poder Jovem? A flor ou o fuzil?

GARCIA – As privadas de cinema.

388

JUAN – Traduza pra mim, que essa eu não entendi.

GARCIA – As privadas de cinema são uma espécie de bordel gratuito, onde você usa à vontade, e segundo a tua qualificação, não os teus ideais, mas as perversões deles. Trocado em miúdos: nas privadas de cinema, que são muito mais verdadeiras que o próprio cinema, você não fica assistindo, você pratica!

JUAN – É você quem tá dizendo. Você sabia, Nina, sabia das privadas de cinema dele? Pois eu não sabia. Fiquei sabendo agora. E pra te

ser bem franco, *baby*, não acho nada higiênico. Questão de gosto, claro.

GARCIA – O que que você acha mais higiênico: as privadas de cinema ou dólar?

JUAN – Você está insinuando que eu... sou desonesto.

JUAN – Não seja injusto comigo porque você é mais jovem do que eu. Seria fácil demais. Se você quer disputar comigo, use de golpes leais.

GARCIA – Quais são os golpes leais? Fuzilar a decadência com palavras e viver às custas dela?

389

JUAN – Você esperava o quê? Que eu me banhasse de gasolina e me queimasse em praça pública? O poder está nas mãos de vocês agora. Eu estou esperando as ordens. Quais são?

GARCIA – Faz muito tempo que a nossa cumplicidade estourou, Juan. Você não está me fazendo favor, não está me salvando nem esclarecendo. Eu te exploro. Eu uso você, uso a tua casa, uso as tuas coisas, uso o teu dinheiro, uso a tua covardia, uso o teu sarcasmo, uso as tuas roupas – quando servem.

(Pausa. Juan olha atônito para Nina. O tiro acertou-lhe em cheio).

GARCIA – Qual a próxima brincadeira?

JUAN – Encerrado. *Four de ás*. Você pode levar a mesa.

(Para Nina)

JUAN – Bota uma música.

(Juan acende um cigarro. Nina vai e retira o cigarro da boca dele)

390 NINA – Não, meu amor. Agora sou eu que quero continuar.

JUAN – Continuar pra quê?

NINA – Eu não joguei ainda!

GARCIA – (para Juan) Eu não sei por que todo esse susto. O que que você tava esperando de mim? – Que eu continuasse um congregado mariano teu, nas condições de sempre, que ficasse louvando as tuas virtudes, bebendo dessa água que não matou nem vai nunca matar a sede de ninguém, te enchendo de vento até você explodir como uma bexiga?

Me desculpa, Velha Guarda. Mas esse tempo passou.

JUAN – Nunca exigi o teu respeito. Você é que me respeitou por conta própria! Então foi preciso chegar esta guerra, pra eu ficar sabendo que as mesmas pessoas que me ouviram são as mesmas que agora cospem em cima de mim, com nojo?!

GARCIA – É a ordem natural das coisas.

JUAN – Vivemos juntos as mesmas traições e as mesmas esperanças...

GARCIA – Não, Juan. Você sabe muito bem que tipo de esperança me ligava a você. Não tenha esses pudores. Quem perdeu fui eu.

391

JUAN – Seja lá como for, você acabou de cuspir em cima de tudo, com a maior tranquilidade.

GARCIA – Cuspi. E vou continuar cuspiendo e escarrando até quando sobrar nojo!

JUAN – (para Nina) Toma nota. Um a menos no nosso time.

(Nina não diz nada. Ela sofre, mas permanece forte)

GARCIA – Não tente consertar: eu nunca joguei no teu time. Você tá careca de saber.

JUAN – Por isso mesmo. Pra que proteger um inimigo dentro da minha casa?

GARCIA – A tua casa tá falida, Juan... Joga os teus livros fora... Queima a tua cultura...

JUAN – (perverso) Apesar disso você vive às nossas custas. Olha aí, até roupa. Onde é que estão os teus trapos? Por que que você não se enfia dentro deles? – Se você tem tanto nojo disso tudo, por que que você não se enfia dentro dos teus trapos?

392

GARCIA – Eu danço a tua música. A minha sobrevivência depende dela. Eu sou um gatinho viralatas, lavado e perfumado por vocês. O cheiro dos meus trapos, eu sei que vai fazer mal a vocês.

JUAN – Não seja por isso.

(para Nina) Traz os trapos dele de volta.

(Pausa. Nina permanece imóvel).

JUAN – Você não ouviu? O jogo é pra valer!

(Nina vai buscar as roupas de Garcia. Garcia se enfraquece)

JUAN – Se você não está do nosso lado, escolha o teu!

GARCIA – Eu não tenho pra onde ir...

JUAN – Dane-se!

GARCIA – Eu estou sem dinheiro...

JUAN – Se vire!

(Nina volta com as roupas dele)

JUAN – Estão aí.

(Garcia olha para Nina, quase que pedindo ajuda)

393

NINA – Foi você quem escolheu.

GARCIA – Eu não escolhi nada.

NINA – Você é livre.

GARCIA – Livre para quê? Pra enfrentar essa noite sozinho, sem nada, com frio, sem onde cair morto, e sem ninguém pra esquentar as minhas costas?

NINA – Lute!

GARCIA – Eu vou ficar do lado de fora. O mundo é o mundo da regra comum. O mundo é a classe média em qualquer parte.

NINA – Pois adote a regra comum! Adote a classe média!

GARCIA – Que que me adianta ganhar o jogo, se eu vou ficar sozinho? Que que me adianta criar a festa, se eu vou ficar do lado de fora da festa?

GARCIA – Que que vão adiantar as minhas ideias ferozes, a minha selvageria e os meus panfletos, se eu não me salvo?

394

JUAN – Se vire! Se vire!

(Garcia olha com ódio para ele)

(Ele tira as roupas para vestir as próprias)

(Nina caminha para o fundo e coloca uma música)

GARCIA – Sem música! Ficou combinado que a gente não ia usar muletas!

(Nina desliga a música)

JUAN – Como você sabe, como você mesmo disse, você vai continuar cuspidando, até onde sobrar o teu nojo.

O que que te enfurece tanto? Os teus trapos ou a tua impotência?

GARCIA – Eu preciso, eu tenho necessidade de desrespeitar vocês! Eu tenho necessidade de mostrar pra todo mundo quem são os salvadores do povo. Essa falência, bem nutrida, bem vestida e canalha!

O que que impede vocês, vocês que pensam, raciocinam e chegam a conclusões certas, o que que impede vocês de transformar o mundo?

395

O povo está sendo salvo pelos que já são os donos do tabuleiro, e que vão continuar dando as cartas, mesmo quando o jogo perder a graça!

JUAN – Faz muito tempo que o jogo já perdeu a graça.

GARCIA – Será que você não percebeu ainda que você tem razão e vai ter razão até a morte, pelo simples fato de que você tá do lado deles?

(Pausa)

GARCIA – (com ódio) Você faz parte da classe dominante, velho, do avesso, convertida em antiarte, convertida em teatro, convertida em cultura, convertida em estertor.

Nem flor nem fuzil, nem as duas coisas juntas. Eu estou do lado da violência, e sabe por que, sabe?

Eu estou do lado da violência, porque a violência me ilude de viver, só por isso. O dia que, no lugar das manchetes negras dos jornais, os mesmos que me apavoram toda manhã, o dia que aparecer no lugar delas a faixa branca da paz, o arrego definitivo, então não vai ter sentido nenhum a vida de San Vicente! Mas até lá, até lá eu quero sangue! Quero me conspurcar até a alma com esta destruição!

396

Ela me consola. É esse inferno o reino da minha Justiça.

A Beleza pra mim é o sofrimento sem comunicação. Quando eu falo da miséria da rua, não é pra bater no peito como esses viciados da caridade, que industrializam a miséria pra se desculparem. Eu não tenho esperança de ordem nenhuma! Eu quero, com as minhas mãos, com a minha paixão, com a minha loucura – as armas que me sobraram desse caos –, reinstaurar a Desordem no seu verdadeiro caminho e fazer morrer esta civilização!

(O boneco desce até a cena nesse momento)

JUAN – Eis aí um pequeno Hitler pra consumo!

(Garcia toma-o pelo colarinho e empurra-o violentamente em cima do boneco)

GARCIA – Você consegue amedrontar e convencer os teus estudentezinhos intoxicados de belas intenções, bem postos na vida, e as tuas vacas sagradas vindas da aristocracia falida!

A tua geração acabou! E você acabou junto com ela! Você não tem mais nada pra dizer pra ninguém, Juan!

397

Falência! Falência total dos bem-pensantes!

(Garcia solta-o no chão)

JUAN – (ofegante) Pois então propõe. Quais são as ordens?

GARCIA – Estão dadas. Estão do lado de fora, acontecendo. Você é surdo?

JUAN – Essas ordens não foi você quem propôs. Distribuir panfletos e encher a cuca de fumo é muito diferente de puxar o gatilho.

(Pausa)

GARCIA – Não tenho nada pra propor.

JUAN – Tanto ódio pra isso? Pra nada?

GARCIA – Eu sou o quê? Um drogado de bo-tequim, covarde, sem força, sem virtude, sem compromisso... Ninguém espera nada de nós. Vocês mentiram com ideais que vocês traíram e nós, com ideais que não temos.

Como vocês, somos corrompidos, oportunistas, falsos rebeldes e impostores – sobretudo impostores. Como vocês, somos vaidosos, somos atores, somos corrompidos e estamos apodrecendo. Não esperem nada de nós.

398

Debaixo dessas caras de anjos desprotegidos, está a fotografia disso que ninguém tem coragem de ver: o que sobrou da vida pra nós foi a Decadência, a representação pela representação, esta miséria cotidiana, esse equívoco, esse limite, essa América inútil, fantasma, essa submissão, essa santidade feita de artifícios, e essas festas estragadas e ruidosas, que vamos reinventar até o vômito!

JUAN – (para Nina) Está vendo quem é a tua gente nova? São eles que vão ocupar o poder? São eles que vão dar ordens pra nós?

GARCIA – (para Nina) Eu só quis... Eu só desejei... Sentir tesão por você. Uma vez na vida, que fosse!

(Nina se abraça a Juan. Pausa. Garcia caminha para a porta da saída e se volta pra eles)

GARCIA – Você ganhou a noite, Juan. Até outro dia.

NINA – (convicta) Até amanhã! Agora você vai ter que continuar! O jogo agora tem que ir até o fim! Agora sou eu que exijo!

(Pausa)

399

GARCIA – A Revolução não vai me curar...

NINA – Não me interessa! Lute! Você desafiou, aguenta a parada!

GARCIA – (saindo) A Revolução não vai me curar dessa doença! Eu estou perdido dentro da América e a Revolução não vai me curar!

CENA 6 – EM SURDINA

(Desgastados, Juan e Nina tentam se reencontrar através do amor)

JUAN – Nina, eu tenho medo...

NINA – (cobre a boca dele com a mão) Vem...

(Pausa. A voz de Nina, de fora, durante o desenvolvimento da cena, é uma referência ao amor erótico que ela sente por ele, em outra época)

NINA – (apenas a voz) Me ama, Juan! Eu quero ser decifrada por você, pelo seu corpo, pela sua proteção, pelo seu espírito, pelo seu mistério, pelo seu sangue... Me ama, Juan!

400

Quero que você me ame e fique eternamente me amando, dentro de mim, com sua carne, com seu amor, eternamente, infinitamente dentro de mim, me envolvendo, me consumindo, me revelando – como uma tarde, dentro do elevador, no verão, voltando da praia, e nós não conseguimos esperar o elevador acabar de subir, e você me abraçou e eu te abracei, e quanto mais eu me entregava mais nascia o meu desejo, e mais sobrava só o desejo, e mais eu te queria sem palavras, sem pensamento, a vida inteira resumida só no desejo da tua boca dizendo o meu nome, da tua mão conduzindo a minha mão, do teu corpo revelando meu corpo, como se o mundo fosse pela primeira vez. Você, meu ponto de referência dentro desta cidade.

(Os mesmo gemidos orgasmáticos irrompem no lugar dos sinais da guerra)

CENA 7 – PRESENTIMENTO

(Sons de ataque, agourentos, interrompem o amor de Nina e Juan. A luz acende o rosto torturado de Nina, no quarto de vestir, no dia seguinte. Ela está diante de suas roupas e maquiagens. Há, nisso tudo, uma desolação em surdina).

(Nina acabou de levantar-se. É uma sexta-feira de tarde. Nina está desarrumada. Após algum tempo surge Mariana)

MARIANA – (com jornais na mão)

NINA – (Olha para a manchete que Mariana lhe mostra, sem fazer qualquer gesto)

401

MARIANA – Caiu todo mundo. O meu grupo inteiro! Justamente hoje, o dia do hospital.

(Mariana nota que ela está distante)

NINA – Tive um sonho essa noite... O mesmo sonho da semana inteira... A negra morta tentando arrebentar o vidro, do lado de fora, sem conseguir, enquanto eu morria asfisiada do lado de dentro, sem ar e sem força...

(Ela se enxuga com as mãos. Está suada)

MARIANA – Você me empresta o carro?

NINA – Me sinto representando um papel diferente... Pensando bem, eu nasci medíocre. Eu não precisava ter ido mais longe. Ele matou a minha mediocridade e, junto com ela, a minha fé.

MARIANA – Tá ficando tarde, Nina! Faz quatro horas que eu acordei, me arrumei, sem saber o que eu faço. Acho que basta o carro, se você...

NINA – Calma... As coisas se arrumam...

MARIANA – Ele precisa de mim! Eu fui a única que sobrou! Não tem mais ninguém do grupo!

402

(Nina está mortalmente ferida. Ela percorre as coisas como que pela última vez)

NINA – Sempre que eu abro a janela do quarto, ele acorda, com a luz e o barulho que vem do lado de fora. É um código que nós adotamos. Hoje eu abri a janela e ele continuou dormindo. E eu não escutei barulho nenhum...

A rua tava fumacenta e fria, sem ruído, deserta, uma enorme nuvem cinzenta em cima do mar.

Daí eu olhei pra cara dele, no sono, e aí eu... Fiquei assistindo ele dormir. Quem é esse homem? Que cidade seria essa? Que rosto é esse tão familiar e que eu não consigo mais reconhecer?

Isso tudo me pareceu ao mesmo tempo consumido e enigmático!

(Ela se apoia em algum móvel)

NINA – Santo Deus! Olha como eu estou suando!
Abre essa janela! Eu estou sem ar!

(Mariana abre a janela)

MARIANA – Melhorou?

NINA – Vai ver se é isso: não tem sol nem venta.

(Pausa. Nina olha para Mariana e, subitamente, como que redescobre o próprio destino com uma ordem inesperada)

403

NINA – Escolhe uma roupa pra mim!

MARIANA – Você vai onde?

NINA – Não temos que tirar o seu marido do hospital?

MARIANA – Você?!

NINA – Alguém não tem que ir?

(Mariana abraça-a e beija-a com alegria)

MARIANA – Juro que eu tinha pensado nisso! Você é a pessoa certa! Ninguém pode fazer melhor esse serviço! Que roupa você prefere?

NINA – Não sei, vê aí... Eu quero, vê aí uma roupa clara, tem um vestido branco que eu ainda não usei, esse daí, me pega esse.

(Mariana retira um vestido branco do guarda-roupa, pendurado num cabide)

MARIANA – Esse?

NINA – Esse mesmo.

404

MARIANA – Quer que eu te vista?

NINA – (ainda ausente) O que acontece quando a gente chega num ponto onde a gente já não quer mais nada, não deseja mais nada, e já não consegue sentir nem medo mais?

(Ela se olha no espelho)

NINA – Me faz uma massagem nas costas.

MARIANA – (massageando-a) Assim?

NINA – Assim.

(Mariana faz-lhe uma massagem. Nina geme, de vez em quando)

NINA – Eu conheci ele na escola.

MARIANA – O quê?

NINA – Tinha acabado de se formar. Vivia com um grupinho de lado, falando de filosofia, bebendo chope no bar, sempre com o mesmo terno surrado. No começo ele me desprezava. Me chamou várias vezes de ingênua e de alienada. Um dia eu apareci na casa da família dele, fingindo que precisava de ajuda pra um trabalho sobre Kant. Me recebeu muito mal. Era um apartamentozinho apertado, mal arrumado, com cheiro de solteiro. Um desconforto total. Eu gostei. Tinha uma desproteção meio infantil, meio ascética.

405

(Para Mariana)

Mais embaixo. Assim. Ah!

(Ela geme)

A primeira vez não deu certo, a segunda não deu certo. Só muitas semanas depois é que nós conseguimos. Na marra. Foi preciso ele me violentar. Quando ele terminou, eu empurrei ele pra fora da cama, com ódio, e disse que não me tocasse nunca mais!

(Para Mariana)

Você tem um filho, não tem?

MARIANA – Uma filha.

NINA – Eu abortei várias vezes... Ele bem que quis, mas eu não deixei. Mas será que ia adiantar? Não sei... Me passa esse jornal.

(Mariana obedece)

406 NINA – (divide o rosto em dois, com o jornal)
Olha pro lado esquerdo. Tá vendo como eu estou marcada? Uma ruga aqui, e aqui, e aqui. Agora olha pro lado direito. Sentiu a diferença?

(Nina olha para o jornal e joga-o fora)

NINA – (cobre o rosto com as mãos, assustada)

MARIANA – O que que foi?

NINA – Nada. Me passa a escova.

(Mariana passa-lhe uma escova de cabelo e ela começa a se pentear)

NINA – Marx... Rimbaud... Marilyn Monroe...

MARIANA – Mais massagem?

NINA – Me acende um cigarro.

(Mariana acende um cigarro e passa a ela)

NINA – Eu não precisava ser exatamente uma mulher pra ele, e ele não precisava ser exatamente um homem pra mim. E ao mesmo tempo, sei lá... Você tem que idade?

Mariana – Vinte e cinco,

NINA – Se eu tivesse a tua idade de novo, nunca, mas de jeito nenhum eu ia escolher Juan. Eu queria recomeçar, mas sem truques. Nada de mitos!

407

(Ela lambuza a cara com base para maquiagem e começa a distribuí-la pelo rosto)

NINA – Você tem 25 anos e uma obstinação. O dia que a tua obstinação acabar, o que vai te sobrar? Uma luta contra fantasmas, que vai te provar que você ainda está contra e só isso.

MARIANA – (que não se interessa pelo que ela diz ou sente, mas que apenas está se utilizando dela) Não sei...

NINA – Você está me utilizando, meu amor. Eu sei disso. Não, não me diz nada. Me ajuda a tirar esse vestido.

(Mariana ajuda-a despir-se)

NINA – O que Juan teve um dia, na época que eu o conheci, era uma indignação fora do comum, uma lucidez obcecada e um ideal invencível, selvagem. Uma coragem e uma vontade de lutar, que ele trocou por mim e pelo que eu podia dar pra ele, brincando, esbanjando.

408 Eu comecei por brincadeira, como quem mostra um chocolate pra uma criança, pra ver a festa que ela vai fazer. Pois bem. Eu domestiquei Juan com um chocolate!

(Nina se levanta, seminua, abre os braços para Mariana enfiar-lhe o vestido branco. A cena é ritualística)

NINA – Pobres idealistas ferozes! São bem capazes de trocar os matos ensanguentados deles por isto: essa religião pomposa e vazia! Onde é que estão os bárbaros desta civilização? Deixem vir os insubordinados, deixe eles virem. Não há um só que aguente muito tempo. Uma picadinha só, um dia qualquer, por capricho, e pronto! Estão envenenados pelo resto da vida! São uns

bichinhos atrevidos que gritam enquanto estão do lado de fora e que quando chegam aqui dentro, esperneiam , gritam, debocham, mas aí já é tarde demais!

Existe um limite geral que não tapeia nunca: pra morte não existe classe nem separação. Viver, pra mim, hoje, não passa de um desesperado ato estético. Mais nada.

Os bárbaros se confundiram com a civilização e foram submetidos pela morte. O que sobrou foi essa luta suja, canalha, traiçoeira!

MARIANA – É a nossa vez. A única chance.

409

NINA – A vez de quem?

MARIANA – Do povo.

NINA – Teus gatos pingados vão entrar pra História, mas mortos, minha querida. E anônimos. Vocês vão morrer um por um, mutilados como vocês já estão, diminuídos, prostituídos e sozinhos!

O povo não quer saber de vocês! O povo quer rir, e o sangue não faz rir nem diverte ninguém! O povo quer se divertir até quando der pé, até quando for possível!

O povo fomos nós que inventamos. O povo-povo, o que está nas fábricas, o que está nos campos, o que está engavetado debaixo de nós, o que está espremido dentro dos ônibus, dentro dos vagões, o que continua dormindo pra esse nada feito de ruídos, feito de cores, feito de prazer, feito de elegância, feito de literatura – é horrível demais quando chega, é exigente demais, é objetivo demais, é verdadeiro demais pra ser suportado!

(Nina pega o boneco da empregada doméstica pelo pé e exhibe-o, de cabeça para baixo)

410 NINA – O povo-povo é isso: o lado de fora, a outra língua, o silêncio que a gente evita, que a gente escuta respirar de longe, estrebuchando do outro lado do vidro, pra quem a gente grita quando acorda: me traz o café, me traz o jornal, me traz o chinelo, me traz isso, me prepara o banho, me compra isso, me prepara a mesa, limpa o chão, limpa os cinzeiros, limpa as privadas.

E daí o povo aplaude! Aplauda a nossa roupa, que ele mesmo lavou, que ele mesmo passou, aplauda o nosso cheiro, aplauda o nosso andar, aplauda o nosso álcool, aplauda o nosso nome e nosso riso, e exige! O povo exige a nossa futilidade, exige a nossa mão que levanta e mata.

Lamúria, separação e morte, esta merda, esta bosta, que aceita sempre, que perdoa sempre, que trai sempre, no gesto, no medo, na submissão, que está enfiada dentro de todas as casas, sangrando em cima de todas as máquinas, dentro de todos os livros e de todas as bocas, infiltrada dentro da cultura, inventando a nossa beleza, a nossa religião, o nosso ideal, esta coisa que faz rir, que estimula e que diverte, é isso daqui a coisa nojenta de todas as escolas, de todas as igrejas e de todos os assassinatos!

(Nina cai para um lado, vestida. Pausa. De repente uiva terrivelmente. Agarra-se aos pés de Mariana, sobe por ela até o rosto e diz):

411

NINA – Juan, eu te amei! Muito mais do que você mesmo soube!

(Mariana afasta-a, ela volta ao espelho para terminar a maquiagem. Garcia entra, com uma braçada de flores na mão. Está bêbado. As duas olham com medo para ele)

GARCIA – Dormi na rua, dá pra ver pela cara? Trouxe flores para vocês.

(Ele se dirige a Nina e entrega uma parte das flores para ela)

GARCIA – Parabéns.

NINA – Parabéns por quê?

GARCIA – Lembrei que era teu aniversário.

NINA – Não é meu aniversário.

GARCIA – Então eu confundi as datas. Mas parabéns mesmo assim.

(Ela olha as flores, sem tocá-las)

GARCIA – Não quer as minhas flores? Olha, leva todas.

412

(Volta-se para Mariana)

GARCIA – Eu fico te devendo.

MARIANA – Você tá bêbado?

GARCIA – Eu? Eu estou feliz. Passei na casa da minha família e encontrei o meu pai agonizando, na cama, a minha mãe desesperada por dinheiro, encontrei minha irmã desempregada, enfim, encontrei a paz e a felicidade.

(Nina pega as flores, com medo, e entrega-as a Mariana)

NINA – Bota num vaso, lá na sala.

(Mariana sai)

GARCIA – Quem me deu a grana foi um velho gordíssimo, horroroso, que me convidou pra dar uma volta no Volks dele. Eu disse: *Estou duro, meu anjo, duríssimo*. Daí ele parou o carro na praia, ficou olhando romanticamente o mar e fez o seguinte e terrível comentário: *O mar está em constante movimento*. Diante disso eu aumentei categoricamente o meu preço.

NINA – (voltando à maquiagem) Vou precisar de você.

413

GARCIA – Pra quê?

NINA – Pra ir ao hospital comigo. Você fica no carro, enquanto eu subo.

GARCIA – Faça, taí! Faça qualquer negócio hoje. O dia tá lindo, o sol tá glorioso.

NINA – Você tá fedendo conhaque.

GARCIA – É só pra disfarçar, álcool faz mal pro fígado, meu amor.

(Ela acaba de se arrumar)

GARCIA – Você tá divina... Você é transparente. Não sei se já te disseram, mas diante de você não existem condições para a vulgaridade. Sabe o que que eu mais gostei em você, desde a época em que a gente tentou ter um filho? Os cabelos. Quem diz que ama os cabelos de uma mulher, não ama essa mulher, certo ou errado? Se algum dia eu tiver que deixar um depoimento sobre as minhas tentativas heterossexuais, vou ter que resumir assim: *Eu amei os cabelos de uma mulher chamada Nina, e perdi a parada pra um pacifista que conseguiu ir mais longe que os cabelos.*

(Mariana entra com o vaso de flores)

414

MARIANA – Olha como estão lindas!

NINA – Não deixa ele sozinho, cuida dele...

MARIANA – Juan?

NINA – Ele gosta de café na cama, quando acorda. Gosta de roupa sempre bem cuidada. Gosta de festa no aniversário dele.

(Garcia canta uma ária de ópera, enquanto fuça no guarda-roupa de Nina)

NINA – Se você diz que vai fazer a festa, ele briga. Se você não faz, ele fica infeliz. Então faz.

MARIANA – Por que que você tá dizendo isso tudo?

NINA – Não sei, eu me lembrei.

MARIANA – Você tá se sentindo bem?

NINA – Não sei.

GARCIA – Se você morrer, eu canto um réquiem em sua memória.

NINA – Não me fale em morrer!

GARCIA – Mas o que que você tem? Por que você tá tão... Jesus! 415

NINA – O que que tem na minha cara?

GARCIA – (olha para Mariana, que lhe faz um sinal) Nada. Você tá ótima...

NINA – (para Mariana) Eu estou bem assim?

MARIANA – Perfeita!

NINA – O trato então é até...

MARIANA – Até as cinco.

NINA – Outra coisa: quando prendem um de vocês, o que os outros fazem?

MARIANA – (não consegue responder. Nina compreende)

NINA – E se torturam?

(Mariana permanece sem resposta)

NINA – E se matam?

(Diante do silêncio, ela subitamente se recosta num canto, asfixiada)

416 NINA – Não sei... Alguma coisa tá errada hoje!

(Ela olha para o infinito, angustiada)

NINA – Deve ter havido algum engano... Não sei onde... Desde sempre.

GARCIA – (em tom deliberadamente teatral) O tempo das considerações acabou! Agora é ação!

(Atabaques, Garcia sai. Nina se detém pela última vez. Está mais dilacerada ainda, quase pedindo que lhe salvem)

NINA – (num supremo e definitivo esforço) Tem outra coisa. Ele gosta de flores.

(Ela finalmente encontra um motivo para o vaso que está na sua frente. Contempla quase com horror essas flores e entrega-as a Mariana).

NINA – Leva essas pra ele!

(Nina sai. Eles podem sair por um lado da plateia. Mariana fica sozinha. Ainda com o som de atabaque, ela abre a valise, retira uma vela de dentro, benze-se, acende a vela e coloca em algum canto. Depois de algum tempo surge Juan, pelo fundo. Ele se aproxima tranquilamente, de robe, e com a cara ensaboada, branca, e um aparelho de barbear na mão, e um espelho)

417

CENA 8 – SAN VICENTE

(Juan está se barbeando. Ele sabe que Nina saiu sem se despedir dele. Observa Mariana pelo fundo, em silêncio. Há uma certa ternura nessa aproximação, um misto de interesse e dúvida. Mariana não o nota: ela está acompanhando a aventura de Nina e Garcia, lá fora. Reza, diante da vela acesa)

JUAN – Alguma sessão de macumba?

(Ela se assusta e apaga a vela, com um certo embaraço)

JUAN – Cadê Nina?

MARIANA – Ela foi.

JUAN – Por que não falou comigo?

(Pausa)

MARIANA – Não vai ter perigo nenhum, a menos que...

JUAN – A menos que a Joana D’Arc faça milagres!

(Pausa. Ele se olha no espelho que traz consigo, depois limpa o rosto com a toalhinha que tem no pescoço)

418

JUAN – (sentando-se) Pra onde levam o homem?

MARIANA – Não sei.

JUAN – O que que você sabe?

MARIANA – Ele é contato. Deve ter lugar.

JUAN – Mas pra te encontrar vai ter que dar as caras aqui?!

MARIANA – Eu não sei... Você não leu nos jornais? Eu não sei como vai ser.

JUAN – Isso aqui vai acabar virando *aparelho*! Daqui a pouco vão me eleger o chefe da organização! Eu tenho os meus problemas particulares, você não sabe?

MARIANA – Sei.

JUAN – Pois é. Sem contar que já fui preso oito vezes pra prestar declarações.

(Juan se olha novamente no espelho)

MARIANA – Foi ela quem se ofereceu.

JUAN – Pra bancar a maravilhosa! O processo revolucionário exige politização do povo! Politização, não violência!

419

(Ela caminha para a janela e fica olhando para fora, numa atitude de indiferença a ele. Juan brinca com a navalha na mão)

MARIANA – (voltando-se) Eu vou descer.

JUAN – Pra quê?

MARIANA – Vou esperar lá fora.

JUAN – Como?! Você empurra as pessoas no abismo e tira o corpo fora? Não, mocinha,

aguenta o galho agora. Vamos suicidar, mas todo mundo junto!

MARIANA – Não quero te envolver.

JUAN – Agora já é tarde demais pra vir me dizer isso.

MARIANA – Você não tem nada com a estória.

JUAN – Como não tenho? A minha mulher sai por aí, gloriosa, fazendo da pele tamborim, e eu não tenho nada com a estória?

420 (Pausa)

MARIANA – Parece cretino isso que eu vou te dizer, mas eu tenho pena de vocês...

JUAN – Na tua idade, essa convicção que você aparenta tem qualquer coisa de falso...

(Juan toma uma atitude ao mesmo tempo de curioso e cético)

JUAN – Vamos esclarecer as coisas pelas causas. O que é que você quer?

(Ela presta atenção)

JUAN – Você quer a revolução. Pois bem. Eu também quero a revolução.

MARIANA – E daí?

JUAN – O mundo inteiro quer a revolução. Mas a revolução é uma coisa vaga, uma coisa... Sem contornos... Uma coisa abstrata, que cabe na boca de qualquer pessoa, dependendo do ponto de vista de cada um.

Tá com medo, garotinha?

MARIANA – Medo? Medo do quê?

JUAN – Acende a vela, eu até que acho poético. Acende a vela.

421

(Mariana olha-o com hostilidade)

MARIANA – A revolução tá sangrando: está em tudo, saindo de dentro de tudo, querendo nascer custe o preço que custar. E quem quiser se salvar sozinho, vai acabar sozinho.

(Pausa. Juan fica sério. Ele caminha para o proscênio, gravemente, como um sacerdote. Ensaboa a cara com o pincel, olhando-se no espelho)

JUAN – (quase como um solilóquio) Durante dois milênios, mocinha... Escuta o que eu estou te

dizendo... Durante dois milênios o ser humano acreditou em Deus, encontrou Deus, decifrou Deus, matou em nome de Deus, até que matou o próprio Deus, em nome da Revolução. E depois que instaurou a revolução, pra não ficar sozinho – pra não ficar sozinho, me entendeu?! –, depois que instaurou a revolução, mata e mata e vai continuar matando, em nome de uma coisa sem contornos, imagem e semelhança do Deus que sepultaram como um fantasma, sem deixar marca, sem deixar desgosto.

(Pausa, de si para si)

422 JUAN – Com revolução ou sem revolução, a ordem é acabar sozinho.

(Ele se volta para ela, lambuzado de espuma)

JUAN – Percebeu como o teu catecismo tá gasto, mocinha?

MARIANA – Não me chama de mocinha!

JUAN – Eu tenho 40 anos! Você tem quantos?

MARIANA – Você, com os teus 40, eu com os meus 25, eu te garanto que eu sou muito mais velha que você, muito mais velha que os teus dois milênios. Eu não tenho idade mais!

(Juan se surpreende, a cena deve ter o peso de um delírio. Mariana acende a vela de novo)

MARIANA – Eu vou esperar até as cinco.

JUAN – Porque até as cinco?

MARIANA – Foi o combinado.

JUAN – E se não voltarem até as cinco?

MARIANA – Não sei...

(Pausa)

JUAN – (olhando para fora) O mar hoje está calmo. Tem muita gente na praia. E uma nuvensinha branca em cima da cidade. O verão começou de novo...

423

(Mariana está em silêncio, quase rezando)

JUAN – Se, por acaso, ele, o teu marido, se por acaso ele não aparecer, o que que acontece?

(Silêncio dela)

JUAN – Você gosta dele?

MARIANA – Não sei nem o nome que ele tem mais...

JUAN – E se ele morrer?

(Silêncio dela)

JUAN – Se ele morrer, não tem importância nenhuma?

MARIANA – (se referindo ao que está acontecendo fora) As coisas não estão bem!

(Ela segura a vela e coloca na janela)

MARIANA – Você se incomoda, se eu guardar essa navalha?

(Juan olha para a navalha, na mão)

424

JUAN – Por quê?

MARIANA – Guarda.

JUAN – Dá azar?

MARIANA – Tá me incomodando... Não sei...

(Ele ri e guarda a navalha, limpa o rosto, que ele não barbeou)

JUAN – Você e o teu marido, ele significa o que pra você?

MARIANA – Desquitamos.

JUAN – Foi você ou ele?

MARIANA – Nós dois.

JUAN – Me desculpa, mas não é lógico. Alguém deve ter tomado a iniciativa.

MARIANA – Foi ele.

JUAN – Agora se entende.

(Pausa)

JUAN – Quer dizer que você continua gostando dele ainda, mas ele... Não quer mais nada com você?

425

MARIANA – Desquitamos pra um não entregar o outro.

JUAN – Como assim?

MARIANA – Nos interrogatórios, sabe como é... Pra evitar suspeita.

JUAN – Você tá sozinha tal com o teu ideal, com a tua violência, com a tua solidão.

MARIANA – A causa é maior. É a causa que conta...

JUAN – E você tá lutando em nome da causa ou em nome do teu amor particular?

MARIANA – Em nome dos dois. Em nome de tudo!

JUAN – Você sabe que vai morrer?

(Nesse instante a vela se apaga. Mariana, assustada, segura-a com as duas mãos)

MARIANA – Apagou...

JUAN – Foi o vento.

426 (Pausa)

MARIANA – Engraçado... Ele parecia uma criança, no começo... Ele assistia todos os filmes, todos! Não perdia nenhum! Tava informado de tudo, acompanhava tudo. Entulhava o nosso apartamento de cartazes e de fotografias... E adorava música. A gente vivia ouvindo música, de dia e de noite. Na cama ele se encolhia dentro de mim, como um garotinho, ficava me olhando sem falar nada, acuado, quase tremendo, e eu pensava, enquanto passava a mão nos cabelos dele: *Ninguém pode tocar nessa criança, ninguém*. Eu achava impossível que alguém pudesse tocar a mão nele!

(Pausa. Ela olha aflita o dia lá fora)

MARIANA – Ele amava as praias de San Vicente... Amava ficar deitado no sol, desenhando na areia, onde um dia... Onde um dia a gente só quis viver, só isso... Como todo mundo...

JUAN – Você se esquece que a tua criança impede os outros de viver! Os outros também têm os motivos deles! Criminosos ou não, qualquer motivo é motivo! Viver é equivalente. Depende só da posição onde você se coloque. Eu não estou aqui pra ganhar um raciocínio: estou aqui pra ganhar esta luta!

(Num tom de delírio)

427

Que luta?

(Nesse instante, a luz focaliza apenas Mariana. Silêncio. É como se ela estivesse no limite entre o delírio e o sonho. Juan continua interrogando-a, com a navalha aberta na mão, como se fosse a sua consciência)

JUAN – Hein? Que luta?

MARIANA – (acossada) Será possível que não tem ninguém junto comigo? Vocês só podem estar loucos!

JUAN – Não será você quem está sozinha? Quem é que te garante?

(Pausa)

JUAN – Você viu a rua lá fora? Tem sol, ainda agora. As pessoas andam queimadas, de um lado pro outro... O céu está limpo, só tem uma nuvenzinha branca em cima de San Vicente... Você pode ouvir risos, se você prestar atenção... Olha as cores de San Vicente! Olha a luz na praia!

(A cena se ilumina de um lado. Entram ruídos distantes, de vozes despreocupadas, risos e músicas)

428

JUAN – O que que te dá a certeza?

MARIANA – (quase soletrando) Isto: a roupa que eu visto...

JUAN – Não quer dizer nada!

MARIANA – Eu não tenho mais o meu nome!

JUAN – Que importância tem o teu nome pra uma cidade bêbada de verão?

MARIANA – Eu larguei minha filha, eu larguei minha casa, larguei meu emprego, larguei minha família...

JUAN – Isso tudo é o que os poetas fazem por romantismo.

MARIANA – Eu não tive outra chance na vida!

JUAN – Pois eu tive as mesmas que você teve, quer dizer, nenhuma! Cite um motivo palpável! Cite um que justifique a tua luta!

(Ela não consegue dizer nada. Os ruídos do verão irrompem na cena. Mariana, de repente, sorri, com uma espécie de amor desencantado)

MARIANA – Eu bem que tentei viver... Foi só o que eu tentei, como todo mundo.

429

Eu comecei estudar, mas aí eu via aquela gente toda se culpando de estar na escola, e eu mesma me perguntava: *Estudar pra quê? Pra fazer o que com isso? Pra saber o que eu já sei por conta própria?*

É isso... Eu queria ter filhos. Eu adoro crianças... Eu queria ter a minha casa cheia de crianças... Mas em que condições?

Eu me formei nesse ventre esfumaçado de San Vicente, onde a única chance que conseguiram dar pra nós foi esta: *Se virem!*

(Os ruídos do verão desaparecem subitamente)

MARIANA – É isso: *Se virem!*

Quando eu tinha 16 anos, eu trabalhei numa fábrica de estofados. Era um frio que a gente não aguentava. Trabalhava sábado, trabalhava domingo, desfiando algodão, enchendo os pulmões de pó até quase morrer asfisiada.

430 Eu chegava em casa de noite, me olhava no espelho, via meus cabelos enrolados de fio de algodão, eu tentava me reconhecer nesse espelho, eu tentava saber por que, e não tinha resposta nenhuma! *Se virem!*, foi o grito que eu ouvi sempre, quando quis alguma resposta. Um dia, uma colega de fábrica minha desmaiou lá dentro e arrastaram ela pra fora, pra tomar um pouco de ar. Daí, quando se levantou, abobalhada e perplexa, o patrão disse o seguinte: *Vai pra zona, minha filha. Lá você ganha muito mais.* As outras meninas quase morreram de rir. Depois veio a fase dos recortezinhos de jornais na mão.

Enfrentando filas e mais filas pra teste, brigando por uma vaga, aquelas mocinhas cafonas me olhando com ódio, todas se olhando com ódio, enquanto esperavam a vez, e a única resposta que eu podia ter disso tudo: *Se virem!*

Até que chegou um dia eu perdi o medo e eu mesma disse: *Acabou! Ponto final! Acabou a segurança, acabou o respeito, acabou a graça, acabou!*, e se virem vocês, seus comerciantes filhos da puta, seus assassinos, seus traficantes de leis! Dure o tempo que durar! Nós vamos arrancar, uma por uma, todas as mentiras dessa cidade. Pela raiz! Custe o sangue que custar, essa cidade tem que ser lavada, tem que ser virada do avesso, tem que cair! Violência? O que é que você sabe sobre a violência? Você não sabe nada sobre a violência! Manchetes de jornais não contam! Está tudo bem, está tudo em ordem. Vocês estão garantidos. Pois continuem. É muito mais simples pra vocês tapear com o futuro. Pois fiquem com o futuro, futuro não enche barriga, eu quero é me lambuzar, e mais, e cada vez mais com o presente. Eu quero respirar o ar deste mundo é já: os meus pulmões não sabem esperar! Amanhã? Amanhã já é outra estória. Amanhã já é metafísica.

431

JUAN – (demoníaco) Você sabe que vai morrer?!!!

MARIANA – (com segurança) A morte que se dane! É o que estão dando pra nós todo dia!

JUAN – O primeiro dever do revolucionário é continuar vivo!

MARIANA – (se adianta) No dia que levaram ele embora, por coincidência eu não estava em casa. Daí chegaram uns dez, com metralhadoras apontando na cara dele. Ele tava dormindo na nossa cama. Cataram ele e levaram embora.

432

Quando eu ia chegando perto do prédio, da esquina eu vi os carros. Eu tinha mandado benzer um cordão pra ele usar no pescoço. Dizem que dá sorte. Se eu pudesse, se eu conseguisse, eu teria jogado o cordão lá dentro. E que ele se enrolasse até não sobrar mais vida. *Me matem! Me matem!*, ele saiu gritando do prédio, arrastado, pra um grupo de gente assustada e indiferente, na rua, e nas janelas dos edifícios. E uns minutos depois o trânsito já está em ordem, e nas janelas já não tem ninguém e em lugar nenhum existe qualquer espécie de notícia.

É preciso fugir enquanto é possível, esquecer pra continuar, e continuar pra não morrer. Mudar a cara, mudar o nome, mudar a cor, mudar o sentimento e fazer desaparecer dentro de mim qualquer coisa que ainda lembre o rosto verdadeiro dele, o calor dele, e o nosso amor cortado com armas.

O que é que você sabe sobre a violência?

Pra onde é que eu vou se em qualquer lugar dessa cidade o inimigo pode cair de surpresa, como se fosse invisível?

Quantos braços eu tenho pra segurar armas e quantas vidas cabem dentro da minha pra substituir as que caíram?

Em algum lugar desta cidade, alguém representa com o próprio sangue e espetáculo que todos estão impedidos de ver. O que é que vocês sabem sobre a violência? Vocês que são contra o mal e praticam cotidianamente o mal?

433

Nós não somos gente! Nós somos um bando de animais salgados, banhados de mar e sol, e prontos pra carnificina!

Esse não é mais o homem que eu conheci, que me ensinou as coisas e escreveu poemas pra mim. Esse cadáver vivo, seco e sem cor, que não consegue mais nem gritar, nem gemer nem ter medo, nem apontar as pessoas, isso é uma outra coisa, que já não tem mais nada que ver com o menino que gritava contra o mal. Onde está a criança que dormiu comigo, me abraçando, acuada, tentando se enfiar dentro do meu ventre, de noite? Futuro? Futuro se inventa, velho!

San Vicente já foi sol, já foi mar, já foi festa. Faz muito tempo que isso passou. Isso daqui é um matadouro, com um sol feroz e indiferente em cima das nossas cabeças. Que cidade é essa que acorda todo dia com esses carros andando, trânsito livre, sem nenhuma gota de sangue na rua, como se nada tivesse acontecido de noite?

Esperavam ele dormir, vinha alguém e gritava o nome dele alto. Ele se levantava, assustado, tremendo, e a ordem era essa! *Identidade!* De meia em meia hora o grito no ouvido: *Identidade!*. Uma saleta escura nos fundos, uma venda preta nos olhos e mais um passeio através do horror, do sangue, dos ossos e da asfixia.

434

Identidade! Identidade! Identidade! – Mas que identidade nós ainda podemos ter? – Me diz. Que nome é o meu nome e qual das minhas caras vai me derrubar mais depressa? Qual das minhas vidas vai fazer cair todas as outras que estão dentro de mim, sem nome? Em qual dessas janelas abertas, em qual desses viadutos, ou em qual dessas balas o caminho vai ser fechado?

O que é que você sabe sobre violência? É muito mais simples esperar a História, porque até lá estaremos todos mortos! – Eu bem que queria estar delirando, porque é daqui da carne que

eu falo! Eu trago sangue, asfalto, carga elétrica, chutes me jogando pra fora do meu sono, me jogando pra fora da minha ternura, e esta guerra agora tem que ser real!

Alguma coisa tem que estar sendo conquistada, com esse rumor do lado de fora de San Vicente! Fora dessas paredes e desses livros, junto com esse sol que grita em cima dos nossos olhos, alguma coisa lendária tem que estar sendo inventada como liberdade!

(Pausa)

Eu nasci e fui criada no terror desta cidade, antes de abrir os olhos pra ver. E comendo o medo por cima do medo, do panfleto à primeira cacetada, de Deus até o sangue, o botequim até o crime, comendo a própria violência com os dentes, comendo a dor, comendo o orgulho, comendo as esperanças, engolindo uma mentira atrás de outra mentira e atrás de outra mentira. Eu não estou mentindo pra ninguém, eu estou falando do que nasceu do meu corpo.

Você não sabe nada sobre a violência! E se você quer a paz antes do tempo certo, então dê um tiro na cabeça!

(Nesse momento ouve-se a voz de Garcia, do fundo da plateia)

GARCIA – Juan! Levaram Nina!

(Garcia corre até eles)

GARCIA – Temos que fugir imediatamente!

JUAN – Pra onde levaram ela?

GARCIA – Não sei.

MARIANA – E ele?

436

(Pausa)

MARIANA – O que que aconteceu com ele?

GARCIA – Morreu.

(Ela cobre o rosto, com horror)

JUAN – Você tá mentindo! Como é que você escapou?

GARCIA – Eu fiquei embaixo, dentro do carro. Olha aqui a bolsa dela, com os documentos.

JUAN – Eu sabia! Eu sabia que isso ia acabar mal!

(Ele tira a roupa)

GARCIA – Não temos muito tempo. Daqui a pouco batem aqui.

JUAN – Eu vou lá! Eu descubro onde é!

(Garcia segura-o)

GARCIA – Não dá pra fazer nada!

JUAN – Ela é inocente, vocês sabem disso!

GARCIA – Não adianta, velho, fica calmo porque agora ela tá sozinha, e não adianta mais.

437

JUAN – Ninguém vai tocar nela! Vão ter que me metralhar se quiserem botar a mão nela!

(Mariana segura-o por um lado, Garcia pelo outro; Juan tentando soltar-se deles)

MARIANA – Calma, professor... O primeiro dever de um revolucionário é continuar vivo.

JUAN – (gritando) Eu sou contra a violência! Eu sou contra a violência!

(Durante um curto intervalo, música eletrônica sobre o tema: guerra em surdina)

CENA 9 – A TRAIÇÃO

(Com o seu despertar, Juan, que havia retirado o seu robe, para se vestir e ir até Nina, subitamente recobra a lucidez, perdida por um momento, uma lucidez trágica e desesperada. Ele se enrola no robe e desce até o público)

JUAN – Vocês são suicidas ou são farsantes! O que é que vocês sabem? Palavras na boca, armas na mão e uma ideia imprecisa nas cabeças. Mas a certeza. Onde é que está escondida a certeza?

438

(As luzes do teatro acendem-se. Juan evoca sua fé perdida. Ele está efetivamente mutilado pelo esquecimento)

JUAN – Uma tarde eu saí de um lugar chamado El Salvador. Dentro de um ônibus. É. Eu me lembro. Eu lembro que o céu tava escuro. Ia chover. Ia cair uma dessas chuvas de verão forte. Eu lembro que existiam figuras magras, plantadas de um lado e de outro, na estrada...

Eu lembro que, de repente, sem eu saber exatamente por que, sozinho no meu lugar do ônibus, em movimento na estrada, eu de repente estava chorando de espanto.

Eu me lembro desse espanto. Mas...

Mas onde está agora esse esquema sensato, esse esquema suficiente da vida, rompido sem dor, sem necessidade, sem repercussão?

Como vocês, eu sofro das mesmas impossibilidades, das mesmas torturas. Como vocês, eu me submeti, eu me ajoelhei e eles é que venceram. O grande sonho da minha juventude, a América que eu vi do lado de fora, esperando a chuva... Esse branco traído de cores, de verão e esperança.

Minha mãe plantava a terra, eu disse. Eu nasci no campo, eu disse.

(Pausa)

439

A América está certa demais, vista de longe. Andada por esses livros, por essas músicas, por esses quartos e por esse sangue, onde está o elo dessa cadeia interrompida? Onde está situada em nós a realidade desse continente convulsionado, que prepara seu voo pro futuro?

GARCIA – Revisionista!

JUAN – Eu me pergunto: não há nessa desordem uma mistificação muito mais terrível, uma luta pelo poder, pura e simples, mistificada em História?

GARCIA – Reformista.

JUAN – Não estamos nós todos vendo uma terrível mentira, uma criação alucinatória, frágil como um sonho, e que um simples ruído pode despertar o cotidiano, isso aí que é seco e feio e igual e repetitivo? Não será que só a violência surda, essa violência inominável que apagou El Salvador dentro de mim, pra sempre, aquilo dentro de mim no ônibus, uma tarde, não será que a tendência maior de todas é que sobra sozinha, no final de tudo, pra não conduzir a nada, a lugar nenhum?

440

GARCIA – Metafísico decadente! O fogo já cresceu o suficiente e já provou que queima!

JUAN – Ficou proibido perguntar isso hoje! Essa inquisição que nós mesmos armamos acende todas as fogueiras de uma só vez pra quem pretender ultrapassar o último disfarce e colocar em jogo o que está por baixo dessas máscaras!

GARCIA – Teatro não é nada disso! O que que os colunistas sociais vão pensar de nós?

JUAN – Ficou proibido perguntar pra que que serve viver e pra que serve morrer e por que que nenhum homem pode morrer sozinho e tendo que morrer sozinho.

GARCIA – O povo, mediador, o povo...

(Juan se volta freneticamente contra o boneco que representa o povo, estraçalha-o, jogando suas partes fora)

JUAN – Ninguém mais tem o dever de acreditar quando falamos *O povo!*. É uma tapeação, uma impostura. Desde o começo; somos nós que estamos em questão.

(A ação volta subitamente ao palco)

GARCIA – Isso é questão! Você não vai salvar a Nina a vida inteira, Juan!

441

JUAN – Eu não tenho nada contra mim.

GARCIA – Tem. As tuas convicções. Os teus ideais.

(Pausa)

GARCIA – Você acredita ou não acredita?

JUAN – Nada no mundo justifica o derramamento de sangue!

GARCIA – Todo mundo tá na mesma jogada. E se você acredita, você conta também. Fisicamente! Até com a tua barba!

Você saiu à rua, saiu ou não saiu? Você ensinou, você pregou, você escreveu em jornais, em revistas, você publicou livros, você movimentou estudantes, você se fez às custas disso tudo. Você criou compromissos. Nós estamos aqui agora, na tua frente. O que que você diz? Você vai nos mandar embora, sozinhos, assim sem mais nem menos? Como? De que jeito?

(Pausa)

JUAN – O que que vocês querem ainda de mim?

442 GARCIA – Uma definição. Diz pra nós: eu fali. Eu encerrei minha carreira.

JUAN – Eu acredito no futuro!!!

GARCIA – Sem jogo político, Juan! Diz pra nós, diz: eu brochei, eu sou um intelectual de esquerda falido e consumido!

(Mariana intervém)

MARIANA – Eu vou.

GARCIA – Espera mais um pouco.

MARIANA – Não posso ficar aqui nem mais um minuto.

GARCIA – Só falta o xeque-mate.

MARIANA – Eu vou sozinha, então.

GARCIA – Se não deram sinal de vida agora, é porque Nina ou morreu, ou resolveu fazer resistência até o fim.

(Ao ouvir o nome de Nina, Juan se joga, desesperado, contra a parede. Os dois olham para ele)

JUAN – Isso é um pesadelo, nós estamos vivendo um pesadelo que não vai acabar mais!

MARIANA – Se você quiser se encontrar comigo, eu estou lá. No lugar de sempre.

443

(Ela sai sem se despedir de Juan)

JUAN – É criminoso questionar? É criminoso ter dúvidas?

GARCIA – Não, amor. É que, em situações assim, é comum a gente ver as mesmas pessoas que gritaram, antes, comprar passagens aéreas pra estudar em Londres... Em Paris... E dar o recado de lá.

(Pausa)

Não vai dizer que você também está pensando em fazer uma viagem dessas pra defender tese ou coisa parecida!

JUAN – Eu não preguei violência, eu preguei contra!

GARCIA – Não tem outra saída, em termos até de sobrevivência. Você sabe disso.

JUAN – Eu preguei a favor do homem, eu preguei a favor da vida!

444 GARCIA – A época dos grandes ideais acabou. A época dos grandes encontros já foi engolida!

JUAN – Eu preguei contra a ignorância, contra o fanatismo, contra a miséria, contra a opressão, contra a injustiça!

(Garcia ri às gargalhadas)

JUAN – Eu preguei a liberdade! A paz é muito mais perigosa do que a guerra: sem a violência vocês estão nus!!!

(Garcia continua rindo)

(Silêncio. Depois de um tempo, Juan, tranquilamente, encerra sua posição)

JUAN – Eu me afundo entre esses escombros, no escuro desta época, tentando, desta vez, reinventar a luz definitiva. Faço votos que quando vierem me apanhar, desta vez, para os interrogatórios, me tratem com desprezo e com as gargalhadas que vocês me dão, pelo fato de ter acreditado na possibilidade de viver.

(Mariana aparece no lugar de sempre, na rua)

GARCIA – A tua lucidez não vai te aquecer nunca, Juan. Justas ou não, as tuas dúvidas são criminosas para o momento! Saber das coisas não resolve nada! Entender o mundo não modifica o mundo! Em síntese: você é um homem morto!

445

(A frase de Garcia *entender o mundo não modifica o mundo* continua, em gravação, durante o tempo em que Juan, no auge de sua impotência se apaga, no palco, definitivamente)

CENA FINAL – SANGUE!

(Do lado de fora, nas ruas de San Vicente, no mesmo lugar onde se encontraram antes (cena 2), Mariana e Garcia estão exaustos, passada a euforia da luta. Pela primeira vez, Mariana se coloca diante da derrota, os dois estão em silên-

cio, à distância, como se não quisessem tocar no assunto, para não se machucarem. Mariana pinta o rosto, mirando-se num desses espelhinhos de bolsa. Garcia cantarola baixinho, encostado na parede, finalmente acende um cigarro e começa a fumar.

Silêncio. Ela continua pintando o rosto até que, desesperada, debruça-se sobre os joelhos e começa a chorar, lambuzando-se com a maquiagem. Garcia não se move.)

446 GARCIA – Faz uma semana já que ele morreu. Era só o cadáver dele que tava lá no hospital, esperando o dono.

(Pausa. Ela como que não ouvindo o que Garcia está dizendo)

GARCIA – Eu fiquei embaixo, enquanto a Nina subiu. Um médico veio e me mandou cair fora.

(Pausa)

MARIANA – Eu vou vingar a morte dele! Vou! De qualquer jeito! Vou descobrir os nomes dos que botaram a mão nele e vou matar um por um! Um por um, tá me ouvindo? Eu vou apagar um por um!

(Pausa. Garcia contempla-a com uma espécie de piedade)

MARIANA – Não é difícil. Eu arrumo dinheiro e pago gente pra isso. Vou começar ainda essa noite. E as famílias deles também!

GARCIA – Fica sossegada. Fuma. Fuma um cigarro.

(Ela pega o cigarro de Garcia e fuma nervosa)

MARIANA – A única coisa que sei sobre ele foram os poemas que ele fez pra mim.

447

(Ela tira uns papezinhos da bolsa e fica olhando)

É o meu nome, que ele escolheu, antes de sair.

(Pausa)

GARCIA – E se eu ficar junto com você?

(Pausa)

GARCIA – A gente podia continuar, nós dois juntos.

(Silêncio)

GARCIA – Mariana, você tá me ouvindo?

(Silêncio dela)

GARCIA – A gente, sei lá... A gente dá um jeito de se... Rearticular.

(Ele compreende que ela substitui a luta pela obsessão da vingança)

(Silêncio)

GARCIA – É. Você tem razão: ele tem que ser vingado.

448

(Mariana olha pra ele)

MARIANA – O que que você queria que eu fizesse? Eu tentei passar por cima disso, mas não posso! Eu não consigo! Ele tá dentro de mim, eu não posso substituir ele por nada por enquanto! Pode ser que daqui uns dias...

Ah! Que fossa, Garcia, que fossa!

Você vê? Estão me tirando tudo! Você viu como eu tentei, você sabe! Eu fiz tudo pra não perder, mas não adianta. Chega sempre uma hora que eu não posso fazer nada!

Eu estou cansada de perder! Estou cansada de ficar odiando todo dia, de ficar amarrada dia e noite com essa vontade de derrubar todo mundo, ainda que seja pra derrubar só!

Quando é que vão me deixar respirar?

Eu queria paz... Eu estou precisando de paz... Eu não nasci só pra ser traída... Estou farta! A violência me esgotou... A violência me tirou tudo o que eu mais amei na vida... Me sinto velha, me sinto morta de novo!

(Silêncio por algum tempo. Garcia caminha até a valise dela, retira o revólver de dentro e observa-o. Depois aponta-o firmemente em direção às coisas)

449

GARCIA – Vai ser preciso um povo inteiro pra esquentar e acordar essa arma... E onde é que está esse povo?

(Ela olha assustada para ele)

MARIANA – Nós estamos criando condições.

GARCIA – Que condições? Os pesadelos desta arma gelada só assaltam de madrugada, quando essa guerra fantasma atinge o limite da sua realidade... Quando a História parece invisível.

MARIANA – A missão pro momento é deflagrar. Não tente apressar as coisas.

GARCIA – Você acredita nisso?

(Silenciou ela)

450 GARCIA – Numa hora como essa, só gente como você, gente como eu, está acordada pra essa guerra. Pro resto não tem nenhum sentido. Pra grande maioria nós estamos falando uma outra língua, que eles sem entenderem e que talvez não venham a entender nunca. San Vicente está fria, olha aí: é um ronco coletivo... Avenidas desertas, botequins fechando, despertadores marcados pro dia comum que vai nascer, indiferente, separado de nós.

(Ouve-se a gravação de uma partida de futebol)

(Ela se levanta)

MARIANA – Eu vou embora.

GARCIA – Nós perdemos! O povo tá contra nós e não é todo mundo que consegue suportar esse lado do avesso durante mais tempo... Amanhã vai continuar tudo estabelecido, tudo arrumado, sem sinal nenhum sobre essa guerra subterrânea que não conquista nem deixa marca. San Vicente

está fria como qualquer coisa nova que não tem História nem tem necessidade de ser História...

MARIANA – Você tem algum dinheiro?

GARCIA – Pra onde você vai?

MARIANA – Procurar um contato.

GARCIA – Vai sozinha?

MARIANA – Pra onde eu te levo?

GARCIA – Quer dizer que você não precisa mais de mim?

451

MARIANA – Não.

GARCIA – Você vai me abandonar?!

MARIANA – Eu vou ficar fazendo o que, do teu lado? Me diz.

GARCIA – E pra onde eu vou?

MARIANA – Volta pra casa deles.

GARCIA – Não posso mais. Rompi com Juan.

MARIANA – Não sei. Você é quem sabe da tua vida. Eu rompi com ele e agora com você! Sinto

muito, Garcia, mas eu joguei a minha família, eu joguei a minha filha, eu joguei todas as minhas garantias – você sabe disso. Eu não posso ficar de mãe tua a vida inteira.

GARCIA – A cem metros daqui tem a primeira luz. Te agarram na saída.

MARIANA – Não seja ridículo.

(Garcia segura-a)

GARCIA – Fica...

452 MARIANA – Eu vou ficar fazendo o que, aqui?

(Garcia beija-a)

GARCIA – Fica comigo.

(Mariana afasta-o)

GARCIA – É por causa dele?

MARIANA – Vou te dizer uma coisa.

(Pausa)

MARIANA – Não é mais um jogo, Garcia. Eu não estou mais sentada num botequim junto com

você, rindo das pessoas. Eu decidi que o mundo não tem mais graça, que as tuas piadas não têm mais graça, que a bebedeira não tem mais graça, que as tuas fantasias não têm mais graça.

(Luz sobre o rosto dele e de outro)

MARIANA – Eu decidi que cidade suja de sangue não tem graça nem pode ter, e que eu esgotei a minha possibilidade de rir. Você me entendeu?

(Garcia afasta-se dela)

GARCIA – Entendi.

MARIANA – Pois é. Nós não temos nada que ver mais um com o outro. Eu não vou poder mais ficar te contando os meus planos, porque eu estou noutra!

453

GARCIA – Eu sei, eu entendi.

(Mariana beija-o friamente, Garcia se esquiva, ela pega a valise e vai embora. Garcia fica com o revólver na mão, sozinho, pouco depois ela volta)

MARIANA – Esqueci o revólver.

(Ela estende a mão)

GARCIA – Ainda agora, segurando isso, eu me senti dentro de um enorme útero, cheio de água por todos os lados, mofando nessas paredes de livros mal digeridos, mas aceitos... Tentando me vomitar desse ventre pra sempre!

MARIANA – Quer me dar?

GARCIA – San Vicente não tem nem pode ter esquemas! San Vicente é uma possibilidade infinita de criação! Eu vou acordar essa cidade por conta própria!

MARIANA – Garcia, me dá esse revólver!

454

(Garcia afasta-se dela com o revólver na mão)

GARCIA – A História não existe! A História é um mito da ciência! O que existe são os meus demônios! O que existe é a Beleza selvagem que eles mataram! E que está presente dentro de mim!

(Garcia atira selvagememente para o alto. Silêncio. Garcia está atônito. Ela também. Silêncio)

GARCIA – É tão simples...

(Longe, uma sirene começa a soar. Há tênues sinais de guerra exterior. Os dois se entreolham, Garcia com um certo prazer)

Mariana – Viu só? Viu quem é tua cidade roncando?! Viu quem que você acordou?!

GARCIA – Não tem mais problema.

(Apontando o revólver para ela)

Ninguém mais vai te botar a mão! Você está salva!

MARIANA – Tira isso da minha frente!

GARCIA – Sabe, Mariana, eu estive pensando bem... Não tem outro jeito. Quer me entender que não tem outro jeito?

455

MARIANA – Você enlouqueceu?!

GARCIA – O povo não te quer, a lucidez não te quer, o cotidiano não te quer: Você tá demais!

(Aponta com mais convicção. Ela avança. Ele atira de lado, com prazer, fúria e horror)

MARIANA – Jesus!

GARCIA – Eu estou falando sério.

MARIANA – Meu amor, eu estava brincando com você... Nós vamos ficar juntos... Você e eu. Nós vamos fazer tudo junto, se você quiser...

GARCIA – Eu só acredito na Beleza e a Beleza agora é o crime! Então eu quero o crime!

MARIANA – Escuta, meu amor, vem cá, fica aqui junto comigo...

GARCIA – Não me chama de *meu amor*. Nós estamos trepando um com o outro.

MARIANA – (com segurança) Me entrega esse revólver imediatamente, Garcia!

456

GARCIA – Não tem mais tempo, você não está ouvindo? Nós estamos cercados! Não sou eu quem está te matando, são eles! Eles é que são os teus assassinos!

(Os sinais de guerra começam a crescer)

Você ultrapassou o limite... Quem ultrapassa o limite tem que morrer...

(Mariana tenta avançar para ele. Ele atira novamente, sem atingi-la)

MARIANA – (se escondendo no chão) Justamente você... Você não pode impor a tua derrota desse jeito!

GARCIA – A derrota seria você continuar, com essa cidade indiferente do teu lado, pisando por cima do teu sangue.

MARIANA – Não me inventa! Você não tem o direito de me inventar.

(Ele se detém, ela adquire segurança)

Abre os olhos e enxerga a merda que tá do nosso lado, sem poesia! Bota o pé na terra! Existem milhões de pessoas procurando um jeito de respirar e sem poder! Acorda!

(Pausa)

457

GARCIA – Você sabe que eu estive do teu lado, desde que você entrou na briga. Eu estou aqui desse jeito por causa de você. Eu torci o tempo todo por você. Agora não dá mais pé ficar de braço cruzado, na base de espectador. Não dá. A única maneira de me libertar é te libertar primeiro.

MARIANA – Eu não sou uma criação tua! Você é uma pessoa, eu sou outra!

GARCIA – (aponta a arma na direção do peito dela) Nós somos a mesma coisa. E você é o espelho vivo da minha covardia, da minha traição, da minha derrota. Você é insustentável.

Ninguém! Ninguém pode te suportar mais! A mentira tem que prevalecer, e tem que proliferar mais, e mais, e cada vez mais e sempre, até o nojo coletivo, até o estertor da náusea, quando a esperança da alegria for possível!

(Pausa)

Eu tenho que ir até o fim...

Só assim é possível revelar quem são os verdadeiros criminosos dessa guerra secreta. Eu mato as minhas criações pra denunciar que eles estão assassinando o que está vivo, e nos impediram de tocar a vida!

458

MARIANA – Assassinos! Assassinos!

(Garcia atira seca e friamente sobre o peito aberto de Mariana. Os mesmos sinais da guerra são agora delirantes: crescem e decrescem desritmadamente.

Há um curto silêncio para Garcia proferir, com rancor, ressentimento e desencanto)

GARCIA – Eu só queria a beleza!

(A guerra continua)

Rio, 10 de abril de 1970.

Primeira Montagem

Os Convalescentes

1970 – Rio de Janeiro (RJ)

Autor: José Vicente

Direção: Gilda Grillo

Cenografia: Marcos Flaksman

Expressão Corporal: Klauss Vianna

Elenco:

Norma Bengell

Emílio Di Biasi

Renata Sorrah

Lourival Pariz

Em 21 de abril de 1972, estreou em Paris, com a apresentação de Simone de Beauvoir. Direção de Gilda Grillo

Elenco:

Norma Bengell

Jean-Pierre Bernard

Dominique Maurin

Anne Bellec

Depoimentos

Violência e Ternura

Jefferson Del Rios

Quando *O Assalto* estreou, em 1969, houve um choque no público, na crítica e no próprio teatro. A contundência verbal de José Vicente de Paula introduzia algo fortíssimo na dramaturgia posterior a Plínio Marcos. No enredo, um bancário ensandecido de frustração investe contra a empresa e a passividade de um encarregado da limpeza, em um gesto que é protesto e possível suicídio. O próprio autor definiria a novidade desta linguagem no lançamento de outra obra sua, *Os Convalescentes* (1970), quando se anunciou como *um poeta brasileiro e fazer cultura para mim significa vomitar em cima do culturalismo que nos impingem a mim e a vários outros jovens autores que se empenham em fazer nascer uma dramaturgia que não seja cultura-reflexo.*

461

Há todo um clima de época na frase áspera: a ditadura, as divisões dentro da esquerda, omissões ou sentimento de impotência em uma parte da intelectualidade. O desencanto dos que não acreditavam na euforia oficial do *milagre eco-*

nômico acompanhado de repressão brutal e da Copa de Mundo (*Noventa milhões em ação, pra frente, Brasil do meu coração (...). Salve a seleção.*). Tudo parecia bem, exceto para os assalariados, os sindicatos, as universidades. É contra essa situação opressiva que a peça *O Assalto* se insurge, com ódio sublinhado nas memoráveis encenações de Fauzi Arap, no Rio de Janeiro e de São Paulo. José Vicente defendia sua busca de uma *representação cruel, encarnada, livre e eficaz, do cotidiano que nos leva à morte.*

462

O jovem do interior mineiro, formado em Filosofia pela Universidade de São Paulo, depois do seminário católico, desde o início produziu uma literatura de testemunho. Mostra-se intérprete de si mesmo e com seu discurso constrói um universo reconhecível pela plateia, mas guardando um código íntimo. A ação dramática frequentemente é substituída por monólogos plenos de veemência, angústia e amor.

A criação de José Vicente é valorizada pelo detalhe de não estar só, em seu tempo artístico. Ao contrário. A *Geração dos anos 70* de dramaturgos forma um grupo que se fez notar desde seus primeiros textos. Dentre eles se destacaram Antonio Bivar, seu amigo mais próximo, autor de *Cordélia Brasil*, Leilah Assunção (*Fala Baixo*

Senão Eu Grito), Consuelo de Castro (*À Flor da Pele*), Mario Prata (*O Cordão Umbilical*), Eloy de Araújo (*Seu Tipo Inesquecível*), Timochenco Wehbi (*A Vinda do Messias*), Isabel Câmara (*As moças*). Em 1975, Fauzi Arap, ator e diretor consagrado, passa a integrar o núcleo, com *Pano de Boca*. Todos revelando personagens desenraizados na metrópole, pessoas que não se adaptam à impessoalidade da cidade e ao peso de atividades áridas. À exceção de algumas peças, como *À Prova de Fogo*, de Consuelo, sobre a repressão aos estudantes, o protesto político não é direto, mas implícito, nas explosões erráticas de revolta. A questão ideológica e a sombra do regime militar estão subentendidos. O sucesso da *Geração 70* indicou que ela, mesmo sem um programa comum pré-estabelecido, estava em sintonia com uma indignação que não cabia mais no palco militante anterior, muito certo de suas mensagens. Parte considerável do teatro seguia a tendência da revolta individual, das contestações subjetivas de permeio ao envolvimento na luta direta antirregime. José Vicente refletiu os dois caminhos, de *Santidade*, enfocando religião e sexualidade fora do esquadro, a *Os Convalescentes*, um balanço da esquerda nacional e latino-americana entre a mera teoria e a ação armada.

A morte do seu pai o levou, numa guinada afetiva, a escrever *Hoje é Dia de Rock*, exaltando a utopia dos dias antigos e a ancestralidade daquela Minas que sempre lhe pareceu envolta em pureza e mistério. Algo diferente das transgressões que José Vicente vivenciou intensamente nos anos 1960/1970. Há na obra um fundo pacífico e próximo ao religioso, sentimento que mais adiante o fará deixar o teatro e a chamada vida mundana. No Rio de Janeiro, em 1971, a peça transformou-se em um espetáculo-celebração no Teatro Ipanema, onde esteve em cartaz por dois anos, com casas lotadas. A partir daí, o autor aprofunda o acontecimento dramático como cerimonial. Como sempre, ele é simultaneamente lúcido e passional. Informa que sua tendência à representação litúrgica nasceu dos ritos cristãos que o acompanham desde o nascimento. Mas adverte que *não se conclua daí que eu acredito nessa religiosidade mascarada. A liturgia a que me refiro é uma liturgia selvagem*, escreveu no programa de *O Assalto*. E acrescenta que *em todo caso não tenho ainda a chave desse delírio*. Delírio, eis a provável chave da sua grandeza literária e do silêncio posterior. Ritualista, escreveu ainda *História Geral das Índias, A Última Peça, Ensaio Selvagem e Rock and Roll*. Não houve a mesma repercussão, o que não as invalida, mas não é o caso de se alongar nelas aqui.

Deixada sua marca fulgurante, José Vicente de Paula voltou-se aos seus segredos, sonhos e intuições, na autobiografia *Os Reis da Terra* (Editora Nova Fronteira, 1984), um livro de perturbadora beleza delirante e sinceridade. Relato que abrange a infância e os parentes, certa Minas Gerais telúrica e os abismos do mundo externo. Nele, o cotidiano identificável faz divisa com o território subterrâneo dos *reis da terra*. Para o narrador, o que expõe diz respeito ao *reino de Deus* e o *reino de Satã*. Pressentindo a despedida, José Vicente termina seu prefácio com uma convicção: *Meu livro vai assustar o leitor e eu sei disso*; e um modesto desejo: *Espero que compreenda que estou narrando a verdade, nada mais que a verdade.*

465

Em seguida, recolheu-se à família e silenciou. Deixou muitos inéditos, que esperam avaliação. Sua trajetória traz à memória versos de Mário Faustino:

Não conseguiu firmar o nobre pacto/ Entre o cosmos sangrento e a alma pura! (...)

Jogou-se contra um mar de sofrimentos/ Não para pôr-lhes fim, Hamlet, e sim/ Para afirmar-se além de seus tormentos/ (...) Tanta violência, mas tanta ternura.

Zé,

Quando ando pelo centro de São Paulo, lembro de você, mais Bivar e Alcir, o grupinho fechado para mais ninguém. Éramos felizes, alcançando o sucesso: os Dramaturgos, o Diretor e Ator.

Pensávamos que com a idade teríamos tantas coisas para lembrar... e seríamos felizes para sempre. Porém, os desígnios de Deus são mais fortes. Quem sabe Ele reservou encontros numa noite dessas. Lá pela esquina da Ipiranga com a São João!

Emílio di Biasi, julho de 2010.

466

Meu maior amigo dos nossos anos dourados

Conheci José Vicente apresentado por meu irmão Leopoldo, seu amigo. Foi na casa de meus pais em Ribeirão Preto. Eu estudava teatro no Rio e passava as férias em Ribeirão. Antes, meu irmão me dissera que era urgente que nos conhecêssemos porque, Leopoldo tinha certeza, Zé Vicente e eu éramos almas gêmeas. Dito e feito. Alguns anos mais velho que Zé, a diferença não fez diferença. Tornamo-nos companheiros inseparáveis, juntos aventurando pelo mundo numa época favorável a todos os experimentos jovens.



José Vicente, no Rio de Janeiro, com Antonio Bivar

Era a virada da década de 1960 para a de 1970. Tive a honra de apresentar José Vicente a quem contava no teatro. Fauzi Arap o lançou em grande estilo com O Assalto (1969). Do quinteto de dramaturgos surgidos no período – e que hoje faz parte de sua história e cultura – Zé Vicente, Leilah Assumpção, Consuelo de Castro, Isabel Câmara e eu – José Vicente foi considerado o mais destemido. O de texto mais profundo. Foi a idade de ouro da Nova Dramaturgia brasileira. E José Vicente, meu irmão por afinidades eletivas, seu poeta maior. Nossa amizade foi uma dádiva divina.

Antonio Bivar, julho de 2010.

468

A pergunta é simples...

Que dramaturgo brasileiro ganhou todos os prêmios teatrais, em três peças, e uma quarta, encenada na França, foi considerada texto universal por Simone de Beauvoir, todas elas escritas antes de seus 25 anos?

Esse é José Vicente! Tive o privilégio de conhecê-lo ao produzir e encenar O Assalto e Santidade, comprovando a genialidade de sua obra, ao romper fronteiras, arrebatando público e crítica europeus. E a partir daí, conviver com Zé e sua

*família nos últimos quatro anos de sua vida...
Esse livro, seu sonho antigo, é agora realizado.
Desejo que a partir dele sua obra enfim atinja
o reconhecimento devido a um dos maiores
artistas mundiais.*

Haroldo C. Ferrari

Índice

No Passado Está a História do Futuro – Alberto Goldman	5
Coleção Aplauso – Hubert Alquéres	7
Santidade	13
A Santidade de José Vicente – Fauzi Arap	15
O Assalto	125
Hoje é Dia de Rock	207
Prefácio – José Vicente	209
Os Convalescentes	305
Depoimentos	461

Crédito das Fotografias

Todas as fotografias pertencem ao acervo da família de José Vicente

A despeito dos esforços de pesquisa empreendidos pela Editora para identificar a autoria das fotos expostas nesta obra, parte delas não é de autoria conhecida de seus organizadores.

Agradecemos o envio ou comunicação de toda informação relativa à autoria e/ou a outros dados que porventura estejam incompletos, para que sejam devidamente creditados.

Coleção Aplauso

Série Cinema Brasil

Alain Fresnot – Um Cineasta sem Alma

Alain Fresnot

Agostinho Martins Pereira – Um Idealista

Máximo Barro

Alfredo Sternheim – Um Insólito Destino

Alfredo Sternheim

O Ano em Que Meus Pais Saíram de Férias

Roteiro de Cláudio Galperin, Bráulio Mantovani, Anna Muylaert e Cao Hamburger

Anselmo Duarte – O Homem da Palma de Ouro

Luiz Carlos Merten

Antonio Carlos da Fontoura – Espelho da Alma

Rodrigo Murat

Ary Fernandes – Sua Fascinante História

Antônio Leão da Silva Neto

O Bandido da Luz Vermelha

Roteiro de Rogério Sganzerla

Batismo de Sangue

Roteiro de Dani Patarra e Helvécio Ratton

Bens Confiscados

Roteiro comentado pelos seus autores Daniel Chaia e Carlos Reichenbach

Braz Chediak – Fragmentos de uma Vida

Sérgio Rodrigo Reis

Cabra-Cega

Roteiro de Di Moretti, comentado por Toni Venturi e Ricardo Kauffman

O Caçador de Diamantes

Roteiro de Vittorio Capellaro, comentado por Máximo Barro

Carlos Coimbra – Um Homem Raro

Luiz Carlos Merten

Carlos Reichenbach – O Cinema Como Razão de Viver

Marcelo Lyra

A Cartomante

Roteiro comentado por seu autor Wagner de Assis

Casa de Meninas

Romance original e roteiro de Inácio Araújo

O Caso dos Irmãos Naves

Roteiro de Jean-Claude Bernardet e Luis Sérgio Person

O Céu de Suely

Roteiro de Karim Aïnouz, Felipe Bragança e Maurício Zacharias

Chega de Saudade

Roteiro de Luiz Bolognesi

Cidade dos Homens

Roteiro de Elena Soárez

Como Fazer um Filme de Amor

Roteiro escrito e comentado por Luiz Moura e José Roberto Torero

O Contador de Histórias

Roteiro de Luiz Villaça, Mariana Veríssimo, Maurício Arruda e José Roberto Torero

Críticas de B.J. Duarte – Paixão, Polêmica e Generosidade

Luiz Antonio Souza Lima de Macedo

Críticas de Edmar Pereira – Razão e Sensibilidade

Org. Luiz Carlos Merten

***Críticas de Jairo Ferreira – Críticas de invenção:
Os Anos do São Paulo Shimbun***

Org. Alessandro Gamo

***Críticas de Luiz Geraldo de Miranda Leão –
Analisando Cinema: Críticas de LG***

Org. Aurora Miranda Leão

Críticas de Ruben Biáfara – A Coragem de Ser

Org. Carlos M. Motta e José Júlio Spiewak

De Passagem

Roteiro de Cláudio Yosida e Direção de Ricardo Elias

Desmundo

Roteiro de Alain Fresnot, Anna Muylaert e Sabina Anzuategui

Djalma Limongi Batista – Livre Pensador

Marcel Nadale

Dogma Feijoada: O Cinema Negro Brasileiro

Jeferson De

Dois Córregos

Roteiro de Carlos Reichenbach

A Dona da História

Roteiro de João Falcão, João Emanuel Carneiro e Daniel Filho

Os 12 Trabalhos

Roteiro de Cláudio Yosida e Ricardo Elias

Estômago

Roteiro de Lusa Silvestre, Marcos Jorge e Cláudia da Natividade

Feliz Natal

Roteiro de Selton Mello e Marcelo Vindicatto

Fernando Meirelles – Biografia Prematura

Maria do Rosário Caetano

Fim da Linha

Roteiro de Gustavo Steinberg e Guilherme Werneck; Storyboards de Fábio Moon e Gabriel Bá

Fome de Bola – Cinema e Futebol no Brasil

Luiz Zanin Oricchio

Francisco Ramalho Jr. – Éramos Apenas Paulistas

Celso Sabadin

Geraldo Moraes – O Cineasta do Interior

Klecius Henrique

Guilherme de Almeida Prado – Um Cineasta Cinéfilo

Luiz Zanin Oricchio

Helvécio Ratton – O Cinema Além das Montanhas

Pablo Villaça

O Homem que Virou Suco

Roteiro de João Batista de Andrade, organização de Ariane Abdallah e Newton Cannito

Ivan Cardoso – O Mestre do Terrir

Remier

João Batista de Andrade – Alguma Solidão e Muitas Histórias

Maria do Rosário Caetano

Jorge Bodanzky – O Homem com a Câmera

Carlos Alberto Mattos

José Antonio Garcia – Em Busca da Alma Feminina

Marcel Nadale

José Carlos Burle – Drama na Chanchada

Máximo Barro

Liberdade de Imprensa – O Cinema de Intervenção

Renata Fortes e João Batista de Andrade

Luiz Carlos Lacerda – Prazer & Cinema

Alfredo Sternheim

Maurice Capovilla – A Imagem Crítica

Carlos Alberto Mattos

Mauro Alice – Um Operário do Filme

Sheila Schwarzman

Máximo Barro – Talento e Altruísmo

Alfredo Sternheim

Miguel Borges – Um Lobisomem Sai da Sombra

Antônio Leão da Silva Neto

Não por Acaso

Roteiro de Philippe Barcinski, Fabiana Werneck Barcinski
e Eugênio Puppo

Narradores de Javé

Roteiro de Eliane Caffé e Luís Alberto de Abreu

Olhos Azuis

Argumento de José Joffily e Jorge Duran
Roteiro de Jorge Duran e Melanie Dimantas

Onde Andará Dulce Veiga

Roteiro de Guilherme de Almeida Prado

Orlando Senna – O Homem da Montanha

Hermes Leal

Pedro Jorge de Castro – O Calor da Tela

Rogério Menezes

Quanto Vale ou É por Quilo

Roteiro de Eduardo Benaim, Newton Cannito e Sergio Bianchi

Ricardo Pinto e Silva – Rir ou Chorar

Rodrigo Capella

Rodolfo Nanni – Um Realizador Persistente

Neusa Barbosa

Salve Geral

Roteiro de Sergio Rezende e Patrícia Andrade

O Signo da Cidade

Roteiro de Bruna Lombardi

Ugo Giorgetti – O Sonho Intacto

Rosane Pavam

Viva-Voz

Roteiro de Márcio Alemão

Vladimir Carvalho – Pedras na Lua e Pelejas no Planalto

Carlos Alberto Mattos

Vlado – 30 Anos Depois

Roteiro de João Batista de Andrade

Zuzu Angel

Roteiro de Marcos Bernstein e Sergio Rezende

Série Cinema

Bastidores – Um Outro Lado do Cinema

Elaine Guerini

Série Ciência & Tecnologia

Cinema Digital – Um Novo Começo?

Luiz Gonzaga Assis de Luca

A Hora do Cinema Digital – Democratização e Globalização do Audiovisual

Luiz Gonzaga Assis De Luca

Série Crônicas

Crônicas de Maria Lúcia Dahl – O Quebra-cabeças

Maria Lúcia Dahl

Série Dança

Rodrigo Pederneiras e o Grupo Corpo – Dança Universal
Sérgio Rodrigo Reis

Série Música

Maestro Diogo Pacheco – Um Maestro para Todos
Alfredo Sternheim

Rogério Duprat – Ecletismo Musical
Máximo Barro

Sérgio Ricardo – Canto Vadio
Eliana Pace

Wagner Tiso – Som, Imagem, Ação
Beatriz Coelho Silva

Série Teatro Brasil

Alcides Nogueira – Alma de Cetim
Tuna Dwek

Antenor Pimenta – Circo e Poesia
Danielle Pimenta

Cia de Teatro Os Satyros – Um Palco Visceral
Alberto Guzik

Críticas de Clóvis Garcia – A Crítica Como Ofício
Org. Carmelinda Guimarães

Críticas de Maria Lucia Candeias – Duas Tábuas e Uma Paixão
Org. José Simões de Almeida Júnior

Federico Garcia Lorca – Pequeno Poema Infinito
Antonio Gilberto e José Mauro Brant

Ilo Krugli – Poesia Rasgada
Ieda de Abreu

João Bethencourt – O Locatário da Comédia

Rodrigo Murat

José Renato – Energia Eterna

Hersch Basbaum

Leilah Assumpção – A Consciência da Mulher

Eliana Pace

Luís Alberto de Abreu – Até a Última Sílab

Adélia Nicolete

Maurice Vaneau – Artista Múltiplo

Leila Corrêa

Renata Palottini – Cumprimenta e Pede Passagem

Rita Ribeiro Guimarães

Teatro Brasileiro de Comédia – Eu Vivi o TBC

Nydia Licia

O Teatro de Abílio Pereira de Almeida

Abílio Pereira de Almeida

O Teatro de Aimar Labaki

Aimar Labaki

O Teatro de Alberto Guzik

Alberto Guzik

O Teatro de Antonio Rocco

Antonio Rocco

O Teatro de Cordel de Chico de Assis

Chico de Assis

O Teatro de Emílio Boechat

Emílio Boechat

*O Teatro de Germano Pereira – Reescrevendo
Clássicos*

Germano Pereira

O Teatro de José Saffioti Filho

José Saffioti Filho

***O Teatro de Alcides Nogueira – Trilogia: Ópera
Joyce – Gertrude Stein, Alice Toklas & Pablo Picasso –
Pólvora e Poesia***

Alcides Nogueira

***O Teatro de Ivam Cabral – Quatro textos para um tea-
tro veloz: Faz de Conta que tem Sol lá Fora – Os Cantos
de Maldoror – De Profundis – A Herança do Teatro***

Ivam Cabral

***O Teatro de Noemi Marinho: Fulaninha e Dona
Coisa, Homeless, Cor de Chá, Plantonista Vilma***

Noemi Marinho

Teatro de Revista em São Paulo – De Pernas para o Ar

Neyde Veneziano

***O Teatro de Samir Yazbek: A Entrevista –
O Fingidor – A Terra Prometida***

Samir Yazbek

O Teatro de Sérgio Roveri

Sérgio Roveri

***Teresa Aguiar e o Grupo Rotunda – Quatro Décadas
em Cena***

Ariane Porto

Série Perfil

Analy Alvarez – De Corpo e Alma

Nicolau Radamés Creti

Aracy Balabanian – Nunca Fui Anjo

Tania Carvalho

Arlete Montenegro – Fé, Amor e Emoção

Alfredo Sternheim

Ary Fontoura – Entre Rios e Janeiros

Rogério Menezes

Berta Zemel – A Alma das Pedras

Rodrigo Antunes Corrêa

Bete Mendes – O Cão e a Rosa

Rogério Menezes

Betty Faria – Rebelde por Natureza

Tania Carvalho

Carla Camurati – Luz Natural

Carlos Alberto Mattos

Cecil Thiré – Mestre do seu Ofício

Tania Carvalho

Celso Nunes – Sem Amarras

Eliana Rocha

Cleyde Yaconis – Dama Discreta

Vilmar Ledesma

David Cardoso – Persistência e Paixão

Alfredo Sternheim

Débora Duarte – Filha da Televisão

Laura Malin

Denise Del Vecchio – Memórias da Lua

Tuna Dwek

Elisabeth Hartmann – A Sarah dos Pampas

Reinaldo Braga

Emiliano Queiroz – Na Sobremesa da Vida

Maria Leticia

Emilio Di Biasi – O Tempo e a Vida de um Aprendiz

Erika Riedel

Etty Fraser – Virada Pra Lua

Vilmar Ledesma

***Ewerton de Castro – Minha Vida na Arte:
Memória e Poética***

Reni Cardoso

Fernanda Montenegro – A Defesa do Mistério

Neusa Barbosa

Fernando Peixoto – Em Cena Aberta

Marília Balbi

Geórgia Gomide – Uma Atriz Brasileira

Eliana Pace

Gianfrancesco Guarnieri – Um Grito Solto no Ar

Sérgio Roveri

Glauco Mirko Laurelli – Um Artesão do Cinema

Maria Angela de Jesus

Ilka Soares – A Bela da Tela

Wagner de Assis

Irene Ravache – Caçadora de Emoções

Tania Carvalho

Irene Stefania – Arte e Psicoterapia

Germano Pereira

Isabel Ribeiro – Iluminada

Luis Sergio Lima e Silva

Isolda Cresta – Zozô Vulcão

Luis Sérgio Lima e Silva

Joana Fomm – Momento de Decisão

Vilmar Ledesma

John Herbert – Um Gentleman no Palco e na Vida

Neusa Barbosa

Jonas Bloch – O Ofício de uma Paixão

Nilu Lebert

Jorge Loredó – O Perigote do Brasil

Cláudio Fragata

José Dumont – Do Cordel às Telas

Klecius Henrique

Leonardo Villar – Garra e Paixão

Nydia Licia

Lília Cabral – Descobrimo Lília Cabral

Analu Ribeiro

Lolita Rodrigues – De Carne e Osso

Eliana Castro

Louise Cardoso – A Mulher do Barbosa

Vilmar Ledesma

Marcos Caruso – Um Obstinado

Eliana Rocha

Maria Adelaide Amaral – A Emoção Libertária

Tuna Dwek

Marisa Prado – A Estrela, O Mistério

Luiz Carlos Lisboa

Mauro Mendonça – Em Busca da Perfeição

Renato Sérgio

Miriam Mehler – Sensibilidade e Paixão

Vilmar Ledesma

Naum Alves de Souza: Imagem, Cena, Palavra

Alberto Guzik

Nicette Bruno e Paulo Goulart – Tudo em Família

Elaine Guerrini

Nívea Maria – Uma Atriz Real

Mauro Alencar e Eliana Pace

Niza de Castro Tank – Niza, Apesar das Outras

Sara Lopes

Paulo Betti – Na Carreira de um Sonhador
Teté Ribeiro

Paulo José – Memórias Substantivas
Tania Carvalho

*Paulo Hesse – A Vida Fez de Mim um Livro
e Eu Não Sei Ler*
Eliana Pace

Pedro Paulo Rangel – O Samba e o Fado
Tania Carvalho

Regina Braga – Talento é um Aprendizado
Marta Góes

Reginaldo Faria – O Solo de Um Inquieto
Wagner de Assis

Renata Fronzi – Chorar de Rir
Wagner de Assis

Renato Borghi – Borghi em Revista
Élcio Nogueira Seixas

Renato Consorte – Contestador por Índole
Eliana Pace

Rolando Boldrin – Palco Brasil
Ieda de Abreu

Rosamaria Murtinho – Simples Magia
Tania Carvalho

Rubens de Falco – Um Internacional Ator Brasileiro
Nydia Licia

Ruth de Souza – Estrela Negra
Maria Ângela de Jesus

Sérgio Hingst – Um Ator de Cinema
Máximo Barro

Sérgio Viotti – O Cavalheiro das Artes

Nilu Lebert

Silnei Siqueira – A Palavra em Cena

Ieda de Abreu

Silvio de Abreu – Um Homem de Sorte

Vilmar Ledesma

Sônia Guedes – Chá das Cinco

Adélia Nicolete

Sonia Maria Dorce – A Queridinha do meu Bairro

Sonia Maria Dorce Armonia

Sonia Oiticica – Uma Atriz Rodriguiana?

Maria Thereza Vargas

Stênio Garcia – Força da Natureza

Wagner Assis

Suely Franco – A Alegria de Representar

Alfredo Sternheim

Tatiana Belinky – ... E Quem Quiser Que Conte Outra

Sérgio Roveri

Theresa Amayo – Ficção e Realidade

Theresa Amayo

Tony Ramos – No Tempo da Delicadeza

Tania Carvalho

Umberto Magnani – Um Rio de Memórias

Adélia Nicolete

Vera Holtz – O Gosto da Vera

Analu Ribeiro

Vera Nunes – Raro Talento

Eliana Pace

Walderez de Barros – Voz e Silêncios

Rogério Menezes

Walter George Durst – Doce Guerreiro

Nilu Lebert

Zezé Motta – Muito Prazer

Rodrigo Murat

Especial

Agildo Ribeiro – O Capitão do Riso

Wagner de Assis

Av. Paulista, 900 – a História da TV Gazeta

Elmo Francfort

Beatriz Segall – Além das Aparências

Nilu Lebert

Carlos Zara – Paixão em Quatro Atos

Tania Carvalho

Célia Helena – Uma Atriz Visceral

Nydia Licia

*Charles Möeller e Claudio Botelho – Os Reis dos
Musicais*

Tania Carvalho

Cinema da Boca – Dicionário de Diretores

Alfredo Sternheim

Dina Sfat – Retratos de uma Guerreira

Antonio Gilberto

Eva Todor – O Teatro de Minha Vida

Maria Angela de Jesus

Eva Wilma – Arte e Vida

Edla van Steen

*Gloria in Excelsior – Ascensão, Apogeu e Queda do
Maior Sucesso da Televisão Brasileira*

Álvaro Moya

Lembranças de Hollywood

Dulce Damasceno de Britto, organizado por Alfredo Sternheim

Maria Della Costa – Seu Teatro, Sua Vida

Warde Marx

Mazzaropi – Uma Antologia de Risos

Paulo Duarte

Ney Latorraca – Uma Celebração

Tania Carvalho

***Odorico Paraguaçu: O Bem-amado de Dias
Gomes – História de um Personagem Larapista e
Maquiavelento***

José Dias

Raul Cortez – Sem Medo de se Expor

Nydia Licia

Rede Manchete – Aconteceu, Virou História

Elmo Francfort

Sérgio Cardoso – Imagens de Sua Arte

Nydia Licia

Tônia Carrero – Movida pela Paixão

Tania Carvalho

TV Tupi – Uma Linda História de Amor

Vida Alves

Victor Berbara – O Homem das Mil Faces

Tania Carvalho

***Walmor Chagas – Ensaio Aberto para Um Homem
Indignado***

Djalma Limongi Batista

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Biblioteca da Imprensa Oficial do Estado de São Paulo**

José Vicente

O teatro de José Vicente : primeiras obras / José Vicente – São Paulo : Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2010.

496p. : il. – (Coleção aplauso. Série teatro / coordenador geral Rubens Ewald Filho).

Conteúdo: Santidade; O assalto; Hoje é dia de rock; Os convalescentes.

ISBN 978-85-7060-952-6

1. Peças de teatro 2. Teatro brasileiro 3. Teatro – História e crítica 4. Paula, José Vicente de, 1945-2007
I. Ewald Filho, Rubens. II. Título. III. Série.

CDD 809.2

Índice para catálogo sistemático:

1. Teatro : Literatura : História e crítica 809.2

Proibida reprodução total ou parcial sem autorização
prévia do autor ou dos editores
Lei nº 9.610 de 19/02/1998

Foi feito o depósito legal
Lei nº 10.994, de 14/12/2004

Impresso no Brasil / 2010

Todos os direitos reservados.

Imprensa Oficial do Estado de São Paulo
Rua da Mooca, 1921 Mooca
03103-902 São Paulo SP
www.imprensaoficial.com.br/livraria
livros@imprensaoficial.com.br
SAC 0800 01234 01
sac@imprensaoficial.com.br

Coleção Aplauso Teatro Brasil

Coordenador Geral	Rubens Ewald Filho
Coordenador Operacional e Pesquisa Iconográfica	Marcelo Pestana
Projeto Gráfico	Carlos Cirne
Editor Assistente	Claudio Erlichman
Assistente	Charles Bandeira
Editoração	Sandra Regina Brazão
Tratamento de Imagens	José Carlos da Silva
Revisão	Claudio Soares

Formato: 12 x 18 cm

Tipologia: Frutiger

Papel miolo: Offset LD 90 g/m²

Papel capa: Triplex 250 g/m²

Número de páginas: 496

Editoração, CTP, impressão e acabamento:
Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

*Nesta edição, respeitou-se o novo
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa*

Coleção *Applauso* | em todas as livrarias e no site
www.imprensaoficial.com.br/livraria

A **Coleção Aplauso** tem o prazer de apresentar a obra completa de um dos maiores dramaturgos brasileiros do século XX: José Vicente (de Paula) (1945-2007), dividida em dois volumes, *Primeiras Obras* e *Outras Obras*.

Nascido em Alpinópolis, Minas Gerais, José Vicente foi o maior representante da rebeldia e poesia da contracultura. Ex-Seminarista, estudou Direito por dois anos, mas formou-se em Filosofia pela USP. Por essa época escrevera sua primeira peça.

Santidade – Nessa fase foi proibida por tratar de forma corajosa a questão da sexualidade e da religião.

Os personagens são dois irmãos: um ex-seminarista e garoto de programa e o outro, seminarista preste a se ordenar padre – e um homossexual assumido. Teria produção de Tonia Carrero e direção de Fauzi Arap.

O Assalto – O encontro entre um bancário aparentemente integrado e um faxineiro do banco, após o expediente. O personagem do bancário inicialmente se sente atraído pelo varredor e tenta seduzi-lo. Certamente o texto mais premiado e conhecido do autor. Foi sua estreia oficial no teatro.

Os Convalescentes – Depois de “O Assalto” José Vicente escreveu esta peça sobre a tortura sofrida por presos políticos no Brasil, na época. Para driblar a censura optou por situar sua história na cidade fictícia de San Vicente, situada num país qualquer da América Latina, para poder falar livremente. A música de Milton Nascimento, San Vicente, foi criada especialmente para a montagem, protagonizada por Norma Bengell.

Hoje é Dia de Rock – É uma autobiografia romanceada na qual José Vicente explora as memórias de sua adolescência em Minas e focando a sua vocação para a arte. Foi escrita em seguida à morte de seu pai, que na peça é um dos personagens mais poéticos e míticos, feito na primeira montagem por Rubens Corrêa. Quase todos os personagens foram baseados em pessoas reais (pais, irmãos e conhecidos). Grande sucesso, deu a Vicente um segundo prêmio Molière.

Mais um lançamento da **Coleção Aplauso da Imprensa Oficial do Estado de São Paulo**, no seu projeto de resgate e preservação da memória cultural do Brasil.

ISBN 978-85-7060-952-6



9 788570 609526